creative commons

06-09

Diário dos meus domingos

ANTONIO ROBERTO DE PAULA

TEXTOS PUBLICADOS NO JORNAL O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ,
AOS DOMINGOS, ENTRE 2006 E 2009.

ANTONIO ROBERTO DE PAULA

2011

EDITORIAL

Publicação 2011

Título:
Diário dos meus domingos

Autor:
Antonio Roberto de Paula

Projeto e realização:
CACO Cultural e TV Clipping

Pesquisa:
Simone Labegalini

Revisão:
Jeanete Monteiro de Cnop

Apoio Cultural:
O Diário do Norte do Paraná, Shopping Maringá Park, CL Distribuidora, Pneumar, Bristol Hotel, Academia de Letras de Maringá, Raphael Guimarães, Casa e Escritório, Estação Mídia Digital e Z ' Pixels.

ESTA OBRA É LICENCIADA POR UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS
O trabalho Diário dos meus domingos de Antonio Roberto de Paula foi licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não Adaptada. Podem estar disponíveis autorizações adicionais ao âmbito desta licença em http://www.antoniorobertodepaula.com

Você pode:
- copiar, distribuir, exibir e executar a obra;
- criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:
- Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original.
- Uso não-comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
- Compartilhamento pela mesma licença. Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta, somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.
- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições pode ser renunciada, desde que você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou fair use) concedido por lei ou qualquer outro direito protegido pela legislação local não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.

APOIO CULTURAL

O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ

MARINGÁ PARK SHOPPING CENTER

CL FERRAMENTAS E TINTAS

PNEUMAR RIBEIRO S/A - COMÉRCIO DE PNEUS

Continental Pneus de tecnologia alemã.

HOTEL METRÓPOLE MARINGÁ Bristol HOTÉIS & RESORTS

ACADEMIA DE LETRAS DE MARINGÁ AD IMMORTALITATEM ALM FUNDADA EM 07/09/97

Raphael Guimarães

Casa e Escritório
móveis e acessórios

ESTAÇÃO mídia digital

z'Pixels

PROJETO E REALIZAÇÃO

cultural caco

TV CLIPPING MARINGÁ

DEDICATÓRIA

Em memória de Alcebíades, Sebastião, Leonor, Jacinto e Maria

AGRADECIMENTOS

Ademar Schiavone
Antonio Mário Manicardi (Nhô Juca)
Antonio Vieira
Bruno Gerhard
Dirceu Herrero
Florisbela Margonar Durante
Frank Silva
Ivana Martins
Jaime Vieira
Jary Mércio
Jeanete Monteiro de Cnop
João Batista Leonardo
Joaquim dos Santos
Jônatas Lucizano
Josué Tadashi Endo
Leandro Bulla
Majô Baptistoni
Marcelo Bulgarelli
Marcelo Henrique
Marcelo Carvalho
Maria Eliana Palma
Michael Vieira da Silva
Nilsa Alves de Melo
Olga Agulhon
Regina Daefiol
Reginaldo Dias
Rogério Recco
Sara Cristina Barreto Maia
Sidnei Lombardi Junior
Taís Santana

ÍNDICE

PREFÁCIO

Marcelo Bulgarelli

Jary Mércio

Jeanete Monteiro de Cnop

Frank Silva

APRESENTAÇÃO

1 - O menino Elvio

2 - Suor, avenidas e histórias

3 - O som que interfere e fere

4 - O Seu Milton não vai votar hoje

5 - Encontros domingueiros

6 - O fantasminha necessário

7 - Recupere a velha árvore

8 - Era só uma casa de madeira

9 - O trote da sobrevivência

10 - Fotografias eternas

11 - Reencontro num conto de Natal

12 - Humanos de roupa branca

13 - O sereno e perplexo João

14 - Os convites e as contas

15 - O senhor deste dia

16 - O cidadão numerado

17 - Que os meninos envelheçam

18 - Bem-vinda para a história!

19 - Memórias de um Carnaval adolescente

20 - O velho de passos tortos

21 - A trilha sonora da vida

22 - As quatro moças e o medo

23 - Amores achados e perdidos

24 - Histórias vermelhas e azuis

25 - Só para ver a paisagem

26 - Só mais um na calçada

27 - Noites no fim do mundo

28 - Corre lá, Toninho, vê como é que foi!!

29 - E passaram 60 janeiros

30 - Impressões de um desfile

31 - O nosso nome na lousa

32 - Os três meninos na foto

33 - Nossas manchetes de cada dia

34 - Um pedacinho do Brasil

35 - A árvore e o caminho

36 - O que o senhor tá achando, seu Ary?

37 - O mundo dentro da cidade

38 - Os cuidados de sempre

39 - Cresçam logo, crianças!

40 - Essa gente tão igual

41 - Meninas do Brasil possível

42 - E o medo foi democratizado

43 - Aqueles quintais e pomares

44 - Os carros e o caos

45 - O mundo é um outdoor

46 - O brilho dourado é deles

47 - Pucca, paixão e polêmica

48 - Juntando e amassando papéis

49 - Posso cuidar, moço?

50 - A carta que fez Carla desistir de casar

51 - Envelhecendo na cidade

52 - Falantes e sorridentes zumbis

53 - O cruel no livro e na tela

54 - Crianças, poesia e a caderneta

55 - O distante e próximo 2014

56 - Enquanto ela espera

57 - Uma Kombi levando a história

58 - O domingo de Kenji Ueta

59 - Um bando louco, louco por ti

60 - O belo e único dia

61 - Cristo e os presentes

62 - Quando os anjos abençoam

63 - Janelas abertas, amigo!

64 - Reiventando o sujeito

65 - Flanelinha na espreguiçadeira

66 - Os altos e baixos da vida
67 - O sorriso do velho
68 - Parte do desfile
69 - Histórias de Ringo
70 - Menino da porta de casa
71 - Octogenária resoluta e independente
72 - Ao som da canção da desesperança
73 - O Deus dos desgarrados
74 - Ao Facci, com saudades
75 - A vida e suas esquinas
76 - O sol desta manhã de domingo
77 - Pó, barro e roupas no varal
78 - Horas velozes
79 - Sangue real na fábrica
80 - Figuras de cor âmbar
81 - Civilidade em falta
82 - Alma de um velho tempo
83 - 9 horas da manhã
84 - Os bichos de estimação
85 - O milênio e o telegrama
86 - Campanhas no ralo
87 - Da Paraná à Farroupilha
88 - O domingo aos amigos
89 - Alguém ainda entoa uma canção
90 - O sexto mês e o espelho
91 - A cidade e os nossos corações
92 - A mágica do "eu te amo"
93 - Chutes, pedaladas e outros
94 - Lua de prata e sol vitalício
95 - Um presente do Pai Nosso
96 - Descoberta da China e do humano
97 - Insônia nossa de cada noite
98 - Do comprimido ao avião
99 - À Academia de Letras de Maringá
100 - O tempo e as canções
101 - Telas brancas e histórias
102 - Caminhada tortuosa e feliz
103 - Londres é logo ali
104 - Almanaques e crianças
105 - Aquele equilíbrio na vibração
106 - Cores e convites da vida
107 - Para as mães que choram
108 - Williams e lágrimas por Obama
109 - Infinitas portas da internet
110 - Questão de postura
111 - O sangue de mentira
112 - Uma estrela na história
113 - De Hiran Salée ao Fenômeno
114 - O dezembro que te abraça
115 - Batendo poeira e pedindo passagem
116 - O futuro já começou
117 - Um anjo chamado Vó Maria
118 - O sol da perfeição
119 - Ontem ao luar
120 - Vida que passa entre os dedos
121 - O BBB no meio de nós
122 - Páginas escritas para a história
123 - O grande Carnaval
124 - Olhar atravessado para a cidade
125 - O mando do mundo
126 - A Pedro Taques e seus vagões
127 - Os quatro namorados da menina
128 - Datas em vermelho
129 - Raízes dos momentos felizes
130 - O sangue e a Páscoa
131 - Para onde você está indo?
132 - O caminhão da esperança
133 - Vida que corre
134 - A gripe e os salvadores
135 - O goleiro do Galo e a compositora do Rei
136 - A poeira baixou e o asfalto cobriu o barro
137 - O coletor de histórias
138 - Retalhos nacionais
139 - O trem da vida
140 - Sem tempo para amanhã
141 - O papel na história

MARCELO BULGARELLI | Jornalista, assessor de imprensa da Viapar

Cada cidade tem o seu personagem. São Paulo tem Adoniran Barbosa, o Rio de Janeiro é a cara do Zeca Pagodinho, Jobim, Noel. Leminski é Curitiba. As cidades e os seus personagens, aqueles que as personificam, encarnam, adotam.

De Paula é do Jardim Alvorada, da Vila Operária, da Vila 7, da Zona 2, da área rural. Ele é da música de Maringá. E do futebol também. É jornalista, cronista, escritor e poeta. E acima de tudo, um maringaense. Adora a cidade sem ser xenófobo. É interiorano, mas está longe de qualquer caricatura matuta. É comedido, mas tem opinião. Na verdade, De Paula vem colecionando causos e observações de Maringá durante muito tempo nas páginas de O Diário. Está tudo aqui.

Na época em que editava o caderno cultural, precisava reunir um time de cronistas. A escolha veio por meio de blogs da internet, mas queria também dar espaço para a boa caneta daqueles que desenham Maringá há anos. E nessa ocasião ganhamos a presença dominical de De Paula em O Diário.

E quando olho Maringá de um local distante, as lembranças são as ruas arborizadas, o nascer e o pôr do sol do meu apartamento e a conversa boa e prazerosa com De Paula.

Escrevo essas linhas da Calle Florida, centro de Buenos Aires. Tocam um tango. É a terra de Carlos Gardel. Também é a casa da Mafalda, criação imortal de Quino.

Realmente, cada cidade tem seu personagem. E hoje, quando perguntarem de onde sou, já posso responder com orgulho: sou do Brasil, Paraná, Maringá. Terra de Antonio Roberto de Paula. E digo sem ironia.

Buenos Aires, outono de 2010.

JARY MÉRCIO | Editor do caderno de Cultura do jornal O Diário do Norte do Paraná

De Paula é o fotógrafo da alma de Maringá, o mais perfeito tradutor de cada bom e mau momento da cidade. Embora duvide que isso seja possível, alguém pode conhecer a cidade melhor do que De Paula, tê-la na palma da mão, mas ninguém a tem tamanhamente no coração como ele, que, aliás, não faz questão de esconder isso.

Pelo contrário: suas crônicas são verdadeiras declarações de amor à cidade, mesmo quando trazem duras críticas a ela, porque, escritas sempre com palavras que não machucam, são a palmada no traseiro que educa, que põe a cidade no bom caminho.

O bom é que a cidade sabe disso, que esse afeto que não se encerra no peito do cronista, mas transborda dele através de textos que ora recordam histórias de uma cidade que Maringá já foi, ora lembram-na das qualidades que tem para ser grande sem esquecer que foi pequena, esse afeto nada pede em troca, apenas atenção.

Como todo adolescente, a cidade está mais voltada para si própria, espremendo suas espinhas no espelho e sofrendo as dores do crescimento, mas ainda assim para e presta atenção no cronista.

A cidade ouve as palavras de De Paula, sorri seu sorriso encabulado de adolescente e segue em frente. Mais cedo ou mais tarde, para alguma coisa aquelas palavras hão de servir à cidade, ajudando a melhorá-la.

Por enquanto, elas já vão servindo a nós, leitores, na medida em que ajudam a melhorar o nosso dia.

JEANETTE MONTEIRO DE CNOP, professora e escritora, membro da Academia de Letras de Maringá

Conheci De Paula numa reunião festiva da Academia de Letras, há vários anos. Fui cumprimentar Simone, que me havia entrevistado num canal de TV local, e combinei uma visita para lhe presentear com uma gravação dessa entrevista.

Ao visitá-la, em julho de 2007, acabei por conhecer seu ambiente de trabalho, a TV Clipping. Em retribuição ao presente que levei para o casal, o meu Tecelã de textos, ganhei do marido um exemplar de Da minha janela, delicioso conjunto de crônicas publicadas em O Diário. Comecei a folhear assim que pude, e a leitura me prendeu, e me encantou.

Encontrei um maringaense apaixonado por sua cidade, cheio de coisas interessantes pra contar, propondo ótimos temas para reflexão, num estilo gracioso, muitas vezes irreverente, com todos os ingredientes para conquistar seu leitor. Na verdade, os textos complementavam a impressão agradável que o autor provocou em mim.E veja que privilégio: na ocasião pude conhecer, literalmente, a janela de onde o De Paula via o mundo e filosofava sobre ele!

Em 2008, quando se tornaram vagas três cadeiras na Academia de Letras de Maringá, não tive dúvidas em convidar o De Paula a se candidatar a uma delas, e me senti muito à vontade para "amadrinhar" sua candidatura.

Palpite feliz! O moço da janela aberta para o mundo se tornou um bom companheiro, participativo, engajado nas nossas causas, nos nossos eventos!

E agora me torno leitora privilegiada de mais este delicioso conjunto de crônicas, publicadas nos domingos subsequentes àqueles do livro anterior. Encanta-me o estilo muitas vezes maroto, a informalidade própria de quem conversa animadamente com o leitor!

Nessas crônicas quase consigo tocar esse homem-menino de 13 anos, em seu campinho de terra batida, sujo desse chão roxo, com sua bola de capotão; outras vezes de sapato engraxado, brilho de curiosidade nos olhos pretos. Lembranças dessa infância escancarada vão zizagueando em meio às contradições do homem cinquentão (se ele não alardeasse, ninguém ficaria sabendo...) que oferece

resistência em admitir a inexorabilidade do tempo.

Passeia por Maringá ouvindo seus CDs de algumas décadas atrás, porque música faz parte de seus momentos, os bons e os menos bons, e se mescla aos acontecimentos e às reflexões...

Mas também o espírito poético se faz presente nas crônicas do De Paula. Apesar de os tempos serem hoje de "dores e horrores", ou mesmo por isso, ele vai compondo sua essencial poesia cotidiana, enquanto vai também denunciando a existência de moleques com revólver; não nas cintas, mas nas fraldas...

Questiona seu estar no mundo, nesse mundo em que o capitalismo invade as igrejas e deixa muitas questões insolúveis no espírito do homem moderno. Mas não se deixa abater, e exerce seu direito de sonhar.

Propõe, por exemplo, um projeto encantador, que quem sabe um dia se torne realidade, um passeio de jardineira com os quatro namorados da menina Maringá, cujos nomes começam com a letra A: Ademar Schiavone, Antenor Sanches, Antonio Mario Manicardi e Antonio Augusto de Assis.

Precisamos dos seus sonhos, dos seus projetos, da sua poesia de cada dia, da sua espontaneidade, De Paula. Tudo bem que você precisou se ausentar por justos motivos, por algum tempo, e isso a gente entende.

Porém, tal como você declara em sua Apresentação, está passando da hora de voltar. Escancare logo essa sua janela e compartilhe conosco seu mundo interior, iluminando e alegrando nossos domingos!

FRANKLIN VIEIRA DA SILVA, Diretor-proprietário do jornal O Diário Norte do Paraná

Antonio Roberto de Paula chegou a Maringá ainda criança, em 1959. Iniciou sua participação no dia a dia de O DIÁRIO nos anos 1970, escrevendo poesias para a coluna "Sinal Verde", de Jaime Vieira. Jogou futebol em nossa equipe nos anos 1980, época em que também foi colaborador do "Voando Livre", suplemento de O DIÁRIO que teve Mário Sérgio Recco como editor. Nos anos 1990, De Paula trabalhou conosco nas funções de repórter, pauteiro e secretário de redação. De 2006 a 2009 escreveu crônicas aos domingos para o Caderno de Cultura, na coluna "Da Minha Janela". Em 2009, escreveu o livro dos 35 anos do jornal, em parceria com Rogério Recco.

São, portanto, quatro décadas de íntima ligação com O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ, além de manter um permanente relacionamento, de alto nível, com a redação e os demais departamentos.

Nas suas crônicas e poemas ele retrata sua infância em Maringá, destacando locais, fatos e, principalmente, pessoas que lhe são muito queridas, como familiares e amigos. Comenta sobre os mais diversos assuntos nas áreas da imprensa, da política, do futebol, da literatura, da vida da cidade, as dificuldades, as alegrias,

De Paula é, enfim, um jornalista, poeta e escritor que sabe como poucos retratar o cotidiano com sensibilidade crítica. Brincando, ironizando, falando sério, desabafando, utiliza as palavras com a competência de quem faz delas sua profissão de fé.

Entre as suas obras, livros e documentários em vídeo, sempre tendo Maringá como cenário, admiro em especial seu primeiro livro eletrônico (e-book), O Jornal do Bispo, em que conta a história da Folha do Norte do Paraná, e para o qual tive a honra de ser um dos entrevistados.

Ele soube retratar com maestria um período especialmente importante da mídia de Maringá, justamente aquele em que a imprensa local fazia a transição da era do pioneirismo para a modernidade.

Para mim, particularmente, recordar a história da Folha é ao mesmo tempo um orgulho e uma grande emoção. Acompanhei de perto a ousada iniciativa liderada por Dom Jaime Luiz Coelho, que dotou a cidade de um

grande jornal, de ampla circulação e de extraordinária capacidade de influência na vida da região e do estado.
Foi na Folha do Norte, na Rádio Cultura e na revista NP que iniciei minha atividade profissional como jornalista, ao lado de ilustres colegas que prezo demais, como Joaquim Dutra, A. A. de Assis e tantos outros. Na Folha permaneci até o momento em que, inaugurando uma nova etapa em minha vida e na própria história de Maringá, entrou em circulação O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ.
Portanto, ver agora o querido amigo De Paula trazer à tona um resumo daqueles momentos inesquecíveis que vivemos no glorioso "Jornal do Bispo" é de fato uma emoção fortemente marcante. E mais marcante ainda é o prazer que sinto pelo privilégio de prefaciar esta obra, na certeza de que aqui está um dos documentos mais significativos para a memória da cidade.

APRESENTAÇÃO

O melhor dia da semana é o domingo. A melhor parte do domingo é a manhã. Sempre que escrevia, imaginava o leitor com o corpo largado no sofá ou numa espreguiçadeira, lendo meu texto lá pelas 9 horas. Imaginava o sol, os gritos das crianças, os cachorros em festa, felizes porque estava todo mundo em casa: ninguém tinha ido trabalhar e ninguém tinha ido à escola. Imaginava os domingos de alegria e tranquilidade, e o meu texto lá, entre os vários cadernos do jornal, indo fazer companhia ao leitor.

Foram três anos escrevendo aos domingos no Caderno de cultura, o D+ do jornal O Diário do Norte do Paraná. Uma experiência gratificante. Os editores, primeiro Marcelo Bulgarelli e depois Jary Mércio, nunca censuraram uma linha sequer do que escrevi.

Lembro-me de que, em 2006, o Bulga me convidou por telefone. Eu estava almoçando quando o celular tocou. Disse que o Elvio Rocha havia parado de escrever a coluna dele aos domingos e que pensou em mim. Topei na hora. Na sexta-feira daquela semana já estava encaminhando o meu primeiro texto. Texto em homenagem ao Elvio, lógico. Não poderia ser diferente. Tive o prazer de trabalhar com o Elvio. Além do texto maravilhoso, ele é uma pessoa maravilhosa.

Na coluna "Da Minha Janela" fiz crônicas, contos, artigos e poesias. Escrevi muito sobre a Maringá de hoje e a Maringá da minha infância e adolescência. Comparei uma com a outra e, por mais que me policiasse, o saudosismo vivia pedindo passagem e quase sempre eu o deixava entrar.

O passeio pelo passado me fez lembrar de pessoas muito queridas e também aproveitei para homenagear os pioneiros. Tive liberdade para escrever o que quisesse naquele espaço de 2.500 caracteres e procurei sempre abrir meu coração aos leitores que me honraram com sua leitura. Tanto que o título deste trabalho era para ser "Coração aberto aos domingos". Ninguém gostou. Então, resolvi mudar. Optei por "O sol desta manhã de domingo", título de uma crônica que representa bem a ideia que faço de um domingo feliz. Havia definido, mas aí surgiu "Diário dos meus domingos".

De 2006 a 2009, incluí na minha rotina a elaboração do texto na sexta-feira de manhã para enviar ao jornal até meio-dia. Na quinta-feira já começava a pensar o que escreveria no dia seguinte. Eu levava no máximo duas horas para concluir.

Mas não foram poucas as vezes em que a tela ficou branca, e

a mente, cheia de problemas, estava vazia. Contudo, no fim das contas, bem ou mal, mesmo depois do meio-dia o e-mail era enviado ao editor.

Não sem a avaliação da minha mulher, Simone. Eu precisava do seu aval, assim me sentia muito mais confiante. Dificilmente você vai encontrar termos chulos ou, no mínimo, vulgares. A Simone sempre me mandava substituí-los. Se aparecer algum é porque ela deixou escapar.

No domingo de manhã pegava o jornal e ia conferir o que tinha escrito. Invariavelmente, não gostava. Sempre achava que poderia ter feito melhor. Mais tarde, dava outra lida e acabava me conformando. Com o tempo, parei de exigir muito de mim. Até porque eu sempre tentei dar o meu máximo. Deus é testemunha. Se não conseguia fazer melhor é porque o meu limite ia até ali. Ter essa consciência faz um bem enorme.

Há dias em que o texto flui maravilhosamente. Em outros, as palavras não querem sair e a ideia demora a ser materializada. Há dias em que se pensa em escrever algo e, inexplicavelmente, toma-se um caminho inimaginável, muito longe daquilo idealizado.

Tudo isso aconteceu nos três anos de coluna no O Diário do Norte do Paraná. Isso e mais um pouco. Era a alegria de publicar e a angústia na busca do melhor possível. Esses sentimentos contrastantes estiveram comigo desde o primeiro texto. Por tudo isso, analisei que este trabalho não poderia ficar restrito somente ao arquivo do jornal. Queria que mais pessoas lessem.

Seguindo uma dica do Bulgarelli, fiz pequenos comentários para cada um dos textos. Ele me explicou que era importante localizar o leitor além da marcação da data da publicação. Só nas crônicas haveria a necessidade, mas resolvi comentar nos rodapés de todos os textos. No fim, acabei escrevendo sobre a dinâmica que adotei para escrever e comentei até sobre meu estado de espírito durante a elaboração.

Nestes meus 20 anos trabalhando na imprensa, assinei colunas diárias e, portanto, não foi novidade escrever semanalmente para O Diário. Ocorre que o tempo fez com que ficasse mais exigente comigo mesmo. Antes (bons tempos aqueles!) eu era mais coração. A emoção fluía e não me incomodava muito com a estética e com a preocupação de me fazer entender. Hoje, penso antes de definir uma frase ou palavra. A emoção está presente, mas a análise lhe faz companhia.

O medo de me tornar repetitivo e a soma de afazeres me impediram de continuar escrevendo a "Da Minha Janela". Penso em voltar. Parei há quase um ano e sinto saudades dos e-mails que recebia, dos comentários, dos elogios e até das críticas.

Quando vejo alguma notícia impactante, quando me emociono por uma razão qualquer, quando ouço algum caso ou presencio algo interessante penso logo em escrever. Vem a vontade de dar uma opinião, de registrar, de desabafar, de ser lido. Utilizo o meu site www.antoniorobertodepaula.com para isso, mas não existe mais o compromisso semanal.

Para ilustrar este livro, utilizei dezenas de fotos e reproduções de autores diversos. O meu amigo Sidney Lombardi Jr, maringaense que mora no Rio de Janeiro, deu um brilho especial a este livro com suas ilustrações. A maioria das fotos é de Walter Fernandes. As demais são de Kenji Ueta, de outros amigos, de arquivos meus, da minha família, de jornais, livros, sites, blogs e boa parte delas eu mesmo fiz o registro.

Em determinados textos, recorri às fotos na tentativa de tornar mais atrativos os relatos. Quanto ao restante do material, fiz a distribuição no livro de forma aleatória, sem preocupação cronológica. Quis, por meio das imagens, contar a minha história e a história de Maringá, e também homenagear familiares, amigos, pioneiros, poetas, artistas, lideranças. Tentei associar as imagens aos textos. Sei que não consegui o intento em sua totalidade.

Esclareço que este conjunto de textos não é exatamente o registro de um tempo, da cidade ou do País. Em várias ocasiões, aproveitei datas comemorativas e comentei sobre temas pontuais da vida maringaense ou sobre fatos de repercussão nacional, mas isso não foi uma regra. O que escrevi foi, sim, o registro do meu tempo, do meu estado de espírito. Foi o meu coração aberto uma vez por semana, aos domingos. Melhor: foi o diário dos meus domingos.

(ARP)

08.10.06

O MENINO ELVIO

A ira imprescindível de Elvio Rocha, combustível de seu furor na lavra, associa-se à candura de versos tirados da mente de um menino eternamente insatisfeito com a condição humana. Elvio faz, com sua lúcida hibridez de pensamentos, o salutar exercício de se revoltar e de se surpreender.

Com isso ele alerta para a nossa pequenez diante da grandiosidade de situações desfavoráveis, ao mesmo tempo em que mostra o nosso gigantismo para superar adversidades, porque essas, as tais vicissitudes da vida, poderemos torná-las menores. Basta querer.

A verdade desnuda, mesmo que desperte compaixão, riso ou outros sentimentos mais ou menos nobres, é o mote que Elvio utiliza para contar suas histórias. A confortável posição de anti-herói o habilita e o libera a ser pleno diante das situações. Elvio nunca vence, não precisa vencer.

O sentido explícito da sua missão é alertar e, quando preciso, atravessar a lâmina na própria carne para mostrar que as dores alheias também são suas. Por isso, não faz questão de vencer, até porque a subjetividade da vitória não o satisfaz.

Mas quer o respeito sempre. Ele é simples dentro de uma pluralidade de informações que consegue reter e devolver, agora com sua chancela, sem se importar com aplausos, críticas e indiferença.

Elvio fez de Maringá, por enquanto, sua terra, como poderia ser no interior de São Paulo, na capital paulista, na Bahia, em Alagoas ou em qualquer outro lugar. Para onde for, vai levar suas revoltas, suas aflições, suas surpresas e o profissionalismo apaixonado, coisa rara de se ver hoje em dia.

O menino Elvio continua menino e não pára de crescer, indignando-se com mais intensidade, mas não se surpreendendo tanto. O manejo da pena, digo, do teclado segue a linha brilhante.

Elvio é um cidadão brasileiro, bem-humorado, filho dedicado,

perscrutador da alma humana, corajoso e que me dá a honra de sua amizade. Ainda que nossos bate-papos sejam ocasionais, restritos a telefonemas e e-mails, sei que é um amigo que conquistei e ele também sabe disso.

O nosso amigo comum Marcelo Bulgarelli me pôs na espinhosa e desafiadora tarefa de substituí-lo no O Diário. Saio da condição de leitor do espaço para pôr minhas impressões. O cidadão do Desvio de coluna segue seu caminho em outras plagas, lançando – ou seria desferindo – suas mensagens e, de repente, acaba voltando. Enquanto isso, fico aqui Da minha janela tentando observar, aprender e contar minhas histórias.

Com este texto é que estreei a coluna "Da Minha Janela" no jornal O Diário do Norte do Paraná. Elvio Rocha havia deixado de escrever nesse espaço, e a convite de Marcelo Bulgarelli eu o substitui.

15.10.06

SUOR, AVENIDAS E HISTÓRIAS

Vou acelerando na Pedro Taques. O carro é um ponto zero. O instinto de preservação é gigante e o respeito pelo próximo é de tamanho similar. Por isso, a acelerada é básica. Não represento perigo. Sigo neste modorrento 50 por hora, no calor de 35 graus, com o suor saindo das costas, entrando pelas axilas e descaindo para a barriga. A camisa amarrotada já secou e molhou, secou e molhou de novo.

Já deixei a Farroupilha, atravessei a Colombo e vou contornar a praça da Divino Espírito Santo. É só passar por aqui e lá vou eu me lembrar do Padre Bernardo, que fez história nesta igreja. Elevaram o Bernardo a monsenhor, mas o público devoto e amigo continuou a chamá-lo de padre até sua morte. A hierarquia eclesial sucumbiu diante do costume.

Carrinhos iguais aos meus circulam aos montes nas vias da minha cidade, mas a maior parte dos seus donos parece não ter lá muito instinto de preservação e respeito pelo próximo. Então, não posso divagar. Tenho que prestar atenção e ir devagar.

Com medo de ladrões, que já não escolhem hora, local, pessoa nem veículo para atacar, meu rádio é fuleira, daqueles com botões giratórios, uma chiadeira só. Com minha vociferante voz acompanho uma música, que é interrompida a cada troca de marcha. E o carrinho segue para o centro.

Não vou virar à direita. Não aqui na Bento Munhoz da Rocha. Já cansei desse trajeto. Sempre sigo na Bento, corto a São Paulo e entro na João Paulino. Desta vez vou descer mais um pouco a Pedro Taques. Agora viro à direita, na nova via: a imponente Horácio Raccanello Filho.

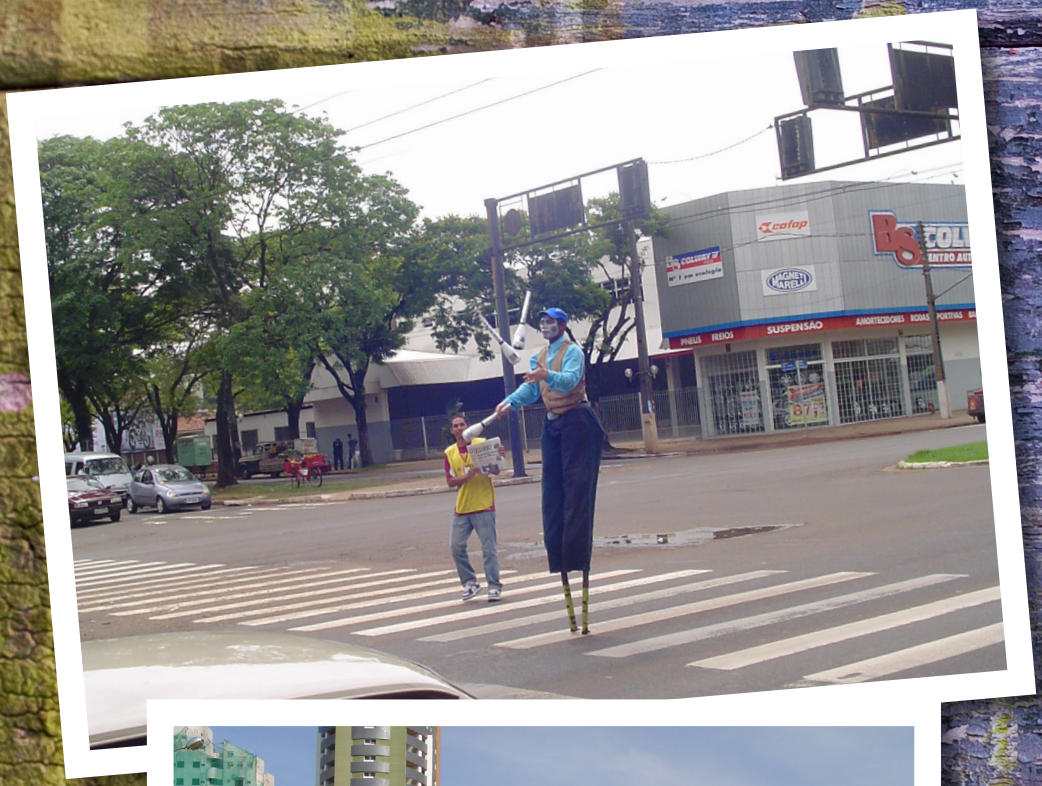
O sol é forte, o colarinho está molhado, o rádio chia, a avenida tem poucos carros e eu estou, surpreendentemente, animado. Aqui passava o trem. Quantas vezes ele travava a Pedro Taques... Como carrego um enorme baú imaginário, acabei de abri-lo. Sorridente, fico olhando para frente. Quem sabe acaba surgindo uma locomotiva com vagões

engatados desde a 19 de Dezembro na contramão, na contramão da história...

Avenida Horácio Raccanello Filho. Lá vou eu buscar mais histórias no meu baú. Atravessei a década de 70 para a de 80 votando no Horácio. Votando e perdendo. Agora, o advogado, professor e brilhante orador é rua, é história. É história além do meu baú, além dos meus alfarrábios. Observando barracões, vou lento e acelero a mente até à avenida São Paulo.

Mas tenho que prestar atenção no trânsito. O semáforo me traz de volta. Conforme os gomos vermelhos vão descendo, vou me concentrando. Estou novamente inserido. O carrinho vai, o sol é forte e o suor escorre na costeleta, o rádio solta uma canção descompensada, solto meus grunhidos. O baú foi fechado. Logo vou abri-lo de novo.

Um dia como tantos outros. Quente, como sempre. Saio do Jardim Alvorada e vou ao centro. Como sempre, pela avenida Pedro Taques. Enquanto dirijo, vêm as recordações da minha juventude em Maringá. A Pedro Taques é uma grande referência neste retorno às décadas de 70 e 80.


colap
MAGNETI MARELLI
PNEUS FREIOS SUSPENSÃO AMORTECEDORES RODAS PORTAS

Kaiowa

ASA-3249

22.10.06

O SOM QUE INTERFERE E FERE

O som das sirenes dá nos nervos. Incomoda, interfere, fere. A Maringá do século 21 perenizou esse triste, agressivo e trágico som nos nossos ouvidos. Ouvidos até então acostumados ao cicio dos ventos nas árvores, ao canto de sabiás-laranjeiras e coleirinhas, aos sinos do domingo, aos latidos, uivos, chiados, mugidos e outras sinfonias naturais. Vieram os motores, as buzinas, as aceleradas e as freadas. E veio a sirene.

Hoje, a sirene toca e o giroflex é ligado para levar feridos da guerra do trânsito e de outras batalhas para os hospitais. Ouço a sirene e quase faço uma oração sei lá para quem. Comparo as sirenes ao sinal da pré-morte; elas são como o pedido de passagem para tentar salvar uma vida. O som tira a gente do sério ou da risada; interrompe um serviço, uma conversa, uma música, um almoço, um cochilo; dá um corte nas coisas triviais e essenciais da vida.

A sirene nos faz vulneráveis, e absurda e tristemente nos informa da nossa perecibilidade, pelo menos nesta Terra. Ela faz com que tenhamos compaixão pelo infeliz que segue em busca da vida. A sirene nos torna irmãos. Enquanto o veículo segue e o som vai ficando distante, solidarizamo-nos com o anônimo ferido do dia.

A sirene dos carros era uma grande novidade nos meus tempos de garoto. Quando ouvíamos, saíamos correndo para ver se era a polícia que ia apartar briga e levar alguém preso ou se os bombeiros iam apagar incêndio de alguma casa de madeira. O som era algo ocasional, tenso, quase assustador, para meninos que viviam sem sobressaltos, numa pacata e emocionante rotina em que não estavam incluídos sons nervosos de cidade grande.

Agora, são tantas as sirenes contribuindo para a babel em que vivemos que as crianças vão incorporando esses sons às suas vidas, tornando banal o que é sinônimo de preocupação, pedido de passagem, socorro, dor e sofrimento. Veículos de cores diversas e toques sonoros

variados, públicos e privados ziguezagueiam pelas avenidas com seus enfermos.

Antes, havia as sirenes das indústrias, como a da Sanbra, e as das serrarias. Mas era um som contínuo, imponente, absoluto, já perfeitamente contextualizado àquela paisagem. Elas funcionavam como um relógio para muita gente, pois tocavam de manhã, ao meio-dia e no final da tarde. Bem diferente desse estridente e invasivo som que não respeita hora nem local.

O som das sirenes dá nos nervos. Dá nos nervos de quem conviveu com a cantiga e o grito de guerra do vento que, de tão naturais, não era preciso dar conta de sua existência, e também com o trinado das aves, sem perceber que ele quase desapareceu por entre os prédios.

Fiquei imaginando como seria maravilhoso se todos os ruídos fossem eliminados e restasse apenas o canto da natureza. Os sons da Maringá de hoje levaram a tranquilidade da pacata cidade de décadas passadas. Saíram os pássaros, vieram os metais.

SAMU
192

29.10.06

O SEU MILTON NÃO VAI VOTAR HOJE

O sol desta primavera não me deixa ter lágrimas. Elas avisam de sua chegada, eu me preparo, e quando estão prestes a irromper o sol as seca. Bendita primavera que não me permite chorar nem ficar olhando para trás. Sigo com a vida. Benditas as estações que me fazem seguir.

Hoje é daqueles dias em que preciso do sol desta primavera. Vai dar um aperto no peito, que é onde se fabricam as lágrimas; elas vão passar pela garganta, sair pelos olhos e tentar escorrer pela face. Vou interromper o fluxo, mas desconfio que não será possível.

Porque hoje seria um dia especial para o Seu Milton: dia de votar. Seu Milton não vai votar hoje e não vai votar nunca mais. Em maio deste ano ele baixou à sepultura, deixando a gente com este aperto no peito, este nó na garganta e estes olhos marejados, que ficam ainda mais tristonhos em dias como o de hoje.

Hoje, Seu Milton acordaria cedo, poria uma de suas camisas brancas, com três casas sem abotoar, uma calça escura e as sandálias. Tomaria um café, daria uma passada de olho no jornal, trataria dos passarinhos, sairia, cumprimentaria pelo menos umas 15 pessoas até o colégio, localizado a umas quatro quadras de sua casa, votaria e voltaria contando alguma novidade desse passeio cívico. Depois ficaria no portão tentando conseguir algum votinho a mais para o seu candidato.

Antes de a doença tirar-lhe as energias, Seu Milton era atuante nas eleições. Ele e a companheira Rita, que fizeram uma história de quase 50 anos, transformavam a casa em comitê, colavam cartazes e penduravam bandeiras do candidato e do partido. Seu Milton ganhou e perdeu eleições. Não tinha inimigos, só adversários circunstanciais.

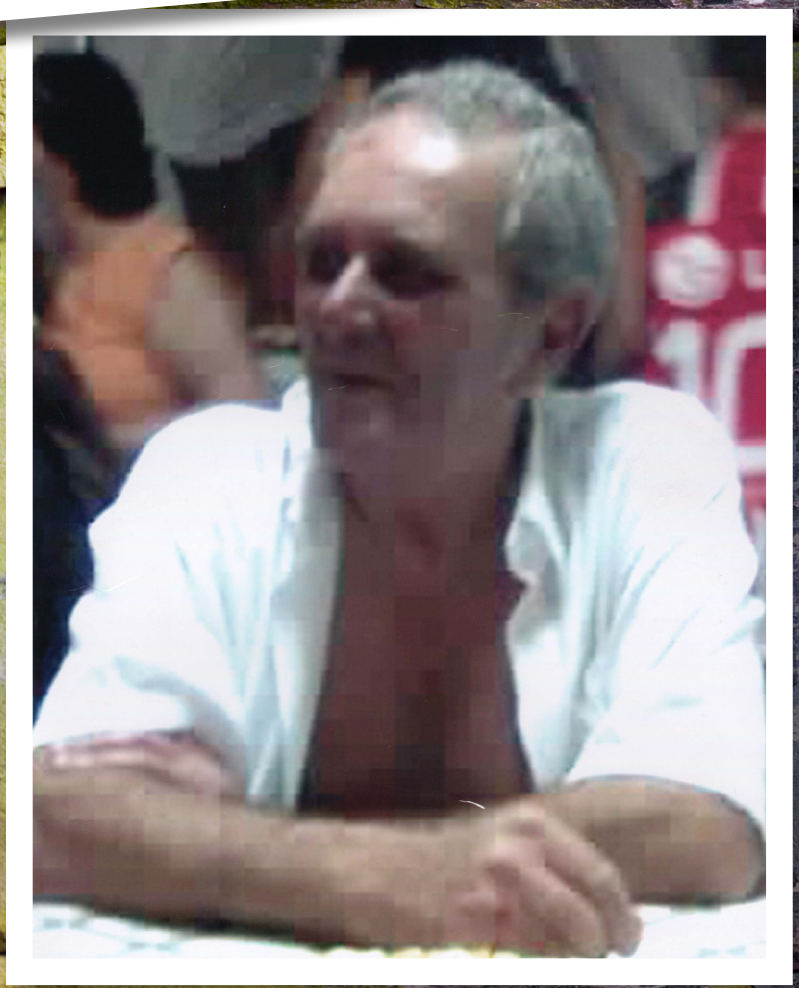
E fez muitas amizades, amizades que atravessaram eleições. Era comum as pessoas perguntarem: "Com quem vamos estar desta vez, Seu Milton?" Era uma liderança natural, dessas que só o tempo pode criar, dessas que o dia a dia vai reforçando a confiança.

Enquanto me recordo daquela figura magra e de cabelos brancos, tendo nas mãos um santinho do candidato, explicando a um vizinho como votar, percebo que as lágrimas estão chegando mais cedo. Parece que não haverá sol de primavera forte o suficiente para secá-las.

Paciência. Os experimentados na difícil arte da perda me disseram que é assim que funciona. Você coloca a dor num compartimento e se esquece dela, mas às vezes ela quebra a fechadura e vem lhe fazer companhia. É o que está acontecendo hoje.

"Com quem vamos estar desta vez, Seu Milton?" Sei muito bem o que o senhor faria hoje, mas o voto é secreto e aqui não é espaço para propaganda eleitoral. Só posso dizer que estaremos sempre com o senhor, Seu Milton.

Meu pai havia falecido alguns meses antes. No domingo, quando esta crônica foi publicada, haveria eleição em segundo turno para governador do Paraná. Então bateu a saudade do velho e saiu este texto. Escrevi chorando.



12.11.06

ENCONTROS DOMINGUEIROS

O boteco tem fachada simples, paredes descascadas, piso trincado e uma mesa de sinuca no meio. São dois balcões formando um "L", e atrás deles dois freezers com garrafas até a tampa. Cartazes de mulheres com coxas e barrigas de fora propagandeiam cervejas.

Na estufa sobre um dos balcões, pastéis, coxinhas e quibes, aqueles com ovos cozidos dentro. Na pequena prateleira, litros de vermute, conhaque, vinho, fernet e cachaças de marcas diversas. Espremida entre os destilados, uma pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida, com um terço enrolado no pescoço, abençoa e protege o bar e seus frequentadores.

A televisão, fixada num suporte próximo ao teto, está desligada. O som ambiente sai de um toca-CD, colocado sobre uma mesinha ao lado dos freezers. O aparelho toca de acordo com a exigência da clientela. O sertanejo e o pagode predominam. Para cada cinco do Matogrosso e Mathias e do Martinho da Vila, vai uma romântica internacional.

Pelo menos 30 fregueses devidamente cadastrados na "pendura" se alternam durante a semana. Nas tardes de sábado e nas manhãs de domingo fazem reunião obrigatória. Os dez bancos de frente para os balcões estão ocupados, assim como as seis mesas, com logomarca de cerveja famosa, espalhadas na calçada. As mulheres são poucas e acompanhadas.

Cerveja, fumaça - legalizada, bem entendido -, música, sinuca e conversas entrecortadas de gritos e discussões de mentirinha dão vida ao bar, nesse domingo de manhã. Crianças comem salgadinhos, tomam refrigerantes e abrem mais um chocolate. Quase sempre ao mesmo tempo.

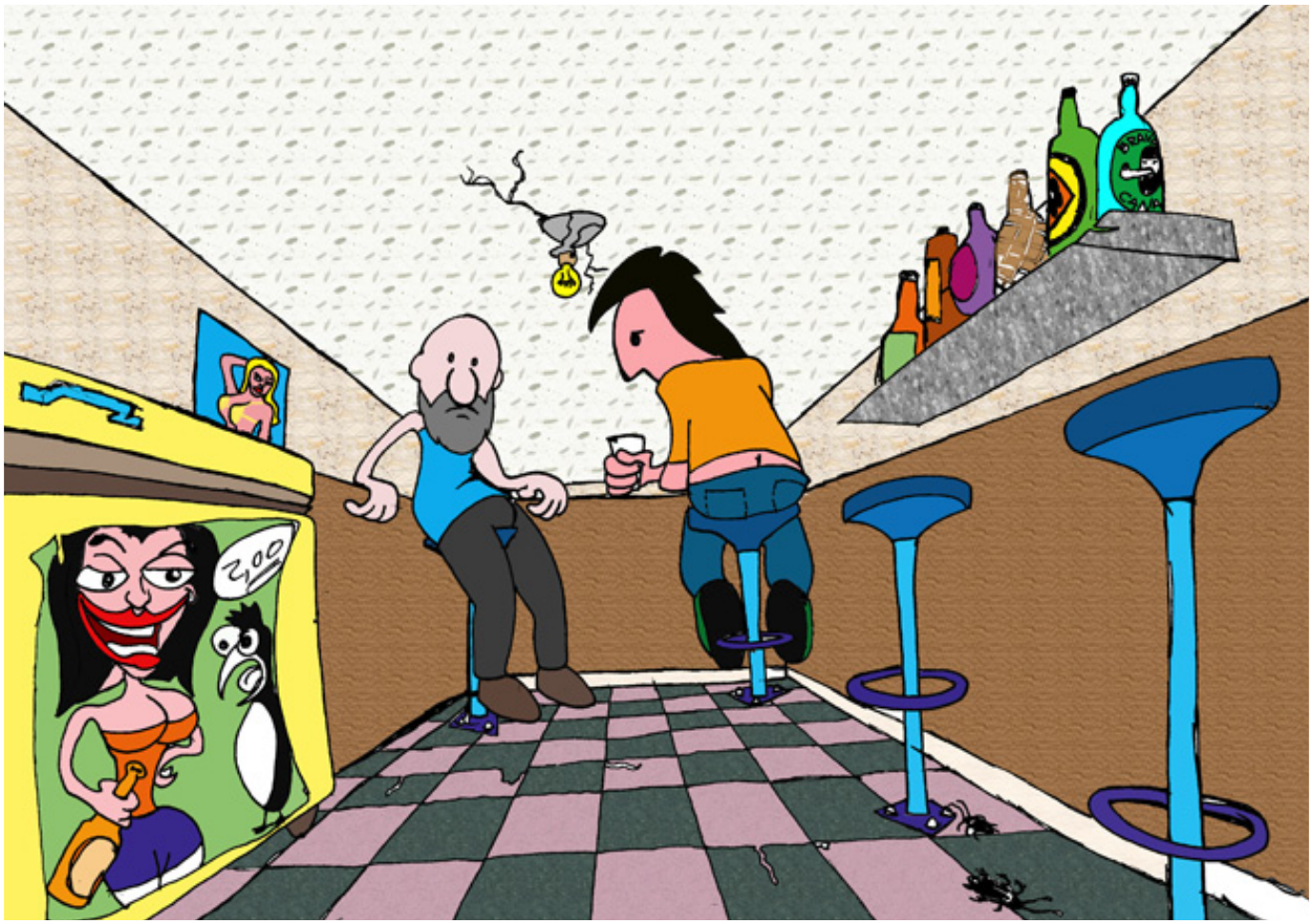
Todos se falam, tudo parece uma grande mesa. Pedem pela quinta vez a saideira, pois o almoço está quase pronto e os ponteiros estão totalmente na vertical. Para matar a bola 15 da melhor de sete partidas, o craque do taco, que já cutucou sem querer a barriga de uns três,

pede licença, passa giz e desfere o golpe fatal. Na caçapa! "Minha parte é só três cervejas e quatro branquinhas. O resto é do meu pato, aqui", avisa para o botequeiro.

Mais de 1 da tarde. Meia hora atrás o movimento era enorme. Agora, só a meia dúzia dos retardatários de sempre insiste nas análises psicanalíticas, nas perspectivas da conjuntura nacional, nas possibilidades de rebaixamento do Palmeiras e do Corinthians e nas curvas da Juliana Paes.

Conversa vai e conversa vem. Mais vai do que vem. Futebol, sexo, política e dinheiro. Dinheiro, dinheiro, dinheiro... Para trocar o carro, para limpar o nome, reformar a casa e viajar. Dinheiro para pagar a conta deste boteco, para passar no açougue e comprar um frango assado que o pessoal está esperando. "Agora é a última mesmo. Traz mais uma e vê a conta".

Texto escrito com profundo conhecimento de causa. Conheço bem esse universo. Meu pai foi dono de bar e eu também. Além do mais, já fui presença marcante em botecos. Recolhi retalhos de histórias e saiu este "Encontros domingueiros".


Zoo

19.11.06

O FANTASMINHA NECESSÁRIO

Um garoto me acompanha quase todos os dias. É um fantasminha. Ele saiu ali pelo final da década de 60, entrando na de 70, e de uns tempos para cá vem se sentando ao meu lado em frente à televisão, no carro, quando estou ouvindo as pessoas, nas caminhadas e quando fico divagando com as mãos pousadas no teclado do computador.

Esse garoto tem camisa branca, calças curtas, sapatos pretos Vulcabrás e meias escuras. Moreno claro, seu corpo é magro, e os cabelos, curtos. Tem 13 anos, cara de 13 anos, atitudes de 13 anos. Se deixassem, ficaria jogando futebol, descalço, das 7 da manhã até às 10 da noite e recomeçaria com o mesmo vigor no dia seguinte.

Quando rio de alguma coisa, o fantasminha ri junto comigo. Se faço uma brincadeira com alguém, ele aparece com seu olhar não muito angelical me parabenizando, numa gostosa cumplicidade. Quando estou de bem comigo, mais do que o básico, o garoto se aproxima e parece me dizer: "Valeu, cara, vá em frente!" Se ocorre o contrário, eu e ele fazemos xingamentos em uníssono, damos porradas imaginárias e depois de algumas horas - às vezes, dias - esquecemos.

Alegria para o fantasminha é quando passo por casas e barracões antigos, quando folheio velhas revistas, quando me detenho em fotos em preto e branco e, principalmente, quando revejo velhos amigos. Dá uma satisfação danada. A gente faz um caminho de volta e o garoto passa dos 13 anos, vai a 17, 18...

Tenho que tomar cuidado, senão ele passa a mandar em mim. Às vezes acontece, mas logo o coloco em seu devido lugar. Tenho uma vida para viver, tenho problemas para resolver, preciso enfrentar situações e não posso deixar que um pirralho venha me dar ordens. Por ele, eu não teria nenhum freio, nenhuma preocupação com o presente, e quanto ao futuro, simplesmente não existiria.

Ele não gosta de estudar, nem de ficar ouvindo alguém falar por muito tempo. Lê muito lixo e não suporta que lhe imponham leituras ditas

edificantes. Não gosta de certas comidas, bebidas, músicas e de certas pessoas. Se dependesse dele, eu já teria passado por grandes vexames. Por isso o domino, instalo um sorriso complacente e deixo que a vida siga seu fluxo, sabendo que, se estamos nela, temos que passar pelo inevitável. É a tal lei da convivência, à qual o meu amigo não dá a mínima importância.

De vez em quando, o fantasminha desaparece. São longas as ausências, deixando-me cansado e triste. A racionalidade passa a comandar e fico me perguntando: aonde foi parar aquele menino com sua bola de capotão debaixo do braço, sujo de terra? Com um sorriso absolutamente completo, saído das entranhas, chamando-me para brincar? Coço o queixo, olho para cima, para os lados, assim meio desesperançado, mas eu sei que ele volta. Ele sempre volta.

Um leitor chegou a me perguntar quem é o tal fantasminha. Ele achou muito maluca – assustadora, eu diria - esta história de ter alguém do lado fazendo cobranças, dando palpites. O fantasminha sou eu mesmo, a parte que não quer preocupações na vida, que quer ser sempre um garoto.

SIDWOLF

26.11.06

RECUPERE A VELHA ÁRVORE

O Natal está batendo na nossa porta. São toques tímidos ainda, mas logo aumentam de intensidade, até que você abre. Não há como evitar. Você entra de cabeça, tronco e membros no espírito natalino. A cidade cria um cenário festivo. Fachadas enfeitadas, outdoors felizes e sorridentes, músicas embalando nossos corações e cobrando o cristão que existe dentro da gente dão o tom deste mês de festas, viagens, férias e cheques pré-datados até maio.

Então você tira da caixa empoeirada a árvore branca sintética, meio estropiada, testemunha de vários dezembros, coloca em cima da mesinha de centro, que agora vai ficar no canto da sala, pega o que sobrou das bolas e penduricalhos, põe uma estrela cintilante na ponta e traz o Natal para dentro de casa. Ia me esquecendo do pisca-pisca de lampadinhas coloridas para ser enrolado na árvore.

Na loja de R$ 1,99 – que já está na casa do R$ 3,99 -, na prateleira repleta de balangandãs de motivos natalinos, você escolhe uma guirlanda com uma fita vermelha de nó caprichado e põe na porta de entrada da sua casa. Com esse simbolismo, você informa aos parentes, amigos, vizinhos, e a quem eventualmente passar por ali, que está no clima.

Agora, a vida natalina vai passar na tevê. De manhã, à tarde, à noite e de madrugada. O Bom Velhinho, de barba branca, original ou postiça, vai mandar um sorriso cativante para você. A roupa é quente, mas o coração também é. Os presentes vão invadir sua tela, e uma culpa mastodôntica vai invadir seu peito só de pensar em não comprar as tais lembrancinhas para os queridos de sempre.

Mensagens cristãs vão chegar até você pelo correio, pelo telefone e pela internet com interesses um pouco maiores do que desejar felicidades. Natal, tempo de reflexão, tempo de perdão, de 13º, de cores, sabores, harpas, roupas e móveis novos e luzes intensas. E não venha me dizer que você consegue passar incólume diante dessa

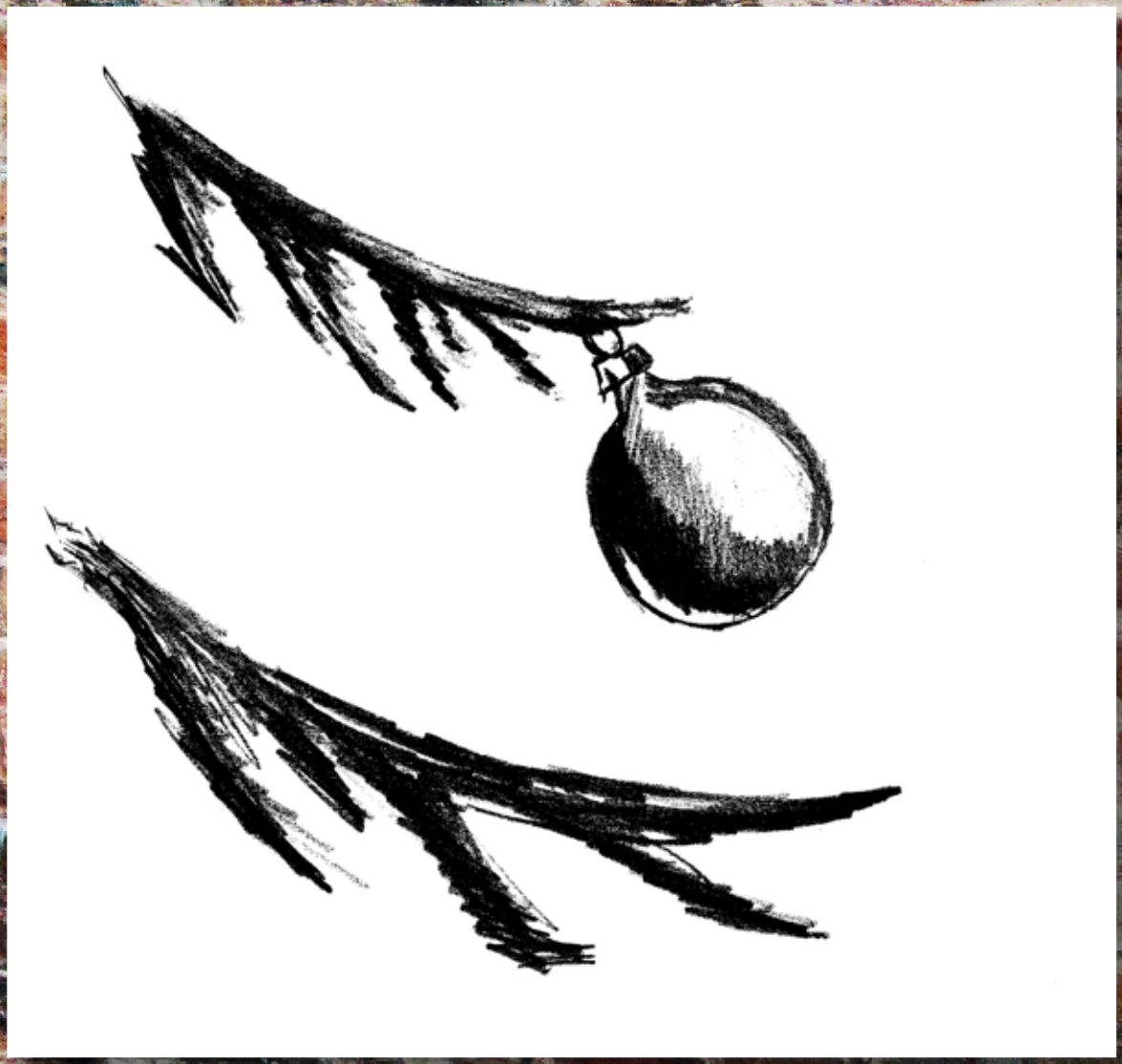
convidativa avalanche...

A cidade vai estar toda iluminada. A magia se repete, os néons reverberam. Shoppings, lojas e quiosques são cúmplices para chamar a atenção que é Natal. Casas, prédios, árvores e ruas parceiras, no objetivo de nos despertar e nos iluminar.

Na data maior, potencializam-se as emoções. Elevam-se as alegrias, e as tragédias pessoais repercutem devastadoramente. Na porta aberta para a entrada do Natal, entram todos os sentimentos latentes.

Ou o Natal não seria justamente o tempo de se abrir e conferir a quantas anda esta alma velha de guerra, fustigada pelas pequenas batalhas diárias que vão moldando nossa forma de ver a vida? Então, abra a porta, que seja Natal! Recupere aquela velha árvore.

Antecipei o Natal em um mês. Entrei mais cedo no espírito de Noel porque é no começo de dezembro que as pessoas decoram salas, jardins e fachadas, e tiram poeira dos enfeites guardados há um ano. A árvore, forte símbolo do Natal, funcionou como uma metáfora neste texto.



03.12.06

ERA SÓ UMA CASA DE MADEIRA

Aqui, perto de onde faço minhas elucubrações e tento pô-las no papel, bem aqui ao lado, na esquina, uma casa de madeira, de uns 60 metros quadrados, de pintura descorada, com uma simpática varandinha, veio abaixo em menos de três dias. Pelo estilo, foi construída antes de 1970.

Feliz de quem vendeu o terreno, pois deve ter feito um bom dinheiro, e feliz de quem comprou, pois a área é nobríssima, e como é zona mista, tanto comercial quanto residencial, dá para se fazer um belo edifício.

A casa não tinha nada de especial a não ser pelo fato de se manter galhardamente em pé durante tanto tempo em meio a portentosas construções. E me apresso em informar que onde moro com minha mulher não tem nada de portentoso, espaçoso ou qualquer outro superlativo. Muito pelo contrário.

Pois bem, aquela casa na esquina, desafiadoramente destoando do ambiente de tijolos e vidros, desapareceu em tão pouco tempo que sua derrubada me deixou, senão perplexo, pelo menos admirado de como se constrói e se destrói numa velocidade tão surpreendente. Essa demolição, para mim, tornou-se emblemática. A cidade modifica sua forma e não percebemos, renova-se e não nos damos conta das novidades, substituem-se fachadas e a efemeridade impede o registro.

Minha cidade muda de cara todo dia. Corroídas, as casas de madeira dos primeiros bairros vão saindo de cena, recolhendo-se à insignificância dos entulhos, e mais uma página dessa rica e breve história é folheada e quase ignorada. No lugar de singelas casinhas e vistosos casarões, o ferro e o cimento erigem apartamentos e salas comerciais.

É o processo natural numa cidade que se expande e busca espaço para cima, para baixo e para os lados. Os tempos não são de poesia, as relações das pessoas com sua cidade são estritamente comerciais,

utilitárias. Somos prestadores de serviços. A serviço do crescimento.

A cidade muda de cara todo dia e a memória se perde. Tudo é muito dinâmico e veloz. As transformações diárias são impossíveis de se registrar, porque uma paisagem vai tirando a importância da outra. Inalterável, só o arquivo em preto e branco da menina Maringá. Esta história não se apaga. Espero.

Acompanhando o trabalho dos homens retirando as telhas e despregando as tábuas, lembrei-me do Belchior, que poetou e cantou que "o novo sempre vem", e analisei a transitoriedade das coisas e da gente, chegando à óbvia constatação de que "o velho sempre vai". A esquina foi tomada por outdoors. Ninguém sabe que existia uma casa lá.

Era sexta-feira. Vi uma casa próxima de onde eu morava sendo derrubada. Não vinha nenhuma ideia para escrever. Pensava em muita coisa, mas não conseguia engatar um texto. As paredes iam caindo e eu sem mexer no teclado. Até que eu "usei" a casa para contar uma história no domingo.

10.12.06

O TROTE DA SOBREVIVÊNCIA

Primeiro é o trote e depois o forte som do tampão da lixeira sendo aberta. Eles chegam quase todos os domingos por volta das 10 e meia da noite. No começo, a gente estranhava e botava a cara na janela para ver o que estava acontecendo. O horário da coleta é propício, pois eles se antecipam aos madrugadores e aos caminhões de lixo da Prefeitura.

E é quase sempre assim: a mãe, e os filhos, de 9 e 7 anos, talvez um pouco mais, descem da carroça puxada por uma égua cansada. Papelões tomam quase todo o espaço da carroça. Devem ter feito uma formidável via-sacra para conseguir tanto papel. Essa deve ser uma das últimas lixeiras a ser vistoriada porque o pobre animal dá a impressão de que não vai suportar nem mais uma folha. O peso da carga e a maratona trotando no asfalto o deixaram entregue.

O garoto maior joga quase todo o corpo no container para tirar o papelão e passa para o menor, que vai dobrando e entregando para a mãe, a qual se encarrega de ajeitar a pilha. Serviço encerrado, eles sobem na carroça e seguem lentamente na penumbra depois de mais um domingo cumprido. Como trilha sonora, o sofrido trote.

Poderia dizer que a miséria desfila em frente à nossa porta enquanto fazemos ouvidos moucos e olhares oblíquos, ou nos deixamos enveredar pelo vão da revolta por ver crianças na noite revirando lixo na busca do sustento. Poderia tentar ser poeta ou panfletário, pois as duas formas são necessárias para reforçar a indignação.

Há uma outra via: admirar a força de uma mulher e de duas crianças. Eles sabem, dentro de uma complexidade que os coloca na parte mais fraca da corda, que é preciso ir à luta com as armas possíveis. Neste caso, as armas são uma égua, uma carroça e as centenas de lixeiras espalhadas na cidade. E se assim lutam é porque confiam que o futuro, mesmo incerto, distante, nebuloso, vai lhes dar ferramentas bem melhores.

Existe um mundo ativo, vibrante e participativo que não compreendemos, dentro deste mundo indigno formado por gente digna. Dia desses, depois do serviço terminado, um outro menino catador desceu da sua carroça e se sentou no meio-fio para comer. Depois de umas garfadas, levantou-se e pôs a marmita na boca do cavalo, que arrematou o restante.

Que gesto! Forte o bastante para que concluísse que esse foi o maior exemplo de amizade entre uma pessoa e um animal. Mas, foi só isso? Ou tudo isso? Deixando a tristeza e outros sentimentos recorrentes de lado, fico imaginando se não foi tão somente mais uma cena comum de parceria pela sobrevivência. O menino é quem sabe.

Foi embaixo da minha janela. O menino comeu um pouco e depois pôs a marmita na boca do cavalo. Ao ver aquilo, falei para mim mesmo: "A crônica da semana está pronta." Não quis iniciar com o gesto do garoto para que a pieguice não sufocasse o texto.

JUNIOR

17.12.06

FOTOGRAFIAS ETERNAS

Ando abrindo antigos álbuns de fotografias com uma assiduidade assustadora. Fico imaginando se não é o inconsciente medo de ficar velho que faz com que eu me agarre de alguma maneira ao passado, na tentativa de buscar restos de uma juventude que o inexorável tempo fez esvair.

Ou essa mania nada mais é do que visitar uma época em que a inocência ainda não havia saído do meu rosto, em que quase tudo estava por vir, em que planos e sonhos eram feitos e esquecidos com a mesma velocidade. Uma época em que a ansiedade ditava o ritmo.

Vejo gente sorridente, de 30 anos atrás e 20 quilos atrás, posando para kodaks, eternizando a vida. Gente feliz, e eu no meio, na utópica expectativa de que a vida seria sempre bela, com todas as cores e os tons possíveis. Salutar utopia, força motriz que rege os jovens de todas as idades.

Vou folheando as páginas num *flash-back* sereno. Cada foto traz uma história. Fatos há tanto tempo esquecidos ressurgem contundentes fazendo-me lembrar de prosaicos detalhes. Esses papéis retangulares com imagens nos transportam magicamente. São poses sem grandes variações, mas quase sempre denotando atitudes firmes e positivas sob a estampa da felicidade. Ou perto disso.

Fartos cabelos, sorrisos e projetos. Escassos medos, dores e solidão. Tristezas momentâneas pontilhando duradouras alegrias traçavam largos e claros caminhos, e éramos para sempre invencíveis. Bebíamos nosso elixir diário e dormíamos absortos para enfrentar com garra e prazer o dia seguinte. Movimento é a palavra exata para resumir esse tempo. Constante movimento para ocupar todos os lugares em todas as horas, uma necessidade atroz de não perder nada, como se não fosse permitido ficar para trás, do lado ou de fora. Era preciso ser, estar, viver.

Vejo nessas fotos pessoas que já se mudaram para longe daqui ou

além daqui. Outras que continuam por aqui e umas poucas que, para minha alegria, continuaram a sair nas minhas fotografias nos últimos anos, nos últimos meses, nos últimos dias. Foram tantos os caminhos, nem tão largos nem tão claros, para chegar à crua e real consciência da finitude.

Nas nossas fotos de hoje são escassos os cabelos, os sorrisos e os projetos. Fartos são os medos e as dores, e a solidão parece rondar o ambiente. Uma dose de dissimulação substituiu aquela sã e doce ingenuidade, e o movimento é mais lento. Mas, olhando detidamente, é possível perceber que há muita vida pulsando na busca da utópica invencibilidade. Às vezes a lente pode não captar a estampa, mas ela está lá. Ainda que descorada, mas está lá.

Bateu a nostalgia. Fim de ano, álbuns antigos, saudades gerais, preocupações com o Ano Novo, os 50 chegando. Para não acabar num vale de lágrimas, introduzi a frase: "Há muita vida pulsando na busca da utópica invencibilidade." Não sei se consegui deixar o texto menos triste. Olhando agora, parece que piorou.

PELO APOIO

1979 - Alvorada - Campeão Taça Marginal

24.12.06

REENCONTRO NUM CONTO DE NATAL

O último cigarro que Ismael tirou do maço saiu em forma de S. Ele o ajeitou com cuidado, deixando-o mais ou menos reto, acendeu e fumou nervosamente. Ismael caminha na quente noite de final de dezembro olhando para os lados como se quisesse recuperar os oito meses de liberdade perdida.

Foram 240 dias puxando cana. Agora está livre. Esperou tanto por esse dia! Tinha feito planos, e agora o que faz é caminhar triste e aliviado. Pensa numa trilha sonora para essa caminhada e nada surge. A cidade está respirando Natal e Ismael está deslocado. Sua tensão aumenta.

Dona Lourdes, a viúva de múltiplas funções, mãe, avó, dona de casa e de um coração que a dor faz ficar em descompasso, não parou o dia inteiro. Ela e as outras mulheres da numerosa família prepararam assados, massas, saladas e doces para a ceia.

A casa está cheia. De gente, comida e bebida. As crianças estão mais vibrantes que o normal. Correm, sobem em muros, invadem a casa. Desde o início da tarde os homens de chinelos, bermuda e barriga de fora, bebem, comem queijo e linguiça e jogam truco.

Ansiosa, enxugando as mãos com o inseparável pano de prato pendurado no ombro esquerdo, dona Lourdes volta e meia vai à janela olhar a rua. Esperança de mãe é a mãe de todas as esperanças.

Ismael desceu na minúscula rodoviária por volta das 10 e meia da noite. Sua cidadezinha continua no diminutivo. Pensa nas suas quase três décadas de vida enquanto atravessa as ruas da sua infância. Não ligou para dizer que viria.

Ficou dois dias na casa de uns amigos até tomar coragem para entrar no ônibus. Antes, com a nota de cem, emprestada para a passagem, pôde comprar uma caixinha de música de metal barato e feltro vermelho na parte interna.

Dando corda, vêm os acordes de *Yesterday*. O novo pedido de

perdão, mais um entre os milhares, agora vai com um presente. Acaricia o embrulho enquanto vem à mente uma figura cansada, de cabelos brancos.

A mesa está posta. Dona Lourdes aparenta satisfação. Só aparência. Por dentro, um turbilhão. Ismael não veio. Todos sabem da sua dor e cada um pega um pouco para si, tornando o ambiente a um passo do melancólico. As crianças, no seu característico e providencial egoísmo, fazem festa ignorando os dramas adultos.

Ismael chega à varanda e começa o Natal para dona Lourdes. O melhor dos natais. Um círculo de alegria com a mãe e o filho no meio. Um sobrinho mais afoito toma o presente, tira o papel e abre a caixinha. Sem nada dizer, Ismael olha para a mãe e pede perdão. Falando com os olhos, dona Lourdes perdoa de novo. Sob os acordes de *Yesterday*.

Pura ficção formada por vários fragmentos reais. No título já aviso que é um conto. Se tantos jovens estão encarcerados, inventei Ismael e lhe dei asas; se tantas mães choram impedidas de passar o Natal com seus filhos, inventei dona Lourdes para dar a ela um final feliz. Neste texto criei uma frase que ainda vou utilizar em outras ocasiões: "Esperança de mãe é a mãe de todas as esperanças."

Junior.

31.12.06

HUMANOS DE ROUPA BRANCA

Vou pôr uma roupa branca para receber o 2007 enquanto faço o resumão deste ano, que vai para o arquivo. Farei um balanço em que vou procurar dar tons mais fortes às conquistas, ainda que pequenas, e descolorir os percalços. Preciso entrar forte no Ano Novo, e a melhor maneira é valorizar os bons momentos de 2006 para adquirir mais ânimo e segurança.

Quero dar às tristezas a importância mínima, ainda que o peito continue a sangrar por situações que muitas vezes fogem da minha jurisdição, escapam do meu controle. Esqueceram de dizer que a vida seria assim. E se dissessem, não iríamos acreditar. Tivemos que saber por nós mesmos. E como é bom viver enfrentando! Enfrentando e aprendendo. Aprendendo e vivendo. E lá vem outro ano. E que venham todos os anos possíveis.

Vou pôr uma roupa branca para receber o 2007, dizer que ele é bem-vindo e desejar que seus dias sejam de paz. E os meus também. Fechamos 2006 e o colocamos no nosso livro particular de memórias.

Cada um de nós escreveu uma história, que agora passa a ficar arquivada com os anos anteriores. Histórias simples e pungentes, de dores e amores, de derrotas, vitórias e empates contabilizados nos embates diários. Enfim, vivemos, ou melhor, sobrevivemos. Graças a Deus!

Quando os ponteiros se juntarem no 12, vou puxar na mente muitos fatos particularmente marcantes e dar um sorriso para expressar meu contentamento por constatar como os seres humanos são iguais. Por mais diversas que sejam nossas ações, elas convergem para o ideal de ser feliz.

A cada amanhecer tem início essa busca. No final do ano avaliamos a quantas anda a luta pela felicidade. O inconformismo da conquista é o que nos empurra para o dia seguinte, nos fazendo acreditar que hoje será melhor do que ontem.

Se você considerar tudo isso um clichezão próprio do espírito natalino somado à mudança do calendário, eu lhe darei a razão devida. Nestes dias, a sensibilidade fica mais latente e pedimos para a racionalidade esperar um pouco, porque ela vai ter todas as segundas-feiras do novo ano para agir. Então, considere que é preciso fazer um balanço da nossa atuação no ano que se vai e ficar motivado para o que vem.

Quando o Velho der o último suspiro e o Novo irromper barulhento, vou abraçar os meus, os que me motivaram e me deram segurança. Aquelas frases marcadas, "Feliz Ano Novo" e "Muita saúde e prosperidade", serão a senha para dizer o quanto lhes agradeço por ser parte dos que mantêm o ideal de ser feliz, custe o que custar, leve o tempo que levar. Aprendendo e vivendo. Hoje, de roupa branca.

Sabia que 2007 seria uma "pedreira", como de fato foi, mas estava esbanjando confiança e queria compartilhar com meus queridos, estimados e pacientes leitores o meu ânimo. O estado de espírito era dos melhores e queria transmitir alegria, agradecer e dizer para mim mesmo que alcançaria meus objetivos.

07.01.07

O SERENO E PERPLEXO JOÃO

Olho para a cara do Seu João, e através dela vejo uma Maringá de 40 anos atrás. Em 1966, já achava Seu João um velho. Hoje, constato que ele não era tão velho assim. Eu é que era muito novo, e qualquer cidadão que usasse calças compridas, camisas de colarinho e botasse um cigarro na boca eu chamava de senhor. Ensinamentos de um pai que não escolhia hora nem local para chamar a atenção do filho que esquecesse de colocar "senhor" e "senhora" nos pré-nomes.

Agora sim, a fisionomia do Seu João está bastante envelhecida. É só um halo daquele homem alegre e vibrante, emanando confiança. Seu olhar traz o cansaço de quem entrou no milênio com todas as dificuldades do mundo e só continua vivo porque buscou e encontrou no seu recôndito restos de alegria, vibração e confiança.

Procuro no seu rosto, e, a partir de um sorriso que tanto pode ser de satisfação ou aceitação, encontro uma cidade cujos elementos só existem nas fotografias em preto e branco: fuscas, lambretas e casas de madeira.

Seu João me faz recordar, remete-me para um tempo de cercas de balaústres e compridos quintais com mangueiras, pessegueiros e abacateiros. Na noite, o encontro dos vizinhos nos portões, sem pressa e sem medo; o cochilo na varanda, com a rede embalando sonhos, sem pressa e sem medo. Poucos motores, aparelhos e néons. Só as lâmpadas amarelas, sentinelas das ruas. E a lua clara colaborando na vigília.

O velho João observa as mudanças, oscilando entre a serenidade de quem concorda ser necessário crescer, e a perplexidade de quem não estava preparado para abruptas transformações. A cidade e o mundo mudaram, mas, por toda boa vontade que Seu João tivesse, ficou impossível acompanhar.

Para não sofrer e cansar, ele observa. No vai-e-vem da cadeira, no leve balanço entre o passado e presente, João brinca com o tempo,

fica moço e volta a ser velho, e vai e vem...

Silencioso, pois já disse tudo o que tinha para dizer e mais não falou porque não quiseram ouvir, Seu João sobrevive. Planos e sonhos perderam a força, ficaram sem cor, saíram da possibilidade do real para entrar nas reminiscências.

Seu João observa. A alegria, a vibração e a confiança desgastaram-se, estão espalhadas no caminho. Os motores o deixaram quase surdo e os néons enfraqueceram a visão. O tempo brinca com o sereno e perplexo João; o moço João que balança no tempo, que sonha com cercas de balaústres, pomares e lâmpadas amarelas. E com vizinhos felizes, que não tinham pressa nem medo.

No ano anterior havia começado a fazer poesias para o Maringânias, livro comemorativo dos 60 anos de Maringá. O texto sobre o pioneiro João aborda vários itens do que já havia escrito. Estava com tantos aspectos da Maringá antiga na cabeça que simplesmente acabei reproduzindo o que vinha escrevendo.

SJUNDE

14.01.07

OS CONVITES E AS CONTAS

A pilha alta de contas a pagar e a moça sorridente no outdoor lhe pedindo para investir naquele banco poderoso. Diante daquele sorriso ao vivo certamente você limparia os bolsos, poria o resto de moedas no balcão só para ouvi-la dizer: "Agora o senhor é nosso cliente preferencial". Só do banco, bem entendido. Estacionamento gratuito, ar-condicionado, poltronas macias, café com açúcar ou adoçante, bolachinhas, garotas sorridentes e prestativas, sem filas, crédito quase sem limite, sem limite para sonhar... "Acorda, cara, abriu o sinal!"

O livro de 50 reais na vitrine, recém-lançado, e você lamentando pelas muitas outras prioridades. Você se revolta: como é que pode um lançamento custar 50 reais? "Fazemos três vezes no cartão", diz a solícita vendedora, que não tem culpa da exorbitância cobrada. Elitizaram os livros.

Criaram uma fina casta neste País. Aquela formada pelos felizardos que têm condições de pagar 50 reais num livro. Você pensa nisso enquanto olha para a capa, para a contracapa, vê o prefácio e devolve o livro às mãos da mocinha educada. O que o conforta é que logo, logo o tal lançamento aparece por uns quinzão no sebo. "Aguenta aí. Qualquer dia eu te encontro em outra prateleira", você diz baixinho, entre satisfeito e resignado, enquanto sai da livraria.

As liquidações convidativas, e você fazendo continhas de cabeça para chegar invariavelmente ao resultado negativo. Duvido que exista um cidadão que não tenha vontade de entrar numa dessas queimas de estoque e fazer uma feira formidável, bem irresponsável, comprando sem pensar.

O complicado é que dias depois, em vez de uma moça sorridente, vem uma voz firme e impessoal pelo telefone. Uma voz daquelas que o chama de senhor e diz o seu nome completo. Quando você gagueja "sim-sim, so-sou eu" vem a informação do estouro no limite. Aí bate o arrependimento. "Paga o cheque, paga o cheque, que ainda hoje, no

máximo amanhã, eu vou cobrir", você diz em alto e bom som, entre suplicante e apavorado.

Os pacotes atraentes de viagens, e você só vendo o entra-e-sai dos ônibus e o sobe-e-desce dos aviões. Dá um impulso de embarcar, deixar as contas de lado, substituí-las por belas paisagens. Pôr chinelos, bermuda, camiseta, óculos escuros e ver o mundo diferente.
Diferente, como se a perseguidora palavra "responsabilidade" se dissolvesse no terceiro copo de cerveja. Um mundo azul. Azul do céu e do mar.

Toca a buzina atrás do seu carro. De novo, você estava sonhando acordado, olhando para o azulão do céu riscado por um avião que alçou voo e o deixou de fora. "Acorda, cara, abriu o sinal!" Você diz um palavrão, sem raiva, simples, desses que até as crianças costumam dizer, e segue. Segue fazendo contas.

Gosto muito de livrarias e sebos. Da primeira, vejo muito e levo quase nada. Do segundo, sou bom cliente. Naquela semana tinha ido a uma livraria e, mesmo sabendo do alto preço dos livros, fiquei novamente irritado. O texto foi um desabafo. Hoje eu incluiria uma importante questão a ser levada em conta: se mais pessoas lessem, o preço não cairia? Comecei a falar de livros, acabei nas contas a pagar; as gostosas divagações e o retorno à dura realidade.

DEUS SEJA LOUVADO
REAIS

21.01.07

O SENHOR DESTE DIA

Girei duas vezes a chave na fechadura. Como faço desde que me conheço por gente, pressionei o trinco para confirmar que a porta estava fechada. Acabava de me despedir da minúscula salinha que há anos ocupava.

Para não sentir tanta saudade, fui me despedindo aos poucos do lugar. Dia após dia fui decompondo o cenário. Primeiro tirei os quadros, as gravuras baratas de Matisse, Renoir, Kandinsky e Van Gogh. Depois, as fotografias da cidade, que fiz questão de emoldurar, feitas por talentosos amigos.

A retirada da papelada dos armários doeu, pegou forte. Eram tantos papéis contando histórias por meio de palavras, números, fotos e desenhos... A associação de papéis, agora tão inúteis, com episódios pessoalmente marcantes deixou-me tristonho.

Depois dos armários, a escrivaninha. A tarefa de separar o que era meu e o que não era também não foi nada agradável. Foi um processo de separação concreta. Folhas e objetos postos cada um do lado correspondente: o que teria que ficar e o que levaria.

Enchi quatro caixas de papelão, e a cada dois, três dias, levava uma. Por fim, a sala ficou vazia, e os armários e as gavetas quase desocupados, as paredes peladas, com pregos solitários. Nos últimos dias fiquei olhando para as paredes e para a porta. Estava me despedindo da salinha e de todos aqueles anos.

O olhar já não era tão triste. Era mais de agradecimento. Os companheiros chegavam e perguntavam: "Então, está definido?" Eu dizia que sim com uma certeza que saía da boca e da mente, mas o coração, que sorrateiramente havia se apegado ao lugar, encontrava forças para negar a intenção que vinha sendo amadurecida havia tempo. Eu apresentava um "sim" com sentimentos híbridos embutidos.

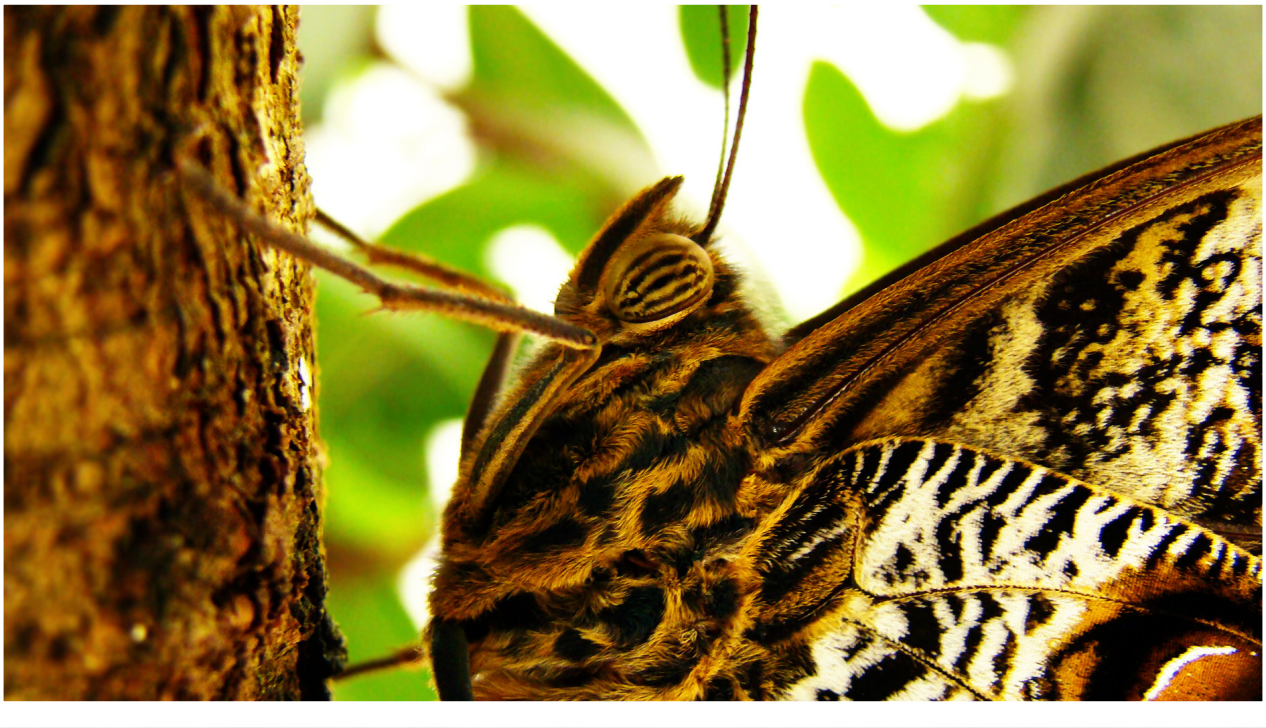
Você olha para os lados e tem a certeza de que aquela salinha nunca mais será a mesma, ainda que volte centenas de vezes. O prisma é

outro, a perspectiva é diferente. Porque houve uma separação, como tantas e de todos os tipos que ocorrem no dia a dia.

Quando você fica muito tempo num lugar, você se sente o dono, toma posse, conquista o espaço. Em determinados momentos a sua segurança é tamanha que o seu prazo de validade parece que nunca vai vencer, é a perder de vista. Mas eu sabia que o dia chegaria. E queria ser o senhor deste dia, antes que me dissessem do vencimento do prazo.

Antes de apagar a luz e fechar a porta, olhei, dei um sorriso satisfeito. Não quis levar um terço de madeira e barbante que, no ano passado, achei na rua. Ficou amarrado no trinco de um dos armários. É a minha modesta contribuição para que Deus proteja o substituto. Fechei a porta, entreguei a chave e saí. O movimento na cidade era o de sempre. O vai-e-vem sem parar. Segue a vida, vou seguindo.

Foi para comentar sobre minha saída, em 2007, da Câmara Municipal de Maringá, onde trabalhei por 10 anos e fiz um grande número de amigos. No texto, não quis ser explícito. Acredito que a omissão do local e dos nomes das pessoas não enfraqueceu a crônica.



28.01.07

O CIDADÃO NUMERADO

Era um cidadão comum. Desses que você encontra em qualquer repartição pública, banco ou escritório, desses que você vê aos montes nas ruas. Era um cidadão coadjuvante, que batia palmas quando todos batiam, que não cortava filas quando todos cortavam e cedia seu lugar no ônibus para velhinhos, velhinhas, grávidas e quem mais ele percebesse que precisava de um assento.

Era um cidadão que usava camisas discretas, calças escuras, paletó preto e sapatos engraxados, pretos, de cordões. Seu relógio de dar corda se tornou parte do corpo. Os anos se passaram e ele só trocava a pulseira de couro. Era um homem que sorria paciente, ouvia com atenção, falava o pouco e o necessário, pagava as contas em dia, todos os impostos, contribuía com o dízimo, não dava carteirada, jamais estourou a conta corrente e amava a Pátria.

Um cidadão que tinha um ar quase subserviente, de agradecimento contínuo e que dava a impressão de ser uma honra estar ali. Saído do início do século 20, ele entrou no 21 com todos aqueles costumes, roupas e ideias. E com toda aquela fineza e educação.

Ficou noivo e pôs a aliança na mão direita, casou-se e a passou para a esquerda. Casamento de papel passado, registro no cartório e bênçãos da igreja. Casamento para toda a vida. Cumpria os prazos da vacinação dos filhos e não faltava às reuniões na escola. Dirigia prudentemente, nunca perdeu pontos na carteira, trocou de carro só duas vezes. Em todas as férias frequentou a mesma praia, teve conta no mesmo banco, a mesma religião, a mesma pasta de dentes, o mesmo antiácido e o mesmo itinerário.

Se alguém pudesse mexer nos seus bolsos, certamente encontraria um pente marrom de plástico, um espelhinho ovalado, a carteira com fotos antigas, documentos plastificados e orações. Suas maiores loucuras, talvez as únicas, aconteceram na mocidade: gostava de assobiar forte quando o cinema ficava no escuro, um pouco antes do

início do filme, e tomava pequenos porres de vinho, que estimulavam algumas gargalhadas.

Sem rompantes nem atrevimentos, a linearidade ditou o ritmo de sua vida. A linha reta que o pente desenhou no seu liso cabelo, todo puxado para a direita, foi a prova palpável dessa espartana existência. Era um cidadão de frases feitas para cada ocasião, de uma simpatia calculada, e com passos firmes num corpo ereto de quem sabia o que queria: queria andar absolutamente direito, sempre.

E assim foi: sem estardalhaços, sequer sobressaltos. Uma noite pôs o antigo pijama azul de listras finas, deitou e continuou dormindo. Hoje, é só um número inscrito numa fileira de números. Enquadrado e numerado. Absolutamente correto e comum.

Uma singela homenagem às pessoas certinhas demais; aos que passam pela vida carregando controladas emoções; aos que simplesmente passam.

04.02.07

QUE OS MENINOS ENVELHEÇAM

Numa manhã do ano passado um casal, de moto, saiu para trabalhar. Deixou o filho único na casa dos avós e deixou a vida no asfalto. No mês passado, num sábado à noite, um rapaz, churrasqueiro numa festa de casamento, tombou morto com um tiro no peito. Dias antes, um menino executou um outro de sua idade. Viro a página e as histórias se repetem, mudo o canal e as mães continuam chorando.

Esta minha cidade bela e verde, de largas ruas e calçadas, de seis décadas, mudou drástica e tristemente seu perfil. Pôs o pé no milênio com violência. A modernidade está sendo brindada com taça de sangue. As pessoas estão morrendo em larga escala no trânsito, na bala e na faca. Qualquer peça ou meio que possa ferir e dilacerar corpos e sonhos é usado. Uma banal e assustadora rotina.

Mortes nas ruas já não dão manchete; tiroteios nos bairros há muito não são a pauta principal. As tais imagens fortes na televisão nos deixava assustados e pensativos, interrompendo o que estivéssemos fazendo. Uma reportagem sangrenta nos fazia refletir, discutíamos, tomávamos partido. Por ser um acontecimento revestido de elementos incomuns, pela diferença, pela quebra da rotina, era necessário comentar.

Chamávamos acidentes de trânsito de desastre. E os crimes, pelo rompimento do pacato e pelo desequilíbrio do quase estabelecido, traziam a aura do surrealismo. Tinham algo de catártico. As prisões, os velórios e os julgamentos mobilizavam toda a cidade, assunto preferido em todas as rodas.

Hoje, corpos mutilados no asfalto, veículos retorcidos, perseguições policiais e fotos de pessoas assassinadas nas matérias de repórteres teatrais despertam na gente um levantar de sobrancelhas e nada mais. Porque a próxima taça de sangue será oferecida no programa seguinte.

A nova realidade da minha cidade está aposentando seus poetas ou fazendo com que eles redirecionem sua visão, ajustem o foco para falar da verdadeira Maringá: uma Maringá que não escolhe vítimas. É a

violência distribuída equitativamente para todas as regiões da cidade, sendo alterada apenas sua forma. É a face do mal vista por todos, os danos democratizados.

Agora, cada poesia tem que ser escrita abrindo-se uma passagem para o desfile das dores. É preciso expor a convivência inquietante e tensa com as nossas dores comuns, para que todos saibam que ninguém está excluído. Somos parte. Falando delas, quem sabe os versos possam aplacar nossas mazelas, abrandar nossos atos, desarmar nossos espíritos.

Que os casais possam continuar trabalhando, que os meninos envelheçam. Um brinde aos que querem fazer da vida uma poesia, e à necessária utopia.

Ouvi no rádio, na manhã daquela sexta-feira, sobre um acidente de moto que vitimou mortalmente um jovem casal. Tinham um filho. Fiquei com aquilo na cabeça. Enquanto escrevia me lembrava de acidentes, crimes. Violência banalizada. Nada mudou desde então.

11.02.07

BEM-VINDA PARA A HISTÓRIA!

Na quinta-feira de manhã tive que ir ao Edifício Herman Lundgren, na Travessa Guilherme de Almeida, ao lado da velha rodoviária. Da praça Raposo Tavares fiquei observando o velho prédio, que recebia milhares de pessoas por dia. Fitas amarelas e pretas, amarradas a cavaletes, circundavam o local.

Portas fechadas, plataformas vazias, e lá dentro alguns funcionários da prefeitura. Depois de mais de 40 anos da sua inauguração houve a interdição. Com a retirada da cobertura frontal, a rodoviária ficou pelada. Seu corpo, sem atrativos, sem reformas e com muitos remendos, ocupa um espaço que já não é mais seu.

É um lugar de histórias perdidas, um lugar que não pôde acompanhar os novos tempos. Ela ficou para trás, envelheceu e não se preparou. Incrustada num nobríssimo ponto, está para ser demolida pela modernidade, varrida da paisagem e sepultada num arquivo de vídeos e fotografias.

O outrora imponente letreiro luminoso "Seja bem-vindo" no alto do arco, de frente para a praça, se segura galhardamente para emprestar o resto de imponência que o local merece.

As lojas, com nomes de gostos duvidosos, bolsas penduradas e eletrônicos nas vitrines; as empresas de ônibus, com seus funcionários engravatados; os bares, com seus salgados e cachaças, e clientes relâmpagos ou matando o tempo; as lotéricas, com seus esperançados apostadores; e outras tantas portas estão em silêncio, arriadas, desertas.

Os ônibus agora fazem ponto em outro local, e os passantes já não cortam caminho entrando nela. Ambulantes e desocupados se concentraram na Raposo Tavares. O território de rolistas, chiqueteiros, traficantes e prostitutas ficou restrito à praça. Ali também é espaço dos incautos, dos que não conseguem interpretar todo aquele movimento.

A velha rodoviária foi tirada dos comerciantes e de toda a fauna que nela gravitava. Houve uma interrupção no caminho. No meio do

caminho tinha uma rodoviária, que era fato e está indo para a história.

Na quinta-feira, a praça que leva o nome do bandeirante predador de índios estava mais lotada. Muitos ainda não encontraram lugar melhor para o seu trabalho específico. A Raposo Tavares só tem essa vida quase libertina porque a velha rodoviária a alimenta.

Com a interdição do prédio quase cinquentenário, que tanto pode ser demolido ou reformado para uma outra finalidade, ela tende a perder o seu vigor. Depois de muitos olhares e longos pensamentos, virei as costas para o "Seja bem-vindo" e fui em direção à Getúlio Vargas, passando por gente esperando ônibus, filando manchetes dos jornais das bancas, vendendo e comprando relógios, vendendo e comprando prazeres, passando por gente que ia e vinha, que ficava nas rodinhas, gente dispersa... Bem-vinda para a história, velha rodoviária!

A Rodoviária Américo Dias Ferraz era o assunto predomintante na época. Escrevi sobre a velha rodoviária quando o prédio estava interditado. Depois, foi demolido. Hoje é só história.

NEVE

18.02.07

19

MEMÓRIAS DE UM CARNAVAL ADOLESCENTE

Estamos no Carnaval de 1974. Olímpico e Country novamente se rivalizam para fazer os melhores bailes. Com decoração caprichada, os salões do Teuto Brasileiro, Centro Português, Maringá Clube e Acema também estão lotados. Quem é associado vai aos clubes, em pelo menos uma das noites. É uma tradição, quase uma obrigação.

Os jornais fazem ampla cobertura dos bailes. As marchinhas predominam. Sambas clássicos também são executados. Nada de sertanejo, jovem guarda, axé e pagode em ritmo acelerado. Durante meses os blocos prepararam suas fantasias.

Há vários concursos. Quem não quer usar máscara, pintar a cara ou pôr roupas extravagantes vai de bermuda, camiseta e tênis Bamba. O lança-perfume já é proibido. Proibido, mas difícil de fiscalizar. A festa vai até o amanhecer. A noite agitada termina com banhos de piscina. Os festejos do Momo começaram na sexta-feira e vão até a terça, entrando na quarta de Cinzas.

Continuamos ainda em 1974. A cidade ainda é Maringá, a região é central, o baile é de Carnaval. É o sábado de Carnaval. Mas o público não é sócio de clube, não tem fantasia, não bebe uísque e nem cheira lança-perfume.

Estamos no Ginásio do Maringá Clube, batizado de Ginasião. É o baile do povão. A prefeitura alugou o local e transformou a quadra em salão de baile. As arquibancadas são extensão do salão. Ali se dança, descansa, se abraça e se amassa.

A folia começou às 10 da noite e vai passar das 5 da madrugada. A barra só parece ser pesada. A segurança é frouxa, não houve revista na entrada. A polícia conhece quem é quem e, portanto, não há necessidade de grande aparato. As marchinhas acionam a alegria.

Os inevitáveis arranca-rabos começam e terminam rapidamente. Pessoas de todas as idades brincam no salão e nas arquibancadas. As mulheres de blusa e short comportados, e os rapazes de bermuda, sem

camisas. O bar vende cerveja e destilados. A entrada nos sanitários é tumultuada. Casais se enroscam no chão, junto à parede. É a paixão e o álcool embalando o Carnaval.

Passa da meia-noite. O prefeito e a primeira dama chegam com o Rei Momo. O vocalista da banda anuncia as autoridades. Todos batem palmas. Eles estiveram em todos os clubes e não iam deixar o Ginasião de fora. Saem logo. Muita gente faz questão de cumprimentar e agradecer o prefeito e a sua, diga-se de passagem, bela esposa, pela festa.

Depois de *Máscara Negra* vem a indefectível "Ai, ai, ai, ai, tá chegando a hora, o dia já vem raiando meu bem e eu tenho que ir embora". Amanhece. Quase todo mundo a pé, em direção aos pontos de ônibus. Amanhã tem mais. Mas os bailes populares foram para outros lugares até acabarem de vez. O Ginasião ficou aqui, bem guardado.

Lembranças dos bailes populares de Carnaval em Maringá nos anos de 1970. Inesquecíveis. Ali era o local em que os pobres se divertiam. Com o passar dos anos fui ao Olímpico, Country, Teuto Brasileiro e Acema, mas nenhum teve a graça do Ginasião. Muitas histórias eu poderia contar neste texto, mas preferi me posicionar como um mero espectador. O prefeito era Silvio Barros, pai do atual, e dona Bárbara a primeira dama. Naquela época era costume o prefeito visitar todos os clubes nas noites de Carnaval.

Maringá, quinta-feira, 09 de fevereiro de 1978 - ANO IV - Nº 1.066 - Cr$ 3,00 - Hoje: 18 páginas

Consumindo 130 mil garrafas de cerveja carnaval em Maringá foi movimentado

Para comprovar que o carnaval deste ano em Maringá foi um dos mais movimentados dos últimos anos, foram consumidas um total de cerca de 130 mil garrafas de cerveja, e mais 76 mil de refrigerantes, durante o Reinado de Momo. As noitadas carnavalescas nos clubes sociais da cidade, bem como os desfiles de rua, foram dos mais animados, quando os foliões se encheram de alegria a sambaram efusivamente. Ao contrário de outros anos, não houve casos que merecessem maiores cuidados por parte das autoridades policiais, o que prova que o período de momo em Maringá desenvolveu-se com certa tranquilidade. O som estridente do pandeiro e da cuíca cessou ontem pela manhã, restando, então, a saudade e a expectativa para 1979.

PÁGINAS 3,5, 6, 7,14 e 20

Acidente: mila salva três pes

Num verdadeiro milagre, três pesso morrer esmagadas, na tarde de ontem da rua Bahia e avenida Brasília, em La te envolveu um caminhão e dois testemunhas foi provado pelo motoris Andrade, da firma Pneumar, de descia pela rua Bahia, entrou i perigosa avenida Brasília, em dir Volks bateu de frente frontalmente nu por Sebastião Siviero, que estava sageiro. Sebastião, que reside em local do acidente, que foi impo pois o veículo pequeno surgiu ine Depois de bater no carro de João caminhão foi de encontro a parado no final da rua Bahia. com a lateral direita totalment funcionários da Viação Mota impacto, eles receberam aper cados por estilhaços no pár atingido foi o motorista ma Andrade, que fraturou o bra tos generalizados por todo totalmente desgovernado, rancar, com raiz e tudo, u em frente à Jabur. Some cruzamento foi responsáv nação e contornos para e versais).

Motorist

Um violento acident

25.02.07

20

O VELHO DE PASSOS TORTOS

"Conheço um velho ditado que é do tempo do zagais, diz que um pai trata dez filhos, dez filhos não trata o pai." Começa assim a música *Couro de Boi*, composta por Palmeira e Teddy Vieira nos anos de 1950, imortalizada pelas duplas Tonico e Tinoco e Tião Carreiro e Pardinho.

A moda inicialmente é declamada. Depois, com os acordes da viola, é cantada, e então é contada a história do velho pai que foi morar com o filho casado. Quem já passou dos 40 anos, mesmo não gostando da autêntica música sertaneja, deve ter ouvido.

Dias atrás, Seu Chico foi buscar sua minguada aposentadoria num banco. Com um lado do corpo inerte, em decorrência de um derrame – agora se diz AVC - no ano passado, o quase octogenário Chico, eletricista dos bons até os anos de 1980, aguardava sentado sua vez de receber pouco mais de 300 reais.

Camisa amarela de mangas compridas, calça marrom e sapatos pretos engraxados, Seu Chico era a resignação em pessoa. As instituições financeiras, dentro da sua completa isenção de sentimentos e máxima agressividade lucrativa, ainda não inventaram uma forma de transferir ou levar o dinheiro para os aposentados doentes ou com dificuldades para se locomover.

Sorrisos nos cartazes de propaganda não vão esconder a indiferença. Então estava lá o pequeno Chico, no alto do seu quando muito 1,60, com dificuldades para caminhar até o caixa e assinar o documento para a retirada.

Fazendo troça, o aposentado pergunta: "Já chegou a mil reais?". Dona Lúcia sabe que ele está brincando, e segue no ritmo: "Ainda não, mas qualquer dia desses o senhor chega lá." Dona Lúcia, que entrou agora na história, vem a ser a filha dele. Uma filha que ele adotou, ou melhor, foi adotado por ela. Seu Chico tem vários filhos, mas nenhum na cidade. E todos o ignoram completamente.

Eles se formaram, casaram, foram tentar a vida em outros lugares

e Seu Chico ficou. Viúvo, foi largado num asilo. Um dia, sem suportar a rotina, fugiu. Foi encontrado por dona Lúcia e pelo marido, que o levaram para casa. Passados alguns dias, convenceram-no a voltar para o asilo. Ele voltou, mas dias depois fugiu novamente. Para onde? Para a casa da filha postiça. E de lá não saiu mais.

Ela conta a história enquanto olha para aquela figurinha simpática e esquálida. Diz que de vez em quando Seu Chico puxa na memória fatos ocorridos há mais de 40, 50 anos, e os coloca no presente. Numa época de grandes dificuldades, os filhos de Chico são crianças que precisam de seus cuidados e proteção. Quando retorna da viagem no tempo, chora e ganha o conforto da filha adquirida na solidão.

Ele recebe, ela põe o dinheiro na bolsa e sai arrastando o velho que não era dela, mas que agora é porque ela quer que seja. O trecho declamado de *Couro de boi* continua tão atual...

Esta história realmente aconteceu, mas mudei todos os nomes. Não sei que fim levou Seu Chico; se está vivo, se os filhos continuaram a ignorá-lo e se ficaram sabendo que a história do pai deles foi escrita por mim.

SIDWOLF

04.03.07

A TRILHA SONORA DA VIDA

As músicas compõem a partitura da minha vida. Diariamente, ainda que por alguns minutos, tenho que ouvir alguém cantando ou tocando um instrumento. O lado bom da minha quase ignorância musical é que me permito ouvir praticamente tudo sem nenhum pudor.

Para a maioria dos meus consanguíneos e dos mais próximos tenho uma música própria, duas, até mesmo um repertório completo. Como cada pessoa e cada música têm personalidades próprias, faço o casamento de ambas e as levo por aí.

Já para fazer os estribilhos dos meus dias — e olha que são consideráveis janeiros — apossei-me de algumas músicas e fico enciumado quando alguém quer compartilhar, quer se associar comigo no gosto por uma delas. São exclusivas.

Penso que são exclusivas porque elas se tornaram a minha eterna ligação com determinado fato, pessoa e época. Essas músicas convivem harmoniosamente comigo. Eu as chamo de acordo com o meu estado de espírito.

Mas trago outras canções sem saber exatamente a razão. São trechos, refrões, fragmentos. Às vezes, sem me dar conta, começo a assobiar ou cantarolar músicas de cantores e bandas que há muito deixaram de fazer sucesso ou já encerraram suas atividades terrenas.

E essas canções, algumas quase desconhecidas, que inconscientemente as tornei inesquecíveis, surgindo avassaladoramente do nada, também trazem com elas pessoas e acontecimentos.

Uma gente que, na maioria das vezes, pouco representou na minha vida, e os fatos associados eu não os catalogo como marcantes. Ou não seria o contrário? Será que nesta minha infernal engrenagem eu fechei alguns acessos e quis que essas pessoas e suas histórias tivessem pouca ou nenhuma importância?

Detalhes assustadores vêm à mente quando me lembro de certos acordes ou quando ouço algum vinil ou CD requentado de artista ex-

famoso. Alguma senha é ativada e libera a passagem. Então, posso sorrir ou sofrer novamente, com variações de intensidade.

Os sons irrompem, dando sinal para me transportar por ambientes que eu julgava dizimados pelo tempo. Tempo, esse tirano inexorável que coloca a nós todos, feliz ou infelizmente, em pé de igualdade. Ou, mais dia menos dia, deitados em igualdade.

No fim das contas, a música nada mais é do que um eficaz exercício para a memória, fazendo liberar nossos adormecidos anjos e feras, na contínua interação com o presente e com outros períodos. São melodias para nos relacionar com gente que está do nosso lado, que está longe e que já se foi. E na soma de ritmos, de arranjos, vozes e instrumentos, vou compondo a minha muito particular trilha sonora e, ao mesmo tempo, participando de outras.

Para fazer este texto certamente tinha ouvido alguma música naquele dia e a relacionei com alguém. Acho interessante essa associação e tenho a certeza de que a maior parte das pessoas também liga músicas a pessoas ou a determinados períodos de suas vidas, bons ou ruins. Faça o teste.

FILA

11.03.07

AS QUATRO MOÇAS E O MEDO

Maringá está violenta, pesada, carregada. Está com o triste rosto das grandes cidades. É um rosto sombrio, impessoal. Agora estamos desconfiados, olhando repetidamente para os lados, e paramos de falar com estranhos. Agora o medo é nossa companhia nas calçadas, nos cruzamentos, nas filas, no trabalho. O perigo mora em qualquer lugar: na próxima esquina, atrás das árvores, no estacionamento, no banco, na lotérica, na farmácia, no bar, no supermercado e na escola. A preocupação se estende do centro à periferia, do bairro nobre ao bairro pobre. Não há mais ilhas de segurança, assim como já não existem os tais setores explosivos. Uma Maringá inteira, completa, foi apresentada à violência.

A foto do Ivan Amorin publicada na capa de O Diário na última quarta-feira, dia 7, foi chocante e reveladora: quatro moças acompanhadas do medo. A tradicional Casas Pernambucanas, encravada no coração da cidade, foi alvo de dois ladrões do Estado de São Paulo. Como se já não bastassem os nossos domésticos meliantes... Um deles chegou a falar que roubar em Maringá é "mamão no açúcar". Disse isso ou coisa que o valha para explicar que aqui somos um bando de incautos, que não se apercebeu de que os tempos são outros.

Nada levaram, mas o resultado do roubo pouco importa. Importa o ato, a comprovação da nossa fragilidade. Foi como se tivessem levado os resquícios de inocência da Cidade Canção. A gente vai fazendo vista grossa, não quer enxergar as mudanças. Quem já sofreu algum tipo de violência já mudou o conceito e tomou as devidas precauções. No entanto, são tantas as ocorrências diárias que não é preciso ter a casa invadida, ser assaltado, presenciar perseguições ou ter que se esconder durante um tiroteio para constatar que o terror está devidamente instalado em nossa cidade. A linda flor, a mais gentil do Norte do Paraná também foi ocupada pelo medo.

Voltando àquela emblemática foto, eram quatro moças apavoradas,

fotografadas logo após passarem por um grande susto no frustrado roubo à loja localizada na Brasil esquina com a Duque de Caxias. Naquela quarta-feira, peguei o jornal logo cedo. Enquanto tomava café na minha xícara favorita, enorme, em que cabe o equivalente a mais de cinco copinhos descartáveis, fiquei por um bom tempo olhando para aquela foto. As quatro funcionárias chorando, a perplexidade latente em cada uma das reações. Era um grito de socorro somado a um pedido de explicação pela falta de respeito, pela invasão.

O Ivan conseguiu captar o medo nas diferentes expressões das funcionárias, capturou a tensão e a concretizou no retângulo do jornal. Aquela foto serviu para varrer o resto de ingenuidade do maringaense. Meu café ficou gelado.

Mais um caso de escolher a crônica de domingo depois de ver uma foto no jornal. O Ivan Amorin conseguiu fotografar o medo. Eu quis interpretar esse medo captado dos olhares das moças. Foi a forma que encontrei para também gritar por socorro.

18.03.07

AMORES ACHADOS E PERDIDOS

É na noite, no bar pobre de piso trincado, balcões encardidos e lâmpadas amarelas que homens decrépitos, agarrados aos copos e às cinturas das moçoilas se tornam reis. O álcool e sabe-se lá o que mais sobem à cabeça, descarregando emoções e potencializando fortalezas. É a vida que passa pela madrugada. Ou são as necessárias madrugadas atravessando a vida?

Discursos ferozes e sensíveis. É o poder de mando que se perde no vento, mas vai se renovar no gole de amanhã. A salvação do mundo está nas palavras desses notívagos da perene esperança e da sempre adiada realidade, que desfraldam a bandeira da vitória como se a vida fosse tão somente um detalhe, e o bar, um eterno presente.

Depois da porta dos fundos surge o paraíso, num acanhado corredor com entradas lado a lado. Desvairados noturnos, vampiros em festa sugando fugazes prazeres ao som de canções derramadas de paixão. Lá na frente, de frente para a rua, as vozes gerais, uma babel de sons; os risos abertos e os sentimentos expostos; e os movimentos, sob o ritmo de uma trágica alegria, com hora certa para ter fim, mas com dia marcado para recomeçar. É a catarse programada para o confronto com tensões, medos e impotências diversas.

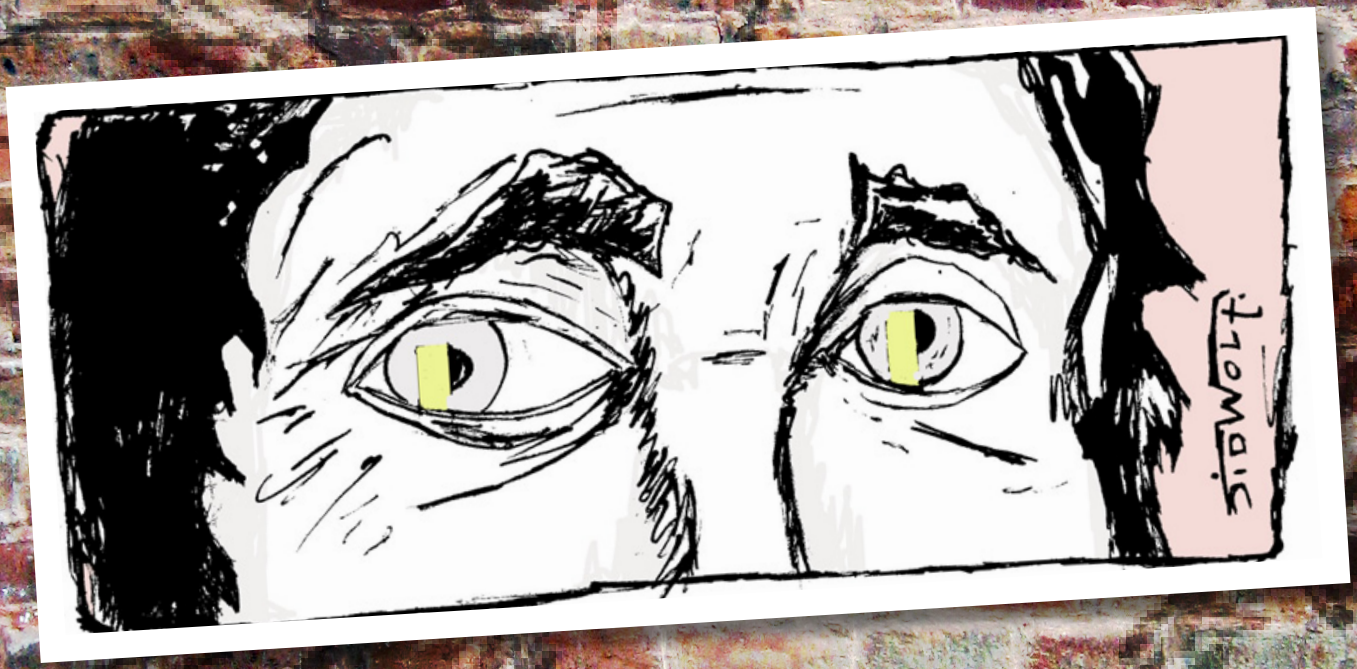
Amores achados e perdidos. Sob a luz âmbar, as meninas sem inocência, de todas as idades, estrelas brilhantes, parceiras da noite e de tantos quantos forem buscar conforto giram seus saltos e ativam todos os sentidos. Aliviam as dores dos homens ao mesmo tempo em que se esquecem das suas. Encontros nos descaminhos, prazer e sobrevivência, perfumes e suores diversos, mistura de odores e sonhos, palavras soltas e confidências relapsas, beijos cálidos e abraços amigos.

Um mercado de ilusões em que a troca é mais que urgente, é a essência para prosseguir. Enquanto isso, as mariposas dão rasantes suicidas em direção às lâmpadas. Tal qual as meninas. No bar proibido para menores e para maiores virtuosos, a noite é a rainha permissiva.

No primeiro olhar, um ambiente de decadência explícita, a reunião dos que ficaram à margem por razões distintas e não podem ou não querem atravessar para o outro lado. É a soma, e a interatividade de todos os vícios. São os escombros morais.

Lados opostos e próximos. O outro olhar é aquele que enxerga além dos móveis e objetos tristes e gastos, dos cômodos pequenos e simples, das garrafas vazias, das canções e das paixões descartáveis. É aquele que tenta clarear as luzes do teatro para desnudar os personagens, tirando-lhes a maquiagem para encontrar o real e compreendê-lo. Esse olhar que busca o entendimento é o que vai fazer poesia.

Retrato o bar de zona, de meretrizes. Lanço dois olhares distintos sobre o "inferninho". A ilusão, os prazeres e os vícios; a procura, a fuga, o encontro e a perdição; a certeza da ressaca e a soma dos contrastes. Todos têm direito à madrugada que quiserem.


Stewart

25.03.07

24

HISTÓRIAS VERMELHAS E AZUIS

Era obrigatório cantar o Hino Nacional antes das aulas. Não chamávamos professor de "você", e quando a diretora entrava na sala ficávamos de pé. Também fazíamos bagunça, talvez até mais do que a garotada de hoje, mas respeitávamos a autoridade instituída. Éramos exemplarmente punidos pelos nossos erros. Soldadinhos em ordem unida obedecendo a um comando devidamente avalizado pelos nossos pais.

O professor ditava o ritmo da nossa vida escolar. O pedido era uma ordem, sem diálogo. A tarefa era dada e tínhamos que cumpri-la, fizesse chuva, fizesse sol. O controle era o boletim, que bimestralmente teria que ser assinado pelo pai ou responsável. As notas baixas eram um martírio. Tudo bem que os castigos não fossem medievais, mas diga para uma criança que ela não pode sair de casa enquanto os amigos estão num campo de futebol...

Quer um suplício ainda maior? Imagine seu boletim recheado de notas vermelhas e sua mãe brandindo irada aquela folha retangular, dizendo: "Você vai ver a hora que o seu pai chegar!" O coro comia na minha casa, como na casa de tantos garotos com boletins de coloração avermelhada.

Cabe aqui relembrar um fato marcante na minha manca vida estudantil. No auge da esperteza dos meus 12, 13 anos, adotei uma interessante e desabonadora estratégia, que pode ser perfeitamente compreendida; afinal, estávamos numa guerra. Meu querido avô Jacinto, que Deus tem em sua companhia há mais de três décadas, era quase cego.

Então, eu chegava com meu vergonhoso boletim para o Vô Jacinto e dizia que queria ver como estava a letra dele. Ele assinava no lugar do meu pai e eu conseguia uma sobrevida por mais dois meses. Hoje, penso que o meu avô era muito mais esperto do que eu. Para me ajudar, ele fazia de conta que estava sendo ludibriado.

Já a reprovação era o ápice do sofrimento. Parece exagero dizer isso, mas era algo próximo de uma tragédia familiar. A derrota do filho na escola representava a perda na guerra. O soldadinho era um preguiçoso que não sabia lutar. Os parentes e a vizinhança comentavam sobre a triste sina dos pais com aquele filho reprovado.

Já a aprovação era comemorada. Não aquela aos trancos e barrancos com segunda época, recuperação e tudo mais. Falo da aprovação direta, com notas azuis de cabo a rabo, médias altas em todas as disciplinas.

O caxias ou CDF, sigla a que me reservo o direito de não explicar porque todo mundo sabe o significado, tornava-se o herói da família, o orgulho dos pais, o tal "menino com futuro certo". Se é válido esse modelo de educação não vou poder dizer, porque a minha avaliação está comprometida, impregnada de muitas recordações. Só digo é que ficaram eternas lições.

Esta história me valeu um e-mail irado de um cidadão. Ele me disse que sou um mau exemplo, principalmente porque enganava meu avô quando ele assinava meu boletim sem saber. O que é que eu posso fazer? Foi assim que aconteceu na minha pobre vida estudantil. Só posso dizer: "Crianças, não façam isso!"

Lingua Portuguesa - 60
Matemática - 70
História - 50
- 40
- 7
- 80
Física - 80
Química - 70
Filosofia - 55
Inglês

01.04.07

SÓ PARA VER A PAISAGEM

As palavras surgem com dificuldades. Hoje, não haverá nada de mediúnico, se é que algum dia houve. É transpiração absoluta, é a cabeça latejando. São muitos os temas com possibilidades de render uma história, porém eles chegam, passeiam na mente, mas não tomam corpo. Saem ou se escondem para voltar mais tarde, quando já não me interessam tanto. Hoje, não vão surgir frases prontas, nada de entrega em domicílio, de transferência imediata do cérebro para os dedos.

Mas não vou desistir. Quem sabe, escreverei sobre o Hino do Galo, que fiz com o Cláudio Viola, com os arranjos do Ronaldo Gravino. Com aquela voz versátil aliada a um instrumental vibrante, o artista Ronaldo deu vida às nossas estrofes ufanistas e esperançosas no clube maringaense.

Nesta sôfrega busca, rastreio notícias. Lembro-me de que a Cidade Canção faz aniversário no mês que vem. Então, vou deixar para quando maio chegar. No mês das mães, das noivas e de Maringá pretendo fazer minhas modestas homenagens relembrando fatos históricos ou aqueles bem pessoais. Quero me irmanar ao sentimento maringaísta e comemorar com orgulho e satisfação o aniversário da menina sexagenária.

O surto da dengue, como nunca se viu por estas bandas, também renderia. O trânsito endiabrado, com pouco espaço para muitos carros, ônibus, motos, bicicletas e carroças é outro assunto que poderia chamar a atenção do estimado leitor, que muito me honra ao dedicar alguns minutos de seu precioso domingo para abrir esta página.

Daria para discorrer sobre os meninos e as senhoras pedindo dinheiro nos semáforos. A prefeitura pôs placas pedindo para que a gente não dê dinheiro, mas as moedas continuam a ser dadas, alimentando a mendicância. Os flanelinhas, aqueles metidos a valente, também são um bom e revoltante tema. Na pressão e na ameaça, eles pedem para cuidar do seu carro. E você, desamparado, olha para os lados e, com

bom senso, aceita a extorsão.

São tantos os assuntos, mas nenhum deles me inspira suficientemente para pô-los na tela. Então, fico procurando algo ameno que poderia exercitar meu debilitado, mas sempre presente, espírito poético. Penso nos canteiros de flores que estão sendo formados na Tiradentes, reforçando o título, pelo menos para mim, de a mais bela avenida da cidade.

Agora há pouco vi uma fila de crianças de uma escolinha. Todas elas uniformizadas, de mãos dadas, atravessando a faixa de pedestres, com uma tia na frente e outra atrás. Cheguei a pensar em escrever sobre elas, sobre essa turma que começa a dar os primeiros passos para enfrentar as inseguranças nas faixas desta vida, deste mundo de futuro incerto. Mas hoje vou ficar na superfície. Como alguém que se senta no banco da praça só para ver a paisagem.

Falta absoluta de inspiração. Quando estou na hora-limite para a entrega do texto, o chamado deadline, termo que os jornalistas e professores de comunicação adoram usar, escrevo o que vem à cabeça. Foi o que aconteceu neste caso. Abordei pelo menos oito assuntos sem me aprofundar em nenhum até porque sobre a maior parte deles eu já havia escrito em outras crônicas.

08.04.07

26

SÓ MAIS UM NA CALÇADA

Nesta calçada larga, comprida e movimentada em que eu caminho agora, vejo gente de todos os tipos, idades, tons, tamanhos e reações. Nesta calçada em que manobro meu corpo, esbarrando nas pessoas e desviando delas, eu e muitos vamos enquanto outros tantos vêm.

Vamos, sem saber exatamente para onde, e eles vão atrás de não sei o quê. Vem uma grande curiosidade de saber o destino de cada um desses estranhos seres. Quanto mais vão andar? Por que são rápidos? Por que são lentos? Por que voam? Por que se arrastam? Por que andam? Por que ficam no meio do caminho?

Rostos anônimos, sós e em bandos seguem, dão meia-volta, interrompem a caminhada ou atravessam a rua. Carregam seus pacotes de sonhos e sacolas de dores ou estão com as mãos livres, livres para conquistar pessoas e coisas, livres para abrir caminhos sem companhia. Cobrem os corpos ou partes deles com tecidos sem estampa ou coloridos, compridos ou curtos, comportados ou ousados, para informar a personalidade e o estilo através deles.

Cortam os cabelos, raspam, deixam crescer, penteiam, amarram, deixam os fios espalhados, fazem tranças, pintam, descolorem, põem adereços. Usam metais nos dedos, nos braços, no pescoço, nas orelhas, furam a pele. Fazem desenhos nos corpos, põem letras pequenas e enormes, pinturas singelas, fantasmagóricas, religiosas... Tudo para ser únicos!

As cabeças viram para todas as direções, buscando apreender o que for possível na festa de cores e sons. Ou abaixam a cabeça, nariz rumo ao chão. Vão absortos, ou são levados, entrincheirados em seus mundos. Homens que andam eretos e curvados, senhores de si e intimidados, livres e presos.

Na calçada cada um desfila a seu modo. Os homens são bichos em exposição. Uma passarela em que assistimos e somos observados. Verificamos todas as diferenças para concluir o quão profundamente

somos iguais. E isso nos conforta.

Nesta calçada que me leva, corredor dessa gente sisuda, alegre e indiferente, imponente e cabisbaixa, tento caminhar em linha reta, mas sou obrigado a fazer curvas; tento acertar uma postura, mas o corpo às vezes cambaleia; os passos querem ser firmes, mas às vezes vacilam; quero não me incomodar e passar incógnito, mas sei que estou sendo visto ou vigiado; quero simplesmente andar, mas não fico incólume; e quero me fazer entender, mas sou mais um rosto.

Sou parte desse todo, partícula, complemento exclusivo, mas descartável. Massa dessa massa, só mais um anexo da história geral, só mais um na larga, comprida e movimentada calçada, sem saber exatamente para onde vou, atrás de não sei o quê.

Imaginei uma calçada bem movimentada com pessoas de todos os tipos. Cada uma caminhando à sua maneira, tocando a vida. Eu também entro na avenida, passo a me analisar e concluo que sou apenas mais um. Sei que tal tema é bastante recorrente, mas fiquei bem satisfeito com o produto final.

15.04.07

NOITES NO FIM DO MUNDO

O cantinho de Olegário ficava no final de uma ruazinha ordinária. Ou na extensão dela. Para chegar à última e solitária casinha era preciso enfrentar um cascalho e depois um declive bastante irregular. Os postes ficavam para trás, antes da extenuante caminhada por terra. Ao fundo, uma mata alta, vistosa.

O pó ou o barro e a distância de tudo haviam isolado o lugar. Olegário gostava dali. Sem vizinhos, nem número na porta, caixa de correio ou coleta de lixo. Uma cerca viva, ligada a uma varandinha por um estreito caminho de tijolos quebrados delimitava seu precioso espaço.

A companheira se fora. Olegário não explicava como, quando e para qual lugar. Olegário era só, e assim havia de ser porque ele queria que fosse. A companhia era Ringo, o cão magro e sonolento que, a exemplo do dono, não tinha pressa nem ansiedade. Era o terceiro Ringo, tão sossegado quanto os outros, que morreram de velhice, ou melhor, de excesso de vida. E assim seria com o quarto, o quinto... Todos Ringos, todos em paz. Assim como Olegário.

Na casinhola de três cômodos mínimos, equilibrada em velhos troncos e ripas rachadas, o solitário Olegário era feliz. Sem eletricidade, conforto nem integração com o mundo, ele tornava longas e suaves suas noites.

Olegário preparava sua comida, lavava sua roupa, cuidava de antigas dores, acondicionando-as resignadamente, e guardava seus sonhos. Seu prazer era pôr um calção e se sentar na soleira da porta para ouvir o silêncio e os grilos ocasionais. Quando a lua não vinha, um negrume avassalador circundava a casa, passava pela varandinha, penetrava na cozinha e nos quartos, fazendo transbordar a solidão. Uma solidão de que ele precisava. Na noite quente, quando a lua era cheia, ela clareava o verde da mata, o marrom do carreador e o sorriso de Olegário. Solidão com sorriso.

Distantes, em outro mundo, os cães ladravam. Ringo ignorava, encostando a cara no chão. Longínquos roncos de motores queriam avisar da existência humana. Em segurança no seu lugar, na sua fortaleza, junto da natureza acomodada, parceira silenciosa, Olegário trocava olhares com o mato, a terra e o céu, e se desprendia do relógio e das pelejas. Humano bicho Olegário, pele escura de pai, de mãe e de sol. Mãos duras feitas pelos cabos e ferramentas. Sorriso de brilho, que saía da alma de luz.

Assim eram as noites de Olegário. Livre e saciado, num mundo de contemplação onde o tempo parava, esperava ou caminhava lento, querendo se esquecer de avisar o sol. O progresso, com aspas, engoliu Olegário, sua casinha, o mato, o cachorro e suas noites.

Ficção. Dei o nome de Olegário para o personagem em homenagem ao velhinho caseiro do Tiro de Guerra de Maringá nos anos de 1970. Ringo era o cachorro lá de casa nos meus tempos de criança e adolescência. A motivação para escrever este texto foi a saudade. Não sei exatamente do que ou de quem.

SIDWOLF

29.04.07

28

CORRE LÁ, TONINHO, VÊ COMO É QUE FOI!!

"Corre lá, Toninho, vê como é que foi!!" Saía voando do quarto, passava pela sala e atravessava a Floriano Peixoto. Chegava na casa da dona Lídia para ver o replay do gol do Brasil. Voltava correndo e contava para o meu avô Jacinto cada detalhe do lance. Foram quatro idas ou mais. O Brasil venceu a Tchecoslováquia por 4 a 1. Copa do Mundo do México, 1970, dia 3 de junho.

Na casa do Vô Jacinto e da Vó Maria não havia televisão. Pouca gente tinha televisão naquela época. Dona Lídia tinha uma Colorado RQ com pés embutidos. A vizinhança lotou a sala da casa dela naquele dia e lotaria nos jogos seguintes. Não fui porque quis ficar com meu avô ouvindo o jogo. Vô Jacinto era quase cego e se emocionava criando as imagens do jogo.

O rádio era seu companheiro inseparável. Ouvia futebol, novelas e programas sertanejos. "Corre lá, Toninho, vê como é que foi!!" Eu voltava gritando: "Vô, o Rivelino chutou e a bola atravessou a barreira." Mais uma vez: "O Pelé matou no peito e chutou no ângulo." Novamente: "O Jairzinho chutou rasteiro no canto." E para fechar a goleada, eu dizia para ele: "O Jairzinho deu um chapéu no zagueiro e fez o gol."

Ele sorria, olhando para um ponto perdido. Sentado, com os braços sobre as pernas, ele cruzava os dedos. Cruzar os dedos era o gesto característico do Vô Jacinto. Imaginava o que eu havia lhe falado e criava os gols à sua maneira. Assim foi contra a Romênia e o Uruguai, este no dia do meu aniversário de 13 anos. Foi 3 a 1 para nós, um sufoco, uma tensão só desfeita depois que Rivelino fez o terceiro.

"Vô, o Tostão passou para o Clodoaldo chutar no ângulo; o Jairzinho entrou driblando pela direita; o Rivelino chutou da meia-lua." Idas e vindas alegres naquelas inesquecíveis quartas-feiras noturnas na Vila 7 (agora mudaram para Zona Sete), a uma quadra e meia da São Paulo. Nos domingos, assistia na casa dos meus pais. Contra Inglaterra, Peru e nos 4 a 1 na Itália, que valeu o título.

Lá também tinha uma Colorado RQ. Dezenas de pessoas, gritaria, abraços, rojões, cerveja... Bem diferente da torcida cúmplice e quase silenciosa minha e do meu avô. Imagens da tevê em preto e branco e lembranças coloridas. Vô Jacinto não esperou a Copa de 74. Morreu no ano seguinte. A casa de madeira na Vila 7 (agora é Zona Sete) ainda está lá. A da dona Lídia também. Ela, não sei por onde anda.

Outras pessoas, que não conheço, moram nessas casas. Um tio ficou com o rádio do meu avô. Eu fiquei com um monte de lembranças. Já se passaram tantas copas... E o Toninho continua vendo como é que foi.

Este texto está no meu livro "Maringânias". É uma homenagem ao meu avô Jacinto, à Vila Sete (que agora, inexplicavelmente, chamam de Zona) e àquela extraordinária Seleção de 1970. Bons tempos. Pura emoção!

06.05.07

29

E PASSARAM 60 JANEIROS

Maringá das casas de madeira, com suas singelas varandas; suas cercas de balaústres separando terrenos e unindo vizinhos; longas conversas ao luar; habitantes iluminados e felizes, cúmplices de um tempo e de um lugar.

Maringá da poeira e do barro, das ruas de lâmpadas amarelas, de seus lentos veículos, geradores, limpa-pés, fogões de lenha, pomares e galinhas no terreiro. Maringá com seus homens de chapéu e suas mulheres de sombrinha ou lenço na cabeça. Aventureiros. Eternos jovens aventureiros ignorando ou rindo do futuro e fincando os pés no presente.

Maringá com suas crianças de pés descalços correndo livres, subindo em árvores. Maringá domingueira, de sapatos engraxados, de missa, batizado e quermesse. Maringá festeira, dançando nos bailes da saudade. Bailarinos da alegria e da esperança deslizando pelo assoalho de um rústico salão ao som de marchinhas e boleros.

Maringá do mato e dos córregos, dos bichos e das aves, da botina e do facão, do arreio e da espora, do machado e da enxada, do martelo e do serrote, dos balcões dos bares e das modas de viola, dos desafios, das dores e das conquistas. Chuvas de manga, arco-íris alvissareiro, sol brilhante, lua cheia e uma canção que virou cidade, cidade que ficou sendo Maringá, a *que mais dava o que falar*.

E a música foi atravessando o tempo, saindo do lugarejo, das carroças, das jardineiras e entrando no asfalto; saindo das varandas e quintais, subindo em prédios; e deixando a mata, as picadas, entrando nas avenidas. E continua ecoando.

Terra desbravada, traçado definido, expansão. Maringá de 60 janeiros, o avanço do concreto, das cores e dos sons. Construções e reconstruções diárias. Rápidas mutações, inexatos entendimentos.

Gente em movimento, em todas as direções, motores em rotação, néons nas fachadas, o piche, novos muros. Gente que chega, gente

que vai, volta ou nunca mais aparece. Gente que fica, eternos jovens de comportadas e calculadas aventuras.

Maringá verde, de encantos e tensões, acelerando, pedindo passagem, resoluta. Maringá polo, de atrações gerais, de faces múltiplas, seguindo independente. Paisagens não tão serenas, a sisudez se acentuando, a terra não tão à mostra, os sentimentos não tão expostos.

Mas, ainda que mude todo dia, ainda que a memória falhe, que os retratos repousem em álbuns esquecidos, sempre alguém vai suplicar para que nunca se esqueça da Maringá do mato e dos córregos, dos bichos e das aves, das modas de viola, dos bailes, dos eternos aventureiros e das crianças de pés descalços correndo pelas ruas empoeiradas, desdenhando do futuro.

A partir da poesia que está no meu livro Maringânias montei este texto em homenagem a Maringá pelos seus 60 anos. Busquei retratar o início da cidade até os dias de hoje.

13.05.07

30

IMPRESSÕES DE UM DESFILE

Um garotinho, de mais ou menos 2 anos de idade, corre sorridente, segurando um cata-vento, na calçada da XV de Novembro, enquanto o pai vai atrás. Prossegue o desfile de carros alegóricos e antigos, de veículos de órgãos públicos e de empresas.

Gente de todas as idades e descendências marcha, dançam, pulam na avenida, ou simplesmente caminham. Som de bandas e fanfarras. Meu amigo radialista Ari Bueno de Godoy, que vem contando a história desta terra há mais de 40 anos, solta a voz no alto-falante oficial, apresentando as diversas atrações que passam em frente ao palanque das autoridades.

São 11 horas. A arquibancada tubular está tomada de gente agitando bandeirinhas de Maringá, fotografando e batendo palmas. No final de uma manhã de sol tímido e de um frio fazendo a estreia no ano, Maringá comemora o 60º aniversário pondo sua gente na rua. A XV repleta das tradições dos vários povos formando um povo; um povo em contínua abertura a influências gerais, que se molda e se adapta.

As comunidades e as escolas com suas manifestações artísticas e culturais; as associações e entidades desenvolvendo projetos e atividades muitas vezes ignorados pela população; e os órgãos públicos e as empresas que se unem para dar o suporte dessa integração.

Eles põem movimento, sons, cores e belos exemplos na avenida. À minha frente, passa tudo isso. Em alguns momentos, o desfile perde o espírito para abrir passagem a um veículo de uma farmácia, a um boneco de um banco e a uma empresa de eletro-eletrônicos distribuindo bonés. Mas fico condescendente; afinal, é preciso o tal suporte para a integração.

Logo a emoção está de volta com a fanfarra da Apae. Nenhuma novidade. Sempre que ela surge com suas singelas evoluções fico emocionado. Os atletas de vôlei da terceira idade, com sua alegria sincera, também dão um belo exemplo.

Cordas separam a avenida da calçada e do canteiro central, mas muita gente não obedece à divisão. Aparece um baner trazido por duas garotas: "Jogue o lixo no lixo". Olho para o chão e percebo que muitos desfiles e mensagens ainda serão necessários. Quem sabe quando o menino do cata-vento for homem formado.

Muita gente também na arquibancada das autoridades. Lá, os pioneiros ocupam lugares privilegiados. Alguns estão bem compenetrados, outros parecem incomodados. Passam os últimos carros. Está terminando. Dispersão de pais e filhos, casais de namorados, rapazes e moças, meninos e meninas, idosos... O povo se viu na avenida, se identificou. E o desfile vai prosseguir sempre.

Estive no desfile comemorativo aos 60 anos de Maringá, na XV de Novembro. A fanfarra da Apae novamente arrancou aplausos demorados do público e por pouco não me arranca lágrimas. Muita gente compareceu. Lembro-me de que sai do desfile tentando guardar tudo o que tinha visto para pôr na crônica de domingo. Liguei o rádio na CBN. Para homenagear Maringá tocaram uma música que eu e Cláudio Viola compusemos em 1997, a "Maringá Velho". Emocionante!

20.05.07

O NOSSO NOME NA LOUSA

As pessoas aparecem na nossa vida, ficam um certo tempo e seguem. A gente nem grava o nome de algumas. Outras marcam o nosso coração para o resto da vida. Os dias passam, e muitas se vão. Vão tentar a vida em tantos lugares que a gente nem sabe se haverá reencontro. Outras deixaram de tentar e a gente sabe que não vai vê-las jamais, pelo menos neste mundo. As pessoas vêm e vão, e eu vou ficando.

Dia desses, fui ao Cemitério Municipal. São tantos parentes, amigos e conhecidos que fixaram residência lá... Na entrada, escrito na lousa, o nome do morto do dia, sepultado horas antes. Um nome familiar. Puxei nesta memória capenga e traiçoeira, de possibilidades nulas de cura, de onde é que o conhecia. Em poucos minutos me lembrei daquele senhor alegre e animado dos anos de 1980, que morava próximo à Igreja Divino Espírito Santo, na Zona Sete. Mais de 20 anos sem vê-lo e fui me lembrar dele só depois de sua morte. Fazer o quê? São as pessoas que surgem na nossa vida, que vão e não percebemos. Ou a gente é que vai saindo sem elas notarem.

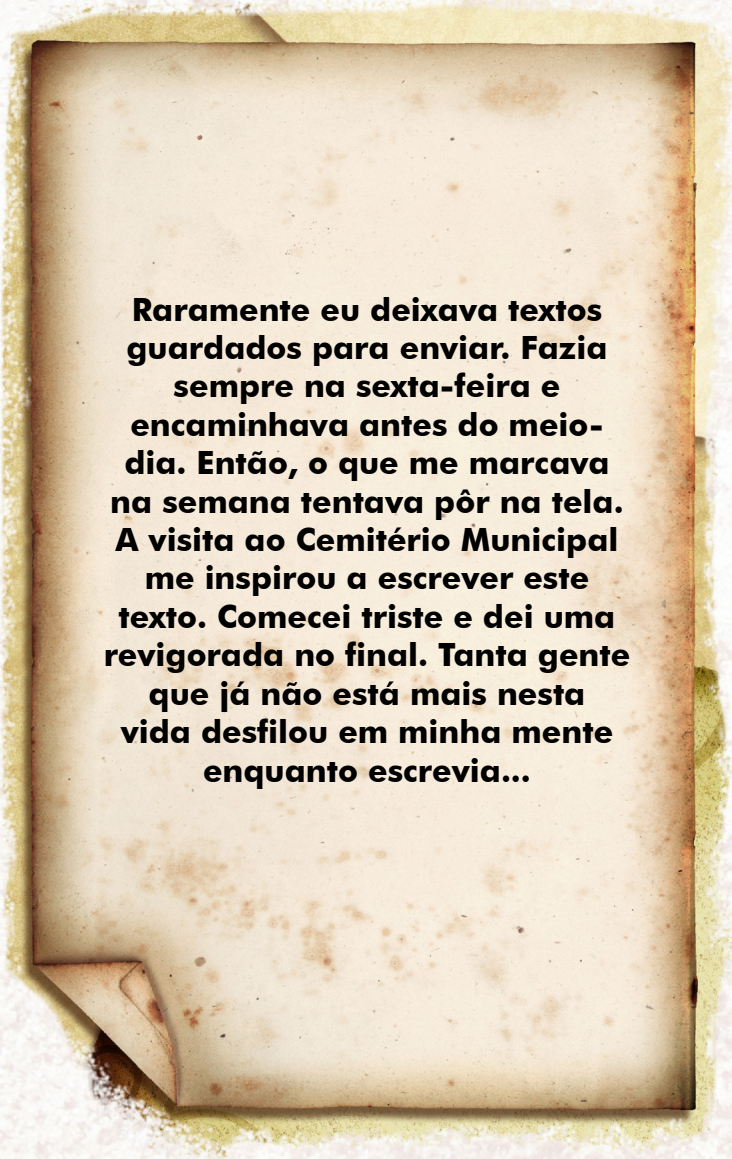
Existem – ou existiam – aqueles que se foram e nos deixaram um vazio, uma falta, um incômodo, um sei-lá-o-quê de sentimento mal resolvido. Deixaram uma dorzinha incessante que o dia a dia vai tentando aplacar. Mas às vezes a dor é intensa. Ela chega junto com o silêncio, quando estamos sós, fazendo elucubrações sobre esta vida ou quantas vidas nos foram dadas. Então, uma lâmina imaginária transpassa o peito, a garganta fica presa e os olhos vertem as lágrimas que sempre estiveram ali, na expectativa.

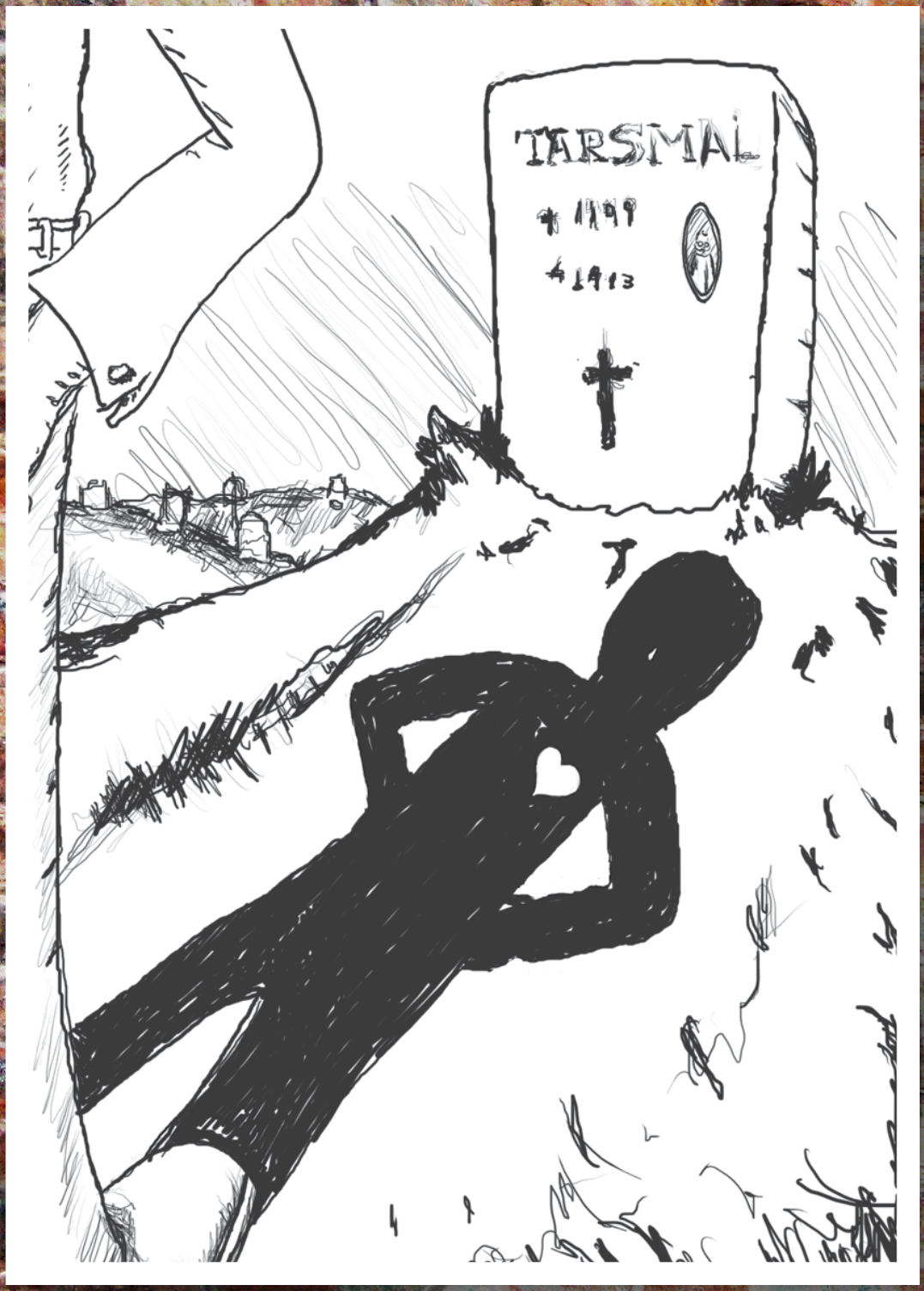
São as pessoas que sempre estão aqui, do nosso lado, no nosso mundo, no dia a dia, no nosso coração. Não conseguimos conceber a vida sem elas. São as tais que, quando vão, deixam tantas marcas na casa, na rua, no bairro, na cidade, nos outros, na gente... Elas são e estão tão presentes que não permitimos que descansem. O cotidiano

sobrepõe-se àquela dor porque é preciso que assim seja. Porque prosseguir é necessário e reconfortante.

Mas a lâmina nunca deixa de vir. Forte, profunda e permanente. Como a avisar do finito, a alertar que é preciso que soframos porque outros também vão acabar sangrando por nós. Mais ou menos. Vai depender das marcas que deixarmos.

Mas, em que pese todas as dores, com maior ou menor intensidade, é melhor ter as lágrimas do que não marcar e não ser marcado. A vida só é plena quando lerem o nosso nome na lousa, mesmo que demorem um pouco para se lembrar.




TARSMAL
* 1199
+ 1913

27.05.07

OS TRÊS MENINOS NA FOTO

Com uma Pentax a tiracolo — ou seria uma Canon, ou uma Olympus? — o fotógrafo folheava o álbum para a mãe. Para convencê-la, ele apresentava um mostruário de fotos de crianças de idades variadas e poses tradicionais. Dizia que o álbum de seus filhos seria entregue em 15 dias e ela só começaria a pagar 30 dias após o recebimento.

Dúvida cruel. A mãe olhava seus três pequenos brincando no quintal, pensava nas contas e ficava preocupada com o marido, que sempre reclamava dos seus exageros nas compras. Ela virava lentamente as páginas do álbum sem prestar atenção nos meninos e nas meninas quase sem expressão, nada fotogênicos. Era como se o movimento de virar as páginas colaborasse, e lhe desse as forças necessárias para dizer não.

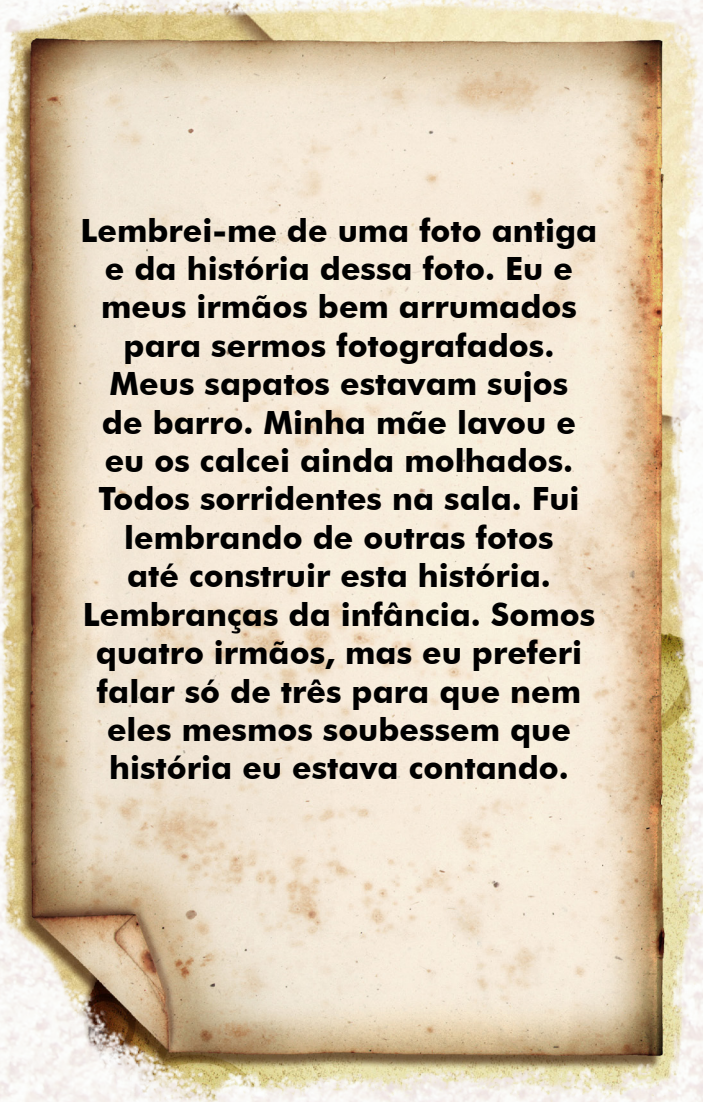
Mas o sim era latente. Estava para sair da boca. Ela quase pedia para que o fotógrafo viesse com um argumento irrefutável, definitivo. E veio. Em vez de oito, ele parcelaria em dez vezes. Queria tanto guardar uma recordação de seus meninos... O tempo passa tão depressa que logo estariam todos longe do quintal e da sua saia. Olhou o caçula ajoelhado, empurrando uma caçamba; o do meio fazendo uma estradinha sobre morrinhos de areia; e o mais velho fincando palitos no chão, cercando um curral. Não pensou mais nas contas, nas broncas do marido e nas dificuldades. Pegou os meninos pelo braço e levou-os ao banheiro.

As crianças não entenderam. Não estava escurecendo, não havia visitas e não era domingo. Numa tarde, no meio de uma semana, lá estavam eles de banho tomado, cabelos penteados, sapatos limpos e roupas domingueiras. Compreenderam o porquê da quebra de rotina quando tiveram que se sentar, sérios e empertigados, no sofá de courvin vermelho, no sistema "escadinha". Explicando: em sequência de idade. Depois, o trio ficou ao lado da televisão Telefunken.

Cada disparo da máquina enchia a mãe de orgulho e contentamento. Os meninos, calças com joelhos de fora e camisas de colarinho e mangas

curtas, confecções próprias, produzidas pela Vigorelli, grife Mamãe, eram levados da sala para a varanda, onde a Monareta também ia ser fotografada. O pequeno na garupa, o do meio sentado no selim e o mais velho em pé, segurando o guidão. Da varanda para o quintal, num ângulo mais aberto, com a casa de madeira ao fundo. Outra foto no portão, mais outra...

O telefone toca, tirando a mãe de uma viagem de várias décadas. Ela atende. É o caçula perguntando das suas dores nas pernas, da pressão. Ela desliga e fica um longo tempo vendo uma fotografia antiga em cima da cômoda. São três meninos num sofá vermelho. Seus eternos meninos.



03.06.07

NOSSAS MANCHETES DE CADA DIA

O papel de um jornal é contar a história de sua cidade, sua região e sua gente. Mesmo que o papel sirva para finalidades outras depois de lido, o jornal cumpre seu objetivo quando pelo menos se aproxima do retrato do cotidiano. Jornal não faz manchete.

As manchetes estão sendo feitas a todo momento, em todo lugar. O jornal tem de encontrá-las, discernir quais as melhores, as que vão chamar mais a atenção, atingir um público maior, contribuir, mexer com as pessoas, interferir, incomodar. Ao publicar aquilo que considera o resumo do dia, o jornal vai registrando a história.

Na quarta-feira (30), a manchete do O Diário foi sobre o empenho do vice-reitor em federalizar a UEM. Uma notícia de destaque merecido. No entanto, a foto, tomando cinco colunas, de um pai chorando sobre o peito do filho assassinado ofuscou a UEM e todas as outras informações da capa.

Meio ambiente, Libertadores, handebol, Requião, saúde de Maringá e sacoleiros se tornaram irrelevantes diante da foto do repórter fotográfico Douglas Marçal, carregada de dor, revolta e incompreensão.

Há quem diga que o título "Pastor vê filho morto e implora a Deus" e a foto foram apelativos, que o fato poderia ser divulgado mas sem as fortes cores. Comparando com os índices de violência de outras regiões, Maringá ainda não chegou a uma situação-limite.

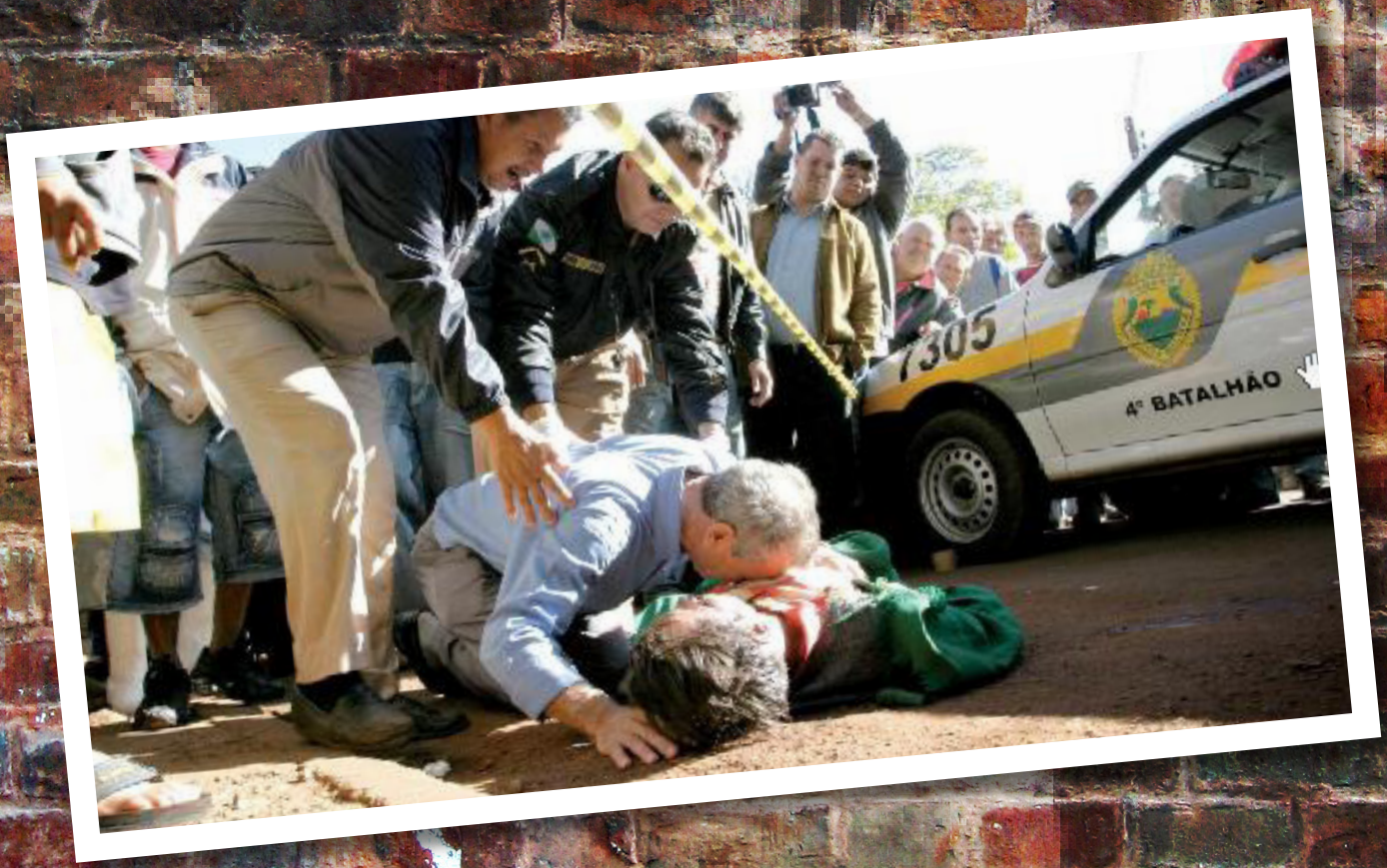
Por isso o choque é natural, assim como é compreensível o questionamento ao espaço destinado a fatos violentos. Ainda nos chocamos. Pior seria se olhássemos o título, as fotos, a da capa e a interna, e a matéria do repórter Roberto Silva e passássemos adiante como fazemos em relação aos arrombamentos a residências e aos furtos de veículos.

A tragédia da família do pastor não pode ser banalizada, jogada numa nota de rodapé. É da sua carga emocional que vamos tirar lições. É preciso registrar a história deste tempo em que frutos verdes caem da

árvore da vida com uma frequência cada vez maior, tempo de sonhos precoces, de armas sendo a extensão das mãos, de mães sobrevivendo apenas pela dor e espera de justiça, e de pais, como o arrasado pastor de Sarandi, erguendo as mãos à espera de milagres.

Que sejam esporádicas as notícias como essas. Mas quando elas estiverem olhando para nós, numa manhã de uma quarta-feira qualquer, que sejam bem mais do que informação; que elas sejam denúncia, alerta e pedido de socorro, que provoquem discussões resultando em algo prático. As nossas histórias podem ser mais alegres. Nós é que fazemos as notícias. Jornais cumpridores de seu papel, que tratem de publicá-las.

A foto da capa do jornal deu o que falar. O pai, um pastor, chorando sobre o corpo do filho que havia sido assassinado no meio da rua, em Sarandi. Precisava abrir uma foto daquele tamanho na capa do jornal? Continuo achando que precisava. Que não seja uma rotina, mas de vez em quando é necessário o choque para despertar. Ali, O Diário também pediu socorro.


7305
4º BATALHÃO

10.06.07

34

UM PEDACINHO DO BRASIL

O preocupante é que estamos achando tudo tão absolutamente normal. Meio-dia da última segunda-feira, na calçada da XV, quase esquina com a Duque: um homem dorme enrolado em panos sujos e papelões. Descendo um pouco mais em direção à Paraná, outro está deitado, o corpo dobrado rente a um muro.

E quem passa parece achar tudo normal, assustadoramente normal. Só dou conta da minha quase indiferença algumas quadras depois. A cidade segue seu curso na agitada segunda-feira e eu vou acompanhando. A chaga da pobreza e dos descaminhos aberta nas ruas, e eu, na minha solene insensibilidade. Nós todos, solenemente insensíveis.

Cada dia mais, tudo vai ficando absurdamente normal. Pedintes e andarilhos já não despertam uma simples atenção, sequer um rabo de olho. Eles vão carregando suas cruzes nos cruzamentos e nós vamos desviando, saindo de lado, tirando o corpo, o carro e o coração. A gente aperta o passo, enfia a mão no bolso para sentir a carteira e segue. A gente sobe o vidro e fica ansioso para o sinal abrir.

Tudo tão normal na superfície, acima do meu olhar. Tudo desgraçadamente óbvio nas mãos esticadas das crianças, nos corpos esparramados abaixo das marquises, nas velhas maltrapilhas, nos velhos doentes buscando migalhas e nos jovens perdidos.

Tudo aterrorizantemente normal nessa nossa aldeia, bela por natureza e pelo planejamento. Aldeia de verde e concreto que vai dividindo os espaços com grades, que sorri de soslaio, que passou a dizer ''bom dia" por obrigação, que se arma com todas as armas e blinda o coração.

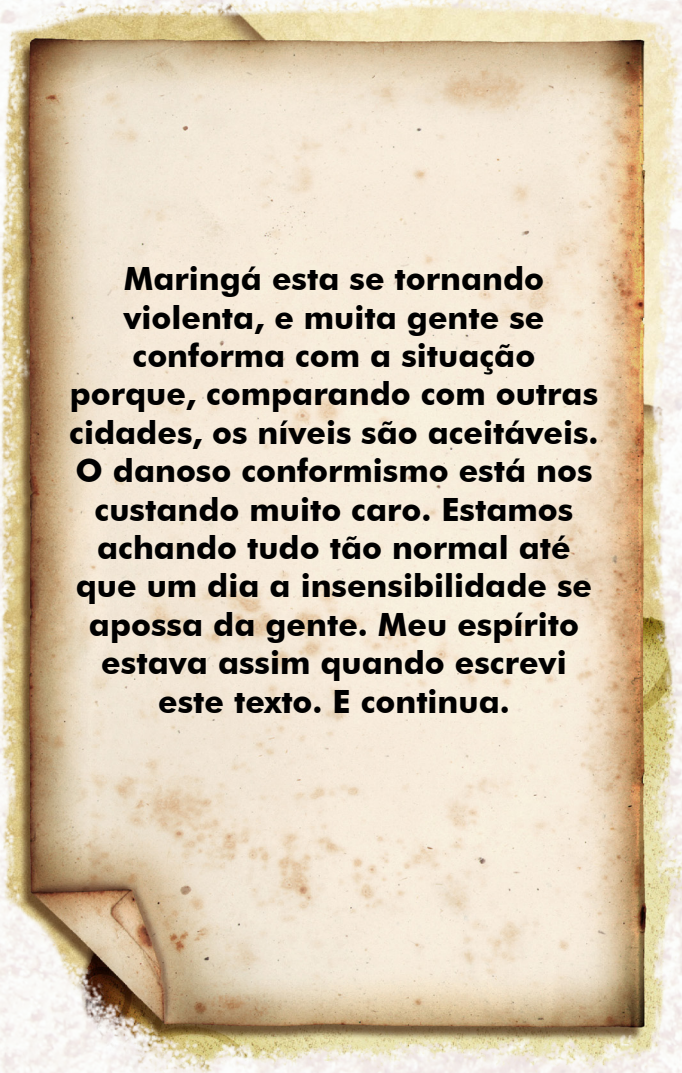
Normais e tristes nossos sábados de risadas contraídas e sons nervosos dos alarmes; nossos domingos de cerveja e tensão; nossas segundas e outras feiras, na esquina de uma rua qualquer em meio aos quadriláteros verdejantes, escapando dos olhares, arrastando-nos

por entre as mazelas para chegar incólume à fortaleza.

De lá, trancar-se, olhar pelas frestas e dormir mais um sono da normalidade. Trágico é acordamos imaginando que o mundo é assim, que os outros são só os outros e que não há a necessidade de se completar.

Acordar e não ver nada mais profundo, latente e anormal. Seguir na aceitação de que os corpos tombados pelas dores e dissabores e as mentes desesperançadas estão cumprindo sinas. Cruel é seguir nas largas avenidas crendo que a miséria está normalizada. É a comodidade de dizer que, se nada foi feito, nada mais pode ser feito.

Minha Maringá tão Brasil. Minha aldeia tão senhora de si. Encarcerada na indiferença, querendo olhar para o melhor lado, acreditando que tudo é belamente normal. Belo e normal pedacinho do Brasil.



Farmac
3.99
FC
FARMACENTER

17.06.07

35

A ÁRVORE E O CAMINHO

Se a gente for ver bem, os tempos não são de rimar cores com flores. Está mais para dores e horrores. Aí fico pensando: quando é que houve campo propício para se fazer poesias doces, leves? Se os poetas dependessem de tempo bom para escrever sobre o amor e a natureza, morreriam sufocados entre folhas de papel virgens.

Aqui, neste espaço de 2.500 caracteres que gentilmente me é cedido semanalmente e que volta e meia extrapolo do permitido, já viajei por tantos lugares, sofri tantas dores alheias, emocionei-me tomando emprestadas tantas emoções, exorcizei demônios concretos e imaginários, e sonhei e penetrei sorrateiramente em tantos sonhos... E sempre deixei uma porta entreaberta para poder seguir numa estrada que ainda leva o nome de esperança.

Pus o apelido de Frondosa numa seringueira. Ela é imponente, alta e cheia. Senhora de si. Tão senhora de si que os carros têm que desviar. Mudaram o traçado para ela continuar firme e forte. Tomara que por muitas e muitas décadas.

A tempestade é forte. Depois o sol sai e invade a cidade. Pronto para enfrentar as loucuras deste mundo, vou me equilibrando, um pierrô tentando detectar o pensamento geral para dar minha quase insignificante contribuição por meio destas linhas. Em determinados dias quero que sejam impetuosas e obscuras, e, em outros, serenas e claras. Às vezes, eu quase nada quero. Quero só ter a certeza de que tenho uma identidade.

Acho que a maior parte das pessoas não percebe a Frondosa. Só vão sentir sua falta no dia em que ela morrer. Todos sabem que é bela, mas não sabem admirá-la. Maringá tem tantas árvores que só uma gigante como aquela nos fará lamentar sua perda.

Nas últimas semanas venho falando de sofrimento e desesperança. Há um clima de dor sobre nossas cabeças, uma sensação de inoperância. Então, fico escolhendo palavras para não escorregar na vala dos gritos

repetidos à exaustão que ninguém mais aguenta ouvir. Tento tirar algo surpreendente para dizer aos corações despedaçados que a porta entreaberta tem que existir sempre.

A Frondosa fica entre o Teatro Marista e a Maçonaria, no final da Paraná e no início da Itororó. Uma baita árvore no meio do caminho, que é preciso quatro pessoas para abraçar seu tronco. Já chamei uns amigos para bater papo e tomar cerveja à sombra da Frondosa num domingo de manhã, mas com medo de ser atropelado a gente vem adiando esse encontro ecológico-etílico-domigueiro. Pronto. Acabei de rimar as cores e as flores com as dores e os horrores. Porque sempre estou caminhando naquela estrada.

Escrevi na sexta-feira sob a forte influência de estar às vésperas de completar mais um ano de vida. Meu aniversário seria no domingo. Achei melhor explicar ao amigo leitor que eu vinha falando de muitas tristezas nos últimos textos, mas que é preciso confiar que a vida vai ser bem melhor e será (não é, Gonzaguinha?). É preciso caminhar.

24.06.07

O QUE O SENHOR TÁ ACHANDO, SEU ARY?

Maringá saindo do dia e entrando na noite. Naquele período entre 18h e 19h, no meio de semana, quando é mais forte a pulsação da cidade, a gente se dá conta de que a linda flor, a mais gentil do norte do Paraná tem força similar à beleza descrita pelo poeta Ary de Lima.

As portas sendo cerradas, as luzes acesas, gente apertando o passo para chegar a tantos destinos, carros enfileirados saindo do centro para todas as direções, motos ziguezagueando rebeldia, ciclistas temerários e ônibus cheios levando cansaços e inquietações adquiridas no dia.

A Brasil segue lenta para a Operária e para o Maringá Velho. Na Duque de Caxias e na Herval, bandos de jovens carregam bolsas e sonhos atravessando o Novo Centro. Depois da Getúlio Vargas, a pressa passa pela Raposo Tavares para encontrar o Terminal. Das plataformas para todos os pontos cardeais.

O movimento corta a Colombo em várias partes. A partir da 19 de Dezembro, seguindo na Mandacaru; na Paraná, que muda para Paranaguá; na São Paulo, que vira Morangueira; na Pedro Taques e na Tuiuti, que mantêm os nomes em toda a extensão. E na oficial, como era chamada a avenida Colombo nos anos 70, filas extensas de veículos porque os caminhões passam a ter a companhia de motoristas que trabalham aqui e moram na região e de gente que vem de tantos lugares para estudar.

Na Zona Sul, o pulso também é acelerado. Duque, Herval e São Paulo convergem para a Cerro Azul. Dos balões, ou redondos como costumamos dizer, da praça Sete de Setembro, que a gente só consegue chamar de Peladão, e da José Bonifácio, o destino é a região do Borba Gato. Da Rocha Pombo, Souza Naves ou na Gastão Vidigal, que é continuação da Brasil, os caminhos levam para a região da Cidade Alta. A veloz e movimentada JK, ecologicamente incorreta porque invadiu dois bosques, é rota alternativa para quem quer sair da cidade.

Maringá gira, ronca, acelera, buzina, fica iluminada. Os gomos

vermelhos e verdes se revezam para que o asfalto dos carros sincronize a tensão da espera e para que nessa troca de tempo haja espaço para os caminhantes atravessar. Há uma ansiedade coletiva para não perder a hora do ônibus, da aula, da academia, da bola, do lar...

Uma pressa para conseguir desapertar a gravata, desamarrar os cadarços, tirar o relógio, sair do giro da cidade, dos motores, dos sons. Ou a pressa para chegar ao bar preferido, no refúgio com os amigos de copo, que também passaram o dia, de um jeito ou de outro, desafiando a cidade. Acho que Seu Ary deve estar achando tudo isso muito louco.

Por mais otimistas que fossem, acredito que os pioneiros não chegaram a imaginar a Maringá de hoje. Citei o poeta Ary de Lima, autor da letra do Hino a Maringá como exemplo. Se estivesse vivo, ficaria impressionado. Ficaria muito impressionado.

01.07.07

O MUNDO DENTRO DA CIDADE

As radicais transformações ocorridas em Maringá nas últimas décadas e a minha preguiçosa memória não me impediram de manter as boas lembranças de um tempo em que as relações humanas eram mais intensas. Para contrapor à acidez dos meus recentes parágrafos, que flertaram com o desencanto e a amargura, fui buscar histórias que me levassem a uma Maringá ainda lenta e tranquila. Fui para aquela Maringá que mantinha uma rotina, em que qualquer fato fora do estabelecido causava incômodo e espanto. Fui visitar o açougue do meu avô.

Nos anos de 1960, meu Vô Bastião tinha um açougue, um dos maiores da cidade, com grande freguesia. Ficava na avenida Brasil, na Operária, quase em frente à Igreja São José. Meu avô era alto e forte, bigodudo, vozeirão, grande coração, pavio curto, oito ou oitenta.

Neste meu mundo de criança, os limites eram as cercanias do açougue: a padaria da Zeca, com as saborosas tortas de banana; o bar do seu João, Crush e Grapete; a praça da Igreja, segurando vela para a minha tia Léa; o Santo Inácio, escola e bola, nem sempre nesta ordem. Meu mundo fazia curva na Riachuelo, descia até o Cine Horizonte, onde me encontrava com o Mazzaropi e os bang-bangs, e passava pela banca de revistas para buscar o Fantasma, o Tarzan e o Mandrake, fazendo crescer a coleção e a imaginação.

A vila cresceu, a igreja e o colégio foram ampliados. Não tem mais a padaria da Zeca, o bar do seu João mudou de nome, o cinema foi fechado e a banca desapareceu. Não tem mais açougue, não tem mais Vô Bastião. A coleção de revistas se perdeu e a imaginação voa baixo.

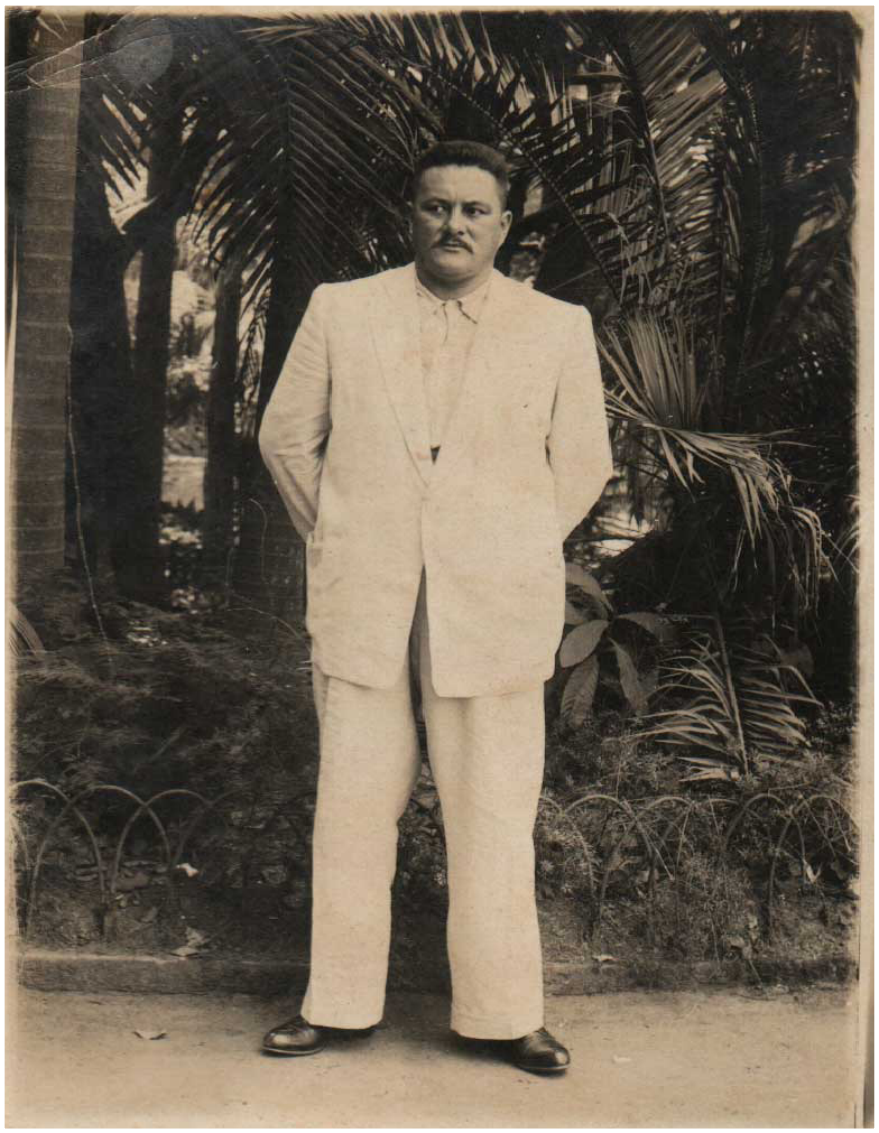
Toda vez que passo na Brasil e entro na Operária, na altura do meu antigo e restrito território, dou um passeio pelo passado. Chego a ver o Vô Bastião na porta do açougue, de guarda-pó, com a faca grande na mão e o amolador na outra, conversando com os fregueses, dando bronca nos empregados. A Vó Rolica deve estar lá no fundo revezando-

se entre os serviços da casa e do açougue

Posso ver a grande geladeira, as peças de carne sobre os cepos de madeira e enganchadas nas barras de ferro. Posso até ouvir o som estridente do telefone 3166 ou da ensurdecedora serra-fita, fico enregelado na enorme câmara fria e sinto o sabor das salsichas, que comia sem controle.

O sinal abre e sigo, deixando os anos 60 para trás. Mas, qualquer hora destas, verei tudo de novo, com outros detalhes, ou vou para outros lugares. São as ternas e eternas lembranças de um menino como tantos outros vivendo numa quase inocente Maringá.

Lembranças da Vila Operária na década de 70, do meu avô Sebastião de Paula e Silva, da vizinhança. Este texto, em outro formato, foi incluído no livro Maringânias, publicado em 2007. Avenida Brasil esquina com Riachuelo: mais um endereço no meu pequeno mapa da saudade.



08.07.07

OS CUIDADOS DE SEMPRE

Tome cuidado com suas palavras ditas e escritas. Cuidado com as frases soltas e despretensiosas que você diz imaginando que elas se perderão no próximo segundo. Avalie seu discurso. Veja se ele é somente seu ou uma soma de trechos, retalhos de opiniões. Você é o que você diz? Tome cuidado com as influências, com as portas convidativas, com as verdades definitivas e as mentiras circunstanciais.

Cuidado com as línguas ferinas, com as tagarelas de plantão nos portões e com os tribunos de botecos que proferem diferentes sentenças a cada gole. Eles vão falando e você vai seguindo, tomando o cuidado de não se deixar levar.

Cuidado com a saúde, o excesso de peso, o excesso de preocupações, o peso do dia a dia. Mas não se culpe por não correr 200 metros num minuto e por não ter um corpo de Apolo ou de uma deusa. Cuidado com o conto do bilhete premiado, os golpes, as traições, as pisadas na bola, as armas e as armações. Não seja o alvo, mas também não seja a lança.

Cuidado ao volante, com os cruzamentos, as câmeras... Vire, desvire, se vire, saiba dirigir sua vida, não se meta na dos outros. Não acelere tão fundo, respeite quem vai passar, quem passou da idade e quem ainda está abrindo os olhos. Não fique descontrolado, não perca o passo e a educação. Nessa estrada, o trânsito às vezes é lento e sossegado; em outras, violento e pesado.

Cuidado com a noite escura e com todos os animais, com os conhecidos que escondem o coração e os desconhecidos sorridentes. Cuidado com as promessas que lhe fazem e as que você faz. Cuidado com os cumprimentos sem firmeza, os olhares oblíquos, os abraços sem calor e a polidez excessiva.

Cuidado com o passado, que gosta de ficar rondando, atrapalhando as boas coisas da vida que o presente oferece. Cuidado com a desnecessária mania de adiantar o futuro. Cuidado com a futilidade

dos pensamentos ou a profundidade exagerada. Cuidado para não se perder nos detalhes.

Cuidado com o que você come e bebe. As gorduras, as massas, os prazeres da carne, cuidado! As bebidas coloridas de alto teor, cuidado! Cuide de seu sono e de seus sonhos. Você passa a noite virando o corpo e girando a cabeça ou os carneirinhos só pulam uma cerca e somem na escuridão? Até onde vai o voo da sua imaginação?

Cuidado com seus sentimentos: arrefeça os maus até fazê-los sumir de vista, e mantenha os bons, enraizados, fortes o suficiente para enfrentar as inevitáveis tempestades. A vida é cheia de cuidados. Mas, cuidado! Não se esqueça de que, apesar de todos os cuidados, uma vida espera por você a cada manhã.

Uma brincadeira. Depois entrei com as minhas superficiais análises filosóficas e as mensagens positivas. Coisa que faço com frequência. Mas propositalmente ou não, acabou sendo uma brincadeira. Enquanto escrevo textos iguais a este fico tentando colocar ritmo nas frases. Algo parecido com rap.

HGG-1061

15.07.07

CRESÇAM LOGO, CRIANÇAS!

Segunda-feira passada, 11 da manhã. Cruzamento da Néo Martins com a Basílio Sautchuk. Eu e uma senhora, aparentando uns 65 anos, ficamos esperando os carros passarem para podermos atravessar na faixa.

Os carros que vinham da Paraná davam uma paradinha e, vendo que nós não nos mexíamos, iam embora. Depois de alguns minutos olhei resoluto para ela, que devolveu o olhar com igual firmeza, e falei: "Vamos agora!" Marchei ao lado da senhora confiante enquanto uma fila de meia dúzia de veículos se formou por alguns segundos por culpa da nossa passagem.

Apesar das campanhas de conscientização terem iniciado há uns dois anos em Maringá (salve, salve Luiz Miura!), a gente ainda não está totalmente à vontade para fazer a travessia. Quando são várias pessoas querendo passar, a confiança é maior. Dividimos o medo e fazemos aumentar a responsabilidade dos motoristas.

O difícil é estar sozinho na calçada querendo ir para o outro lado. Você olha para o motorista, ele olha para você, você abaixa a cabeça e acaba deixando ele ir. Aí vem o próximo carro, o outro...Você olha para os lados, para o relógio, os minutos vão passando, e você, estático, esperando o sinal fechar lá atrás para interromper o fluxo.

A demora não é tanta quando aparece um motorista que também deve ser pedestre, já deve ter enfrentado a pé o percurso de uma calçada a outra. Ele freia e começa a dar sinais para você entrar na faixa. Então você vai, aperta o passo, agradecendo, fazendo sinal de positivo. O perigo é quando os carros param para você atravessar e de repente aparece uma moto ou uma bicicleta invadindo a faixa.

Mas a situação vem melhorando. Gente de fora elogia o respeito dos nossos motoristas nas faixas. Acho que também deveriam admirar a coragem do pedestre. Educação, cordialidade e respeito à vida fazem bem em qualquer lugar, ainda mais numa avenida. Aqui, o cidadão

gosta de se locomover sobre rodas.

A média é um carro para cada dois moradores. Haja carro e haja atenção de quem caminha. Por mais campanhas que se faça e por maiores que sejam as punições, os maus motoristas e os motoristas do mal estão por aí. Montados em seus motores, os gladiadores do trânsito continuam fazendo vítimas de todas as idades.

Dentro de minha crença religiosa, acreditando no processo evolutivo do ser humano e no desenvolvimento do espírito de cidadania, concluo que as crianças vão melhorar o mundo. Por consequência, o trânsito também. Então vamos esperar mais uns 5, 10, 15 anos... Enquanto isso vamos fazer a nossa parte. No volante e na faixa.

Em 2007 houve uma forte propaganda em Maringá para conscientizar o motorista a parar nas faixas de segurança para o pedestre poder atravessar. Nesta crônica comento sobre o medo do pedestre em atravessar. O carro vem chegando, e ele não sabe em que nível de conscientização está o motorista. Hoje dá para confiar um pouco mais, mas só quando as crianças crescerem a situação vai melhorar.

22.07.07

ESSA GENTE TÃO IGUAL

Homens e mulheres, de todas as idades, de todos os sonhos; de profissões, localidades e esperanças diversas. Estava escrito que todos deveriam estar no mesmo lugar para a entrega involuntária da vida? Ou são os acasos, os insondáveis desígnios? O certo é que foram imolados 187 humanos na grande cidade, no maior símbolo capitalista do País, onde está nosso melhor exemplo de progresso tecnológico.

O horror no espetáculo midiático, com as labaredas preenchendo a tela e queimando a alma, fez estender as dores dos familiares dos que foram sacrificados. Elas passaram a ser, ainda que em grau menor e pontual, as nossas próprias dores. Colocamos uma tarja negra neste País, começando no Sul, atingindo todas as famílias. Há um conforto na soma das dores porque há a certeza da fragilidade geral. Todos estamos expostos, uma exposição que independe de onde estivermos, de nossa condição, crença ou quaisquer outras diferenças.

Há um trágico coletivo porque nos vimos como pertencentes a essas famílias. Nos incorporamos às diversas reações após a confirmação do fatídico. Vimos a nós mesmos diante do adeus abrupto. Estávamos lá, nos gritos lancinantes, nos choros baixos, junto dos que extravasavam toda a incompreensão, nas expressões inacreditáveis e de espanto, e junto àqueles que, para sobreviver, lançavam mão da ira e da indignação. Essa gente tão igual à gente...

Essa gente tão igual! O filho que disse ao pai que não queria ir naquele dia, mas que era preciso ver um emprego. As amigas aposentadas que participariam de mais um protesto. O marido, a esposa e os filhos que voltavam de férias. O aprendiz de piloto que faria o teste final para realizar o seu sonho de infância.

A mulher que entrava pela primeira vez num avião e enviou mensagem pelo celular para a amiga dizendo que estava com um frio na barriga. O piloto que gostava do mar e tinha uma casa na praia. O empresário que vivia voando e que não via a hora de estar em casa.

A menina que era torcedora apaixonada do Grêmio de Porto Alegre...

A tevê faz link no local, a rádio dá flashes a todo momento e o jornal abre títulos e fotos. As autoridades, os políticos e os técnicos discutem versões, mas temos a certeza de que vamos continuar expostos. Então, os dias passam. O fato vai perdendo a força, sendo empurrado para o rodapé, para uma notinha qualquer, até se tornar apenas retrospectiva. E virão outras notícias falando de novos cordeiros imolados. Dados, versões, números e gente.

Comentário sobre o acidente com o avião da TAM, voo 3054, que partiu de Porto Alegre e pegou fogo após aterrissar no Aeroporto de Congonhas e se chocar contra um prédio da empresa aérea, em 17 de julho de 2007. Morreram 187 pessoas.

29.07.07

41

MENINAS DO BRASIL POSSÍVEL

Escorrego impacientemente os dedos no teclado enquanto olho para a tela virgem. Os minutos passam. Tento me concentrar em algo, quero abrir um espaço específico para nele colocar um fato, uma opinião, um sentimento, mas surgem tantos fragmentos...

Estou com o Pan na cabeça, admirado de que 70 mil pessoas tenham ido ao Maracanã ver as meninas golearem as americanas. Meninas humildes, vitimadas por um preconceito que felizmente é enfraquecido por ocasiões como aquela de quinta-feira (26). No pódio, com a medalha de ouro, derramando lágrimas de alegria e de dever cumprido, ao som do Hino Nacional entoado por todo o estádio, elas nos orgulharam. Aquilo sim foi uma demonstração de brasilidade!

A gente fica anos sem saber, ou acaba se esquecendo de que existem tantos atletas batalhadores sem apoio. A mídia elege o futebol, o vôlei e ocasionalmente um outro esporte. Vem uma competição como o Pan e somos informados das grandes dificuldades que eles enfrentam.

Por isso, quando vejo no pódio um atleta brasileiro desconhecido, sem patrocínio, fico arrepiado. Se for de um esporte que eu nada entendo, então admiro ainda mais sua superação. Fico torcendo para que, na entrevista, ele faça um desabafo daqueles de arrasar quarteirão, de fazer a tevê sair do ar.

As notícias do Pan vêm rivalizando com as do avião da TAM que explodiu em Congonhas. Os corpos continuam sendo identificados, os americanos vão levantar as possíveis causas do acidente por meio das caixas-pretas, e os culpados nunca vão ser punidos. Prossegue o caos e a culpa cai a cada dia em um colo diferente, até que se decida pela imperícia do piloto.

Já no mundo das celebridades instantâneas e substituíveis, a bola da vez é Camila Pitanga, que interpreta a prostituta e trambiqueira Bebel na novela das 9. Sucesso de sensualidade e malandragem com prazo de validade definido, porque logo surge outra beldade safada

ou um bandido simpático.

A pelada da vez é Ana Paula Oliveira, que pôs em risco sua profissão de bandeirinha para ganhar o que não conseguiria em cem jogos da 1ª Divisão. Os torcedores de todas as torcidas agradecem, mas logo vão querer saber quem vai tirar a roupa no próximo mês.

Em Brasília, o Renan é um zumbi. Já o avisaram de sua morte, mas ele vagueia pelo Senado sem acreditar. É um cadáver político insepulto, acomodado na grande cadeira azul da presidência, sorrindo para todos nós. Os Renans estão por todos os lados. Este País está repleto de zumbis. Mas as meninas do futebol vão nos redimir. Minha tela já não está mais branca.

Homenagem à Seleção Brasileira de futebol feminino, campeã dos Jogos Pan-Americanos realizados no Rio de Janeiro. As meninas deram um show de bola e de brasilidade. Naqueles dias, o Pan tomou conta do noticiário nacional, e entre tantas medalhas conquistadas pelos brasileiros a do futebol feminino foi a que mais emocionou.

ORDEM E PROGRESSO

05.08.07

E O MEDO FOI DEMOCRATIZADO

A bandidagem está livre, leve, solta e operante. A população está presa, apavorada e inoperante. Roubos, furtos e assaltos entraram na nossa rotina. Olhamos para os lados e vemos que os nossos familiares, amigos e vizinhos estão sendo vitimados. Bateu o desespero.

Ninguém está a salvo. Para que a população não fique desesperada de vez, a Secretaria de Segurança Pública não vai divulgar todos os crimes. Acham que se a gente não souber o que está acontecendo vamos nos sentir mais tranquilos e seguros. Podem esconder à vontade que não vamos deixar de ter medo. Todo dia alguém conta uma história de violência. A desesperança é tamanha que a vítima, muitas vezes, não se dá o trabalho de registrar a ocorrência.

Por isso, as estatísticas são furadas por natureza. Quando você vir alguma, acrescente um considerável percentual. Ataque a varal, magrela e toca-cd ninguém perde tempo em fazer queixa. Com uma estrutura pelo menos 30 anos defasada, a Polícia anota a ocorrência e corre atrás do bandido que está mais próximo. Mais aí acontece outro crime, outro e outro... A Polícia é obrigada a priorizar o trabalho. O que repercutir merece mais atenção. Sempre foi assim. É a oportunidade que ela tem para mostrar que está atendendo ao clamor popular ou que pelo menos está tentando.

Estudante perder relógio e par de tênis é tão comum quanto idoso ficar sem a carteira ou dona-de-casa ter a bolsa tomada. Encontrar o vidro do carro estourado e o toca-cd levado é tão tristemente rotineiro quanto chegar em casa e ver a porta arrombada. A criminalidade distribuiu o temor em doses iguais.

Estamos todos reféns. Ricos e pobres. Absurda democracia do medo, que a altura dos muros não consegue aplacar. É a bandidagem de manhã, à tarde, no rush, à noite, de madrugada, atuando 24 horas por dia. Na rua ou em domicílio. Leva o carro do ano do bacana e a moto de terceira mão do assalariado. Assalta o microempresário, dono

de bar ou loja de confecções, até uma empresa de porte.

Enquanto a Polícia foca os crimes de maior visibilidade; enquanto os governos elaboram seus projetos de combate à violência, a gente tenta se defender. Paramos de acreditar em discursos, propagandas e paliativos. Já não precisamos de registros, índices e divulgação na imprensa. As conversas em casa, na escola, no trabalho, no ônibus, nos bares e nas praças sobre experiências traumáticas se encarregam de manter o pavor em alta. Feche portão, portas e janelas. Ligue o alarme. Fiquemos em alerta. A bandidagem está livre, leve, solta e operante.

Texto alarmista. E o objetivo era esse mesmo. Nem era preciso escrever sobre o assunto. Afinal, a população de qualquer cidade deste País sabe que não pode vacilar. Além de não existir polícia suficiente para atuar preventivamente e prender tantos bandidos, o modelo de segurança é ultrapassado. A unificação das polícias Civil e Militar pode colaborar no combate ao crime. Contudo, sem um salário decente, sem uma preparação eficaz e equipamentos para fazer frente aos que são empregados pela bandidagem, a policia vai perdendo a guerra e os cidadãos têm de se esconder. Mesmo que estas medidas contra a violência sejam colocadas em prática é preciso mais. É preciso que os governantes em todos os níveis se empenhem na luta contra a miséria. Emprego e renda resgatam a cidadania.

12.08.07

43

AQUELES QUINTAIS E POMARES

Lamento que estas crianças que vejo agora, correndo felizes e por este parquinho de brinquedos sem graça não tenham a oportunidade de subir numa goiabeira, num pé de abacate ou de manga. Acho que nunca vão ter.

Os quintais da minha infância sempre foram enormes. Se os visse agora seriam bem menores do que o meu olhar infantil registrava. Reparou que quando a gente era criança tudo parecia grande? Móveis, objetos, o pai e a mãe, ruas, calçadas, carros, árvores e quintais.

O olhar de um garoto fica um pouco acima do nível de uma mesa e da cintura dos pais, na altura das mãos que afagam e também das que puxam a orelha. Para ele, são sempre altos os muros e as grades, as pessoas, os animais e as casas, e longos são os caminhos.

As árvores eram gigantes. Bom era subir numa mangueira, a melhor das árvores. Nem tanto pelo fruto, mais pelos galhos fortes, bem distribuídos e sem espinhos. E no alto, um ótimo esconderijo. Quanto à goiabeira, seus galhos são finos e resistentes, mas em dias de chuva convém não arriscar, pois ficam lisos feito sabonete. Os abacateiros, de tão fáceis de subir até as meninas conseguiam.

Eram extensos os quintais; nada de cimento. Terra batida do começo até o fundo, com muitas árvores. Verdadeiros pomares. Pés de manga, abacate, goiaba, jabuticaba, laranja e pêssego.

As frutas quase não tinham tempo de amadurecer porque moleque não tem tempo a perder. Comer fruta verde com sal até que era bom. No terrão, a bola suja com a câmara de ar à mostra rolava sem parar, chutada por meninos apressados que não sabiam o que era cansaço.

Os quintais não tinham divisões. A gente atravessava de um para outro e ninguém proibia. Agora, puxando o fio das reminiscências, do lado de fora daquele mundo, percebo que a gente fazia parte de uma numerosa família com várias casas e um só quintal.

Moleques de todas as caras e cores, com a imperativa missão de

se divertir. As árvores eram eternas, assim como aqueles moleques, os nossos pais, os outros pais, nossos irmãos...

As árvores não seriam derrubadas, os quintais não seriam invadidos pelo concreto, nossos pais ficariam a vida inteira afagando nossos cabelos e puxando nossa orelha; nossos amigos, num átimo, subiriam na alta goiabeira; nossos irmãos ficariam na mesma casa de sempre e a gente não perderia aquele brilho que estampava curiosidade em cada olhar.

Essas crianças que vejo agora, correndo felizes, suadas e coradas no parquinho, iam gostar muito de pôr o pé na terra, tomar chuva e subir em árvores. Os filhos delas, quem sabe, vão poder. Basta não esquecermos de como era.

Um cenário lúdico. Alegria e movimento. Retorno à infância. Boas histórias vivíssimas na memória. As referências das crianças de hoje são outras. A impessoalidade e o individualismo ditam o ritmo. Na infância que apresento aqui, a que vivi, existe uma espécie de aldeia feliz, um grande quintal para brincar com a natureza.

19.08.07

OS CARROS E O CAOS

Se o brasileiro é apaixonado por carro, o maringaense é completamente louco. Pelas estatísticas, Maringá pode ser chamada, além de verde e canção, de automobilística. O maringaense não vai a pé a lugar nenhum. Vai de carro ou moto ao trabalho, ao banco, ao shopping, à academia e ao bar. Mesmo que o trabalho, o banco, o shopping, a academia e o bar fiquem perto de sua casa. E na falta do que fazer, ele vai dar voltas. Motorizado, é lógico.

Repare em torno do Parque do Ingá e no Bosque 2, principalmente na avenida Itororó, de manhã ou ao anoitecer: repleto de veículos estacionados. É do pessoal que caminha em torno dos dois pulmões verdes. Ainda que debilitados, são dois belos espaços naturais onde o maringaense gosta de bater pernas. Aí eu pergunto: por que não vão a pé, já que a maioria mora nas proximidades? Ora, porque são maringaenses, e maringaenses preferem o asfalto à calçada.

As facilidades para adquirir um veículo aumentaram substancialmente nos últimos dez anos. Com isso, mesmo famílias com poder aquisitivo modesto podem ter vários. E ainda que todos da casa tenham que ir por um mesmo caminho, cada um tira o seu da garagem. Estamos falando de maringaenses, que são loucos por rodas. Em outros lugares do Brasil também é assim? Então, desculpe-me, eu só sei de Maringá.

Dê uma olhada nos estacionamentos das faculdades. Lotados. Cada um vai com o seu veículo. Por que não seguem o exemplo de grupos de quatro, cinco amigos que vão num mesmo carro, revezando-se a cada dia? Seria econômico, cômodo e sobraria mais espaço nas ruas e nos estacionamentos. Ter carro é a soma de status, necessidade, conforto, liberdade e paixão. E como esse sonho de consumo está à mão, mais e mais são despejados em nossas largas avenidas.

Com isso, cresce o caos do nosso trânsito de cada dia. As vias são insuficientes e o nervosismo é elevado. De manhã, ao meio-dia e no fim da tarde as filas se formam principalmente nas vias que cortam a

Brasil. Os sons de buzinas já estão incorporados ao nosso cotidiano, os bate-bocas entre motoristas já não chamam a atenção e os flanelinhas oficializaram seu ofício de achacar.

As dificuldades para encontrar vaga, contornar balões — o da praça do Peladão é um absurdo —, atravessar da zona norte à zona sul e vice-versa, entre outras aventuras, criaram as condições necessárias para que Maringá institua o rodízio de veículos. É a conscientização forçada. O maringaense, que é louco por carro, vai estrilar. Paciência! É só fazer de conta que está na calçada do Parque do Ingá.

Proporcionalmente, Maringá é a cidade paranaense com mais veículos por habitante. Por essa razão é que digo que o maringaense é louco por carro. Por mais que a administração municipal tente organizar o trânsito, a situação é complicada. A tendência é que piore.

ARA-1270
AQM-1881

26.08.07

O MUNDO É UM OUTDOOR

Os outdoors me perseguem, me cobram e querem me deixar com a estima em baixa. Impossível passar indiferente por aquelas enormes placas que anunciam de tudo: jeans, camisas, ternos, cama, mesa e banho, carros, shows, perfumes, eletroeletrônicos, computadores, motéis, advogados, cursos, relógios, excursões, celulares, operadoras, calçados, lojas e shoppings... Ofertas, promoções, descontos, prazos, sorteios, cheques pré...

Os outdoors mudam de cara toda semana. Novas marcas e novos tipos surgem nos retângulos espalhados na zona central e nas entradas da cidade. O Novo Centro se tornou o oásis dos outdoors. Enquanto não se completam as construções daquela nobríssima área, os terrenos vagos vão sendo ocupados pelas gigantes propagandas. Entre as que se destacam, e que há algum tempo não é reformado, para a alegria geral masculina, é a do anúncio de uma empresa de lingerie. Uma mulher de calcinha e sutiã tomando todo o espaço. Um democrático espaço de visualização, pois enquanto as mulheres analisam as peças, a gente analisa como as peças ficam na moça.

Voltando aos outdoors mutáveis. Quanto mais olho para eles, mais eu me sinto fora do que está contextualizado ou do que é proposto a ser. Olho para a marca e o estilo do meu relógio e não são aqueles em exposição. Gosto de sapatos, e talvez a única extravagância que faço na vida é comprá-los além do que permitem minhas irrisórias posses. Mas nos outdoors não vejo nenhum modelo parecido com meus pares. Não consigo acompanhar as tendências. Olho para os que estou calçando e percebo uma defasagem de pelo menos uns três anos.

Nada demais. É só seguir que logo a próxima propaganda vai fazer com que eu me esqueça dessa. Vem mais uma cobrança. "Você tem que ser mais e melhor". Recebo o aviso. Melhor: assimilo o golpe. O bom de ter uma certa idade é que você não veste todas as carapuças que lhe oferecem. Se eu não fizer o tal curso, não dirigir o tal carro e

não viajar para tal lugar, minha vida vai seguir. Então, que ela siga sem eles. Mas, convenhamos, dá uma vontade de fazer o tal curso, dirigir o tal carro e viajar para tal lugar! Ah, isso dá...

É o poder da propaganda, que tem a precípua função de nos informar que a gente pode ter acesso ao mundo dos felizes, belos, simpáticos, saudáveis e bem-sucedidos seres. Mas que, por mais que se esforce, você nunca vai estar inteiramente dentro. Sempre faltará algo. Então, lancemos mão da reconfortante frase do francês George-Louis Leclerc, o Conde de Buffon (1707-1788): "O estilo é o próprio homem".

São muitas as ofertas, e o dinheiro é sempre insuficiente. Destaquei o Novo Centro de Maringá porque ali, em 2007, a propaganda em outdoors foi maciça. Hoje, nem tanto. Em três anos, vários prédios foram edificados na avenida João Paulino Vieira Filho, ocupando os espaços dos anúncios. Busquei a frase do Conde de Buffon para explicar que, independente de a gente estar na moda, o que importa é o estilo de cada um. Tinha que mostrar ao leitor que o exercício do consumismo não é fundamental. Vale o que a gente é, vale o estilo próprio.

cravo e canela
APARECIDA
S.J. dos CAMPOS
BARRA MANSA
RESENDE

02.09.07

46

O BRILHO DOURADO É DELES

É para as pessoas simples, de todos os rostos e todos os corpos, de todas as religiões e de nenhuma, de dinheiro e sem dinheiro, doutores e iletrados, de complexas e de humildes profissões, moradoras de todas as partes, oriundas de todos os lugares, de expectativas gerais, de traumas diversos, de sorrisos fáceis e circunspectas, de todas as preferências e de todas as emoções que existe este sol tão forte.

É para os comuns, desses que encontramos aos montes pela rua, essa gente de cara boa, espírito desprendido; desses para quem levantamos as sobrancelhas para quase cumprimentar, que o sol avisa sobre a vinda da manhã. É para eles que o sol é brilhante. É para os anônimos, para os senhores e senhoras, moças e rapazes, aposentados e donos da primeira carteira profissional. É para os que trazem os sentimentos expostos, que abrem os braços para abraçar, abrindo o coração, que levam as mãos ao trabalho, transformando-o em dignidade. O sol chega para todos, mas o brilho é para eles.

Quando o sol nasce nesta cidade, fazendo espetos dourados nas altas árvores, abrindo clarão nas largas avenidas e esquentando corpos e almas, a consciência dessa gente é mais límpida e plácida. Eles são os felizes e verdadeiros cidadãos desta cidade. Ônibus, carros, motos e bicicletas surgem de todas as direções, levando essa gente lutadora para tantos destinos. Gente levantando portas, fechando acordos, acionando máquinas, folheando livros, falando, ouvindo, ensinando, aprendendo.

Seguem carregando seus anjos permanentes e destruindo seus monstros diários de múltiplas faces. Nesta ensolarada manhã, de céu fortemente azul, esse povo da minha cidade caminha livre pelas calçadas ou está em todos os ambientes. A liberdade de poder seguir sempre. Ainda que nem todas as manhãs sejam de céu anil, eles sabem que amanhã, ao abrirem a janela, outro sol brilhante vai chegar.

Ainda que as tensões do dia tentem lhe tirar o ânimo, ainda que

na noite a indignação faça rondas, querendo minar sua fortaleza, esse povo dorme na companhia da paz porque confia no dia seguinte. Na clara manhã, eles retomam seus sonhos, põem a roupa para sair e se revestem de esperança, calçam os sapatos e a coragem, guardam no bolso a carteira e no coração o amor pela vida.

É para as pessoas simples, que vão manter a simplicidade, aconteça o que acontecer, que este sol é assim. Essa gente de tantas missões, que é riso e lágrima, festa e labuta, do dia a dia, da vida... Essa gente iluminada, que é exemplo, é que deixa o sol mais brilhante.

Tenho grande alegria de ter escrito alguns textos. Uma coisa secreta, muito particular. Mesmo que ninguém venha a comentar, volta e meia os releio com satisfação. "O brilho dourado é deles" é um desses casos. Lamber a cria. Às vezes faço isso, e é muito bom. Se me perguntarem qual o motivo por ter escrito este texto não saberia responder. Felicidade é se identificar com alguns desses anônimos.

09.09.07

PUCCA, PAIXÃO E POLÊMICA

O futebol romântico morreu bem antes de Pucca. Como ele sabia que as tardes de domingo não seriam memoráveis como aquelas das décadas de 60 e 70 e início dos anos 80, ele foi fazer outras coisas menos tensas e apaixonantes. Tornou-se apresentador de tevê num programa bem diferente das suas transmissões de futebol pela rádio Difusora.

Ali, empunhando a latinha, soltando sua personalíssima e vibrante voz, ele ditou o ritmo do rádio esportivo de Maringá, tendo Ferrari Júnior como rival. Destilando polêmica, abria o microfone para os torcedores no seu programa diário. Por meio de seus comentários, Pucca ajudou a construir ídolos e também foi responsável por muitas dispensas de atletas, por demissões de técnicos e saídas de dirigentes.

A exigência da torcida maringaense e da região em sempre querer um time forte, realmente disputante de títulos se deve ao estilo Pucca de fazer rádio. Ele não admitia jogadores medianos, não tinha paciência com os meninos formados nas categorias de base, não perdoava erros, era intolerante com elenco, comissão técnica e diretoria. Isso fazia aumentar os desafetos. Mas em proporção bem maior crescia o número de ouvintes. Hoje parece exagero dizer, mas quem acompanhou aquele período sabe que era dado informalmente a Pucca o controle de qualidade do time de futebol de Maringá.

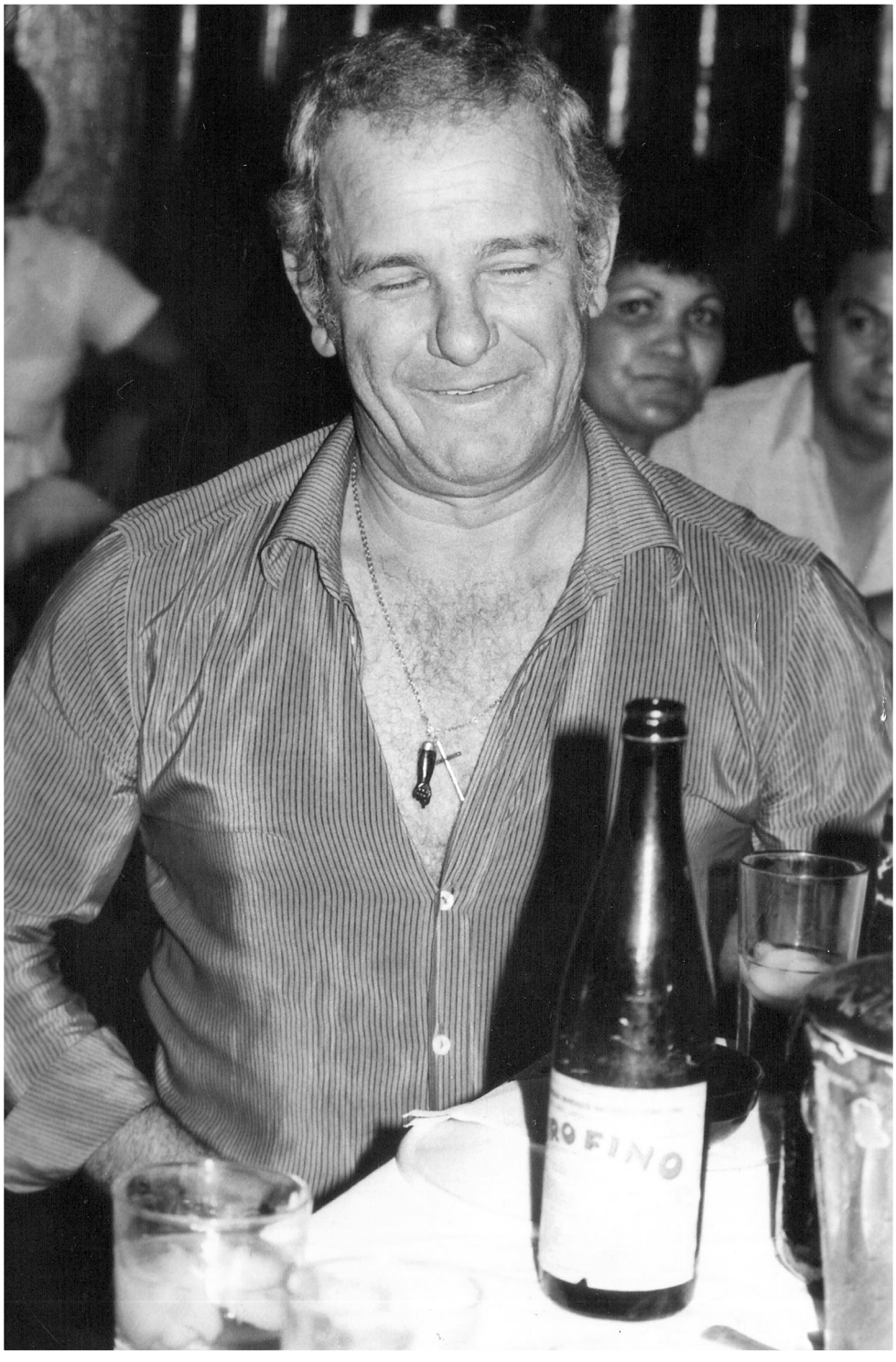
Mas havia um ingrediente bem maior do que a polêmica que fazia de Pucca um campeão de audiência. Era a emoção com que narrava um gol do Grêmio. O Willie Davids lotado delirava naquela narração que tinha um misto de alegria, heroísmo e autoridade. Éramos 20 mil pessoas ou mais exercitando a paixão alvinegra ao ver o nosso time derrotando o Londrina, o Atlético, o Coritiba e o Colorado. Com o ouvido colado ao radinho, ao som de Antonio Paulo Pucca.

Além de apresentador de tevê, Pucca foi político e exerceu outras funções públicas, mas o que fica na memória do torcedor maringaense,

daquele que acompanha futebol bem antes do advento das empresas esportivas, do sepultamento da paixão e da entrada do profissionalismo maquinal, é a sua voz forte, exigente e emocionada.

Um gol de Didi, narrado por Pucca em 1977, quando o Grêmio venceu o Coritiba no Willie Davids por 2 a 1, na decisão do primeiro turno do Paranaense, sempre vem à mente quando me lembro do título daquele ano. Didi acertou um potente tiro de fora da área. Pucca narrou o lance e, estrategicamente, esperou a reação da torcida para gritar gol. Uma catarse. Uma inesquecível página do futebol da Cidade Canção. Obrigado, Pucca! Agora, descanse em paz!

Voltei do cemitério e mandei ver no computador. Lembro-me que o texto saiu rapidinho. O Pucca me conheceu quando comecei a trabalhar na imprensa como colunista esportivo, no Jornal do Povo. Ele sempre respeitou o meu trabalho, o que muito me ajudou. Sempre que o encontrava, era muito simpático comigo. Eu, no entanto, conhecia o Pucca há muito mais tempo. Eu escrevia longas cartas para o seu programa de rádio, e ele as lia na íntegra; telefonava após os jogos do Grêmio Maringá e entrava ao vivo. Pensei em "Pucca, paixão e polêmica" porque é o resumo de tudo o que ele foi para o futebol maringaense. Uma inesquecível página.


ROFINO

16.09.07

48

JUNTANDO E AMASSANDO PAPÉIS

Tinha gavetas cheias. Gavetas das cômodas, da escrivaninha, do criado-mudo. Cheias de papéis. Papéis de décadas, de alguns anos, de meses. Sobre assuntos diversos, de valor sentimental, sobre familiares, amigos, conhecidos, eventos... Papéis que me eram tão caros e que o tempo foi depreciando. Lentamente, os registros que julgava tão importantes viraram quase um entulho. Resolvi fazer uma triagem. Separei o que poderia me servir, sei lá quando, e o que era dispensável. Muita coisa só ocupava espaço.

Vivo querendo matar velhos pensamentos. Os dias são tão desafiadores e eu me agarrando ao que já foi, que não volta e não ensina. Por isso, inconscientemente, acreditei que descartando papéis deixaria antigos acontecimentos perecerem. Minha cabeça cheia de passados era igual a minhas gavetas.

Catalogando meus papéis, guardando-os num canto, consegui me livrar de considerável peso das lembranças boas, ruins e banais. Pus boa parte do passado de lado e sobrou um bom lugar para o presente. Analisei as folhas com anotações, mensagens, desenhos e recortes. Viajei para o ano correspondente e fiz bolas e bolinhas de papel, que foram se amontoando no chão.

Desprezei muitos papéis e muitas histórias. Às vezes batia a indecisão. A bolinha já estava pronta e, passados alguns minutos, lembrava-me do episódio em que o papel foi utilizado e corria cheio de culpa para buscá-la. Com cuidado, desfazia o amassado, resgatando a história. Amanhã posso desprezá-la, mas por enquanto, não.

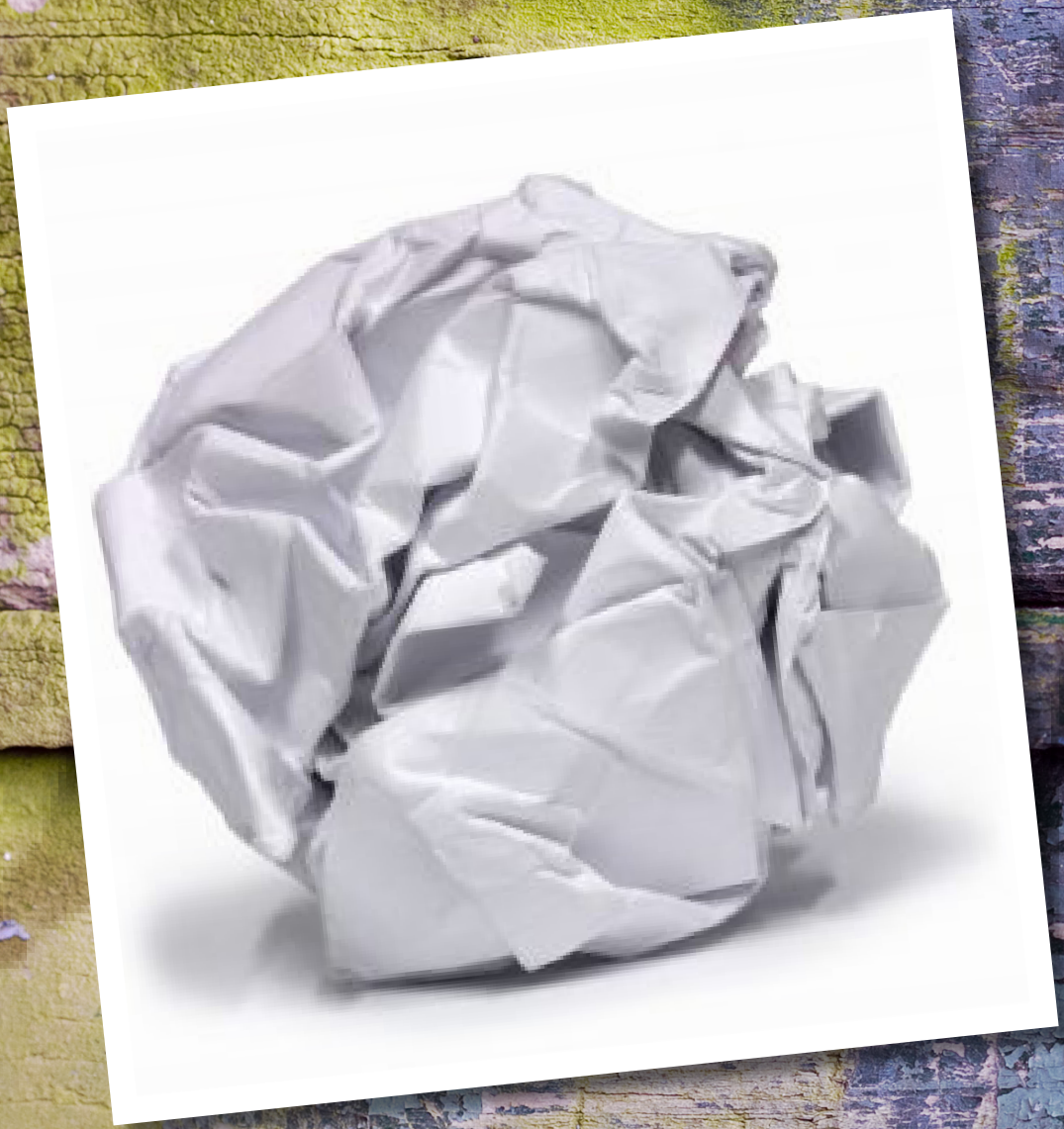
Fiz um monte de uns 30 centímetros de altura e o coloquei num grande saco plástico. Amarrei bem a boca para que as bolinhas não escapassem e para que eu não me arrependesse de jogar algum fato no lixo. Algumas gavetas ficaram quase vazias. Veio a sensação de vazio. E logo, de alívio.

Ao longo destes razoáveis anos, amealhei boas histórias e outras

nem tanto. Histórias de roteiros variados que vão se acumulando, abarrotando gavetas. Amores muitos e rancores vagos, alegrias gerais e tristezas ocasionais. Não quero supervalorizar os dias, por melhores ou piores que tenham sido. A carga de cada dia deve nele se encerrar. Então é preciso limpar, separar, reciclar, abrir espaço para viver esta hora e receber o novo dia.

Hoje, minhas gavetas não estão cheias. Já não recorro tanto ao que foi, não guardo tanto. As triagens não são dolorosas e as dores não são tão intensas porque não há muitas novidades. Vivo amassando papéis, pisando desesperadamente sobre este dia e fazendo visitas rotineiras ao futuro. Ainda vou juntar muitos papéis.

Fiz todo esse serviço aí que você acabou de ler. Limpar gavetas e amassar papéis foi uma terapia. Depois é que me dei conta de que poderia transformar o ato num texto para a coluna. Comparei a limpeza a um exame de consciência. Os papéis se tornaram a representação de trechos da minha vida.



23.09.07

49

POSSO CUIDAR, MOÇO?

Logo, logo os flanelinhas vão abrir empresas ou uma cooperativa. O negócio é altamente rentável. Eles demarcam seus territórios, comercializam pontos e trabalham dia e noite em todos os lugares em que estejam mais de 20 carros estacionados. É possível ganhar mais de R$ 50,00 num único dia. Basta conseguir pontos considerados filés. O da Brasil, próximo das Americanas, por exemplo.

Mas é na noite que está o grosso da arrecadação: na região central, na Tiradentes, na Cerro Azul, nas ruas dos bares de grande movimento e em eventos no Teatro Marista, Calil Haddad, Chico Neto, Parque de Exposições e em clubes. Até em velórios ao lado do Cemitério Municipal você encontra os distintos com aquele ar de autoridade zelando pela segurança pública, pedindo permissão para cuidar do seu carro.

Como se fosse possível dizer não! Como é que vamos ficar tranquilos sabendo que o nosso veículo está lá fora ao lado de uma pessoa com a qual não negociamos a "proteção"? Então eles chegam, idosos, senhoras, rapazes e crianças, e você diz um revoltado "tudo bem", uma espécie de autorização para ser lesado.

E já percebeu que quando você retorna, o flanelinha "contratado" geralmente não está perto do seu carro? Aí você entra rápido e pensa satisfeito: "Agora é a minha vez de dar o troco." Você ainda está com o sorriso feliz nos lábios e, nem bem começou a manobrar, surge, sabe-se lá de onde, o seu guardador com aquela cara de dever cumprido, esperando o pagamento. Você paga para não ficar marcado. Se eles anotarem sua placa na lista negra, você vai se ferrar mais do que as canetadas oficiais.

E reparou que na noite em que você fica até mais tarde num bar ou numa festa, eles simplesmente somem? Também, ninguém é de ferro. Dia e noite, sim. Na madrugada, não. Os flanelinhas estão tão à vontade que já utilizam coletes reflexivos, próprios da PM. É o poder paralelo nas ruas. De dia, flanelas versus Estar (Estacionamento

Regulamentado), e você no meio, distribuindo reais. À noite, flanelas reinando absolutos, e você, refém, pagando o pedágio.

A classe ganha a cada dia novos membros, e não demora vai se reunir em sindicato. O guardador de carros de hoje atua com desenvoltura ímpar. Alguns levam até cadeira para enfrentar a labuta. Há dez anos, foi sancionada uma lei em Maringá proibindo a ação dos flanelinhas. Não se resolvem questões sociais simplesmente a partir de leis, mas placas informativas poderiam, mesmo sendo mais um paliativo, funcionar como estratégia inibidora. O pobre motorista agradece.

Quis fazer uma crítica bem-humorada aos flanelinhas. Não sei se fui feliz na empreitada. É revoltante o que eles fazem com o pobre e desamparado motorista. Os flanelinhas são tema recorrente nas minhas crônicas. É a maneira que encontrei para desabafar e dizer aos colegas achacados que eles não estão sozinhos nesta luta desigual.

STA EDIÇÃO: 26 PÁGINAS · FECHADA ÀS 22h

QUARTA-FEIRA MARINGÁ, 12 DE SETEMBRO DE 2007 - ANO XXXIV - NÚMERO 10.311

R$ 1,0

O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ

ABC AVIAMENTOS E ACESSÓRIOS NO ATACADO
AVIAMENTOS
NOVA FILIAL MARINGÁ 44 3031-9077

EXEMPLAR DE ASSINANTE · VENDA PROIBID

Positech Informática
Agora em novo endereço
NOTEBOOK
HP - COMPAQ 6210-BR
R$ 1.699,00
ou 30 x de 194,90
Av. Pedro Taques, 399 - F: 3031-1661

CULTURA D1

Flanelinhas alugam pontos em Maringá

CIDADE Faturamento de até **R$ 60 por dia** desperta o interesse especulativo de **guardadores de carros**; alguns dizem ter recebido **propostas de até R$ 3 mil para vender o ponto de trabalho**. A6

30.09.07

A CARTA QUE FEZ CARLA DESISTIR DE CASAR

Fiquei sabendo ontem à tarde do seu casamento. Você se lembra da dona Zélia, aquela velha que gosta de anunciar tragédias? Pois é, foi aquela "mala" quem me contou. Estava saindo da casa da minha mãe, e ela, a velha, chegou tão vermelha e excitada que achei que ia cair durinha na minha frente. Então parou, tomou fôlego, olhou bem na minha cara, deu uma geral nas minhas roupas, coisa que bem a caracteriza, e falou: "E aí, Pedro, tudo bem?" Falou só para mostrar um mínimo de educação. Eu disse o meu "tudo bem" e fui saindo para manter a devida distância sanitária. Aí, veio ela quase jogando seus peitos na minha barriga: "Tá sabendo da Carla?"

Confesso que me faltou o chão na hora, mas não perdi a pose. Tentei me fazer de desentendido. Dei uma gaguejada no seu nome e não saí do lugar. "A Ca-carla?" "É, ela vai casar sábado." Não quis perguntar com quem porque eu já sabia e não queria que a dona Zélia esticasse mais a conversa. Por mais que eu tenha me esforçado, com certeza a velha notou o meu desapontamento. Ficou me olhando com um sorriso vitorioso depois de cumprir mais um importante compromisso na sua vida de sanguessuga. Na falta de ter as próprias dores, os amores e humores, ela se apossa dos dos outros.

Saí dali, entrei no carro. Aquele movimento espontâneo com a mão direita para ligar o rádio não aconteceu. Dirigi sem pensar no trânsito. Tive que enxugar as lágrimas várias vezes porque estavam atrapalhando minha visão. E eu que pensava que a gente nem tinha terminado... Achava que você não ia dar trela pra aquele moleque do Jeferson. No fim das contas, olha só, eu me achando o máximo e o garoto chegando, chegando e eu saindo da sua vida.

Saí do carro, parei no bar do Roque. Aquela turma de sempre estava lá, aquele povo que você conhece: o Nelson, o Vadão e o Paulo da eletrônica. Pedi uma cerveja, disfarcei, mas perceberam na hora.

Perguntaram se algum parente tinha morrido, se eu tinha perdido o emprego ou se era alguma coisa com você. Não me controlei, caí no choro de novo e falei tudo. Chorava, babava e bebia. Nem conto o que os caras disseram de você. "Esta mulher não te merece, Pedrão". "Como é que ela faz isso com um cara decente como você?" "Bem feito. Você fazia tudo por ela." E falaram mais coisas que eu não tenho a coragem de dizer.

São 10 da manhã desta triste quinta-feira. Não fui trabalhar. Acordei agora há pouco e resolvi lhe escrever. Minha cabeça está doendo e o meu coração sangrando. Nem sei como terminar esta carta. Acho que não tem fim. Nossa história também não.

Inventei esta história imaginando um cara que perdeu a mulher para outro e envia uma carta (agora é e-mail) desesperada para retomar ao posto. A última frase significa que Carla leu a carta, chorou, dispensou o garotão e voltou para os braços do Pedrão. De pirraça, o casal passou, aos beijos e abraços, em frente à casa da dona Zélia, que não entendeu nada, mas foi contar a novidade na vizinhança.

07.10.07

ENVELHECENDO NA CIDADE

Saía da Vila Sete, próximo da Colombo (para valorizar o bairro, passaram a chamá-la de Zona Sete. Que besteira!), e ia a pé até pelos lados da Catedral, cortando pela linha férrea, pulando vagão. Achava o trajeto curto. Agora, percebo que estou envelhecendo em Maringá. Se fizer o percurso hoje, o tempo vai ser bem maior. Não só pelo movimento dos carros, mas principalmente pelas minhas condições físicas, muito aquém daquelas do rapaz dos anos 70 e 80 que batia pernas para todos os lados e nunca se cansava. Como diz o Ira!: "Envelheço na cidade".

O Novo Centro é que me deixa mais admirado. Parece que faz poucos dias que tiraram o viaduto da São Paulo. Pouco tempo atrás havia o campo da Ferroviária entre a João Paulino e a Horácio Raccanello. Mais acima, os trens faziam manobras. Na outra estação, na imponente rodoviária, movimento intenso de ônibus de diversas empresas e muita gente nas dezenas de lojas e bares. É por essas e tantas outras recordações que percebo que estou envelhecendo na cidade.

Você sabe que está envelhecendo em Maringá quando não encontra mais aquelas paisagens tão tradicionais: prédios, casas, fachadas, avenidas, cinemas e campos de futebol. Lugares que fizeram parte da sua infância e adolescência estão totalmente alterados. E você fica parado, olhando para os lados, lembrando.

Outros cenários surgem e você nem se dá conta. Então você percebe que a cidade mudou de cara. Está mais vistosa, mais encorpada, vibrante, barulhenta. E você se esquece que também mudou, que ganhou rugas, óculos e peso e perdeu cabelos, reflexos e agilidade. É aí que você sabe que aquela Maringá boa-praça, de todo mundo se conhecendo e se cumprimentando ficou no tempo. Você começa a se questionar se também não está ficando mais impessoal, intolerante e amargo. Você afasta a ideia de ter mudado além do rosto e do corpo,

mas algo fica cutucando, cobrando mais alegria no olhar.

E você tem uma certeza ainda mais latente de que está envelhecendo em Maringá quando vê rapazes e moças, que há pouco estavam nas fraldas, casando, ocupando cargos. E a certeza é definitiva quando olha para os seus amigos de longa data. Você se reflete neles e vê perfeitamente a inexorabilidade do tempo.

Maringá ficou mais longa, alta, asfáltica, com menos madeira e ruas mais cheias. Eu vou ficando, vivendo, envelhecendo e comparando, recolhendo histórias, enquanto novas pessoas, casas e carros desfilam à minha frente. Amanhã, a cara da cidade e a minha vão mudar de novo. E assim vai...

Divagações juvenis. A Vila Sete foi, durante muito tempo, o bairro mais charmoso de Maringá. Minha Vó Maria morava ali, minha madrinha e tia Léa também. Por isso, muitas recordações da adolescência estão fincadas ali, na Floriano Peixoto, entre as avenidas São Paulo e Pedro Taques. A linha férrea é outro marco daqueles tempos. Aí, retorno do passado e vejo as mudanças ocorridas em mim e na cidade.

50
km/h

14.10.07

FALANTES E SORRIDENTES ZUMBIS

Alastram-se os autômatos, os bois de presépio, os manobrados. Vivemos num mar de obviedade na cultura, na política, na imprensa, nos governos, nas instituições em geral. Todos nadando a favor, levados por opiniões simplistas, sem contundência. As afirmações estão sempre embutidas de um "mas" ou de um "ou". É o fim das exposições opinativas e participativas. Não há mais defesas e ataques de pontos de vista. Abraçam-se todos os pontos para não se insurgir contra as ondas. Acendem-se todas as velas possíveis. Aceitação geral.

Todos estão falando a mesma língua. Todos entendem e todos concordam. A dissonância já não faz parte dos nossos dias. É um abre-e-fecha de bocas e nada se diz. Marionetes risíveis são puxados pelos detentores de um poder que empresta valores duvidosos, como conforto, status e segurança, e cobram o espírito. Proliferam os zumbis. Falantes, sorridentes, famosos, formosos, mas zumbis.

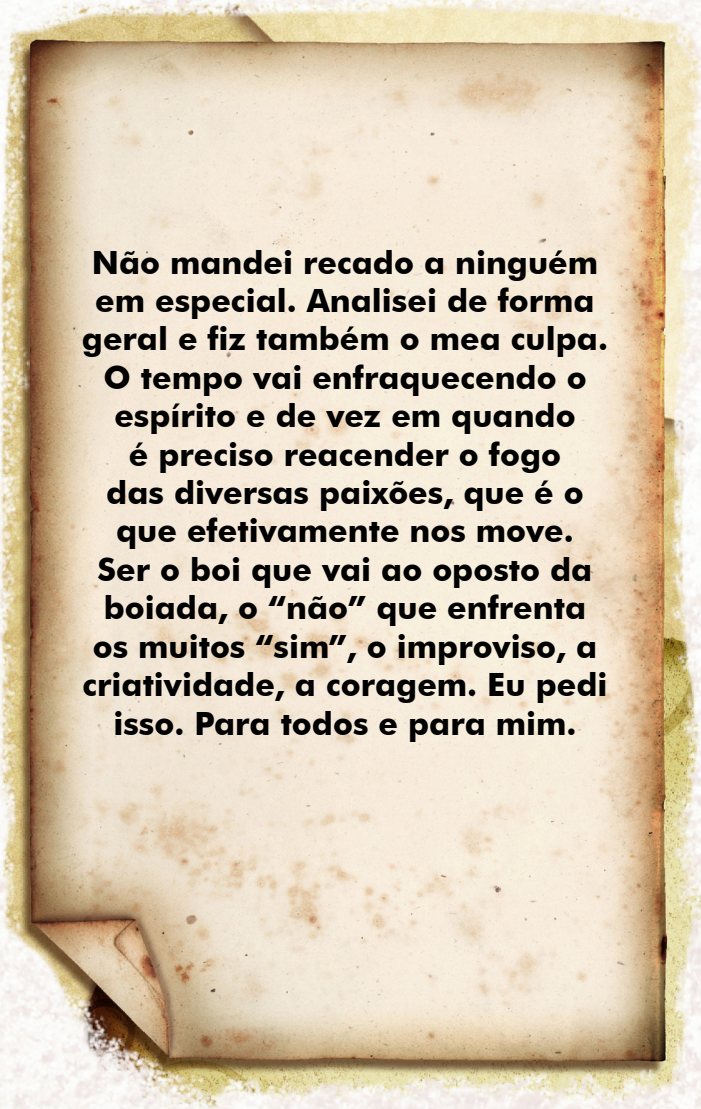
Não se sofre pelas palavras ditas e não se toma uma posição. Guarda-se a ética no bolso e joga-se em todas as posições. A ética, até então adaptável ao seu tempo, uma reguladora de ações, tem agora outra providencial função. Tornou-se maleável de acordo com as conveniências.

Vivemos num tempo em que opiniões são camisas penduradas em varais. Faz-se uso delas conforme a ocasião. Uma afirmação não se encerra em si mesma. Seu autor não a sustenta quando alguém à margem a contesta. Para evitar o confronto, ele deixa aberturas. Portas e janelas imorais para escapar e voltar com frases refeitas.

Na teia dos interesses profissionais, políticos, financeiros e afetivos de toda ordem não se diz tudo o que é necessário dizer. São introduzidos fragmentos de verdade no grande pote onde a mentira, que atende por muitos nomes, reina absoluta. A suscetibilidade não é ferida, sequer arranhada. A palavra sai pela metade, dúbia, enviesada e prolixa. Gasta-se tempo em falar, mas no rigor da análise do que foi dito só se

aproveitam migalhas fadadas a sumir no dia seguinte. E, para substituir, vem outro discurso igualmente ralo. E assim sucessivamente.

Não se arrisca. Vive-se no periférico. Equilibra-se na voz, no texto, no gestual e no ato. São as mesmices declaratórias na obra, na tela, na página, na tribuna, no púlpito, no alto-falante, nas mensagens instantâneas. O país é um supermercado com extensa prateleira, vendendo o mesmo produto com embalagens diferentes para consumidores habituados a se fartar do óbvio e do que o deixa seguro. E todos os dias os estoques são repostos porque sempre tem gente interessada.



21.10.07

O CRUEL NO LIVRO E NA TELA

Quando a gente lê o livro antes, o grau de exigência em relação ao filme aumenta consideravelmente. Li no ano passado *Elite da Tropa*, escrito pelo antropólogo e cientista político Luiz Eduardo Soares e pelos PMs André Batista e Rodrigo Pimentel. Foi um dos melhores livros que li nos últimos anos. Ele consegue criar um cenário tão instigante, com personagens tão complexos e cativantes, que fica impossível parar de ler. Você devora num fôlego só.

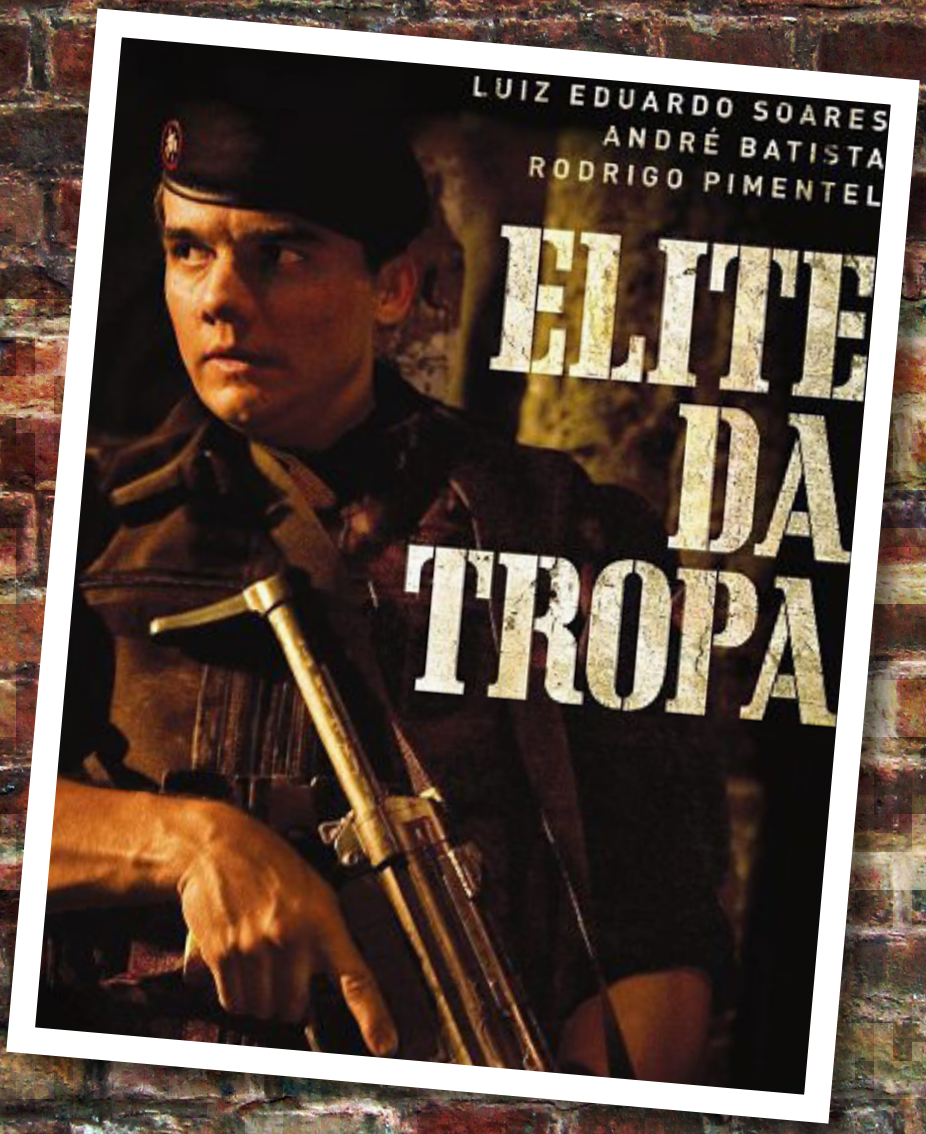
Pois bem, fui ver o filme *Tropa de Elite,* pagando ingresso, frise-se, sabendo sobre sua essência. Esperava que a direção pusesse na tela aquele ambiente que eu criei quando li o livro, e acreditava que os atores correspondessem às minhas expectativas. Gostei. José Padilha, contando com o apoio de Pimentel, um dos que escreveram o livro, dirigiu um dos melhores filmes da história do cinema nacional.

Ele expôs o cruel na tela, sem tempero nem meias-palavras. Algo de morbidez com humor, um quê de Tarantino. A posse do monopólio da justiça, um quê de Eastwood. Sem economia de sangue, diálogos ácidos, dramas pessoais, coletividade em desespero, banalização do crime, e uma instituição desintegrada. Em meio a tudo isso estão os anjos vingadores do Bope, ganhando simpatia a cada tiro, a cada porrada, liderados por um capitão exaurido, mas que não se deixa vencer, seguidor de uma ética muito particular. Uma ética que acerta em cheio no gosto popular, num tempo em que a desesperança e a ira materializam-se nos atos de homens com espíritos armados, que despejam munição e semeiam tantas outras guerras.

Saí do cinema admirado com a interpretação de Wagner Moura. O filme bem que poderia se chamar *Capitão Nascimento*. Para quem assiste a quase tudo o que é produzido em Hollywood, como é o meu caso, analiso que se Wagner Moura fosse americano estaria milionário e vez ou outra seria indicado ao Oscar. Ou você não o acha bem melhor do que Ben Affleck e Mattheuw McConaughey?

E a bela Fernanda Machado, com segura interpretação, vive Maria e praticamente "engole" André Ramiro, com quem contracena em praticamente todo o filme. Ramiro, que era bilheteiro de cinema até o ano passado, não convence no papel do policial André Matias. Já a maringaense, que não é só mais um rostinho bonito na tela e não tem necessidade de mostrar as coxas a todo instante, veio do *Paraíso Tropical*, entrou no inferno da *Tropa de Elite* e saiu pronta para todos os voos. Cinema é isto: discussão, reflexão ou nada mais do que entretenimento. Desta vez, quase que o filme empatou com o livro.

Em 2007 muito se falou em Tropa de Elite. Eu já havia lido o livro, que se chama Elite da Tropa, e tinha gostado. Então fui ver o filme. A tendência natural é aumentar a exigência quando se lê antes de assistir, mas Tropa de Elite superou as expectativas. Wagner Moura, um show à parte. A maringaense Fernanda Machado deu conta do recado.


LUIZ EDUARDO SOARES
ANDRÉ BATISTA
RODRIGO PIMENTEL
ELITE DA TROPA

28.10.07

54

CRIANÇAS, POESIA E A CADERNETA

Dia desses fiz uma poesia para as crianças. Versos simples, saídos quase que por acaso. Muitas vezes escrevo e imagino alguém cantando ou declamando: enfim, pondo vida às letras inertes ordenadas no papel. A poesia virou música, numa melodia que eu inventei naquele instante, e conforme cantarolava fui perdendo o ritmo até me pegar declamando bem baixinho para ninguém escutar.

Fiz a pequena poesia na caderneta que ganhei, uns dois anos atrás, do Burzega. Aliás, a ideia da caderneta como brinde é genial. Demora-se a acabar com ela. Enquanto isso, você vai carregando a caderneta Burzega – Image Achievement para baixo e para cima, escrevendo de tudo nela.

Pois bem. Estava eu, num dia desses de outubro, sentado num banco, esperando não lembro quem ou o quê, quando me pus a pensar nas crianças. Vejo crianças uniformizadas, dos 7 aos 10 anos, quase todos os dias. Uma das maravilhas da vida é vê-las saindo da escola. Elas espalham alegria ao irromper no portão. Ficam quatro horas retidas e ao sair botam para fora todo o prazer de se ver livres. Correm, pulam, conversam alto, gritam...

Pensava eu nas crianças e me lembrava do meu filho, que já passou dos 20 anos. Eu o via pequeno, de uniforme, fazendo igual a essa molecada que entra em ebulição após o toque da sirene anunciando o final das aulas. Peguei a caneta e a caderneta e fui escrevendo sobre a vida delas, dos caminhos a percorrer. Pensava sem tristeza e escrevia com satisfação porque as crianças têm o direito a todas as alegrias possíveis.

Evitava pensar nas crianças que sofrem. Embarquei numa nau deixando os sonhos ruins no fundo do mar ou fiz com que eles se diluíssem na névoa. Para elas, criei um mundo com couraça contra a dor e acreditei na boa esperança. Desviei da crueldade, criei horizontes de paz para que elas pudessem sempre levar o sorriso puro. E o vento

levava um canto feliz, que chegava a todos os lugares.

Abri o sol muitas vezes para iluminar os corações dos homens. Depois vinha a lua testemunhar o adormecer dos pequenos. E a alegre viagem seguia sem fim. Eu era um anjo da guarda, guardando os caminhos e abrindo clareiras. Pensava em tantas crianças. Em tantos adultos também, naqueles que carregam pela vida o espírito delas, os "tais eternas crianças".

Devido às limitações da veia poética, reduzi a fantasia a estes versos que estão lá na caderneta: *Que faça bom tempo/Aqui, por aí e por lá/ Relógio num passeio lento/Muitos sóis ainda a clarear/E a lua, luz, prata pura/Nas noites repletas e vãs/Outra parceira na aventura/Preparando novas manhãs.*

Veio a saudade de quando o meu filho era pequeno. Então saiu esta crônica. Lembro-me de que demorei para escrevê-la. Fiquei emperrado no final porque quis fazer uma poesia com rima e não conseguia ser convincente. A poesia tinha que reforçar o que eu tinha escrito acima. No fim saiu o resumo do que desejo para as crianças: muito tempo de alegria e nenhum sofrimento. Se for para sofrer, que seja quando se tornarem adultas.

04.11.07

O DISTANTE E PRÓXIMO 2014

Com o anúncio da Copa 2014 no Brasil passei a fazer exercícios de futurologia. Como é que este país vai estar daqui a sete anos? Depois de análises, com um otimismo quase empatado com o ufanismo concluí que a Terra de Santa Cruz estará no patamar dos países desenvolvidos, com voz ativa nas importantes discussões mundiais, sem miséria, com ofertas de emprego em todas as áreas, salários justos, excelência na saúde e na educação, acentuada conscientização ecológica, uma classe política séria e atuante, governantes com ações voltadas aos interesses públicos, níveis aceitáveis de corrupção e condenações exemplares aos usurpadores da nação.

Em 2014, terão fim filas e pistas únicas. As mortes no trânsito diminuirão drasticamente, o pedágio terá um só preço em todas as rodovias, a venda de armas será permitida apenas em casos muito específicos, e a maioridade penal será de 16 anos.

O Brasil fará parte de uma efetiva e permanente ação conjunta formada pelas grandes potências no combate ao tráfico de drogas. Os traficantes serão catalogados como criminosos nível 1, ou seja, com o mais alto grau de punição.

Haverá a unificação das polícias, ganhos compatíveis com a função, capacitação permanente dos profissionais e equipamentos apropriados para a execução das tarefas. Um novo Código Penal estará em vigor, haverá diminuição de 80% no número de sindicatos, será lançado o imposto único, os professores serão respeitados, os velhos reverenciados e as crianças protegidas.

Daqui a sete anos a população brasileira terá aprendido a separar o lixo, a não jogar restos de construção e outros detritos em terrenos e vias públicas, a não esparramar copos e garrafas em praças e bosques e a não usar mangueira para lavar calçada. As áreas de fundo de vale serão preservadas, e as políticas públicas e privadas de recuperação e conservação dos rios e mananciais servirão de modelo para o planeta.

As eleições acontecerão somente a cada quatro anos e as propagandas eleitorais na tevê serão de dez minutos diários. Senado, Câmara Federal, assembleias legislativas e câmaras municipais terão uma redução extraordinária de parlamentares e assessores. E os salários serão simbólicos.

Na final da Copa de 2014, no Maracanã, o Brasil levantará a taça depois de vencer a Argentina por 4 a 3, com o gol da vitória marcado aos 48 minutos da etapa final. Com 32 anos, Kaká, o autor do gol, será o líder do time na épica conquista. E como nem tudo será perfeito, segure mais esta previsão: vamos ter que aguentar o Galvão Bueno narrando. Quem viver, verá.

Bem que eu poderia acertar todas as previsões. Aí o país teria que mudar o nome para Paraíso. O que lamentei foi ter escrito aquilo do Galvão Bueno no final do texto. O Reinaldo Borges Maia ficou amigo do Galvão Bueno e disse que qualquer dia desses vai me apresentar a ele. Se o consagrado narrador souber que escrevi isso dele, a amizade não vai passar de uma fotografia e um aperto de mão. Se é que vai chegar a isso.

11.11.07

56

ENQUANTO ELA ESPERA

Ela canta um canto baixo. Ou melhor, cantarola. É uma canção romântica antiga, um sucesso americano que ela não sabe o significado. Sabe que é triste. Triste como esta noite, como a rua lá embaixo, as cabecinhas que vêm e vão. Na sacada, no alto de oito andares, o céu negro, o cantarolar triste, o corpo lento e o copo vazio.

O verbo esperar é pesado, longo e cansativo. Esperar é abrir mão, os braços e o coração. É o que ela faz. Ela e o relógio se arrastam parados, fechados, sintonizados em ponteiros lentos. O silêncio é cortado, chega e sai de acordo com os motores. O som, no entanto, não sobe forte. Os carros, pontos luminosos invadindo o breu da noite, transportando solidão ou tentando dela fugir.

E ela espera. Descalça, mais líquido no copo e a desistência de cantar. Agora, a mente é vazia. Tudo o que o dia impôs se perdeu nessa noite. A concentração é quase total na espera. Não há profundidade na visão. As edificações não permitem. Só janelas uniformes. Mundos quadriculados. Janelas abertas, cobertas e fechadas. Vidas expostas e secretas. Intimidades compartilhadas com anônimos donos de outras janelas ou aberturas sem função, sem vida.

Da sua janela, ela se pergunta se alguém a vê, se alguém se interessa em vê-la. Dá um sorriso, quase malicioso, e chega a fazer menção de expor uma parte do corpo. A ideia lhe faz bem. Sente-se viva, mas não sai do lugar.

Esperar o que não se pode ou não se deve mais esperar é a dor maior. Quando é aberto um campo de expectativa, nele se percorre, dá voltas e qualquer sinal revitaliza. Quando não existe o campo, se comprime, se contorce e a dor transpassa todos os sentimentos. Quem espera faz uma busca sôfrega por quaisquer que sejam as dúvidas. Entre elas pode estar a certeza da vinda.

Ela não sabe como é a sua espera. Por isso volta a cantar. Um canto novamente baixo, que é dor, lamento, socorro, pedido, disfarce. É a

soma de tudo que forma a espera. Deram o nome de amor, pensa ela, a isso que consome, preenche, esvazia, que revira, mistura, alegra, dói... Amor é bem mais do que o nome inventado para resumi-lo.

O relógio, parceiro cruel, acumula a espera. A noite vai se acomodando. Quase tudo dorme. O copo na mesa, o corpo deitado numa cama grande demais, as luzes apagadas, buzinas distantes. Agora, seu sono é solto, sonha como aquela gente feliz nas janelas. E ela, acompanhada, também feliz na sacada. Então, a chave gira no tambor. Em todas as vidas que ela viver, sempre vai acordar ao ouvir este som. Agora, é o real fim da espera.

Ia partir para um conto erótico, mas o espaço limitado na coluna e o pudor me impediram. Fiquei na dor da espera até que fosse interrompida pelo giro da chave. O quarto opressor se tornou o ninho do amor. Vou parando por aqui. Se continuar assim, esse comentário vira um sertanejão.

18.11.07

UMA KOMBI LEVANDO A HISTÓRIA

Alvino é um rapaz de 78 anos que faz fretes todos os dias com uma Kombi de carroceria. Seu ponto é na Prudente de Morais, em frente ao Estádio Willie Davids. Eu o conheci dia desses quando precisei atravessar a cidade para levar um sofá à casa da minha mãe. Ele transporta móveis e eletrodomésticos, e leva consigo um monte de histórias de Maringá. O bom é que você paga só o frete. As histórias são de graça e em profusão.

O magro, alto e descendente de italianos Alvino espera você dar abertura para então começar a contar seus causos. Quando íamos na Paraná, sentido centro-Colombo, na esquina com a Horácio Raccanello, por onde passava a linha férrea, ele se lembrou de um fato acontecido em 1955.

Dirigindo seu Chevrolet, ano 40, com dois companheiros na cabine, ele não viu o trem. Só deu tempo de virar o caminhão para a direita. Por pouco não bateu na locomotiva. Para justificar a desatenção diz que um dos amigos estava com um chapéu enorme atrapalhando sua visão. Conta que ainda teve tempo de ver o maquinista dando risada para o assustado trio.

Da Paraná, entramos na Prudente de Morais, viramos na São Paulo, seguimos até a Colombo e depois na Pedro Taques. No Alvorada, as histórias de Alvino, tendo a menina Maringá como cenário, ganham pinceladas mais fortes de emoção. Ele foi um dos primeiros moradores do Jardim Alvorada. Comprou um terreno, no início dos anos 60, da Codal, a Companhia de Colonização e Desenvolvimento Rural, que tinha como dono Lucílio de Held, nome de uma das principais avenidas do bairro.

As parcelas eram a perder de vista e Alvino pagava religiosamente uma a uma. Quando a situação apertava, ele fazia serviços para a loteadora e ia abatendo no valor das promissórias. Ri ao contar que faz mais de 45 anos que começou a construir a casa e que ainda não

terminou.

Alvino não quer se aposentar nunca. Diz que se ficar em casa fica muito irritado e deixa a família maluca. Cerca de dois anos atrás, entrou num quintal com a Kombi para carregar uns móveis. Quando desceu, um pitbul voou no seu pescoço. Só deu tempo de levantar o braço direito para se proteger. Ele dobra a manga para mostrar as cicatrizes. As mordidas quase dilaceraram seu braço. A dona da casa e uma vizinha o salvaram do pior. Depois de meses se restabelecendo, voltou para o frete porque já não aguentava mais ficar em frente à tevê.

E foram muitas outras as histórias do quase octogenário rapaz chamado Alvino, memória viva da Cidade Canção. Ao chegar no seu ponto, paguei e ele agradeceu. Eu é que agradeço, Alvino.

Seu Alvino existe e faz ponto com sua Kombi quase em frente ao Estádio Willie Davids. Em 2009, ele levou novamente um móvel até à casa da minha mãe, dessa vez um pesado armário. Ele se lembrou de mim e fez um bom preço pelo frete. Perguntei se não estava pensando em se aposentar. Disse que por enquanto não.

25.11.07

58

O DOMINGO DE KENJI UETA

As janelas estão abertas e duas enormes árvores parecem querer invadir a sala. No asfalto, sentido JK-centro, a palavra "DEVAGAR" até que é levada a sério. Já para quem sai da avenida Paraná e entra na Itororó, encontra uma reta convidativa até a JK. Sem redutores de velocidade e sem pardais. Por isso, é perigosamente comum carros e motos rasgarem a avenida em assustadora velocidade numa via quase no centro da cidade.

O tempo é quente, mas o vento, mesmo leve, tem força para mexer com os galhos mais finos. O sol é forte, se esparramando sobre as copas das árvores do Bosque dos Pioneiros ou Bosque 2, como é chamado por todo mundo. Agora, quase 9 da manhã, ainda há pessoas caminhando em torno dele. Duas horas antes, o local estava tomando de gente de idades e pesos variados indo e vindo, caminhando e correndo. No final do dia, eles voltam.

Se agora tivesse uma trilha sonora de Paul Mauriat, que morreu em novembro do ano passado aos 81 anos, e se fosse possível dar um "mute" no ronco dos motores, a imagem à minha frente teria o poder de varrer as preocupações e criar o ilusório campo de paz e tranquilidade.

Nesta sala, entre dezenas de fotos de Maringá em preto e branco nas paredes, uma me leva a fazer comparação com este cenário. A foto tirada pelo pioneiro Kenji Ueta, um dos primeiros fotógrafos da Cidade Canção, é da década de 50. Seu Kenji subiu em alguma construção na esquina da Duque de Caxias com a Brasil e conseguiu dar profundidade à fotografia, sendo possível ver a avenida principal até a praça Rocha Pombo.

Ruas sem asfalto, crianças brincando próximas ao canteiro central, homens na calçada, ou o que viria a ser calçada, os famosos Cadillac, dois jipes, uma charrete, bicicletas, casas baixas e uma enorme mata emoldurando a foto na parte superior. Tudo em harmonia. Novamente

recorro a Paul Mauriat. Então, vou olhando mais detidamente. À esquerda da foto, muita gente na praça Raposo Tavares, e instalados nela um circo e um parque de diversões.

Não perguntei ao seu Kenji, mas tenho certeza de que é uma tarde de domingo em Maringá. Reforço esta certeza ao ver as seis portas da Casa Paratodos fechadas. Então, substituo a orquestra do maestro francês e ponho no alto-falante da história da menina Maringá um ritmo mais apropriado para a ocasião: uma marchinha do Braguinha ou um sertanejo de raiz. Fico a imaginar o que os que virão vão dizer da gente ao olhar nossas fotografias e vídeos. E será que eles ainda terão o privilégio de ver o que vejo agora das minhas janelas?

A sala onde eu escrevia os textos fica na Itororó, avenida que faz frente para o Bosque 2. Estava sem ideia para escrever. O tempo passava e nada de vir o tema. Olhava para a janela e para a parede, à esquerda, onde tinha posto as fotos antigas de Maringá feitas pelo pioneiro Kenji Ueta. Escolhi uma delas e fiz a comparação com a Itororó. O passado ao lado e o presente à frente.

02.12.07

59

UM BANDO LOUCO, LOUCO POR TI

O Corinthians decide hoje sua sorte. Pendurado na 1ª divisão, o Timão cai ou permanece. Aconteça o que acontecer, é o fim do martírio. Se escapar, a comemoração será similar a um título. Se for para a 2ª divisão, conhecerá uma dura realidade que até pouco tempo atrás qualquer corintiano diria ser impossível de ocorrer. Mas, se esse for o caminho, a resignação substituirá a dor.

De qualquer forma, o alvinegro do Parque São Jorge descansará após o apito final do jogo com o Grêmio, em Porto Alegre. O corintiano respirará aliviado se conseguir ficar na elite do futebol brasileiro. E continuará respirando, mesmo com o ar de tristeza. E vai gritar "Timão" em qualquer divisão.

Torcedor de futebol não abandona seu time. Só dá as costas por uns tempos, mas sempre fica com o rabo de olho para saber como ele está. No primeiro sinal de recuperação, volta mais fanático do que nunca. Já a fidelidade do corintiano é sempre visível. No céu ou em qualquer outro lugar.

Na derrota, na quarta-feira passada, noite de choro e ranger de dentes, de olhares crispados, mãos postas e desespero, quando o grito de gol ficou dando voltas em torno da garganta e de lá não saiu, constatou-se mais uma vez que o futebol é uma paixão avassaladora.

Essa percepção é anda mais nítida quando um clube de massa está no epicentro. A nação Corinthians está em ebulição e atinge, de um jeito ou de outro, todos os brasileiros que amam este esporte.

A dor percorreu as arquibancadas do Pacaembu, uma dor irmanada. Antes, um canto para levar o time à vitória. Depois, a tristeza distribuída para cada peito onde pulsava um coração corintiano. Atravessando o estádio. As profusas lágrimas não escolheram os olhos por onde deveriam sair. Toda aquela gente chorou. Uma coletividade se abateu e continua abatida.

Sem forças para vaiar e sabendo que se abandonasse o time, o que

já era trágico, seria definitivamente trágico, a torcida se deu o direito de ficar prostrada. Serviu de consolo conhecer o sofrimento alheio. As dores comuns dão força para superá-las. E essa soma fabrica a esperança.

No Corinthians, só a perspectiva da ida para a 2ª divisão já ganha contornos épicos. Se o time sobreviver, a segunda maior torcida do Brasil vai transformar em epopeia essa difícil, conturbada e dolorosa página da sua história.

O coro do Pacaembu continua ecoando: *"Aqui tem um bando de louco, louco por ti Corinthians, e aquele que acha que é pouco, eu vivo por ti Corinthians, eu canto até ficar rouco, eu canto pra te empurrar, vamo vamo meu Timão, não para de lutar"*.

No domingo o Timão cairia para a 2ª Divisão do Brasileiro. Depois de perder na quarta-feira, o clima entre os corintianos era de grande tristeza diante de iminente queda. Poucos acreditavam num milagre contra o Grêmio, em Porto Alegre. Por outro lado, todas as outras torcidas já comemoravam, como se tivessem obtido um título. Quis escrever sobre o Corinthians para mostrar que a paixão do verdadeiro torcedor, independentemente de qual seja seu clube, transcende resultados de jogos e divisões.

09.12.07

O BELO E ÚNICO DIA

O ano já está indo embora e não deu nem para perceber. São tantas emoções, ações, atribulações e tantos outros ões atravessando os dias que 2007 está nos estertores e a gente não prestou atenção que o parto do ano novo será daqui a três semanas. E fico tentando me lembrar do que aconteceu de janeiro até agora. Tantas coisas e, de repente, nem tantas tão diferentes de anos anteriores. O tempo passou e o que estou notando é que não há passagens tão significativas. Há, sim, uma face mais vincada e um olhar menos sereno.

Começo a pontuar os fatos que julgo marcantes nesta minha comum vida de cidadão brasileiro, tatupeba, taturana (salve, salve, Edu Lobo) e chego à conclusão de que não há grandes conclusões a ser tiradas. Fico analisando mês a mês, e o que vejo é que não há análises tão relevantes a ser feitas.

Aí questiono se essa espécie de desencanto não é apenas circunstancial. Quando o volume de preocupações (olha aí mais um ões) num determinado dia fica muito elevado não acaba prejudicando a avaliação? O ideal não seria puxar uma cadeira, à sombra de uma árvore, um abacateiro, esticar as pernas, abrir uma cerveja e, sem buzinas nem ronco de motores, esquadrinhar esta mente que vive questionando a qualidade de vida que a gente leva?

Por que não puxar na memória tantos acontecimentos felizes, e ao mesmo tempo triviais, que não são levados a sério no momento mas que são tão reparadores olhando agora, vendo-os a distância? Por que a tensão é tão superior à serenidade e nos sentimos tão ameaçados por questões que ainda não aconteceram e na maioria das vezes nem vão acontecer? É porque somos irremediavelmente insaciáveis de dias luminosos e amarguradamente intransigentes com os nebulosos. E ainda que o dia seja quase belo, o quase vence.

Deixar os pés livres, tirar a camisa e esticar o corpo com os olhos no crepúsculo. Ouvir uma música suave e sentir-se na natureza, sentir-se

integrante. Somar todos os prós e todos os contras possíveis deste ano — ou não seria melhor os desta vida? — e não se esquecer de incluir este momento como o melhor de todos, o único. Este momento de paz, de meditação, em que é possível se ver verdadeiramente, e então se encontrar.

E antes que este instante se finde, atropelado pelo vigoroso e inexorável cotidiano que mistura todos os elementos, é preciso agradecer, pedir e querer que a harmonia retorne mais vezes e com maior intensidade. Então, meses e anos não terão tanta força para pontuar as emoções porque o que vai predominar será cada dia fazendo sua bela e própria história.

Dezembro chegou e as avaliações do ano começam a ser feitas. Analisando hoje, não sei exatamente qual era o meu estado de espírito quando escrevi este texto. Aparecem o desencanto e a aceitação, mas eu luto contra isso, buscando maneiras para descansar e renovar o espírito. No final, digo que meses e anos não são importantes e sim a história de cada dia. Em muitos outros textos contrario essa afirmativa ao valorizar o Natal, a passagem de ano e aniversários. Na verdade, cada dia tem uma história. Naquele dia era assim que eu me sentia.

16.12.07

CRISTO E OS PRESENTES

Nestes dias de dezembro, se você entrar no movimento da avenida Brasil, no coração dela, entre a São Paulo e a Getúlio Vargas, e prestar atenção nas pessoas, principalmente nas crianças, vai perceber porque o Natal, e tudo o mais que o envolve, é a celebração mais importante. Então você vai dizer que a data magna da cristandade foi desvirtuada, que o comércio se aproveita para estimular o consumidor, que chega à sofreguidão diante de tantas tentações. Ou você concorda comigo que ninguém será mais ou menos cristão se participar dessa agitada e luminosa festa?

Esta área central de Maringá, nos shoppings e nas avenidas próximas, em que o consumo bate recordes, é um recorte do Brasil que vai às compras, independente do saldo da conta bancária. Há uma prioridade em comprar, um desejo de entrar no clima, uma premência de se sentir vivo e ativo, no contexto em que o Natal é o mais perfeito cenário.

Num resumo geral, é como se o cidadão brasileiro destinasse, ainda que forçosamente, onze meses para trabalhar e pagar contas e deixasse o céu de dezembro para viver, efetivamente, no paraíso sonhado para todos os dias do ano. É como se o ano não fosse dividido em doze meses, mas em onze mais um. E é esse "um" que faz toda a diferença, que faz as pessoas grudar os olhos nas vitrines, invadir lojas e sair carregadas de embrulhos. Do comércio de portas estreitas às grandes fachadas.

E tome cartões de crédito, cheques à vista ou pré-datados. Em janeiro, quando os governos de todas as esferas reiniciarem a sangria dos impostos, a gente inclui também as despesas natalinas, e vamos em frente. Vida que segue porque logo outro dezembro estará batendo na nossa porta. Aprendemos muito nesses anos (salve, salve Ivan Lins).

No destino dos presentes é possível fazer a ponte com a data cristã. Se a população chega ao ápice do consumismo também é fato que o Natal é o período em que mais as pessoas se relacionam, se presenteiam e

dão as mais claras demonstrações de afeto. O presente funciona como a materialização da consideração, gratidão, bem querer e, por fim e essencialmente, do amor em todas as instâncias.

Se o amor está sendo levado nessas caixas, pacotes e sacos, ligando as pessoas, então Cristo está presente. Portanto, Cristo é amor, presente, celebração e movimento nas ruas, calçadas e lojas. Cristo também é esta cidade que pulsa, comemora e vive na relação da oferta e procura de presentes de todos os tipos, tamanhos e preços. Cristo está presente nas calçadas e avenidas. Pecados e culpas ficam para outras datas, para os outros onze meses.

Destaco os festejos natalinos e não critico o espírito consumista. Pelo contrário, chego a exaltá-lo. Digo que Jesus Cristo está presente em todos os presentes. Se Cristo é amor e se os presentes são dados com amor...

23.12.07

QUANDO OS ANJOS ABENÇOAM

Estávamos na sala, em volta de uma mesinha retangular, falando sobre os mais diferentes assuntos, comendo quadradinhos de queijo e presunto, azeitonas, e tomando cerveja. Na entrada, uma árvore de Natal gigante com bolas vermelhas e pisca-pisca nos fazia companhia. Volta e meia eu olhava para ela, que parecia me dizer: "É Natal, é Natal".

Descontração de final de ano, inevitáveis balanços e projeções. Não tem como ficar alheio e nem eu quero ficar. O clima é natalino, e a cada ano vou me integrando e me entregando a ele. Com o tempo, o coração vai ficando mais mole e os canais lacrimejantes mais lubrificados.

Diogo, do alto de seu 1 ano e sete meses de vitalidade, simpatia e curiosidade, estava na sala com a gente. Ele mordia grandes azeitonas enquanto todo mundo ficava vigiando, com medo de que ele fosse engolir algum caroço. Passava das 11 da noite. Se o dia seguinte não pedisse para se levantar cedo, latinhas, petiscos e conversas entrariam na madrugada.

Pedro, de uns 5 anos, pôs um pijama branco a contragosto. Ele não ligava para as broncas dos pais, que queriam vê-lo na cama. Disse "boa noite" várias vezes, mas em vez de ir deitar ficou subindo e descendo a escada. Ele já havia posto para funcionar seu carrinho de controle remoto, presente antecipado do Papai Noel. Diogo caiu no choro porque queria brincar também. Então lhe deram um outro, que logo ele abandonou, voltando para suas azeitonas.

As crianças têm o poder — graças a Deus — de subverter a ordem em qualquer encontro. Esses anjos, com suas manhas, travessuras e perspicácia, suas maravilhosas expressões e surpreendentes ações descontraem qualquer ambiente. Os pequenos aproximam os grandes. Eu olhava para as pessoas, para os belos móveis, em que o antigo, o rústico e o moderno se completavam. E percebi que o harmônico transcendia madeiras, pinturas e objetos. Era a amizade instalada

naquela sala, tendo uma enorme árvore como testemunha.

Os ponteiros já estavam dividindo o relógio ao meio. A família do Diogo já havia ido embora. Pedro havia se aquietado um pouco antes. Hora de ir, tempo de compreender a importância de momentos como aqueles, tão simples, intensos e reveladores. Mesmo sem nos dar conta, o espírito de Natal esteve com a gente.

E agora fico fazendo votos para que este espírito permaneça, acima das datas consagradas, em todos os encontros. Com Diogo, Pedro, Caio, Arthur, Danilo, Igor, Marília, João Pedro, Caíque, Rebeca, Guilherme, todas as crianças enfim, e também com aquela que vive dentro da gente.

Escrita na sexta-feira. No dia anterior, fui com a minha mulher, a Simone, à casa do Dirceu Herrero e da Regina Daefiol. O Carlos Castro e sua esposa Mônica também estiveram lá naquela noite muito agradável. As crianças brincando naquele ambiente me motivaram a escrever este texto.

30.12.07

JANELAS ABERTAS, AMIGO!

Quero enviar meus agradecimentos do fundo da alma e desejar um 2008 repleto de realizações a você, amigo leitor, que teve a coragem e a paciência de viajar pelo meu mundo de histórias, contos, poesias, opiniões e textos errantes e dispersos. Neste 2007, andei muitas léguas pela antiga Maringá, pela nossa Cidade Canção em preto e branco. Virei criança, moleque e rapaz, ressuscitei tantas pessoas neste espaço que alguns lá em cima devem estar ansiando pelo tal sossego celestial.

Contei sobre os pioneiros, famosos ou não, que já se foram ou que estão por aí, passeando por nossas largas calçadas. Neste ano que se vai, lamentei sobre gente que partiu de vez, deixando um rasgo indelével de saudade, gente que foi cedo demais, nos deixando abraçados à perplexidade.

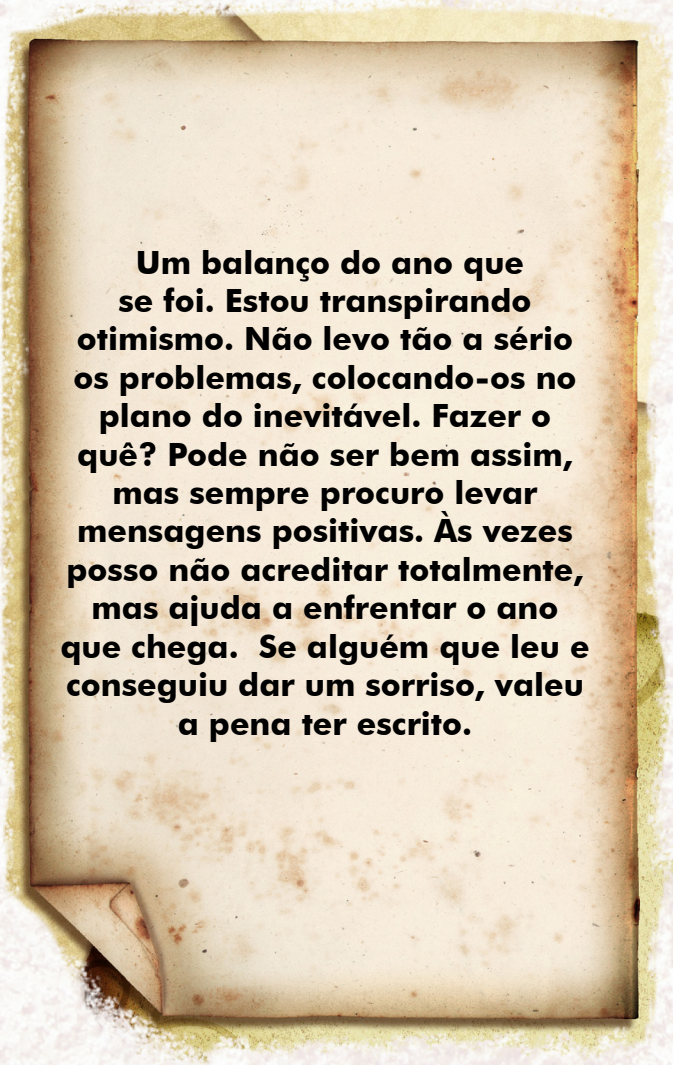
E vibrei com as crianças. Elas, se Deus quiser — e Ele quer — vão nos redimir, ainda vão nos ensinar a viver de forma simples e feliz. Escrevi sobre o Corinthians e a velha rodoviária. O Timão caiu primeiro; já o prédio quase cinquentenário não escapa de 2008. A figueira branca entre a Maçonaria e o Teatro Marista também foi homenageada, assim como as avenidas e tantos outros elementos ordenados, difusos e incompletos que formam a linda flor, a mais gentil.

A violência foi tema de inúmeros textos. O sangue jorrou em muitos lugares: nas estradas e avenidas, em bares e lares, em bailes e quintais. Não pude fechar a janela para tantas dores estampadas nos jornais e nas telas. Esparramei mazelas neste retângulo, mas sempre deixei aberturas de esperança. Fiz análises e previsões, todas elas com ralos embasamentos técnicos. No entanto, a fé foi a mola propulsora. É a fé que vive a me dizer que é possível ser feliz. Ou quase.

O trânsito maringaense assustador, com seus flanelinhas, profissionais do achaque. O comércio, com suas fachadas luminosas, de portas abertas para todos os consumos possíveis. Os botecos decadentes e tão emblemáticos, de portas abertas para todas as fugas necessárias. A

música, a fotografia, o cinema e o futebol: arte e paixão para desligar martírios e para nos dizer que este mundo é belo. Basta encontrá-lo. A incursão começa na estação chamada "Você". Desfilei tudo isso e tantas outras mensagens que, em certas ocasiões, confesso que duvidei da clareza das minhas ideias.

Pois bem, meu caro leitor, o 2007 agora é só aprendizado e registro. O Ano Novo chegou. Vamos abrir as janelas, ver e ser vistos. Vamos admirar a paisagem e dela participar. A gente se encontra por aqui ou por aí. A gente sempre se encontra.



06.01.08

REIVENTANDO O SUJEITO

Estamos na primeira semana do Ano Novo, com um olhar de relance para o Velho que sucumbiu entre fogos de artifício, abraços e goles de champanha ou líquidos outros. Um olhar vitorioso, com uma pitada de desdém. Olhamos à frente contemplando dezenas de projetos sob as mais diferentes perspectivas. Estamos animados com o Ano Novo, mas... Mas ainda carregando trabalhos incompletos, feridas abertas, tensões acumuladas e incertezas gigantes.

Não é possível fazer no ano que chega uma ruptura. Não dá para limpar a área, preparar o terreno e iniciar uma nova plantação. No máximo, fazemos um redirecionamento. Trazemos, ainda que não queiramos, as velhas manias de tantos outros natais, pensamentos e conceitos que há muito deveriam ter sido abandonados.

Vêm conosco ideias enraizadas, plantadas sabe-se lá como e quando. A gente põe o pé no Ano Novo, abraça e é abraçado, comemora e chega até a acreditar que um novo sujeito está surgindo de dentro da gente, rompendo todas as mágoas e aflições, sepultando tristezas, curando cortes.

Ledo engano! Cinco minutos depois da meia-noite e lá está você pensando em tantas coisas que poderiam ter evaporado na fumaça dos fogos e no álcool das taças. Elas poderiam ser jogadas junto com a última folhinha do calendário e dissipadas no calor dos cumprimentos e das palavras "felicidades" e "boa sorte".

Então você fica a pensar em cada um dos meses que virão e os compara com os anteriores. Na equação, o resultado é a certeza de que é preciso correr atrás para que seu ano seja realmente bom. Você sabe que nada cai do céu. Se quiser, suba e vá buscar.

Aquelas comemorações de virada do ano são essenciais para enfrentamos o que já é previsível e, principalmente, o incerto. Algo está à nossa espera e devemos estar preparados. As mensagens de saúde, paz e alegria, de amor, enfim, servem para que aumentemos

a nossa fé de que o imponderável será positivo. Será com saúde, paz, alegria e com tudo o que a gente quer e merece.

A luta é fazer acordar todas as manhãs o tal sujeito otimista, conseguir arrancar das entranhas as raízes do medo, da ansiedade, da raiva e da dor, fazer florescer bons sentimentos e aumentar o campo fértil. Fazer com que ele, o tal, desfile senhor de si por todos os caminhos é o desejo. Distribuir vigor e serenidade e adormecer na paz do espírito, sabendo que a manhã seguinte também será bela.

Naqueles brindes da meia-noite do dia 31 estavam implícitos todos estes votos. Então, que assim seja. Vamos reinventar diariamente esse sujeito.

Na mesma linha da crônica anterior. Fé para prosseguir porque, como disse, nada cai do céu. Aqui, deixo claro que o ano mudou, mas nem tudo é novo: "Mas ainda carregando trabalhos incompletos, feridas abertas, tensões acumuladas e incertezas gigantes." Reiventar o sujeito é deixar os "entulhos" no ano velho, é tentar melhorar a cada dia.

13.01.08

FLANELINHA NA ESPREGUIÇADEIRA

O amigo leitor deve se lembrar de quando escrevi, alguns meses atrás, que os flanelinhas maringaenses estão se achando o máximo, a última bolacha do pacote, a bala que matou Kennedy, a última Coca-Cola do deserto... Pois é, eles estão atuando com desenvoltura tamanha que levam cadeiras, melhor dizendo, espreguiçadeiras para descansar enquanto "cuidam" dos veículos. No final do ano, nos melhores lugares para o achaque, em frente às Americanas e ao Shopping Avenida Center, ficaram refestelados no canteiro central esperando pela taxa de proteção.

Neste espaço, sugeri à administração municipal que colocasse placas informando sobre a lei aprovada pela Câmara em 1998, que proíbe a ação de guardadores de veículos no Município. Convenhamos que a tal lei é inócua e, se pegar ao pé da letra, inconstitucional, mas seria uma medida inibidora. Ainda que um paliativo, a informação numa placa daria amparo ao motorista quando fosse abordado por flanelões, flanelinhas, flanelas mirins e vovôs flanelas.

Tomado de uma revolta justificável, acho até que ira santa é o termo mais apropriado, tomei a liberdade de falar com alguns secretários municipais sobre a sugestão de fixar placas nos pontos de maior assalto ao bolso do estropiado motorista. A ideia foi bem recebida por uns e questionada por outros. De nenhum cidadão pode ser tirado o direito de ir e vir, me explicaram.

E mais: são tantos os problemas, que as autoridades têm muito mais o que fazer. Além de tudo, baseado em quê você vai atuar uma pessoa que está na calçada ou no canteiro central, se o dono do veículo dá o dinheiro por vontade própria?

Argumentei que a campanha "Não dê esmolas", com placas nos cruzamentos, surtiu algum efeito. Ainda que o coração fique em pedaços quando uma criança que mal saiu das fraldas lhe estica a mão, a gente pode dizer não apontando para o que está escrito.

Uma campanha do tipo "Não dê dinheiro a quem diz que vai cuidar do seu carro" evidentemente não resolveria a questão, que sabemos ser muito mais complexa. O problema está ligado a diversos fatores, cujos reflexos atingem Maringá por ser uma cidade polo. Mas seria um duro golpe na indústria da coação.

Cresce a olhos vistos o número de flanelinhas em Maringá. Trata-se de um comércio em franca expansão. Tristemente, o motorista está se acostumando com as figuras achacadoras, já deixando reservadas as moedas para o pagamento. Um prolongado trabalho de mídia, com o apoio de entidades representativas, faria diminuir as "mordidas" e aumentaria a coragem do pobre motorista para dizer um sonoro não.

Flanelinhas de novo. Realmente vi um deles sentado numa espreguiçadeira em frente ao Shopping Avenida Center. É ou não é para ficar revoltado? Transcorridos mais de dois anos, nada mudou. Até aumentaram os pontos de achaque.

20.01.08

66

OS ALTOS E BAIXOS DA VIDA

— E aquele serviço da pintura?
— Não deu certo. Tenho alergia.
— Tá brincando? Você tem alergia a tinta?
— Tenho, mas não fui no médico. Não sei se é a tinta ou a outro material.
— Que maré este ano, hein?
— É, primeiro a firma faliu. Depois, levei balão do Inácio no negócio das capinhas de celular. Agora, a alergia...
— E o que você tá pensando em fazer?
— Pô, você quer saber tudo? Interrogatório agora?
— Desculpa. Só tava querendo ajudar.
— Desculpa eu, cara. É que tem dia que não é fácil.
— Comigo, a coisa tá clareando.
— Legal. Quitou o terreno?
— Quitadinho. Vou parcelar o material de construção. Devagar. Nem que eu leve um ano para terminar a obra.
— Enquanto isso a sogra te aguenta na casa dela...
— Ela gosta de mim. Dá a maior força. Diz que eu sou o filho que ela não teve. Gente boa tá aí.
— Sei, sei. E você vai ficando. Acertou na mulher e na sogra. Parabéns.
— Ela diz assim: "O Vadinho pode ficar aqui o tempo que quiser." Aí a minha mulher fala: "Mas, mãe, a gente tem que ter o nosso cantinho!"
- - Aí a sogrinha retruca: "Aqui tem espaço prum cantinho de nós três."
— Então me esparramo no sofá e me divirto.
— Que forga, hein veio?
— É, mas não esquenta. Qualquer hora dessas você se acerta com uma mulher e um trampo bom. O que você tá pensando em fazer?
— Tô cansado de fazer bico. Tá pintando um negócio fixo.
— Qual?
— Promete não comentar com ninguém? Se começa a falar, acaba

gorando.
— Prometo. Que trabalho é esse?
— Um primo meu tá vendo um serviço de segurança.
— O quê?
— É, segurança. Registro em carteira, hora extra e tudo mais.
— Segurança em casa noturna, shows, essas coisas.
— Você deve tá brincando...
— Não, não tô não. Por quê?
— Pô, cara, me desculpe falar, mas você não tem corpo nem tamanho pra segurança.
— Como não!! Tenho quase 1 metro e 70.
— Fala a verdade.
— Tá, 1 metro e 62. Mas acho que sou um cara forte. E pra ficar mais alto tem uns sapatos com a sola grossa, dá um ganho de uns 5 centímetros.
— Não tô querendo te desanimar, mas acho que você não vai conseguir esse emprego.
— Você acha mesmo?
— Acho. Neste serviço você precisa se impor. E com esse físico, se der confusão você vai ser o primeiro a correr.
— Putz, eu tava tão animado, já me imaginando de terno preto, camisa preta, gravata preta, barba feita, gel no cabelo...
— Vou chegar aí, Adão. Abração.
— Vai com Deus, gigante. Sortudo de uma figa. O cara tem sorte com mulher, sogra e serviço. E quase 2 metros de altura. Vou comprar um sapato daqueles, igual ao do Zezé di Camargo, sola grossa, salto alto, fazer um curso, ver umas roupas, musculação, ir pra noite, conhecer umas minas... Pintor de rodapé o cacete!

Este bate-papo que inventei ia longe, mas tinha que escrever só uns 2.500 caracteres. É muito divertido "viajar" nos diálogos, descompromissadamente. Você traça o perfil dos personagens, idealiza cada um enquanto vai fazendo o texto. Não dá vontade de parar. São muitas as possibilidades.

27.01.08

O SORRISO DO VELHO

Pelo que sei, tinha vindo do norte. Não sei qual norte. Ou seria do sul? Que era corintiano até a raiz, transferência da paixão que vinha do bisavô, mas nunca chutara uma bola. Gostava de cerveja aos domingos e nos outros dias da semana também. Sei que gostava de mulheres. Isso mesmo, no plural. De todas as cores, idades, vocações e tamanhos. No final, sossegou.

Não tocava nenhum instrumento, mas cantava moda de viola acompanhando o CD do Tião Carreiro e Pardinho. Amava os filhos, todos os filhos, de todas as uniões. Mas, por último, descarregava quase todo o seu amor para os netos. Um deles tinha o seu tipo. Amava Deus e não sabia o que era religião. Na infância tentaram lhe explicar. Morreu sem entender.

Nunca deixou de votar, mas saía de perto quando vinham lhe falar de política. Não conhecia o mundo, mas do seu mundo era conhecedor. Nada sabia das cidades, mas a sua trazia na palma da mão. Era amigo dos velhos, dos moços e das crianças. Vivia com um sorriso pendurado na cara enrugada. Era um sorriso enigmático. Seria de vitória, de aceitação ou aquele que significa "O melhor está por vir"?

Pelo que sei, morreu dormindo. Deitou com aquele sorriso de sempre, deixando os chinelos de couro arrumadinhos sobre o tapete ao lado da cama. Como se fosse precisar, no dia seguinte, de manhãzinha, enfiar os pés neles sem olhar. Deitou de lado, virando as costas para a vida.

Disseram que não sofreu. Pelo contrário, acham que morreu feliz, que o comprido dever estava cumprido. Quando o sol estava alto, abriram a cortina e foram chamá-lo. Ao puxarem seu ombro se depararam com aquele sorriso de sempre. Agora era um sorriso meio zombateiro, como a dizer: "O que vocês querem? Já não estou mais aqui."

Pelo que sei, era um burro de carga para o trabalho. Tinha cicatrizes nas mãos. Para cada uma delas, desfilava rosários de passagens que

remontavam décadas. Calos, crostas eternas de recordações, provas de uma vida, vivida com todas as intensidades, trazidas nas mãos. Nunca teve álbum de fotografias, passarinhos na gaiola, radinho, relógio nem roupa domingueira. Não dava importância maior a determinados dias. Nem a determinadas pessoas.

Ninguém chorou no seu enterro. Havia uma reverência sem lágrimas, um respeito sem dor. Uma fina chuva parecia cair só naquele círculo. Todos se olhavam como a dizer que ali estava um homem que havia conseguido dar uma rasteira na morte por ter sabido viver a vida. Antes da terra cobrir o caixão, deu para ver pelo pequeno vidro quadrado o seu sorriso maroto dizendo: "Valeu, foi muito bom."

Fui buscar inspiração numa pessoa muito querida, que prefiro não identificar. A história de sua vida não foi exatamente assim. Mudei, acrescentei e omiti fatos. Contudo, mantive a essência. Esclarecendo: não era meu parente.

03.02.08

PARTE DO DESFILE

Ando para lá e para cá, desvio de postes e pessoas. Às vezes, vou de encontro. Driblo sonhos maus e pensamentos decadentes, pago carnês e notas, cumpro compromissos, faço compras, corto os cabelos, a barba, tento combinar roupas, tento ficar de bem com as manhãs, tardes e noites. Às vezes, me encontro. Faço orações enquanto o sono não vem, assobio canções enquanto tomo banho e monto planos enquanto sepulto os anteriores.

A inquietude turbina meus passos. Por isso ando para lá e para cá. Cumprimento com a mão e a cabeça, amo e sou amado, sentimentos nada nobres também surgem, mas logo se vão, abro e fecho portas, o telefone fala comigo, faço anotações, leio jornais, vejo televisão, a música está no ar, ouço ruídos, encho o tanque, encho a pança, bebo água, cerveja depois das seis. Esparramo o corpo na cadeira, viro o pescoço, jogo conversa fora, pego a conversa dos outros, dou risada, faço rir, fecho a cara e fecho a conta para amanhã abri-las de novo.

No adiantado da hora acordo com sonos atrasados. Estou na rua, faço parte do desfile. Paro no sinal, viro à direita e à esquerda, sigo na marcha lenta olhando para frente, para os lados e, volta e meia, estou olhando para trás. Acelero em todas as direções, mas o horizonte me avisa que ainda não saí do lugar.

Estou no alto. Na altura exata de saber que ainda estou tão embaixo. Tenho estimas sobressaltadas. Os dias me fazem de ioiô, e o espelho, que registra minhas horas inconstantes, envelhece a olhos vistos. Tenho uma gangorra como parceira diária. Agora mesmo, estava numa curva descendente, mas, em menos de um segundo estou flanando.

Abro o computador e encontro o mundo no retângulo, o mundo que eu quiser. Meus dedos me levam a percorrer tantas distâncias, fatos, gente de tantas épocas... Uma partícula humana na comodidade tecnológica passeando, tentando compreender outros cotidianos, buscando explicações.

Teclo, faço versos aleijados revirando dores acomodadas só para testar se as atuais são mais latentes. Encho folhas com textos ordinários para descobrir a frase perfeita que nunca virá. Tenho um embate com o presente, que fica me avisando para tirar aquele olhar do passado e não criar previsões assustadoras.

Arranco e amasso folhas do calendário como se o ensaio tivesse terminado e fosse chegada a hora de estrear. Arranco e amasso pensamentos como se eles não retornassem junto com as novas tecladas. Olho as horas que me informam sobre tantas urgências... Olho para tanta gente andando para lá e para cá. Faço parte do desfile.

Pretensão para que seja poesia. E se for, que nela seja posta melodia para se transformar em música. Se as pretensões não se realizarem pelo menos houve a tentativa. Sempre que leio este texto me pego em acordes imaginários. Esta frase deve resumir toda ideia: "Encho folhas com textos ordinários para descobrir a frase perfeita que nunca virá."

10.02.08

HISTÓRIAS DE RINGO

Ringo não era um cão policial puro. Sua mãe era. Deu o que fazer para que um amigo meu tirasse o filhote que, com outros irmãos, estava sendo amamentado pela mãe embaixo de uma casa. Meus pais não queriam o cachorro, mas ele foi ficando, ficando e ficou com a gente entre o final dos anos 60 e início dos 80. Demos o nome de Ringo em homenagem ao astro do western italiano, Giuliano Gemma.

Ringo vivia livre o dia inteiro, num bairro quase sem asfalto e em quintais sem grandes proteções. Poucos carros passavam na nossa rua. Gostava de uma briga, tinha o respeito do resto da cachorrada pela sua coragem e pelo seu tamanho. À noite não arredava pé de casa. Sabia das suas responsabilidades.

A carrocinha vivia dando batidas. Um dia o levaram. Meu pai foi buscá-lo. O velho contava que quando chegou ao local em que Ringo estava prestes a virar sabão não conseguiu encontrá-lo. Então, ele deu seu assobio característico em meio a um numeroso contingente canino. Lá do fundo o Ringo reconheceu, soltou o seu latido trovejante e veio abrindo caminho.

Então, o velho andou com ele até o centro. Os coletivos não deixaram meu pai embarcar com o Ringo. Os taxistas também não, mas de tanto insistir meu pai conseguiu a corrida com um boa-praça que entendeu a situação. Porém, o Ringo teria que ser amarrado e levado no colo. Se mijasse, que fosse na roupa do velho. Meu pai tirou a cinta, passou no pescoço do Ringo, botou aquele peso todo no colo e foi para casa.

A chegada foi emocionante. O mais animado era o ex-preso, que dava pulos acima de um metro do chão e roçava as orelhas nas nossas pernas. Ele tinha a exata noção do perigo pelo qual havia passado e comemorava o resgate.

Sua decadência foi de doer na alma. Apanhava mais do que batia, vivia machucado, corria atrás de carros e bicicletas. Ringo estava caducando. Às vezes avançava na gente. Num dos olhos tinha um

corte feio, parecia de faca. Uns anos antes de morrer, um carro passou por cima da sua pata dianteira direita.

Levar cachorro em veterinário naquela época era coisa de rico. Meu pai não quis saber. Levou-o a uma clínica veterinária no centro. Engessaram a pata, e por um bom tempo o Ringo ficou manquitola. Quando retiraram o gesso, ficamos na maior expectativa de que ele saísse andando normalmente. Que nada! Até o último dia de vida, ficou com a pata suspensa.

Não tivemos coragem de enterrar o Ringo. Seu Nelson, nosso vizinho de mais de 30 anos, abriu uma cova num terreno vazio do lado de casa e sepultou o nosso companheiro de tantas histórias.

Saudades do Ringo, do meu pai, daqueles tempos... Foi muito bom escrever sobre o nosso cachorro. Ele merecia esta singela homenagem. Vai aí um conselho: trate bem o seu cão porque você ainda ver ter muitas saudades dele.

17.02.08

MENINO DA PORTA DE CASA

Guga é como aquelas pessoas que parece fazer um tempão que a gente conhece, daquelas que não pedem licença e vão entrando. Por onde vai, Guga carrega a humildade, que aflora em todos os momentos. Ou melhor, não precisa aflorar, já está presente nas suas palavras, no seu sorriso, no seu jeito de ser. Ele é daqueles meninos que a gente fica torcendo para dar certo na vida, que adotamos sem nenhuma razão aparente, que pedimos a Deus para guiar seus passos.

O ídolo surgiu no final dos anos de 1990, num esporte que tínhamos como maior referência apenas Maria Esther Bueno, que havia assombrado o mundo do tênis com sete títulos em Wimbledon no final dos anos 50 até meados dos 60. Infelizmente, ela reinou numa época em que a televisão era artigo de luxo, e as transmissões de jogos de tênis ou mesmo notícias sobre o esporte eram um sonho distante.

Então chegou Guga, surpreendendo em 1997, criando a gugamania e, por conta das sucessivas conquistas nos anos seguintes, foi glorificado como um dos grandes ídolos nacionais. Num país repleto de vilões em todas as esferas, em que as usuais manchetes nos informam que a esperança é uma retórica cansada e inútil, Guga é o contraponto. O manezinho da ilha, de sorriso tímido e olhar confiante, fez a gente se orgulhar da nossa brasilidade em cada saque, em cada defesa, em cada ponto, nas vitórias, nos títulos.

Para se tornar um eterno ídolo do povo, atravessando gerações, superando o tempo, não basta somente vencer. É preciso vencer com dor, enfrentar tantas adversidades, tornar sublimes determinados momentos, pôr, além dos músculos, a alma no embate. E no final saber agradecer, dividindo a vitória com todos. Enfim, é necessário fazer emocionar e se emocionar. Guga foi tudo isso.

Suas lágrimas de despedida, agradecimento e perdão por não poder mais continuar foram mais um componente para fixá-lo permanentemente no coração do povo que, em sua maioria, não sabe

todas as regras do tênis, os termos utilizados, as jogadas e as táticas. Guga é ídolo independente do tamanho da bola que tivesse jogado. Ele só tomou emprestado o tênis para mostrar sua genialidade e seu carisma. Guga não precisa pedir perdão. A lágrima de agradecimento é nossa.

O que alimenta a paixão por qualquer esporte é o ídolo, aquele que consegue, com técnica e talento, ganhar a admiração do público. Mas, eles são logo substituídos por outros que fazem mais e melhor. Poucos ficam para sempre. Guga ficou porque é como se fosse de casa, como aqueles meninos, eternos meninos, que a gente fica torcendo para dar certo na vida.

Guga é meu ídolo no esporte. Com meus ídolos no futebol, sempre tive um pé atrás. Volta e meia eles estão pisando na bola, literalmente ou não. Guga nunca me decepcionou. Anote aí: um dia ainda vou abraçá-lo, tirar uma foto ao seu lado e dizer emocionado: "Muito obrigado pelo atleta que você foi e pelo menino que você sempre será." Um menino da porta de casa, de todas as casas do Brasil. Um exemplo.

24.02.08

OCTOGENÁRIA RESOLUTA E INDEPENDENTE

Ando envolvido em assuntos relacionados ao futuro de Maringá. Participei de reuniões sobre como será a Cidade Canção daqui a uns 20, 25 anos. Vivo falando do passado, mas mudei o foco nestes dias: me pus a imaginar qual vai ser a cara da anciã de mais de 80 anos.

A menina cresceu, virou senhorita, senhora. Agora, estamos analisando a octogenária. É preciso pensar a Maringá do futuro, apontar soluções, intensificar as potencialidades, antever seus problemas buscando resolver os atuais para que na constante renovação ela esteja firme e forte lá por 2030.

Uma metrópole com meio milhão de habitantes, qualidade de vida superior à média nacional, conscientização ambiental, excelência em saúde, educação, segurança e transporte. É isso o que queremos. Com algumas variantes, esse é o discurso. Vislumbrar o futuro cumprindo etapas, tentando preparar uma cidade mais bela e organizada é o objetivo.

Cinco, seis administrações vão comandar o nosso município até lá. Isso se não mudarem a lei eleitoral. Alguns governantes vão acelerar, outras vão devagar, quase parando, e outras vão puxar o freio de mão. Maringá não vai parar. Pode até diminuir o ritmo, mas parar, não. Então, o que importa é ter uma noção das condições em que ela vai estar.

Mas, tanta água ainda vai passar por baixo da ponte, tantos aviões passarão sobre nossas cabeças, tantas construções, demolições, reformas. Tanta gente vai nascer, morrer, chegar e se mudar. Permanecerão uniões e discórdias, amor e ódio, cicatrizes e feridas abertas. Homens de boa vontade, de má vontade e sem vontade continuarão a existir.

Então me pego a pensar se o que sonhamos agora vai estar lincado com as próximas gerações. Será que tudo vai mudar ou continuar do mesmo jeito? Vale a pena querer viver num lugar que ainda não

existe? Não seria melhor cada tempo, ter seu próprio tempo para não comemorar ou sofrer por antecipação?

O exercício de sonhar é prazeroso e, ao mesmo tempo, assustador. Vivo com o pé no passado, talvez com medo de esquadrinhar o futuro. E no presente fico imaginando as barreiras que a minha Maringá venceu e quantas ainda tem de superar. Ou estou falando de mim? Vejo projeções, possibilidades, análises técnicas, teorias. São os meios para me transportar para um mundo em que talvez eu nem vá estar.

Neste livre pensar questiono a minha pequenez diante da inexorável finitude e constato que a resoluta e independente anciã vai em frente fazendo a troca constante de seus moradores. Que demore a minha substituição! Quero estar nela em 2030.

De tanto falar da Maringá do passado, resolvi mudar o foco. Falei da Maringá do futuro. Nessa época, em 2008, estava fazendo assessoria de imprensa para o Codem (Conselho de Desenvolvimento Econômico de Maringá) e acompanhei diversas reuniões para a elaboração do documento Maringá 2030. Eram muitas as informações, mas deixei as questões técnicas de lado e passei a imaginar a cidade daqui a duas décadas. Na verdade, passei a imaginar como estarei até lá. Se é que estarei.

02.03.08

AO SOM DA CANÇÃO DA DESESPERANÇA

Tempo de dores. Tempo de recolher e prantear jovens corpos. Uma mórbida assiduidade que leva à indiferença. A comoção diante de um corpo sem vida estirado na rua perdeu a força. A indignação de outrora é hoje apenas uma virada de pescoço e um ligeiro comentário. E a rua é liberada.

O perplexo foi trocado por um mísero levantar de sobrancelhas. E a vida segue. A morte de ontem, o sepultamento de hoje e o esquecimento de amanhã. Esse é o real trajeto. Porque outro mártir está sendo preparado e a repetição faz a mente considerar normal o sangue imolado.

Porque as drogas avançam, poderosas, sem obediência aos limites. Elas entram em todas as casas sem escolher fachadas, em todas as famílias sem escolher perfis. Elas atravessam fronteiras, fincam bandeira, alastram possessões. E os meninos e meninas são usados sem piedade, instrumentos dos disseminadores do vício. Meninos e meninas, frágeis e providenciais soldados involuntários na linha de frente de uma guerra geral e sem final.

Aumenta a fileira de cruzes. Corpos velados para tantos choros. Féretros que partem ao som da canção da desesperança. Vidas tomadas de meninos e meninas, tiradas de diferentes endereços, mas que tornam os sofrimentos comuns pela similaridade das histórias, fazem envelhecer precocemente e abrem eternas feridas. Lares dilacerados nas batalhas perdidas. Lágrimas secas de pais que, na aridez da vida, já não têm mais onde buscar explicações. Sobra-lhes a ponta da revolta.

Tempo de dores. Os depósitos humanos superlotados. Ninguém mais quer saber das notícias iguais sobre esses meninos e meninas que a cada dia vão sendo enjaulados para refinar o aprendizado. E a inocência vai rapidamente dobrando a esquina de suas vidas. Pobres meninos e meninas, habitantes do vale dos esquecidos!

Num mundo de difícil retorno, eles têm tantas tristes e loucas

histórias para contar... Até quando terão tempo de contá-las? Sem lugar para os sonhos e desdenhando do presente, até quando viverão? O futuro é uma palavra que não existe.

Enquanto isso, os mercadores do mal ampliam seus territórios. Os predadores da infância, homens de sorriso sem alma, estão em todos os lugares, buscando os pequenos para tirar deles a vida. Então vêm outros meninos e meninas para a sucessão de vítimas. E os dias seguem dentro de uma absurda normalidade que a frequente imolação causa tão somente uma sobrancelha alta, uma virada de pescoço e uma notícia lida como outras. E eles, os mensageiros da morte, sorriem satisfeitos. Tempo de dores.

Meninos e meninas que morrem nas mãos do tráfico. As drogas avançam, escravizam a sociedade. A dor não escolhe endereço. Naqueles dias, a imprensa de Maringá e da região divulgou diversas ocorrências com mortes envolvendo jovens. Nada mudou desde então. Aumentaram as dores.

09.03.08

O DEUS DOS DESGARRADOS

O Deus daquela igreja parece maior do que o da minha, mais forte e poderoso. Os milagres de lá devem ser mais completos do que os de cá. Acho que a salvação de lá é mais completa. Imagino que lá os pecados são todos perdoados. A alma se transforma em puro linho branco. Os meus irmãos daquele lado têm a alma alva e o espírito iluminado. Devem ter obtido a senha para chegar ao céu. Já estão no paraíso enquanto fazem um pit stop na terra.

Aqui, neste canto, fico preocupado em saber a quantas andam minhas possibilidades de ser salvo. Pergunto se entrei na igreja certa. Tive tantas escolhas depois de moço, tantas chances de me encontrar e outras tantas para me perder. Tive motivações e desânimos, e nesta soma restou um olhar interrogativo.

Passaram verões, invernos e estações gerais, vieram feridas e cicatrizes, cortes leves que a manhã seguinte curou, cortes profundos que o cair da noite intensificou, sons providenciais e silêncios apavorantes. E passam os dias pelo vão dos dedos. Velozes dias... As horas não podem ser controladas e a impotência para mudar torna a angústia mais poderosa. Então vou para dentro de mim, me enxergar entre o turbilhão e a calmaria.

Agora estou numa igreja onde parece reinar a paz. Aqui as pessoas sentam-se comportadas, viram o rosto lentamente, murmuram orações com os dedos cruzados. Todos tão serenos ou só estão fazendo de conta? No interior delas, tempestades podem estar em formação ou prontas a irromper. Tiro o olhar dos outros e me concentro no altar, no homem cingido por Deus para ser o condutor das ovelhas unidas, perdidas e desgarradas.

Então, ele levanta os braços e com a voz transbordante de amor e fé, o representante divino, com procuração atualizada para me salvar, pelo menos é o que acho, diz palavras reconfortantes, animadoras. Meu envolvimento é tal que nos próximos segundos vou acreditar nas suas

versões sobre harmonia terrena e salvação eterna. Mas logo começo a duvidar dele e da minha capacidade de entrar no seleto grupo da serenidade.

São muitas as portas e são muitas as dúvidas. Mas quero participar. De pé, mãos para cima, com os olhos fechados e a boca aberta entoando o refrão de um salmo, entro numa fase catártica e sinto que meu corpo e minha alma estão sendo purificados.

O homem de Deus consegue me transportar para o campo das ovelhas unidas, daquelas que compreendem. Para a voz, para o cântico, ovelhas dispersando-se. E eu, desgarrado, de volta para a rua. Surgem as horas sem controle, a angústia comportada. Como será que a gente consegue a tal senha?

Para comentar sobre determinados condutores de ovelhas o melhor é levar na brincadeira seus procedimentos.

16.03.08

74

AO FACCI, COM SAUDADES

O boa-praça Antonio, que fazia dos encontros que promovia ou em que comparecia uma celebração, se despediu sem aviso prévio. O afável Antonio, que vivia a brincar com as letras, partiu na segunda-feira, dia 10. O meu xará fechou a janela serenamente e foi fazer versos em outros lugares.

A literatura nos fez amigos, mas nunca consegui deixar de chamá-lo de seu Antonio. Nossas conversas, invariavelmente, eram sobre poesias, crônicas e histórias que poderiam parar em livros. O divertido Antonio iluminava qualquer ambiente.

Em dezembro passado ele me autografou seu último livro "Paraíso e outros contos". E foi naquele mês, num sarau, que tive a honra de vê-lo declamar uma poesia que fiz em homenagem a Maringá chamada "Teus longos verões". Procurei imagens daquele dia. Revi fotos e vídeo do poeta Antonio, feliz, falando da sua cidade numa reunião de amigos.

O Trópico de Capricórnio atravessando teu coração, terra vermelha arroxeada. As tuas matas tropicais com os teus longos verões. Vermelho-roxo coração, mata e calor dos trópicos, sol intenso e brilhante. Vejo Antonio declamando, trazendo a emoção que cada palavra exigia. Tenho tudo documentado. Mais: tenho tudo guardado no coração.

O boa-praça Antonio, que fazia dos encontros que promovia ou em que comparecia uma celebração, se despediu sem aviso prévio. Aproveitou seus últimos dias fazendo o que mais gostava: organizando eventos e recebendo amigos. Sua razão de viver era unir pessoas em torno de algo que realmente valesse a pena. Antonio soube viver.

No seu cartório, clientes e poetas, escrituras e poesias viveram em harmonia. A estante lotada de livros na sala onde dava expediente e recebia os amigos materializava a paixão pelas letras. Seus versos em mais de uma dezena de publicações mostram seu talento e amor pela poesia. Os amigos que conquistou, de todos os cantos e ideias, comprovam o quanto é bom viver na busca da paz e do entendimento.

Antonio carregava na palma da mão sua Academia, sempre falando com orgulho e satisfação dos escritores, das conquistas, das reuniões e dos projetos. E agora a gente fica contando histórias do Antonio poeta, vereador, deputado, cartorário, nascido na paulista Cedral em 1941, maringaense do distrito de Floriano e que formou uma bela família. A gente fica preenchendo o vazio com ternas recordações do digno Antonio.

Recordações como naquela noite de dezembro, quando o vibrante Antonio declamou os últimos versos da poesia sobre a Cidade Canção: *Puxo a felicidade para cá. Nem sei se é verdadeira, mas faço a ode costumeira e sigo a buscar emoções sob os teus longos verões.* O poeta Antonio fechou a janela e entrou no coração da gente. Eternamente.

Antonio Facci me deu a honra de declamar uma poesia do livro Maringânias, que lancei em dezembro de 2007 num sarau realizado na Casa da Cultura do Jardim Alvorada. Fotos desse evento estão no meu site
www.antoniorobertodepaula.com
Facci também prefaciou um livro que lancei em 2004. Vou guardar para sempre a imagem de uma figura humana agradável, generosa, sensível, que sabia conquistar amigos com muita facilidade. Como eu disse no texto, "... fechou a janela serenamente e foi fazer versos em outros lugares."

14 12 2007

23.03.08

A VIDA E SUAS ESQUINAS

Todo mundo está com medo deste mundo. As balas não são doces, de borracha ou de festim. Elas matam. O mundo está armado. O revólver na cinta e o coração trancado. Os canos cospem fogo e o sangue esguicha em ruas, bares, casas e quintais. Exagero!! Então você não tem lido e visto o que acontece. Não o que acontece por aí. Estou falando daqui, debaixo do nosso nariz, na nossa linda flor, a que era a mais gentil do Paraná. Aqui e nas adjacências.

Não vou nem falar do asfalto, que mata ou deixa sequelas em quem está em carrinho, carrão, ônibus, moto, bicicleta e nos que tentam atravessar a rua. Do trânsito, qualquer dia desses volto a falar. Senão, daqui a pouco passo a lembrar dos flanelinhas numerados, dos impostos aviltantes que nos cobram para pôr um carro na avenida e na estrada. Vou, por enquanto, engavetar esse assunto. Também não vou comentar sobre o que acontece no resto do Brasil. O melhor é que cada um cuide das dores da sua região.

Então, voltemos ao mundo maringaense, armado, entrincheirado. O ofício de mandar bala tem início desde cedo. Se já não bastasse a bandidagem profissional doméstica e forasteira, que vive a nos injetar medos diários, é alarmante o número de adolescentes com seus canos de calibres diversos.

A intrepidez dos jovens e o poder adquirido ao portar uma arma resultam em previsíveis tragédias. E as drogas entram como principal ingrediente. Assim, vou acabar acreditando nos presságios dos religiosos que se revestem de mensageiros do Senhor e vou respeitar o vaticínio dos pessimistas crédulos e incrédulos do milênio passado: o lado bom do mundo está morrendo.

Confesso que estou assustado. Dizem que depois de uma certa idade a precaução é maior. Então, a certa idade chegou. Sou um maringaense assustado e precavido. "Que vão os anéis e fiquem os dedos", diz o ditado. Pois estou com medo de perder os dedos, as

mãos, o corpo, a vida, enfim. Apavora-me a ideia de ser cadastrado como mais uma baixa da violência, um reles número numa estatística que será comparada com a do ano anterior.

Pedindo licença ao poeta Ednardo, de "Pavão misterioso", Deus já me livrou do vexame de morrer tão moço, mas muita coisa ainda quero olhar. Quero ter todas as manhãs possíveis, as tardes quentes e as noites serenas ou barulhentas. Quero muitos domingos, a perder de vista, os encontros com familiares e amigos, e a minha companheira afagando meus já ralos cabelos. Previsões alarmistas à parte, a gente só quer dizer ao mundo que a vida não pode ir embora numa esquina qualquer, sem motivo ou por um motivo qualquer.

O que me motivou a escrever este texto foram as muitas reportagens sobre garotos armados que matam sem dó nem piedade. É a estupidez do sangue derramado, a violência institucionalizada. O mundo das drogas invadiu o cotidiano de todos os cidadãos. Comento sobre o medo de perder nosso mínimo de tranquilidade, medo de tomar um tiro e perder a vida.

30.03.08

76

O SOL DESTA MANHÃ DE DOMINGO

Sol forte esparramado na calçada, no asfalto, atravessando as copas das árvores, entrando nas varandas, refletindo nas paredes e fachadas. Sol das 9h e meia espalhando preguiça nos bancos das praças, nas caminhadas indolentes e nas pedaladas planas. Crianças afoitas correm na grama como se tivessem que percorrer todas as distâncias num só tempo.

Idosos e não tão idosos assim fazem exercícios nos aparelhos. Exercícios sem pressa e sem ritmo. Manhã de domingo na terceira cidade do Paraná ou em qualquer outra em que o sol faz convite para a gente pôr chinelos, tênis ou ficar descalço.

Sol, verde e cimento dão o tom. Verdes de intensidades variadas e tantas outras cores florescendo. Concreto de formas e alturas diversas e tantas transformações ainda por vir. Senhores, senhoras, jovens e crianças ocupam a paisagem domingueira levando as horas harmoniosamente. O casal passeia de mãos dadas com paradas curtas para beijos rápidos. O amor está no ar, no sol, sob as árvores, no passeio público, nas janelas dos edifícios, nos veículos. O amor de mãos dadas com o domingo. E o domingo desfila faceiro.

Um cão dorme e garotos chutam bola. Um quadro de domingo sem garotos e uma bola é como se faltasse o espírito desse dia. É nesse dia, feito para descansar, que mais bolas são chutadas por crianças de todas as idades em todo os espaços possíveis.

Por um segundo não se ouvem motores. Só por um segundo. Os carros, hoje em número bem menor, passam devagar. Os motoristas também não querem chegar tão cedo. Esquecem o relógio, deixam calmo o pé direito. Querem ser parte da preguiça infiltrada nessa gente que vai para lá e para cá.

Por isso vão lentamente. Amanhã, a fila de máquinas vai se estender de um semáforo a outro. Dia de correr pela sobrevivência, marcar ponto, ficar alerta. Dia de ferramentas, compras, vendas, negociações,

formalidades... Horas longas, difíceis, de buscas. Amanhã também, depois de amanhã e por aí vai.

Vai até chegar a esta manhã de domingo de alegria modorrenta, letargia eficaz e lentidão necessária. Uma desaceleração que abre o campo da poesia. Gente desfilando numa luminosidade ímpar, com um agradecimento estampado no olhar. Humanos, animais, natureza, construções e máquinas numa sinfonia regida pelo sol.

Agora, a primeira parte do domingo vai se despedindo. Os ponteiros do almoço informam sobre o fim da manhã. Então, até o próximo dia do Senhor, de poesia e de sol forte e preguiçoso.

Tentativa de ser crônica, poesia, sei lá o quê. De todos os textos que fiz no O Diário, considero este um dos que mais tem a ver com aquilo que imagino de como é o estado de espírito do leitor num domingo. Daí o título do livro "O sol desta manhã de domingo". O cenário que me vem à mente quando releio este texto é a calçada do Parque do Ingá, nas avenidas São Paulo e Anchieta. Mas você pode utilizar qualquer cenário porque o sol é que vale. É assim que eu vejo a típica manhã de um domingo maringaense.

06.04.08

PÓ, BARRO E ROUPAS NO VARAL

E aí, mãe? A senhora ainda se lembra daquela poeira? Lembra-se do extenso varal no quintal de casa, carregado de roupas? Passava um caminhão ou um ônibus e a terra fofa da rua subia, formando um denso pó vermelho manchando o branco, o amarelo ou o azul dos panos molhados estendidos. A senhora dizia um palavrão, juntava as peças e punha novamente no tanque. Lavava tudo de novo, e com o bolso do avental lotado de prendedores ia pondo nossas roupas para secar.

A senhora se lembra? A gente morava numa esquina de duas avenidas. O ponto de ônibus ficava em frente de casa. A freada na parada fazia o poeirão levantar. Vindo do centro, o povo descia e era recepcionado com aquele vermelhão nos olhos. Tantas histórias do pó e do sol quente.

Mas, então vinha a chuva para sossegar a poeira. Aí era pior ainda, né, mãe? Aquela terra fina, solta, ficava molhada e fazia o nosso pé afundar. Era um barro de fazer carro pequeno não sair do lugar. E a "circular" que descia a avenida segurando o freio e quase dava um giro no próprio eixo? E, justiça seja feita, os motoristas eram bons de volante. Domavam os veículos lotados com a destreza de um peão em cima de um touro raivoso.

E quando a gente ia para o centro? Nossos pés denunciavam nossa procedência. Punham pó-de-serra nos ônibus e aquela mistura com barro grudava embaixo dos sapatos. Descíamos e saíamos batendo os pés na calçada, deixando nossas pegadas a perder de vista. Tantas histórias do barro e da chuva que remontam mais de 30 anos! E saber que isso ainda acontece em tantos lugares ...

Então, mãe, a senhora se lembra quando o asfalto passou em frente de onde a gente morava? Não dava nem para acreditar. Mais abaixo da nossa casa, a divisória da rua era um extenso e alto capim colonião. Tão alto que quem estava de um lado não via o outro. Pois bem. Com

o asfalto roçaram tudo e puseram um canteiro gramado com árvores. E assim foi em outras avenidas.

A gente se mudou de lá, mas continuou a morar bem perto da esquina movimentada que hoje tem até semáforo. As casas de madeira foram gradativamente sendo derrubadas. As cercas de balaústres deram lugar às grades e aos muros. Timidamente vão aparecendo sobradinhos, e os pequenos comércios vão abrindo portas nas duas avenidas.

É, mãe, o asfalto cobriu aquele nosso tempo, mas não conseguiu fazer a gente tirar da memória a poeira vermelha, o barro incrustrado nos nossos sapatos, o varal com nossas roupas ao vento, a "circular" nervosa dobrando a esquina. E não tirou da gente aquela esperança, que sai sabe-se lá de onde, de que amanhã vai ser sempre melhor.

Jardim Alvorada, década de 70. Morávamos na avenida Dr. Alexandre Rasgulaeff esquina com a Lucílio de Held. Se você passar hoje por lá não vai acreditar que o local tinha ares do velho oeste. Quem é pioneiro do Alvoradão, ou do Alvoroço, como gostavam de chamar o maior bairro de Maringá, sabe que a vida ali era exatamente como descrevi.

ANIMAL
AGRO - ANIMAL

14 12 2007

13.04.08

78

HORAS VELOZES

Não posso perder tempo. Tenho que ir ao banco, à banca, à loja e ao mercado. Tenho que pagar contas, ir ao posto de gasolina, tomar um refrigerante light e estacionar num lugar sem flanelinhas. Tenho que levantar os olhos para ver as belas palmeiras da avenida Paraná, estes prédios cobrindo o sol e olhar ainda mais para cima, para enxergar esta cruz que parece colada ao céu.

Tenho que andar na faixa de segurança, mas não confiar que os motoristas vão tirar o pé. Tenho que tomar cuidado com os carros que saem das avenidas Herval, Duque de Caxias e São Paulo e viram à direita na Brasil. Tenho que enxugar este suor, parar na calçada e observar esse povo que caminha para todos os lados. Pessoas em geral, gente genuína. Minha matéria-prima.

No volante, tenho que esperar o último gomo vermelho desaparecer para prosseguir, mas tenho que prestar atenção no pedestre que acha que a faixa é só dele mesmo o semáforo estando aberto para os veículos. Tenho que ter paciência no cruzamento da São Paulo com a Horácio Raccanello e cair fora da Colombo no início da noite.

Não posso perder tempo. Tenho que falar ao telefone, perder peso, engraxar os sapatos, lembrar de datas importantes, cumprimentar quem eu conheço e, por educação, fazer um sinal com a cabeça para quem eu nunca vi mais gordo ou magro. Tenho que comer frutas e folhas, beber água e fazer exercícios. Tenho que caminhar no Parque do Ingá, Bosque 2 e em qualquer lugar que tenha uma pista onde não corro o risco de ser atropelado.

Tenho que ouvir músicas, ler jornal, ver tevê, acessar internet, abrir e responder e-mails, ir ao cinema e à locadora de filmes, visitar e receber visitas, passear para não muito longe, não ficar até muito tarde para não cansar e não ficar cansado. Tenho que dormir bem, sonhar muito e cumprir pelo menos dez por cento desses sonhos.

Tenho que amar bem mais, rezar bem mais, enraivecer bem menos,

terminar de ler dois livros, escrever tanta coisa, esquecer outras tantas, manter a calma, pedir perdões, conversar mais com quem está de escanteio e desfocar quem dá aulas particulares para Deus. Tenho que ver os amigos pelo menos duas vezes por semana, beber cerveja gelada, comer queijo com azeite e orégano, rir até do que é sem graça e apreciar o céu alaranjado no fim de tarde, que, de onde o avisto, parece que vai descer no Fim da Picada.

Os carros passam voando na avenida Itororó em direção à zona sul. As horas voam, a noite é fugaz e a manhã chega fazendo cobranças. Não posso perder tempo.

Abrindo o coração. Nesta crônica tento suavizar o dia a dia. Na verdade, brinco com fatos importantes e outros que só registro por gozação. O trânsito complicado, as preocupações com a alimentação, o volume de tarefas, as relações que se misturam, as horas que voam. Tensão do começo ao fim.

20.04.08

79

SANGUE REAL NA FÁBRICA

Quase meia-noite. Deitado no sofá, com as pálpebras caídas e a mente quase desligada, eu relutava em ir para a cama. Não fosse a tevê ligada e a dificuldade para esticar o corpo, estaria dormindo. Como temos que nos aliar a uma situação quando ela é impossível de ser revertida, faço do ronco dos motores a sinfonia para cair no sono. Eles passam poderosos e depois vão perdendo a potência e a prepotência até se transformarem num zunido. Esse zunido é incorporado ao meu kit sonífero.

Pois então, estava eu naquele pré-sono, quando a gente nem sabe direito o que está acontecendo, quando ouço um cântico. Abro os olhos e vejo o padre Marcelo Rossi na minha frente mostrando uma camiseta com a foto da menina Isabella.

Acho desnecessário dizer, estimado leitor, quem é Isabella. Pois bem, o padre segurava com as duas mãos a camiseta enquanto as pessoas cantavam. De olhos bem abertos, e já sentado, eu o via andando pelo altar erguendo a camiseta. Enquanto isso o povo, também uniformizado, cantava e chorava. O repórter falava algo sobre uma missa-homenagem. A reportagem acabou, desliguei a tevê e fui para a cama.

Não cheguei a perder o sono. Na cama, naquele estado de pré-nirvana, se é que existe tal estado, eu ficava imaginando se tinha realmente visto aquela cena na tevê ou se havia sonhado. O padre vinha me mostrar a camiseta do anjo assassinado, depois vinha a mãe, vinha a madrasta, o pai, o pai do pai, a polícia, os advogados, o promotor, o povo, o William Waack, a Christiane Pelajo e a vinheta do Jornal da Globo.

Dormi com essa triste história na cabeça e continuo com ela, ou melhor, continuamos com ela até agora. Se me perguntarem um exemplo de explosão midiática, afirmo sem medo de errar que é o Caso Isabella. Autoridades, políticos e sanguessugas deste País comemoram.

A dengue no Rio de Janeiro, acompanhada do descaso das autoridades e de uma nova exposição da fragilidade do sistema de saúde, a prisão de prefeitos suspeitos de meterem a mão no dinheiro do Fundo de Participação dos Municípios e os imorais saques com cartões corporativos se tornaram assuntos de segunda mão.

Sangue real, na fábrica de emoções que é a televisão, é o que funciona. Tudo o mais é secundário. O que conforta é saber que, mesmo com interesses bem maiores ao manter a todo momento a cobertura do caso, o crime será elucidado. Quando há a participação ativa da imprensa, a máquina policial e a da justiça funcionam eficazmente. Enquanto não chega o fim, a tevê vai nos fazendo despertar sobressaltados para seguir capítulos diários de uma trágica história real. Até a próxima.

A morte da menina Isabella, em São Paulo, que teria sido jogada da janela pelo pai e pela madrasta dominou os noticiários naquele ano. Não sei se por ingenuidade ou por oportunismo, o padre Marcelo Rossi passa dos limites ao fazer suas aparições na tevê com comentários simplistas e seu gestual dramático. Lembro-me de que naquela noite o padre declamador de músicas novamente exagerou. Este texto é uma crítica à espetacularização do fato. É Saturada esta análise, mas o "Caso Isabella" foi exemplar nesse aspecto.

27.04.08

FIGURAS DE COR ÂMBAR

Fico aqui no meu canto, vendo todo este movimento e todo este barulho. Maringá cresce para cima, para baixo e para os lados. Às vezes, como agora, pareço um maringaense vindo direto dos anos 70, sem parada. Como um cidadão que não prestou atenção ao que aconteceu com sua cidade e quando se dá conta fica olhando assustado para tantas transformações.

Há pouco, na avenida Tiradentes, uma batida. O carro envolvido no acidente ficou parado atrapalhando o tráfego. O trânsito ficou lento antes da Herval. Fosse naqueles anos, haveria uma aglomeração com torcidas distintas para saber de quem foi o erro. Hoje, só um mísero olhar de irritação ou enfado. E vida que segue.

Fico forçando a vista, esticando o pescoço para tentar enxergar algo mais além destas imagens cobertas por humanos circunspectos, concretos variados, latas andantes e cores difusas. Quem sabe surge um cenário mais límpido, calmo, um céu mais à mostra, gente caminhando sem pressa e sem medo.

Hoje, pagamos para estacionar. Cobrança oficial e achaque. Os carros param em fila dupla em frente das escolas, as motos voam, sirenes mandam a gente sair para o lado, as propagandas informam qual a roupa certa para vestir, a comida ideal, a viagem dos sonhos e a vida que a gente pediu a Deus.

Uma máquina revista a gente na entrada do banco. Nas calçadas e semáforos nos dão papéis de todos os tamanhos e apelos. Quiosques nas praças e nos canteiros. Artistas, muambeiros e pedintes nas avenidas. Filas, buzinas, construções, novas fachadas. Farmácias vendendo sorvetes.

Quase não vejo os carrinhos de sorveteiro, pipas no céu, moleques de pés descalços, campinhos de terra batida e passarinhos fora das gaiolas. Os fuscas e os jipes são raridades. Sombrinhas, limpa-pés, PMs apitando naqueles "queijos" dos cruzamentos, brincadeiras dançantes

nas residências...

Esse saudosismo ainda me mata. Tomara que demore. Vez ou outra sou acometido pelo desejo de buscar paz num tempo que não tem volta. Volta e meia saio do presente, rasgo um espaço no passado e me conforto contando histórias. Rejeito ser um escrevente do que virá e tenho que me vigiar para não deixar o agora sem história.

Minha cidade tanto cresceu que não consegui acompanhá-la. Fiquei remexendo nas suas velharias, e quando percebi, ela já estava distante. Logo, logo viro um cidadão raro. Mesmo sendo parte de todo este movimento e de todo este barulho, sou como figuras de cor âmbar, saídas de álbuns de décadas. Aqui, no meu canto, o tempo quer ir mais devagar.

Escrevo sobre a Maringá de hoje, o progresso carregando as mazelas. Doses de saudosismo para contrapor a todo este movimento, a esta modernidade. Faço parte deste contexto, mas às vezes, como naquele dia, preferia ter ficado lá atrás.

04.05.08

CIVILIDADE EM FALTA

Na loja recém-inaugurada, estávamos, minha mulher e eu, olhando roupas e calçados nas araras e prateleiras. Aí, a jovem, levando o filho pelas mãos, veio em nossa direção. Tivemos que recuar para a distinta não bater na gente. Lancei um olhar vociferante e disse bem alto e ironicamente: "Dá licença".

A mulher sequer olhou para trás. Pelo menos para devolver um olhar de desculpa ou raivoso. Não teve nenhuma reação. Seguiu senhora de si e continuou entrando na frente de outras pessoas como se o seu corpo levasse o carimbo de "trânsito livre".

Amigo leitor, como é bom ter um espaço desses para compartilhar minhas broncas. Então, aguente firme que hoje aproveitei para desabafar. Ainda estou com aquela imagem na cabeça. Se existe algo que me tira do sério é gente que vem para cima sem pedir licença. Gente que cumprimenta com a mão mole também me dá nos nervos, mas isso é assunto pra outro dia. Quero falar de quem quer ocupar o nosso espaço. E consegue. Quando isso acontece, lanço o meu "Dá licença".

Quando o mal-educado pede desculpas, eu aceito e vamos em frente. Ele levando a sua má educação — mas com possibilidades de mudar, afinal ele se desculpou — e eu satisfeito por ter dado o troco. No caso da loja, quando fomos obrigados a nos espremer para uma folgada passar, fiquei horas imaginando o que vai na cabeça dessa gente.

Vou confessar que a vontade era tomar satisfação, passar uma descompostura. Mas aos poucos o sangue vai esfriando, e você tem que entender que sempre vão existir pessoas sem educação, o que independe da classe social, pessoas que não sabem o que é coletivo e pensam que o seu umbigo é o centro do mundo.

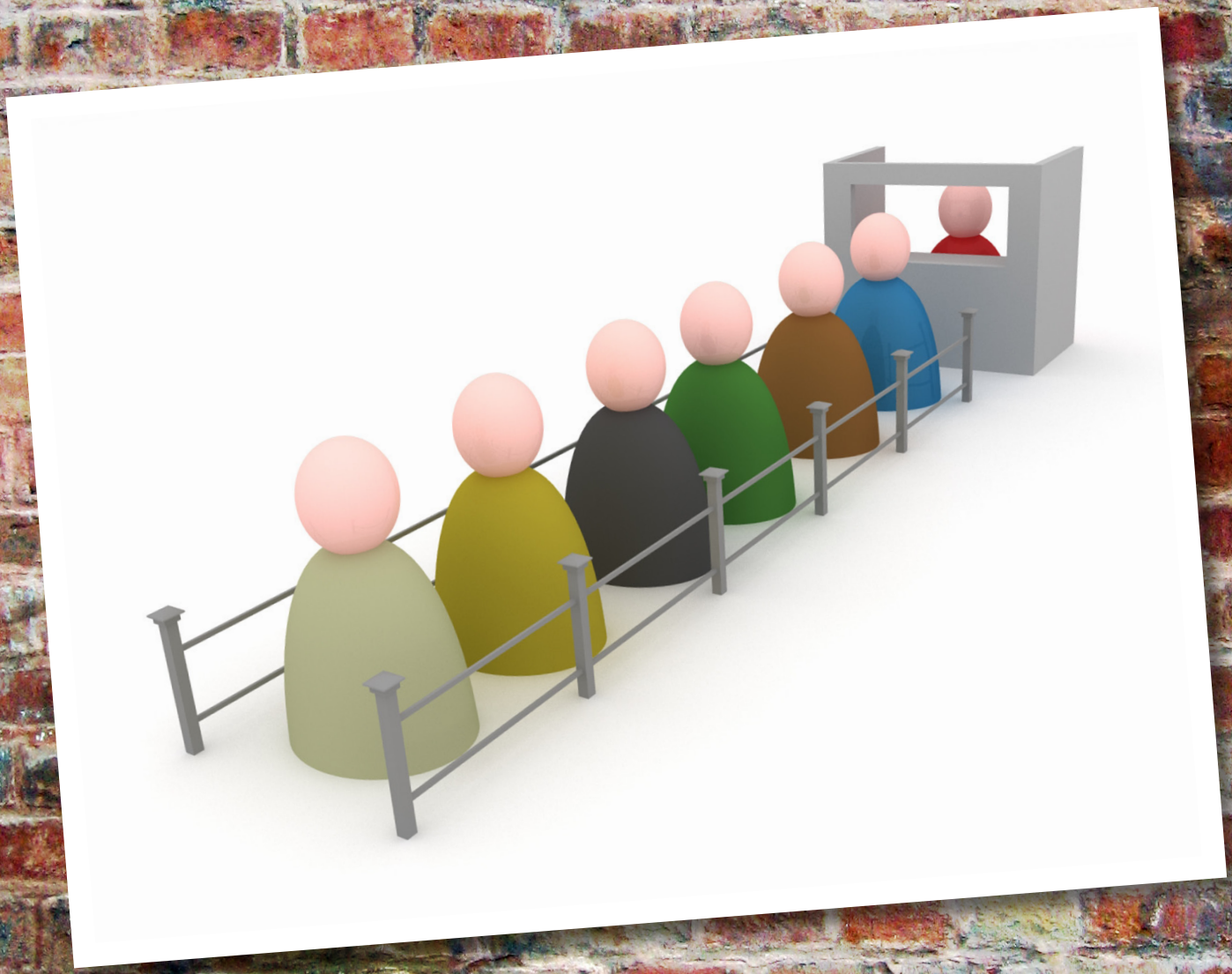
Isto é coisa de criação. Só pode. Os pais não deram a educação devida para quem se acha rei e rainha do pedaço. Criança que não

conhece limites, quando se tornar adulto vai entrar no mundo sem pedir licença, sem cumprimentar e sem agradecer.

Aí, me lembro de pessoas deste tipo que têm pais maravilhosos. Então não é só criação. Já nasceram com o nariz empinado e não há educação familiar que dê jeito. É o DNA do desrespeito e da arrogância falando mais alto. Ou é a convivência com outros mal-educados?

Nascidos ou criados assim, o certo é que eles estão por aí, trombando, passando por cima da cortesia, violentando a harmonia dos ambientes e irritando até monges tibetanos. São crianças, adolescentes, adultos, gente de idade avançada. São os "donos" dos corredores, calçadas e avenidas. São os furadores de fila e de semáforos, os "sabem com quem você está falando", os profissionais das carteiradas. Então, vamos dar o troco nessa gente. Obrigado pela leitura, amigo. Já estou bem melhor.

Desabafo. Depois de ter escrito, fiquei imaginando se valia a pena publicar. Valia a pena comentar sobre um caso comum de falta de educação? Era sexta-feira e não havia tempo para escrever outro texto. Então, mudei o final para aliviar um pouco a carranca. Agradeci quem leu o texto até o fim, meio que pedindo desculpas por não ter feito algo melhor para aquele domingo. Se fosse hoje, poderia abordar o assunto, mas com um enfoque totalmente diferente.



11.05.08

ALMA DE UM VELHO TEMPO

Maringá, com suas casas e casarões resistindo aos ventos do novo milênio. Velhas construções, entre concretos elevados, são avisos da história. Demarcações de um tempo de serrarias, olarias e aventuras. Último reduto. História viva e latente, envolvida no cotidiano agitado, se estende pelas vias dos primeiros bairros.

Moradias de singelas varandas, muros baixos e quintais sem cimento. A ingênua Maringá ainda tem suas marcas por muitos cantos. A alma de um velho tempo está presente. Até quando?

Maringá com gente lenta, rosto vincado, empurrando o peso dos anos. A caminhada de décadas fazendo cobranças. Vida desgastada, sugada pelo trabalho, pelas dores e desilusões. Essa gente que emana respeito em meio a tantos movimentos céleres de pessoas e veículos e tantas mudanças abruptas de cenários e pensamentos.

Aventureiros que viram e fizeram a menina crescer encontraram aqui seu campo de luta e seu remanso. Os próprios personagens podem contar pioneiras histórias de Maringá. Contam sobre seus dias, que somados, são o próprio roteiro da vida desta cidade. Vida de amores, crenças e deveres cumpridos. Vida, enfim.

Maringá vai seguindo. Senhora de tantas faces. Convivência do bem e do mal, com a feliz vantagem do primeiro sobre o segundo. Ligados estão o que é bom e o que é nefasto, e muitas vezes ficamos sem saber o que é um e o que é outro. Progressos duvidosos e atrasos providenciais. Maringá segue por tantos caminhos...

Maringá de sol forte, flores abrindo em tantos jardins. Novos aventureiros fazendo suas histórias. Cidade canção, verde, plana, planejada, delineada, jovem, líder, promissora. E também a Maringá com seus perigos, medos, fazendo sofrer, sepultando a poesia. Pedaço do Brasil que brilha e assusta. Naco de um mundo que faz prosperar a matéria e põe o espírito em plano menor. Assim caminha Maringá. Bela, veloz, obstinada, senhora de si.

Por mais sonhos que tivessem sonhado, por mais longe que tivessem ido os seus devaneios, aquela gente, certamente, não vislumbrou este quadro. Houve um tempo harmônico, sem sobressaltos, de solidez, de transformações gradativas e anunciadas.

Nesses nossos dias de ideias e poesias descartáveis, de fachadas e opiniões substituídas a cada nascer do sol, de imagens disformes e homens multifacetados, Maringá segue, observada por aquela gente que tem sempre uma boa história para contar. Poucos querem ouvi-la e quase ninguém quer aprender com elas. A alma de um velho, feliz e necessário tempo ainda está presente. Até quando?

No sábado, Maringá havia completado 61 anos. O tom é crítico: "Naco de um mundo que faz prosperar a matéria e põe o espírito em plano menor." Gente e casas desgastadas assistindo ao avanço da cidade polo. Gente e prédios impessoais traçando o perfil da senhora Maringá.

18.05.08

9 HORAS DA MANHÃ

Ela só queria ser feliz. Aqui mesmo, na sua cidade, no seu bairro, na sua rua, com sua gente. Queria ser feliz com seu homem e seus filhos, com seu trabalho, suas prosaicas preocupações diárias e seus alegres finais de semana.

Queria andar pelas calçadas, descansar à sombra de uma mangueira, ouvir cantos suaves, conversar sem pressa, viver sem pressa. Queria ficar na banda de cá sem grandes sobressaltos. Amava a vida como se não existissem outras e como se esta fosse para sempre.

A espreguiçadeira na varanda, o pequeno jardim, as abelhas fazendo círculos nas flores e o sol quente das 9 da manhã era só o que ela queira. Ela queria o fim do dia, a dança dos galhos, as folhas que voam e as que repousam mudando de cor, as luzes pontilhando na longa e serena rua, demarcando a felicidade. Nas casinhas uniformes, a feliz repartição. Ela queria se completar nesse pequeno mundo, ter todos os amanhãs que pudesse.

A parte que lhe cabia dessa felicidade era fácil de encontrar. Estava na horta no fundo da casa, nos pés de manga e de abacate e no caminho de tijolos pelo quintal. Queria um caminho leve, com chuvas inesperadas, voos rasantes de passarinhos e um sorriso para cada bom-dia.

Frutas caindo de maduras, verdes de todos os tons surgindo das hortaliças, o doce cão de econômicos latidos e o azulão do céu de nuvens brancas. Era só isso. Queria as imagens, os sons e os cheiros das estações. Que se perpetuasse assim, porque mais ela não queria.

Ela foi menina de escola, de roupa azul e branca, céu e pureza, risos e brincadeiras, alegria e inocência. Foi moça sonhadora, de enxoval e aliança. Foi mulher como tinha que ser e mãe como amava ser. Levou os sonhos pelas estradas do tempo e, mesmo quando o céu se tornava negro, ela os mantinha intactos. O azul e o algodão sempre vão aparecer, pensava. E era o que acontecia.

Vez ou outra, debruçada no beiral da janela, enxergava todos os sonhos na linha do horizonte. Contava histórias só para si, deixando invioláveis e a salvo tantos momentos. Ria com satisfação, feito aquela menina da escola.

Tranquila, passeava no seu mundo, apreciando cada segundo. Mantinha a serenidade como se soubesse o caminho exato, como aquele de tijolos no quintal.

Numa manhã, por volta das 9 horas, da espreguiçadeira levantou os olhos pela última vez. Via tudo o que queria na linha do horizonte. Virou para o lado. Viu o pequeno jardim, as abelhas girando, os tijolos a perder de vista. Cerrou os olhos. Ela só queria ser feliz. E foi.

Missão cumprida. O descanso final na espreguiçadeira. A despedida na bela manhã. A mulher serena que venceu o mundo sem nunca abandonar a simplicidade seguiu para outra dimensão.

25.05.08

OS BICHOS DE ESTIMAÇÃO

Aqui, da minha janela, entre a mesmice do vai-e-vem dos carros, da gradativa invasão do concreto, da uniformidade das árvores e do interessante passeio dos humanos, continuo na observação. Estou precisando aumentar o grau dos meus óculos, e o cérebro já não está tão treinado para processar certas situações.

Algo está sempre me escapando das retinas, e para determinados fatos não estou dando a devida importância. Não sei se estou cansado ou seletivo. Ou o cansaço é que está me tornando seletivo?

O que outrora era impactante hoje não passa de um leve comentário. O que era difícil de assimilar agora é insignificante. Quase sem querer, faço uma triagem dos acontecimentos. Guardo o que me interessa por uns tempos. Aos poucos vou deixando para trás.

Mas alguns episódios há muito estão comigo. Bons e maus. São bichos de estimação que não consigo abandonar. É preciso conviver com eles, mantendo submersos os que querem ferir e trazendo à tona os que fazem bem para a alma.

O tempo está passando depressa. Tão depressa que o meu olhar se perde neste particular campo de visão. Ainda estou olhando para um movimento à direita e logo surge outro. Viro o pescoço e não consigo acompanhar. Mas não são intensas a necessidade e a expectativa de apreender tudo que está à minha volta. Nem sempre foi assim.

Neste mês, o meu amigo Mário Sérgio Recco fez 50 anos. Até pouco tempo, a gente estava no Colégio Gastão Vidigal fazendo de conta que nossos 17 anos seriam eternos. Com o Nivaldo, o Edson, o Edsinho, o João Batista e o Miguel fabricamos sonhos e corremos atrás deles.

Continuamos a correr, não com a velocidade de três décadas e meia atrás, mas estamos na pista. Sob o sol ou à sombra de Maringá ou de outra cidade, essa turma vai contando sua história. Os inevitáveis sobressaltos, os sacolejantes períodos e as lágrimas pontuais não impedem que façamos uma bela história.

Esse capítulo adolescente é um dos que ficam guardados confortavelmente. É um dos bons bichos de estimação que volta e meia vem me visitar, que faz com que eu cante um parabéns cinquentenário a um caro amigo como se brindasse a um tempo feliz que ficou emoldurado nos anos de 1970. Porém, é mais do que isso: é um brinde a este tempo, uma celebração ao agora.

Mesmo que não seja possível se surpreender tanto, ainda que as novidades não causem tanta admiração e a previsibilidade seja constante, continuo observando e armazenando. Daqui a pouco vou falar deste tempo e fazer brindes octogenários. Quem viver verá!

Lembranças dos meus amigos do Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal, em Maringá. Em maio, o amigo Mário Sérgio Recco completara 50 anos. Como não fazer uma retrospectiva da vida daqueles garotos da década de 70 numa data tão propícia?

01.06.08

O MILÊNIO E O TELEGRAMA

Estava eu com a senha 671-D esperando ser atendido na agência dos Correios. Já fazia uns dez minutos que, sentado, eu erguia a cabeça a todo instante para ver se o meu número aparecia no luminoso. Então, um senhor sentou-se ao meu lado e logo puxou conversa. Reclamou que não existe mais o serviço de telegrama fonado, aquele que de casa você liga para os Correios e transmite a mensagem para ser enviada.

Comentamos e concordamos que o computador é ainda, para muita gente, um bicho esquisito, difícil de ser domado. As empresas adotam a alta tecnologia, mas boa parte das pessoas ou não tem acesso ou simplesmente não quer conhecer o mundo digital e não sabe mandar um e-mail.

O casual encontro com aquele senhor boa-praça aconteceu na tarde da última quinta-feira. Caía uma chuva fina em Maringá, temperatura de 17 graus, quando deixei a agência. Não tive tempo de me despedir dele. Peguei meu velho guarda-chuva, com a metade das varetas retorcidas, e saí.

Na XV de Novembro encontrei novamente o meu mais recente amigo. Enquanto descíamos em direção à Herval, ele com um guarda-chuva dos grandes, com cabo de madeira, e eu com o meu castigado, vítima de muitas chuvas no lombo, digo, no náilon, falávamos de Maringá.

O simpático senhor é advogado, vai completar 80 anos e chegou à cidade em 1948. É mineiro de Montes Claros, a família é grande e unida e os filhos se deram bem na vida. E, para minha surpresa, trabalha até hoje em seu escritório. Entre as muitas coisas que me falou, a mais emocionante foi esta: "Gosto da minha terra natal, mas é Maringá que vai guardar meus ossos". Disse orgulhosamente que recebeu diploma da Associação dos Pioneiros e foi homenageado pela Câmara Municipal.

Na esquina, nos despedimos. O senhor de estatura mediana, fartos cabelos brancos e aparentando menos de 70 anos, atravessou a rua

com passos firmes. Com meus botões e meu velho guarda-chuva, fiquei imaginando como o coração de gente da idade do pioneiro advogado é assaltado diariamente. São tantos os acontecimentos, que fogem de sua compreensão. Sons estridentes, dissidências, violências gerais... Somos cidadãos de cidades iguais, com nacos de alegria, dores e temores iguais.

Para muita gente este mundo é um bicho esquisito, difícil de ser domado. No estranho milênio as máquinas reforçam a impessoalidade, as pessoas já nascem preparadas para a defesa ou para o ataque, as palavras propõem distância. Mas também é um mundo em que sempre haverá espaço para gente como meu novo amigo pioneiro, que puxa conversa e envia telegramas.

O encontro aconteceu na quinta e escrevi no dia seguinte. Lembro-me de que logo depois de me despedir do pioneiro, anotei detalhes da nossa conversa para não esquecer de algo interessante quando fosse elaborar o texto para domingo. Fiquei sabendo pelo jornalista Messias Mendes que ele leu a crônica e ficou muito satisfeito. Nunca mais o vi.

森部藥局
DR. HELENTON BORBA CORTES
MÉDICO

08.06.08

CAMPANHAS NO RALO

A mulher que trabalha numa empresa por onde passo quase todos os dias não ficou sabendo que a última semana foi a do meio ambiente. Nem da última, nem de tantas outras que abordam esse tema fundamental. Nem ela, nem o seu patrão.

Propagandas, palestras e reportagens focam sobre os perigos que estamos correndo, nós e as futuras gerações, se não houver a conscientização de cada um que resulte numa mudança efetiva de comportamento.

Parece que as crianças estão aprendendo. Ainda que seus pais deem de ombros e encarem a questão como se não fosse com eles, os pequenos dão mostra de que, com as informações recebidas, serão adultos bem mais participativos. Que assim seja!

A senhora à qual me referi está, infelizmente, no grupo maior, dos que dão as costas, dos que fazem ouvidos moucos para os gritos de socorro que ecoam por todos os cantos, pedindo que a gente economize água. O planeta está agonizante, mas ela não compreende.

Porque, se compreendesse, não lavaria a calçada com água tratada. Uma vez por semana, pelo menos, ela engata a mangueira na torneira e a água é despejada generosamente no piso. Certamente, ela não imagina quão deletéria é sua ação.

Em vez de varrer as folhinhas e jogar a água com balde, a mulher prefere esguichar água nelas, levando-as para o asfalto. Afirmo sem medo de errar que a gastança operada por essa senhora dura mais de meia hora. A calçada fica um brinco e a conta deve ficar nas alturas.

Um dia, criei coragem e perguntei amistosamente, mas com uma boa carga de reprimenda: "Usando mangueira para lavar calçada, hein?" Acho que ela não entendeu. Deu uma olhada, sorriu e prosseguiu na confortável tarefa que dispensa vassoura e balde.

Quando vou passando e vejo o jato d´água contra a calçada penso em pedir para ela interromper o desperdício. Mas é bem capaz que me

mande cuidar da minha vida ou da minha calçada.

Se já não bastasse, essa senhora perdulária aquática no meu itinerário, não é que na semana passada uma simpática vovó também estava empunhando sua mangueirinha na calçada? Educada, parou o serviço para que eu atravessasse. Depois, continuou a fazer como a outra: usou o jato para empurrar as folhas e tirar a sujeira do piso.

Uma enxurrada de pessoas vive a usar mangueira para lavar calçadas, escadas e veículos. As campanhas de alerta escorrem pelo ralo, os ambientalistas não são levados a sério e cada um cuida do seu quintal ou de sua calçada sem perceber que todas as ações, por mínimas que sejam, têm reflexo coletivo. Crianças, cresçam logo!

A vozes que pedem economia de água pregam no deserto. As pessoas fazem ouvidos moucos e seguem na gastança, sem se preocupar com esta e as próximas gerações. Este texto é uma modestíssima contribuição à mãe natureza e aos que virão. Vivo pedindo para que as crianças cresçam logo, mas se os pais delas não se conscientizarem, os péssimos exemplos persistirão.

15.06.08

DA PARANÁ À FARROUPILHA

Manhã de junho. Na fria Maringá, dentro do carro, com os vidros fechados, e dentro do meu manjado paletó que já completou vários janeiros, sigo pelas avenidas. Olho para as fachadas. Fachadas mutáveis. Se a gente ficar um mês sem passar por uma avenida, vai notar a diferença. As empresas já foram mais sólidas. As vias já tiveram mais personalidade. Não ficavam mudando tanto de cara.

Estou na Paraná, a bela via com suas palmeiras imperiais. Na esquina com a XV de Novembro, o prédio onde funcionava a Sal & Limão foi demolido. Não tem como não se lembrar das vezes em que lá estive. Agora, outdoors tapam minhas lembranças dos amigos, das cervejas e dos petiscos. Daqui a pouco surge um novo prédio, que vai contar uma nova história. E por aí vai.

Na esquina com a Santos Dumont, vem o personagem sem-teto, que dali não sai nem em fim de semana. É o Guarujá, moço ainda. O sinal fecha e ele, com uma expressão vazia, esfregando os polegares nos indicadores, sai pedindo dinheiro para os motoristas. Já tentaram ajudá-lo, comprar passagem para ele voltar para a sua cidade, que deve ser a do seu apelido. Ele recusou. Prefere as ruas. Melhor, prefere a Paraná.

As farmácias invadiram Maringá. Presumo que o povo deve estar muito doente. Mas encontro outra explicação, bem mais lógica. As farmácias são versões reduzidas de supermercados e lanchonetes. Vendem de tudo, inclusive medicamentos. Daqui a pouco vão colocar mesas na calçada para gente fazer happy hour. Quem for contar a história de Maringá tem que, necessariamente, registrar que é a capital nacional das farmácias. Até chegar ao Novo Centro devo ter passado por três.

Viro à direita, entrei na Horácio Raccanello. Dela dá para a gente ter uma ideia de como esta cidade está crescendo. Para cima. Até seis meses atrás, você estacionava em qualquer lugar da Raccanello. Hoje, na quadra próxima da avenida São Paulo tem até flanelinha. São tantos

prédios surgindo, e aí pergunto onde vão guardar tantos carros.

Atravesso a São Paulo. Por ser 9 horas da manhã, o tráfego fluiu bem. Às 6 da tarde é preciso paciência. Aqui havia o Viaduto do Café. Ouço um CD com canções dos anos 60. Duplo retorno ao passado: viaduto e músicas. Jerry Adriani, Vips e Erasmo Carlos "Sentado à beira do caminho".

Faltou o Rei no CD. E falta espaço para dizer que cheguei à Pedro Taques, passei por antigos armazéns, atravessei a Bento Munhoz da Rocha Neto, contornei a Igreja Divino Espírito Santo, passei pela Colombo. "Preciso acabar logo com isto". Vou ouvindo o Erasmo até as imediações da praça Farroupilha.

Mais um passeio em Maringá tendo como trilha sonora músicas dos anos 60. Aqui, faço o caminho inverso de uma crônica escrita em 2006, quando saio do Jardim Alvorada. Aquele final "preciso acabar logo com isto" foi providencial. Precisava acabar logo porque estava excedendo o número de caracteres. Não sabia como encerrar e aproveitei um trecho da música do Roberto e do Erasmo Carlos, "Sentado à beira do caminho".

22.06.08

O DOMINGO AOS AMIGOS

O espaço de hoje é dedicado ao amigo que liga a qualquer hora querendo saber como vai a sua vida ou para contar um fato que aconteceu agora há pouco ou há 20 anos, ao que manda e-mails de piada com graça ou sem graça, uma corrente de oração ou fotos mostrando as maravilhas arquitetônicas dos países do leste europeu; ao amigo que toca a campainha e faz desfilar um sorriso quando você abre a porta. E mesmo que sua mente esteja um turbilhão, o deixando sem qualquer possibilidade de se alegrar, você devolve o sorriso e o bota para dentro.

Esse domingo é dedicado ao amigo que o socorre nas horas que você mais espera e naquelas horas em que você nem imagina que ele vai aparecer; ao amigo que tem a paciência de ouvir suas lamúrias e suas conquistas e que não interrompe suas palavras mesmo quando você tem a consciência de que falou demais e nada ouviu.

Ao amigo que organiza uma festa de última hora e fica ligando para que você compareça é endereçado este espaço; ao amigo que fica até o último gole, que o conforta nas suas burradas e vibra com seus acertos, que berra cantando o "parabéns para você" com toda a verdade canalizada na simples canção. Ao amigo que reparte alegrias e dores, que compartilha risadas e lágrimas, vai este domingo.

Ao amigo que coleciona muitas histórias importantes e desimportantes junto com você são destinadas estas linhas. Histórias tão boas, outras nem tanto e tantas outras ruins. E o amigão está sempre lá e sempre aqui lhe dando força. E outras vezes o deixando para baixo quando faz você enxergar o que é melhor para a sua vida. E você se revolta. Bate a porta, bate o telefone e bate em retirada.

"Com um amigo desses não preciso de inimigo", você diz, amargurado. E já no mesmo dia, você pondera aqui e ali e conclui que o amigo está certo. Você que é um desalmado, que não sabe reconhecer as amizades. Você é um ingrato, esquecendo-se de que o cara é um companheiro

de primeira hora. Já passaram por tantas e por uma coisa besta você foi virar a cara logo para o seu amigo?

Então você nem precisa pedir desculpas porque o danado vai estar lá esperando para tomar uma cerveja e jogar conversa fora como se nada tivesse acontecido. Ele vai estar lá, também contando histórias e você vai ouvir, dar palpites, dar força e pegar no pé dele quando você achar que ele está fazendo a coisa errada.

Este domingo é para o amigo que a gente tem e esquece de agradecer por ele ter entrado na nossa vida. Um brinde aos nossos amigos! Com cerveja ou suco de frutas. Que Deus os mantenha sempre por perto.

Tentei retratar a tal amizade incondicional, algo tão difícil de se encontrar, mas graças a Deus estou cercado de bons anjos. Não pensei em alguém em especial. Tenho várias pessoas especiais na minha vida. Só tenho que agradecer e fazer de tudo para corresponder.

29.06.08

89

ALGUÉM AINDA ENTOA UMA CANÇÃO

Vias repletas de carros com gente carregada de tensões. Motores, buzinas, máquinas, aparelhos elétricos, alto-falantes. Dias cheios, artérias entupidas, tanto as da cidade quanto as do povo. Alta temperatura. A pressão segue em linha vertical. Para cima vão as construções, e as relações ficam no chão.

Os homens se engalfinham para tomar uma réstia de poder. Eles querem a posse, o domínio sobre coisas e gente. E há também os homens que se esforçam para sobreviver. Estes só querem o prato cheio do dia seguinte. E nessa luta pelo máximo e pelo mínimo, a alma fica guardada num canto qualquer, artigo em desuso, caduco, inerte, imprestável.

O pássaro canta e ninguém presta atenção. O som é abafado pela orquestra distorcida, e os ouvidos há muito perderam a alegria de escutar. Um raio de sol surge para aquecer corações e uma brisa quer entrar no racional, desarmar espíritos, mas ninguém olha para os lados. A voz do coração está muda, a pele já não sente frio ou calor, a mente só faz contas, o olhar não é de paz, ronda a sensação do sombrio. Calçadas e avenidas estão lotadas de indivíduos individuais, sós numa errante multidão.

Prédios cobrindo paisagens, uniformizando cenários, engaiolando humanos, cadastrando vontades. Opiniões e perspectivas num mesmo arquivo. Janelas com vistas iguais, numa escadaria a perder de vista com desfecho num único ponto de vista. A gente se vê no autômato que passa ao lado e vice-versa. Há uma busca insana, uma necessidade imperiosa, uma dor latente. Do que não se sabe. Por isso, caminha-se tanto para nenhum encontro. Cai a noite. A poesia caiu há muito. Hoje, rasteja. A fala da poesia é quase inaudível.

A televisão vende prazeres para todos os gostos, de todos os tamanhos, para o alcance geral. Imagens, vozes e sons editam paraísos nas roupas, bebidas, comidas, veículos, lugares... Os sonhos têm que ser

refeitos diariamente para acompanhar as novidades da última estação como se fosse possível tirar aquela dor e chegar ao fim a busca. O sonho pelo básico é tão torturante quanto. Compra-se a ideia para ser diferente ou para a sobrevida, mas o produto só reforça a mesmice e a coletiva solidão.

E por isso os humanos vêm e vão, pedindo surdos socorros com sorrisos plastificados, perdendo a força, seguindo e voltando para o lugar de sempre. Produção de mentes em série com caminhos e descaminhos programados. Gente com motivações diversas e tão similares, tensões distintas e tão comuns. Pressão nas calçadas e ruas repletas. Volta e meia alguém entoa uma canção. Ninguém presta atenção.

Sob pressão. Tensão total. Tentei imaginar o que tinha acontecido comigo naqueles dias, mas não consegui. Só sei que para escrever este texto tive a companhia do desânimo e da falta de perspectiva. Geralmente, deixo uma porta entreaberta no final. Desta vez, ficou tudo fechado.

Unimed
PARE

06.07.08

O SEXTO MÊS E O ESPELHO

Mais um junho passou pela minha vida. Junho é o meu mês. Nasci entre os dias dos santos Antonio e João. Tenho nome de santo, mas não gosto de rojão, balão e nem quentão.

Nunca dancei quadrilha, nem na escola, mas tenho saudades das bandeirinhas coloridas feitas com papel de seda e lembro que gostava de correr em volta da fogueira. Por ser um mês emblemático, pelo menos para mim, entra janeiro e já começo a ficar na expectativa.

Quando eu era criança, era grande a ansiedade. Não pelas festas juninas, mas sim pelos presentes e, principalmente, pela vontade de se tornar adulto. Hoje, não penso em presentes, penso no presente, e às vezes tenho a estranha e triste sensação de que o futuro é isto aqui mesmo.

Uma sensação que vem devagar, junto com meus passos lentos, com o olhar que vai perdendo a surpresa e ganhando a aceitação, as palavras cada vez mais comedidas...

Essa soma de junhos me faz seguir um caminho natural, demarcado pela linha do tempo como se não existissem outras idas e vindas. Um metódico sistema me ordena ir por uma trilha sem sobressaltos, como se fosse impedido de ousar, criar, mudar, como se fosse proibido buscar algo mais além destas visíveis possibilidades.

Então, me olho no espelho e fico me cobrando. Peço para o sujeito que está na minha frente que não desista de seus sonhos. Quase o obrigo a agradecer a lucidez, a saúde, o sono e o despertar. Peço-lhe que esqueça as dores, que deixe os fardos inúteis na beira da estrada. Então, posso ver nesse rosto que persiste a capacidade de se emocionar.

Faço com que ele admire o espetáculo do sol, da chuva, da manhã de domingo, do cair da tarde, da música, da poesia, do movimento... Faço com que ele admire e agradeça essa gente que entrou e saiu da sua vida, gente que o ensinou sobre generosidade.

As conversas, as risadas, os abraços, as ideias, os projetos, os dias cheios e os dias serenos. Vida generosa para agradecer a tantos e por tanto e nela continuar fazendo de cada dia mais uma história, um novo canto, uma nova poesia e um novo junho.

Fica a esperança de um outro junho, melhor que todos aqueles que se acomodaram na memória. Virá mais um junho e os brinquedos para brincar, quebrar e consertar serão outros. E sempre há um mês, um presente, um passado velho ou recente e um futuro muito além disto aqui.

Sempre há uma música, uma poesia, um sol, um cair de tarde e gente me fazendo romper as demarcações dos caminhos naturais. Junho é o meu mês, mas preciso de todos os meses. Preciso ficar cobrando esse sujeito. Preciso olhar mais para o espelho.

Nada como um texto depois do outro. Aqui, uma tranquila retrospectiva, a aceitação, a compreensão da vida. Cada dia tem o seu valor. Escrever sem expor a alma não vale a pena, escrever mantendo distância dos próprios medos é fácil. Escrever é confessar, é abrir o coração. Este texto foi um agradecimento por mais um ano de vida.

13.07.08

A CIDADE E OS NOSSOS CORAÇÕES

Gente!! Maringá tem 200 mil veículos!! Então você pega esse número e soma com carros que vêm da região. Resulta num caos. Nossas belas avenidas estão sufocadas. O horário de rush foi banalizado. A todo momento as principais vias ficam repletas. Vários semáforos já não podem dar vazão ao intenso tráfego. Conseguir vaga para estacionar é acertar na loteria. Depois de muito rodar, você consegue. Aí vem o profissional das "mordidas": "Posso cuidar, tio?".

Falando em cuidar do carro, até nas capelas em frente ao Cemitério Municipal os flanelões estão agindo. E falando em morte, um duro golpe. Maringá perdeu Foguinho, um dos maiores piadistas da nossa cidade. Ele fazia piada de tudo, por mais sério que fosse o assunto. Ele não conseguiu se recuperar da morte do filho ocorrida há mais de um ano. Mesmo assim, mantinha a faísca acesa. Se você vacilasse, vinha gozação.

Conversei com o Foguinho, em maio, na lanchonete do Prever, enquanto esperávamos pela chegada do corpo do amigo comum Café, que morreu num trágico acidente. Tenho comigo que o Foguinho descansou. Fica a saudade. O cinegrafista mais famoso de Maringá está em paz.

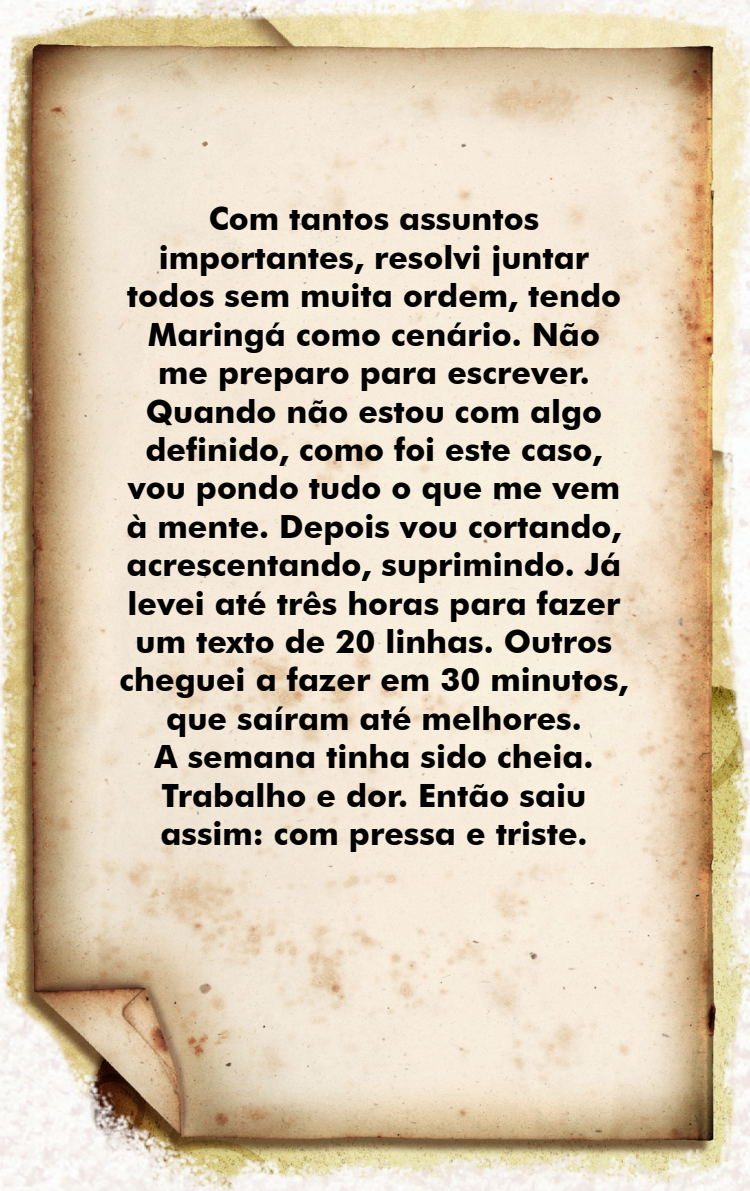
Como está em paz o João da Coca-Cola, amigo meu e da minha família, que perdeu a vida no sábado, dia 5, no dia do sepultamento do Foguinho. Cinquentão, João foi andar de bicicleta e o coração não aguentou.

No sábado, ele estava pedalando. No domingo, estava eu, lá na avenida Pedro Taques, numa sala da funerária famosa, segurando as lágrimas, tentando cantar com as demais pessoas a clássica "Segura na mão Deus" enquanto olhava para o João estirado, com as mãos postas no peito.

A cidade cresce, toma corpo, fica entupida de carros, chegam novos amigos e outros se vão. Hoje, atribulado, eu tento colocar tantas

impressões sobre assuntos tão distintos, mas eles ficam entrelaçados. Quero me concentrar num determinado tema, mas me embaralho com tantos apelos da mente. A cidade que pulsa com sua gente, a epidemia de latas motorizadas e a lei da vida que leva o Foguinho, o João e tantos caríssimos, fazendo partir o coração, abrindo lacunas.

Uma semana de sentimentos mistos. Tristezas e alegrias fazendo revezamento. Foi realmente uma semana marcante. Até dormindo estou dizendo "muito obrigado" aos membros da Academia de Letras de Maringá, que me escolheram para ser confrade. Uma honra que não sei se mereço. Vêm as alegrias. Maringá avança, a gente segue, a impessoalidade quer ditar o ritmo, mas não deixamos. As tristezas a gente carrega, mas elas ficam quietas, sem alarde, sem rush.



CARIOCA
APA-3884
APK-2611
ANY-9671

20.07.08

A MÁGICA DO "EU TE AMO"

E como se não fosse possível continuar calado, ele a fitou desesperadamente e disparou o "eu te amo". Foi como um estrondo na pequena sala. Como se não pudesse mais armazenar tanto amor por aquela mulher, abriu a boca, o coração e todas as defesas. Exposto e liberto.

Aquilo que o nutria e de igual forma o consumia foi aberto. Dissimulações não eram mais necessárias, as dúvidas se foram. Ele ali estava em estado bruto, sem disfarces. Um homem tinha entrado na sala e bastou uma frase para que esse homem agora fosse outro, mais leve, mais confiante.

Pela janela ela o viu chegar cabisbaixo. Enquanto ele atravessava o portão para chegar à porta, ela conseguiu traçar a história de ambos. Momentos bons de anos atrás, passagens pueris, mas tão marcantes, acontecimentos de toda ordem. À medida que ele vinha, ela recorria a tantos fatos. E em todos, ele estava presente.

Antes de dizer "eu te amo", ele andou muito. Calçadas e calçadas de pensamentos, quadras e quadras de divagações e incertezas. Ele não podia mais protelar. Há muito, a amizade dera lugar ao forte sentimento. Não foram poucas as vezes em que as palavras saíram do coração e quando foram ganhar os lábios se perderam na timidez e no medo. E sempre ele reunia coragem. E sempre a coragem se esvaia ao vê-la tão confiante, senhora de si, absolutamente bela.

Ele entrou como nunca tinha entrado. Ela percebeu que aquele sorriso eternamente plantado naquela cara sempre jovial não estava ali na sua totalidade. Era só uma lembrança. Em tantos anos, qualquer expressão fora do usual é claramente notada. Ela sabia que ele vinha para algo bem mais do que conversas descompromissadas e palavras e risos soltos.

Da forma que ele entrou, ela quis protegê-lo. Do que ela não imaginava. Mas olhando para aqueles olhos suplicantes, ela quis

abraçá-lo e dizer tantas coisas que há tanto ela nem sabia que guardava. Contudo, ela só esperou. Ele não lhe deu chance de falar e, ainda encostado na porta, entrou nos olhos dela profundamente e entre a agonia e a exaltação disse “eu te amo”.

Parada, com os olhos fixos nele, como se nada mais houvesse, ela contraiu a face num sorriso estranho formado pela surpresa e pelo espanto. Ele não entendeu porque mais ainda havia na expressão. Havia aceitação e alegria.

Uma emoção, um arrepio, uma batida forte no peito. Ela abriu os braços e o coração. Ele tirou a súplica dos olhos e naquela hora compreendeu aquele momento único. Os braços no abraço e o tempo ainda para ela também dizer “eu te amo” antes de um beijo que a claridade da janela e da vida iluminou.

Final feliz no meu folhetim. Como devem ser. Aqueles romances que eu lia nos meus tempos adolescentes afloraram sem qualquer explicação. Só pode ter sido isto que me levou a fazer este texto.

27.07.08

93

CHUTES, PEDALADAS E OUTROS

E abrindo a porta da velha edícula, abre o arquivo de memórias. Lágrimas serenas brotam. Ele não sabe identificá-las, não consegue sequer saber por que está chorando. É a liquidez da saudade gerada pela solidez de uma história, ele imagina. No cenário do passado, destacam-se velhas bolas de capotão, no canto, murchas, há tempos sem levar um chute.

Então, enquanto segura a bola e desliza os dedos sobre os gastos gomos, amigos imaginários, crianças saídas de uma velha história vêm visitá-lo e com eles vai para um campinho de terra batida, todos descalços, as traves de bambu. Uma voz vem de bem longe, no momento em que se prepara para desferir um potente arremate em direção ao gol.

É a sua mãe que está chamando para ir para casa. Ela sempre chamava uma, duas, três vezes. Jogava bola como se o dia seguinte não fosse existir. Havia uma necessidade premente de ocupar aquelas horas, de não deixar que elas escorressem sem que fossem usadas em sua totalidade e intensidade. Era preciso ter todo o tempo como se o amanhã estivesse muito distante.

Parado em meio a velhos móveis e objetos, ele traça em instantes sua linha do tempo. Deixou tanto e tantas coisas para trás e agora, num simples gesto de abrir uma porta, trouxe tudo à sua frente. A bicicleta enferrujada, encostada na parede. Como ela era enorme! Para subir, ele precisava pô-la no chão.

Outras vezes, seu pai a segurava até que conseguisse se equilibrar. O prazer de pedalar por ruas poeirentas, de estar com a turma em corridas arriscadas e excitantes. E agora ele acrescenta: corridas inesquecíveis. Ele chega a sorrir ao recordar os tombos e, sem pensar, toca a cicatriz no cotovelo, eterno carimbo de um tempo.

Uma cômoda com gavetas emperradas e entreabertas e cadeiras manquitolas ainda se sustentam e amparam objetos e papéis. Gibis

espalhados com tantos heróis assassinados pelas editoras, que hoje os mais jovens riem dos pomposos nomes daqueles que mantinham a lei e a ordem do planeta e os sonhos das crianças. Álbuns incompletos de figurinhas. Espaços em branco, destinados aos craques, as tais figurinhas carimbadas. Cadernos de letras e números ingênuos. Revistas com fotos em preto e branco e textos quilométricos. Um quadro de Nossa Senhora coberto pelo pó.

Ele sai, fecha a porta. Olha mais uma vez para aquele pequeno lugar que ficou no tempo. A porta carcomida, como de resto quase todas as tábuas, a janelinha de vidros trincados...

Ele ouve sua mãe novamente o chamando. Estou indo, mãe, ele responde: "Estou sempre indo e vindo nessas histórias, mãe".

Imaginei um senhor voltando para o lugar onde passou boa parte da infância. Boas recordações dos anos 60. O retorno não é triste. Ele está folheando sua história e, por meio da casa, dos móveis e dos objetos, analisa mais intensamente o quanto foi feliz. Tão envolvido que está ele ouve a voz da sua mãe, que já se foi. Ele vive retornando ao mundo que soube preservar ao longo dos anos. Tudo aquilo que vê no lugar só faz reforçar a eterna lembrança.

03.08.08

94

LUA DE PRATA E SOL VITALÍCIO

Vou colhendo pedaços de história conforme passo por estas ruas. Faço longas viagens, ao mesmo tempo em que não saio daqui, não saio desta previsibilidade modorrenta. Fico naquelas histórias recentes, aquelas bem cotidianas, banais, que acontecem com todas as pessoas. São as tais rotinas necessárias e inevitáveis.

E também recorro a histórias muito particulares, que carrego desde que me conheço ou as que aconteceram há pouco mas se tornaram marcantes. Leves e indeléveis, frágeis e intensas. Então, misturo todos esses registros e, diante de sensações diversas, vem a catarse, que resulta num trivial e fundamental comentário: "Como é bom continuar a pisar este chão".

Piso nesse chão no qual tantas vezes já pisei ou o que estou pisando só agora. A lua brilha sobre mim. Sou homem de prata numa noite cheia de sonhos passados, de um presente em ebulição e de um futuro tão mal delineado que a única certeza é que a incerteza não vai se despedir tão cedo.

As casas dormem. Quintais silenciosos, calçadas vazias e árvores quietas. Meus passos fazem música repetida e cansada numa trilha que me leva para tantos caminhos enquanto sigo só, entre o néon e a escuridão. Claridade e sombras se revezam no cenário. Meus passos fazem música inédita e frenética, música que me leva a querer ver outras ruas, a fazer novas histórias.

Vida que é um passeio e uma dura caminhada. Passos céleres e lentos. Paisagens plácidas e aterrorizantes. Recuos, saltos, desvios, paradas ocasionais... Mas sempre avançando, às vezes muito, outras nem tanto. Sempre avançando.

O dia é cheio e a noite vem para esvaziar. Trazemos o peso para que a noite seja o alívio. Santa noite providencial. Essa é só mais uma noite igual a tantas que se foram e uma a mais de tantas que virão. Enquanto essas ruas descansam, vou verificando meus registros. Enquanto meus

pés deslizam ou se arrastam, avalio se minhas ações vão para os prós ou para os contras. Faço contas e acho que mantenho o saldo.

Sigo contando estrelas no brilhante céu marinho, dobro esquinas familiares e estranhas, me alegro, me surpreendo e me entristeço. Amanhã o mundo vai estar melhor. Logo, minha porção egoísta vem e corrige: "Amanhã vou estar melhor".

Há um conforto vital e vitalício de saber que o sol vai surgir. Enquanto caminho, o sol se prepara para sair. Logo ele virá trazendo luz, cor, som e movimento. O sol vai brilhar, pedindo para quebrar silêncios, tornando claro o azul do o céu. E sempre foi assim e sempre vai ser assim. Bom dia!

Uma sequência inconsciente do texto anterior. Se lá criei um personagem, aqui sou eu quem caminha por tantos lugares familiares. Um balanço da vida na caminhada noturna e a garantia de que a manhã vai surgir e o sol vai brilhar. Final para cima. Já era tempo.

10.08.08

UM PRESENTE DO PAI NOSSO

Chega o Dia dos Pais para o deleite do comércio, para a compra de camisas e chinelos, para o almoço na mesa de vários lugares e comidas diversas. Dia de abraçar o pai de um jeito mais afetuoso, de conversar um pouco mais, prestar mais atenção e agradecer pelo pai que nos foi dado. Um dia especial.

Então, parabéns ao pai, todos os pais. Ao presente, ao ausente e ao esporádico. Parabéns ao pai do bebê, o que sabe trocar fralda e o que não sabe sequer pegar no colo; ao pai de adolescentes, aquele perfeitamente sintonizado com o universo teen, e o que não compreende as abruptas mudanças; e ao pai de moços e não tão moços, o que vive grudado no filho e o indiferente.

Parabéns ao pai de primeira viagem e ao de muitas. Ao sereno e ao explosivo, ao contido e ao expansivo. Ao que abraça e ao que é incapaz de demonstrar nas palavras e gestos o afeto. Ao que sorri e chora junto e ao que se isola. Ao que compartilha e ao que se fecha.

Parabéns ao pai parceiro, ao mandão, ao animado, ao turrão. Parabéns ao que se esquece de datas de aniversário, mas que no meio do dia liga para dizer um "oi" carregado de uma inexplicável saudade avassaladora.

Parabéns ao pai distante, que leva a vida mortificado pela culpa. Parabéns ao pai próximo, que não sabe se está fazendo a coisa certa, só sabe que ama e muitas vezes não consegue canalizar eficazmente esse amor. Parabéns ao que consegue, sem culpas, sem dramas.

Parabéns ao pai que afaga e ao que sufoca. Ao que ensina e ao que não aprendeu como se faz e não pode ensinar. Ao que brinca, que ri, se envolve, se ajoelha, se enrola com o filho no chão, anda de bicicleta, chuta bola, solta pipa. E parabéns ao pai que nunca brincou porque nunca brincaram com ele.

Parabéns ao pai que foi para tantos lugares. Ao que foi para um lugar muito além daqui. E deixou um eterno vazio. Ficou uma dor

diária, uma dor sossegada, mas que vive fazendo voltas em torno das alegrias. Parabéns ao pai não biológico, que faz o amor transcender o DNA. Escolhido por Deus, ele é o pai total, anjo velando anjo.

Parabéns ao pai que sofre pelos filhos perdidos nos becos do mundo, pelos filhos que já não são mais desta vida. Uma dor repleta, em que as forças são tragadas, mas que a misericórdia de Deus faz repor. Parabéns ao pai que vive pelos filhos, que os transforma em sua razão de viver.

Dia dos Pais, uma data especial. Ao pai especial de cada um, parabéns! Um presente que nós é dado pelo Pai Nosso.

Antes de enviar os textos por e-mail para a redação do O Diário pedia para que minha mulher, a Simone, desse uma olhada. Sentia-me seguro com a opinião dela e não foram poucas as vezes em que mudei parágrafos, frases e títulos. Lembro-me de que nessa época, por conta de um trabalho que estava fazendo, em algumas oportunidades não estava próximo dela quando terminava de escrever. Por isso, mandava sem a sua avaliação. Foi o caso desta homenagem aos pais. Demorei muito para concluir, e no final fiquei com a sensação de que poderia ser bem melhor.

17.08.08

96

DESCOBERTA DA CHINA E DO HUMANO

Descobri a China. Abro o jornal, ligo o rádio, a tevê, e a Olimpíada invadiu o papel, o som e a imagem. Mudo a página, troco a estação, o canal, e Pequim está na moda, no mundo, na boca do povo. A mídia pôs a China na minha vida e na vida de gente que sequer imagina o que acontece naquele lado do mundo.

Nestes dias estou sabendo de todos os progressos e as mazelas, quase todas, da terra de Mao. Aqui bem longe, estou descobrindo a China com sua muralha, suas tradições, suas bicicletas, sua liberdade limitada e sua gente querendo sorrir, mas ainda com um leve olhar sombrio e resignado.

Estou descobrindo a China pela tela do meu televisor, descortinando um país gigante. Além dos produtos piratas vindos de lá, passei a conhecer a vida multifacetada daquele bilhão e 300 milhões de pessoas, um quinto da população do planeta. Um país que abriu os olhos para o capital, que está tomando Coca-Cola e comendo big-mac. E que faz dos Jogos Olímpicos uma grandiosa exposição.

Na timidez dos sorrisos e na educação esmerada, a China monta a fachada para dizer ao mundo que quer somar com os povos. Os chineses abrem as portas, mas por enquanto não deixam que olhemos todos os cômodos. Eles têm tantas questões políticas pendentes, notadamente violações dos direitos humanos, que os Jogos funcionam como instrumento simpatizante para se contrapor à névoa arbitrária.

O que você me diz da abertura da Olimpíada? Admirável, não? É o maior espetáculo da terra. Nunca antes na história deste planeta (com licença, presidente) algo tão apoteótico havia sido feito por mãos humanas. Tradição, criatividade e tecnologia fazendo o grande show. Um teatro emocionante, mágico, quase perfeito.

Digo quase porque foram detectados alguns defeitos, detalhes apenas. Mas são naturais os deslizes, afinal estamos falando de humanos. E também porque tem gente que não se dá por satisfeito e

fica procurando erros em tudo que vê. É o olhar dos "seca pimenteira".

Então, dá para analisar o seguinte: se são capazes de fazer algo tão maravilhoso, também são capazes de encontrar o caminho democrático. Depois daquela série de apresentações no Ninho de Pássaro, de rara sensibilidade, de luzes, cores, sons e movimentos, em que quase sempre o conjunto era exaltado para atingir o sucesso, descobri uma Beijing mais humana, muito além das suas construções.

Sabe-se se lá o que vai acontecer depois da Olimpíada. Aquele esplendor de abertura, maior que a própria China, um cenário belo e inventivo, nos leva a acreditar no homem. Seja ele chinês ou não.

Tinha que escrever sobre a abertura da Olimpíada. Foi emocionante a festa. Só se falava em China naqueles dias e eu ia falar de quê? Por um momento foi possível acreditar que o nosso mundo tem jeito. Naquela abertura, os comunistas foram abençoados por Deus. Eles não sabem, mas foram. Pode acreditar que sim.

福
春

24.08.08

INSÔNIA NOSSA DE CADA NOITE

A insônia chega sorrateira. Invade o breu da noite e me chama para acordar. Mexo meu corpo umas 18 vezes. As pernas e os braços se movimentam a cada 10, 15 segundos. Viro a cabeça todo momento, arrumo o travesseiro. Ainda não abri os olhos. Então, ordeno ao meu corpo que não se mexa. Ele obedece. Fica quieto.

Quieto por alguns instantes, porque passo a roçar um pé no outro. Corpo desobediente. Do nada, dá uma vontade louca de coçar o braço. Pronto, já estou todo espalhado, girando, procurando o melhor lugar no colchão.

Os olhos já estão abertos. Estou me acostumando com a escuridão e posso delinear os móveis e ver a janela emoldurando a tímida claridade da lua. Mando os olhos se fecharem. Eles se escondem meio a contragosto. O dia inteiro vem à mente.

Começo a pensar como foi a manhã daquele dia, daí a pouco vêm fatos que aconteceram na semana passada, no mês passado. Gente entra e sai numa rodada insana de pensamentos. Lugares familiares e outros em que nunca estive se misturam. O sono chegou. Que nada. Estou novamente brigando com a insônia, que hoje apareceu sem pressa para voltar.

Não posso chamá-la de companheira até porque ela pouco me visita, mas hoje, nesta madrugada quente, a danada montou barraca no meu quarto. Deve passar das 4 da manhã e a angústia é avassaladora. Cada minuto perdido vai me fazer falta no dia. Já estou prevendo: lá pelas 3 da tarde, meu corpo vai ficar entregue. Vou ter que lavar o rosto várias vezes para não dormir sentado.

Aí penso em me levantar, ir para a sala, ligar a tevê. Quem sabe, assistindo a um filme bem enfadonho, o sono não acaba voltando. Pode ser que, mudando de canal, eu consiga alguma oração para pessoas em busca do sono perdido. A ideia é agradável e, em vez de ficar de pé, começo a pensar nos programas televisivos da madrugada e

entendo que o melhor é tentar ficar quieto e começar a providencial e manjada contagem de carneirinhos. Vou pôr alguns cavalos saltando. Estou num sítio. Penso nos bois, nas vacas, nos porcos, nas galinhas. Bem, esses não saltam. Vou ficar nos carneiros e cavalos.

Então crio um ambiente para essa prática olímpica animalesca. Agora, estou na dúvida sobre a altura e a cor da cerca. E, entre tantas indefinições de cenário, o relógio deve estar chegando às 5 horas. Um motor ronca bem longe daqui. Os bichos vão pulando. 7, 8, 9, 10, 14... Estou perdendo a conta. Já não quero contar, já não quero me mexer. A confusão mental me deixou cansado, os olhos caíram de vez, a insônia bateu asas e o restinho de noite finalmente me pôs para dormir.

História bem-humorada de uma noite de insônia. Levei na brincadeira, mas só quem passa por isso sabe o quanto é terrível. Felizmente, é raro acontecer comigo. Em um daqueles dias de agosto de 2008 ela me fez uma visita. Se você pensar nos problemas, eles se tornam insolúveis; se pensar nos compromissos do dia, você tem a certeza de que não vai cumpri-los. Se você busca um espaço tranquilo, logo outros elementos surgem para atrapalhar. O sono só chega quando é chegada a hora de ficar de pé.

31.08.08

DO COMPRIMIDO AO AVIÃO

As propagandas querem me dominar. E só não conseguem porque não tenho dinheiro para embarcar nas promoções. As propagandas querem me influenciar. E só não conseguem porque cheguei numa idade em que, infelizmente, pouca coisa me surpreende. As propagandas entram agressivamente na vida da gente e aí é que está a chave do negócio: sem querer você acaba comprando algo apresentado por elas.

Você é atraído e não tem como escapar. Seu consumo caminha na medida do seu ganho e a propaganda dirige seus passos. Mas não são poucas as vezes em que sua voracidade consumista ganha a corrida contra o seu salário. Aí, amigo, você procura um empréstimo no banco que faz propaganda mais criativa, fazendo você acreditar que os juros são os mais baixos do mercado.

Não adianta você se rebelar. O destino do seu dinheiro está traçado quando você for comprar um comprimido ou um avião, quando você viaja numa excursão de 30 horas de ônibus ou num cruzeiro marítimo, quando você faz suas humildes aulas de inglês na escola que dá um bom desconto ou vai para Londres aprender o inglês britânico.

A vida é uma moda. A cada dia há um lançamento especial, e o produto que você acabou de adquirir ficou obsoleto a partir da saída da loja. Porque a fila anda, a prateleira é reposta e as embalagens são refeitas. As novidades vêm no sorriso das crianças, nos corpos dos jovens exibindo vitalidade e no olhar paciente e feliz dos idosos, vêm nas músicas e nos efeitos especiais, vêm nas vozes firmes, nas vozes simpáticas e sensuais.

Você nunca vai vencer a propaganda. Seu guarda-roupa guarda roupas que saíram da moda na semana passada. Seus sapatos e seus tênis estão envelhecidos mesmo que você pouco os tenha calçado. A ração do seu cachorro não tem tantos nutrientes como aquela que saiu na tevê, no intervalo da novela. Seu carro novo não tem os acessórios que o próximo terá.

Apareceu um novo shampo, com maior eficácia contra a queda dos cabelos. A fralda descartável em exposição na entrada da farmácia vai dar muito mais conforto para o seu bebê. A nova linha de televisores vai fazer você se envergonhar do trambolho que está na sua sala. Seu velho plano de saúde não tem a cobertura do que este que está outdoor.

Depois disso tudo, acho que as propagandas estão conseguindo me dominar. Agora há pouco vi um modelo último tipo de celular que tira foto, filma, tem internet, msn, mp3; vi um relógio à prova d'água, de fogo e de outras intempéries, uma nova cerveja, um novo sorvete, mais uma novidade... Não estou podendo comprar, mas sei que fui dominado.

Quem deu um olhada neste texto antes que eu o enviasse ao jornal foi o jornalista Marcos Zanatta, que estava trabalhando comigo nessa época. Lembro-me de que era quase meio-dia, ele se sentou na frente do computador, leu, achou engraçado, fez um comentário que não me recordo qual, disse que estava legal. Confiante, li de novo e mandei. Depois é que percebi que ficou meio parecido com uma crônica que fiz sobre outdoors.

Mulher tem mania de segurança.

A Rural Ford também. Segurança para as crianças que ela leva e traz da escola. Quem dirige a Rural tem a segurança do motor dianteiro.

As mulheres têm mania de economia. A Rural tem um motor de 6 cilindros valente e econômico. Faz mais de 6 quilômetros com 1 litro de gasolina.

A Rural custa menos que o Ford Corcel e um pouco mais do que um carro pequeno. E é resistente como um Jeep.

Mulher também tem mania de conforto. A Rural é confortável e fácil de dirigir como um automóvel de luxo.

A Rural tem conforto até para 8 pessoas. Basta colocar o 3.º banco (opcional).

A direção é leve. A suspensão é macia. A mudança de marcha é suave.

A família tem mania de passear. A tração em duas ou quatro rodas leva a Rural até onde outros veículos não conseguem chegar. Em qualquer estrada. Com qualquer tempo.

A Rural é Ford. A Ford tem mania de qualidade.

Quando você compra um Ford você ganha a melhor rede de Revendedores espalhados pelo país.

RURAL Ford

Em 1970 a Ford-Willys dá a você o privilégio da escolha.
Você também poderá adquirir a Rural Ford através do Consórcio Nacional.

07.09.08

À ACADEMIA DE LETRAS DE MARINGÁ

Neste momento, em que você me honra lendo estas despretensiosas linhas, deverei estar sereno e feliz com o que aconteceu ontem à noite. Enviei este texto para o jornal na sexta-feira e no sábado estava programado o jantar comemorativo dos 11 anos da Academia de Letras de Maringá com a posse dos novos membros, eleitos em julho.

Neste espaço, já agradeci aos confrades pelos votos que recebi. Acabei me tornando um imortal, junto com o Nhô Juca e o João Batista Leonardo. Pois bem, agradeço de novo.

Se deu tudo certo, fiz um discurso de alguns minutos e falei da alegria de fazer parte de um grupo de pessoas tão amáveis e vibrantes. Devo ter ficado um pouco trêmulo, mas acho que consegui disfarçar. Falei do meu patrono, Euclides da Cunha, e fiz uma homenagem ao poeta Francisco Jorge Ribeiro, falecido em janeiro deste ano, cuja cadeira passo a ocupar. Enfatizei que não o estava substituindo. Ninguém nessa vida ou em outras é substituível.

Confiando que tudo vai estar nos conformes, meus familiares e amigos estiveram comigo nesse dia tão marcante. A propósito, eles vivem brincando comigo sobre essa imortalidade adquirida depois de pouco mais de meio século de vida, por conta de alguns humildes escritos. Escritos que transitam entre crônicas, poesias e reflexões outras que não sei como denominá-las.

Ontem, essa turma que está sempre comigo deve ter feito as piadas de sempre. Além de imortal, acho que também me chamaram de Highlander, aquele guerreiro do cinema, que fez sucesso nos anos 80, que nunca morre. Ainda acreditando que tudo funcionou a contento, brindamos esse sábado especial com taças de cerveja, refrigerante e água.

Abracei meus confrades e por eles fui abraçado. Abracei meus familiares e amigos e por eles fui abraçado. Com relação às lágrimas, acho que elas ficaram rebeldes nos cantos dos olhos, querendo sair,

mas consegui contê-las. A noite foi de alegria, mas não houve como não lembrar de gente que mora eternamente no coração e que não pôde ir, que nunca mais poderá ir.

Para fechar o relato sobre esse acontecimento, que imagino ter sido mais ou menos assim, faço reverência a Francisco Jorge, nascido em Portugal, um dos fundadores da Academia de Letras de Maringá, que levou sua imensa sensibilidade para junto de Deus. Transcrevo uma estrofe da sua poesia *Como é bom semear*: *Lançada a boa semente, na terra logo germina, tal qual na alma da gente, cresce a palavra divina*. O texto deste domingo é dedicado a todos aqui citados e a Antonio Facci, que saiu desta vida neste ano e entrou no coração da gente.

Escrevi e enviei o texto na sexta. No domingo à noite haveria a posse. Então imaginei como seria. Meu discurso já estava pronto. Foi estranho escrever tentando imaginar qual seria minha emoção. Não poderia deixar o texto para o próximo domingo, tinha que ser naquele. Hoje, digo que foi emocionante porque fui recebido com muito carinho e porque familiares e amigos estiveram lá prestigiando minha posse. Um dia marcante na minha vida. Fazer parte da Academia de Letras de Maringá é uma grande honra.

14.09.08

O TEMPO E AS CANÇÕES

Era um garoto que não amava os Beatles e muito menos os Rolling Stones. Ele tinha outros ídolos. As pedras rolaram e chegou a adolescência. Foi então que tudo começou. Começou com Odair José, que encostou o carro na praça, e a menina, um tanto sem graça, sorriu para ele. Depois ele foi para o bordel e disse à garota que iria tirá-la daquele lugar e levá-la para morar com ele. Com aquele amor rasgado no peito, ele se identificou com tantas canções...

Leno e Lilian cantavam numa só voz: "Todo mundo tem um amor na vida e por ele tudo é capaz". Jerry Adriani desistia: "Você não é doce de coco, mas enjoei de você". Wanderley Cardoso gritava: "Socorro, nosso amor está morrendo", e lamentava: "Parece que eu sabia que hoje era o dia de tudo terminar". A Wanderléia entrou na sua vida e disse: "Pare agora". O rapaz invejou Eduardo Araújo, que dizia "ter muitas garotas para mim é normal, eu sou o bom entre os dez mais", e Paulo Sérgio afirmava que "essa é a última canção que eu faço pra você".

Mas não foi a última na vida do rapaz encantado com 20 anos de amor. Na chorosa breguice musical, ele pôs seus ouvidos e de lá nunca mais os tirou. Atravessou as décadas gastando vinis, debulhando lágrimas por amores não correspondidos. Arranhava discos e sangrava o coração. Ouvia músicas para pôr os pés no passado. Amou e sofreu tanto ao som de melodias monocórdias e letras derramadas que até hoje, mesmo sem querer, ele as assobia.

O tempo passou e o nosso eterno menino continua turbinado pelas canções, procurando dores amorosas e sonhos perdidos. Os negros bolachões estão guardados no velho baú da sua história. Aquela turma envelhecida saiu da mídia e da sua vida. Outros cantam nos seus ouvidos. Agora, ele faz leilão do seu coração, na mesa do bar faz confidências ao garçom e depois vai dormir no banco da praça pensando nela.

Seus amores rejuvenescem nas atuais canções. Ele reabre espaço para todas as mulheres da sua vida e que se perderam na fumaça do tempo. Canaliza sofrimentos embalado no coração em pedaços de Zezé di Camargo, na estridência sonora do Bruno e na mudez do Marrone, e busca emoção na mesmice das duplas de rapazes com cabelos encharcados de gel, que habitam o nosso cenário musical.

Mas tudo isso é nada diante da figura real. Para o Rei, a reverência é, no mínimo, uma lágrima. Os súditos vêm e vão na sua vida. Só estão de passagem. Já o Rei permanece. "Não adianta nem tentar me esquecer, durante muito tempo em sua vida eu vou viver". Nosso herói vai levar para sempre as músicas do Roberto. Mas essa é uma outra história.

Sabe quando dá uma confiança danada de boa naquilo que você escreve? Foi o que aconteceu com este texto. Peguei trechos de músicas enquanto comentava sobre o intérprete. Não sei se alguém se interessou, se achou engraçado, mas eu gostei pra caramba! Fiquei empolgado enquanto escrevia e ficava só pensando: "Como será que vou acabar isso?" Com uma declaração de amor a Roberto Carlos, ora bolas! Fechei com ele e deixei em aberto para falar do Rei em outra oportunidade.

pp
Vcl.
Bassi
1
p

21.09.08

TELAS BRANCAS E HISTÓRIAS

Antes de me sentar nesta cadeira estava com um monte de ideias. Andava até mais devagar do que de costume para que elas não se perdessem entre meus passos. Torci para que ninguém quisesse falar comigo, com medo de que meus pensamentos fossem subtraídos. Cheguei cheio de cuidados. Pronto. Sentei. Liguei o computador, olhei para cima, daí baixei os olhos e joguei os dedos no teclado.

Fiz várias frases desconexas, cortei e acrescentei fatos e comentários, procurei entendimento. Apaguei tudo nervosamente. Olhei para mim e para o mundo, e o vazio abriu os braços. Procurei explicações nas paredes claras com quadros diversos, mas nada encontrei.

Olhei a rua, e a cruel mesmice me viu com desdém. Agora, estou me cobrando. Tanta coisa eu tinha para escrever, com todo zelo eu trouxe tantas possibilidades, com toda fé eu trouxe tantas histórias...

Agora, olho para a tela branca e nada me convence ou me empolga. As imagens, tão fortes, espessas, se dissolveram. As vozes, tão contundentes, tiranas, não passam de sussurros diante da avassaladora incapacidade de escrever algo perto daquilo que queria.

Enquanto tento escrever, ouço um CD que o meu filho gravou para mim. Músicas diversas. Uma colcha de retalhos que começou com Sara Brightman, passou por Titãs, foi para Nelson Gonçalves e retornou para a cantora inglesa pop-lírica.

Meu eterno garoto sabe que há muito deixei de ouvir o Titãs, mas acertou ao escolher "Caras como eu", letra de Tony Belotto, que fala sobre pessoas que chegaram a uma idade em que as águas correm mais tranquilas. Os homens solitários estão calçando seus chinelos.

Olho minha vida, abro portas, procuro e não sei por onde anda esta tranquilidade. As águas plácidas e turbulentas fazem revezamento e eu sigo. Ainda tenho que continuar pondo os sapatos a cada manhã.

Escrevo. E a música toma conta do ambiente, trazendo inspirações. Ela me põe numa estrada que vai ao horizonte. Os acordes abrem

caminhos e leves são os passos. Mas já estou de volta porque a janela escancarada recolhe os sons do asfalto e deixa os motores entrarem.

Então fica aquele equilíbrio entre os embalos melódicos e os roncos detestáveis. Quero desligar o dia real e me envolver na música, mas sei o quanto é impossível. Mesmo assim sigo escrevendo. Ou melhor, só por isso sigo escrevendo.

Fico pensando que a vida não é feita de ideias prontas e que o treinamento já está valendo pontos. Campos limpos e acidentados, músicas e motores, flores e pedras, céu e chão, chinelos e sapatos. Sempre haverá histórias para pôr nas telas brancas.

Na quinta-feira eu já começava a me preocupar com o que iria escrever na sexta. Muitas vezes tinha compromissos, e sobrava no máximo duas horas para criar. Sob pressão é difícil render um bom texto. Este foi o caso clássico de não encontrar nada satisfatório e ficar vagando na busca de uma boa ideia. Procurei pôr no papel essa aflição, e lá pelas tantas consegui encaixar a história com o CD que o meu filho Guilherme gravou para mim. De um jeito ou de outro o texto vai ter que sair. Por mais simples que possa parecer um texto, houve dificuldades para fazê-lo, maiores ou menores. Aliás, são os mais simples que requerem maiores cuidados.

28.09.08

CAMINHADA TORTUOSA E FELIZ

Como se fosse seu último dia na face da terra, ele saiu decidido e foi ter com a rua. Como se a esperança estivesse no azul do céu, ele ergueu os olhos e suplicou. As árvores tremulavam. Era como se os galhos lhe batessem palmas por essa vontade extemporânea.

O cheiro da cidade começou a entrar pelas narinas. O morto-vivo quis entrar no ritmo daquele dia e daquela gente. Ele quis retomar caminhos, conversas, ligações, planos e sonhos. Por isso saiu com passos quase firmes e o espírito tão determinado.

O forte sol da manhã atravessou suas roupas. Deu sorrisos para o nada e para tudo o que via. Sorrisos para viventes e inanimados. Um louco errante, revitalizado pelo sol e pela rua, pulsando feliz, tomando emprestado o coração da cidade. Contudo, com todo cenário, o seu corpo quente e frágil e a respiração ofegante minaram-lhe a alma. A empolgação foi se dissolvendo no calor.

Soberana, a cabeça mandou o corpo se cansar, ordenou-lhe que se entregasse. Ele quase obedeceu. Quis sentar no chão encostado a um poste e deixar que a vida seguisse seu curso. Era um invasor de espaços e esse tempo já não era dele. Ele estava fora do frenesi. Baixou a guarda, apoiou-se a uma parede e chorou.

Enquanto as lágrimas deslizavam sobre o rosto vincado ponderou sobre aquele momento e sobre tantos outros. Velhas histórias surgiram sem que fosse preciso procurá-las. Então, concluiu que muito já havia caminhado e já não era preciso prosseguir para provar algo a alguém ou provar novos sabores expostos na prateleira da vida.

Nada lhe faltava e nada lhe sobrava para fazer ou dizer. Como se fosse seu último dia, quis deitar, esparramando-se em frente a uma grande loja para marcar com estilo sua despedida. Ele quase obedeceu a essa vontade, ou ao instinto, quando o asfalto ficou coberto de carros impedindo a travessia. E quando sua mente ficou repleta de gente que o amava e esperava sua volta, ele quis ficar de pé.

E lá das entranhas, sabe-se lá de quais compartimentos, vieram restos de força, suficientes para fazê-lo se arrastar pela calçada, atravessar a rua. Mesmo com toda dificuldade, ganhou a avenida, ganhou a sobrevida e seguiu obstinadamente.

Era quase noite quando voltou. Parou em frente à casa que, convidativa, o chamou. Empurrou o portão, caminhou lentamente até a porta e entrou. Lá dentro, entre o conforto e a segurança, viu a vida passando pela janela. Depois do passeio sofrido e de superação, acreditou que aquele mundo vibrante também era dele. Logo, dormiu satisfeito.

Escrevi este texto sem saber que estava dando margem a outras interpretações. Só depois de relê-lo algumas vezes vi que há mensagens bem além do que superficialmente é sugerido. Fico com a mais simples: por mais difícil que seja a situação, é preciso enfrentar o dia a dia.

05.10.08

LONDRES É LOGO ALI

Entro em histórias fora do meu cotidiano através de sonhos que tenho nestas noites quentes que envolvem minha cidade. São sonhos somados a desejos de estar num outro mundo dentro deste mundo, com outros cenários, movimentos e temperaturas.

Quando isso acontece, não sei exatamente se estou dormindo ou fazendo de conta. O último sonho foi com Londres. No dia seguinte, ao contar essa experiência grátis de estar na capital inglesa, minha mulher brincou: "Que chique, sonhar com Londres!! Sonhar com alguma cidade perto daqui nem pensar, né?"

Não tenho interesse em sonhar com este mundo palpável. Já lhe dedico espaço suficiente no dia a dia. Certamente, no dia em que vier a conhecer Londres, vou riscá-la do meu mapa sonhador.

Então, eu sonhava com construções centenárias, estádios de futebol com o gramado verdíssimo e bem cuidado e o céu nebuloso. Acho que pela gratuidade da viagem, andei por outros países europeus de que não me lembro. Entretanto, a base do meu sonho foi Londres, com aquele ambiente do século 19.

Por meio de filmes, livros e jornais, volta e meia visito lugares interessantes. Aquilo vai ficando gravado e aí, do nada, me pego sonhando com castelos, paisagens cinzentas, navios singrando em mares escuros, homens com seus casacos pesados, rochedos, casarios uniformes...

Também são sonhos com trilha sonora. Violinos ritmando casais em dança no amplo salão imperial de teto alto e lustres imensos. Fraques e vestidos rodados. E eu, privilegiado espectador, turista visionário, acompanhando cada movimento, esquadrinhando paisagens, vislumbrando uma época, conhecendo gente.

Aí, atravesso o século e retorno a Londres dos seus altos ônibus vermelhos. Saio de um palácio depois do chá das 5 e deixo a ilha pelo ar ou pela água. Atravesso o Atlântico, e a saudade serena e tranquila

está na bagagem.

Acordo. Os pés no chão, a cabeça no lugar e vou encarar o dia com seu forte sol, o suor escorrendo pelo corpo, as contas nervosas pedindo para ser pagas, o toque do telefone, a campainha, a buzina, o alarme...

O relógio, com seus ponteiros inquietos, diz que eu tenho que me movimentar; o asfalto risca um caminho e me põe a andar; o dia é longo e eu tenho que nele me incluir.

Então cai a noite. No refúgio do lar, na porta trancada, os sons da rua vão se perdendo. Então, encontro meus sonhos de prontidão, ansiosos para uma visita. Ainda que a Inglaterra não esteja sempre incluída no roteiro, são variadas as opções. Afinal, a Itália, a Grécia, o Egito e outro lugar qualquer estão logo ali. Basta ir. De um jeito ou de outro.

O eterno sonhador está de volta. Os folhetins não me dão descanso. Influência direta deles não só neste texto, mas muito do que escrevo. Escapismo para poder enfrentar a verdade do dia. Uma verdade muita vez carrancuda. Sonhar não custa nada.

FORÇA AÉREA BRASILEIRA

12.10.08

104

ALMANAQUES E CRIANÇAS

Recebi o Almanaque Maringá, o número 5, editado pela Teresa Meneghel e pelo Roberto Silva, amigos jornalistas com os quais trabalhei na redação deste jornal há mais de 10 anos. Na capa, a foto de uma menina de 3 aninhos, acho que não mais do que isso, com seus olhos claros, com um lenço em tom amarelo na cabeça, da mesma cor da roupa, e um sorriso que parece ter concentrado toda a espontaneidade do mundo. E, completando a bela imagem, ela segura um cãozinho, tranquilamente acomodado em seu colo.

Os almanaques de antigamente não eram coloridos. Aliás, quando penso nesse "antigamente" aparece tudo em preto e branco. Calças curtas escuras e camisas brancas, sapatos pretos e meias brancas. Se você pensou no uniforme da escola, acertou. Acrescente aí a terra vermelha. O barro, a poeira...

Espere! Prometo que hoje não vou contar histórias da minha infância, mesmo sendo o Dia das Crianças. Então, vamos retornar ao assunto anterior, vamos deixar de lado a escola, as ruas e os quintais, e lembrar só das farmácias – ou pharmacias.

A gente ia às farmácias, decoração sombria, com seus móveis escuros, as altas prateleiras, as enormes balanças de ponteiro, os farmacêuticos e atendentes sisudos, de guarda-pó branco, e os almanaques em cima do balcão. Naquela época, anos 60 e 70, as farmácias só vendiam remédios, faziam curativos e aplicavam injeções. Principalmente para as crianças, elas significavam dor e desconforto. Hoje, as farmácias se tornaram passeio para tomar um sorvete.

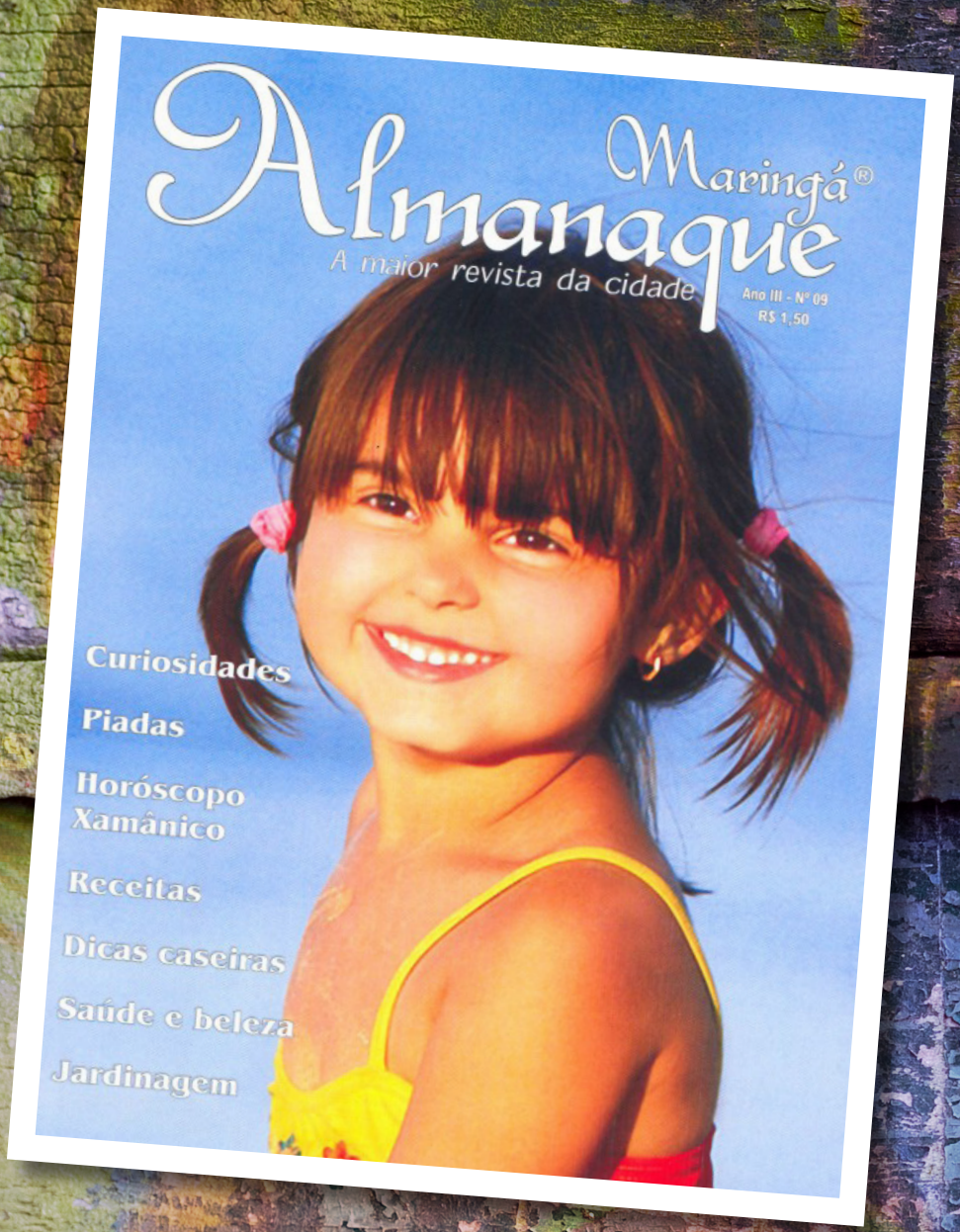
Mas, voltando aos almanaques, eles eram um pouco menores e mais largos do que o da Teresa e do Roberto, não havia tanto esmero na diagramação e nas ilustrações, mas o seu conteúdo era o mesmo: curiosidades, piadas, receitas. Eram produzidos pelos laboratórios para divulgar seus produtos e faziam grande sucesso.

Folheando o Almanaque Maringá, vou fazendo associações com

aquelas publicações de 30, 40 anos atrás. Ainda que agora haja um refinamento no material gráfico, a Teresa e o Roberto, felizmente, mantiveram a criatividade e a simplicidade dos antigos almanaques da minha infância e a da deles também, com certeza. Ou seja, a essência foi preservada. O espírito dos velhos almanaques está presente.

A sensibilidade da capa, na harmonia entre a doce menina e o seu cãozinho, e na esperança de que o mundo pode ser melhor, estampada no sorriso puro e nos olhinhos brilhantes do pequeno anjo, é possível fazer de cada dia um Dia das Crianças. A criança que existe na gente vai sempre querer folhear almanaques. A Teresa e o Roberto sabem disso.

O Almanaque Maringá é um contraponto a publicações de gosto duvidoso que proliferam na cidade. Simples, criativo e gostoso de ler, é uma doce lembrança dos almanaques da minha infância.


Maringá®
Almanaque
A maior revista da cidade
Ano III - Nº 09
R$ 1,50
Curiosidades
Piadas
Horóscopo Xamânico
Receitas
Dicas caseiras
Saúde e beleza
Jardinagem

19.10.08

AQUELE EQUILÍBRIO NA VIBRAÇÃO

Cai a bolsa. Eu, com meus míseros trocados no bolso, fico temeroso. Será que a crise vai querer se meter comigo para tomar o que eu ainda pretendo ter? Mas o que eu quero como moeda é tão somente a paz, a harmonia, a vibração equilibrada. E que nada mais caia. Nada mesmo.

A Seleção empata, empaca, e eu, saudoso dos velhos tempos do futebol, mudo de canal quando vejo que querem fabricar ídolos por conta da minha ingenuidade. Mercenários! Vão chutar bola para bem longe da minha vista, usurpadores de sonhos, ladrões de ilusões!

O calor é fogo, e eu, molhado de suor e esbaforido, caminho pela minha cidade que parece que a qualquer momento vai derreter. Eu, disperso na fumaça, derretido no concreto e nos metais da minha cidade. Tudo isso, o lugar com seus elementos, é um corpo pesado que se mexe para todos os lados com seus grunhidos, sem razão aparente e com todas as razões possíveis, levando suas coleções de dores, pesares e indiferença. E eu, parte disso.

Nas avenidas, os carros formam gigantes cobras. Longas, elas se arrastam pelo asfalto das vias centrais, agonizantes, irritadas. E eu, alimento o bicho entrando na lentidão. E eu, envelheço abraçado à irritação, ao barulho e à agonia.

Agora me lembro daquela paz, daquela harmonia, daquele equilíbrio na vibração, quando faço um caminho próprio, em que deixo de ser um número, uma mercadoria, um pacote carimbado com destino certo, para me tornar único. Então, dou um sorriso, esqueço do calor e de qualquer dor, e até das que virão.

As mesas nas calçadas, as garrafas abertas e os homens com os corações abertos, pondo para fora o veneno do dia. E eu viro copos para a goela ansiosa enquanto vislumbro companheiros que eu nunca vi nas mesas iguais, ocupadas por sentimentos iguais.

Se eu pudesse, ordenava que este fim de tarde continuasse assim, eternamente. Se essa música doce e límpida pudesse alcançar todos os

ouvidos e encantar toda gente! Outra garrafa aberta e eu, divertido, disperso e dissolvido na alegria da minha cidade que abre as portas para a noite.

Encanto e desencanto na minha cidade. A fé e o desalento sempre trocando de lugar, as surpresas que invento sempre me socorrendo. É nesse campo que eu caminho. Agora, jogo o meu corpo na cama e peço o sono dos justos.

Quase desligando, faço o caminho de volta para o dia que terminou. O dinheiro, o futebol, o sol, o asfalto, os sons, a calçada, a cerveja, a cama. E eu, admirado, assustado e envolvido. Por tudo e apesar de tudo, quero de novo isso. Fecho os olhos esperando o sol me chamar.

Os males urbanos e os socorros diários. Vida perdida em conta-gotas. Corpo parte da massa, massa que se esparrama. A impotência para fazer diferente, vem a noite para o intervalo e permanece a aceitação, que é comprovada pela repetição dos movimentos de ontem. A infrutífera busca pelo equilíbrio.

26.10.08

106

CORES E CONVITES DA VIDA

Passa pouco das 6 da tarde. O sol ainda é alto e forte. No gramado da praça, um casal sentado, colado, braços no abraço, boca na boca e que os demais viventes permaneçam na sua reles coadjuvância. É o segundo casal que vejo hoje trocando ardorosas paixões para uma plateia que olha de soslaio, preocupada em não interromper tamanha demonstração de afeto e desejo.

Moleques chutam bola. Eles nunca faltam num cenário desses ou em qualquer outro, por mais tenso ou inóspito que seja. Já reparou que moleques não têm hora para chutar uma bola? A bola pode ocupar todo o tempo e qualquer espaço. É uma subversiva, rola senhora de si corrompendo o estabelecido ou adentrando tranquila nas cenas alegres e poéticas. Pois bem, tinha que estar aqui.

Em volta do gramado, homens e mulheres caminham para perder quilos, esquecer problemas ou quem sabe entram em movimento só para não conversar, só para sair das diárias ações. Alguns caminham rapidamente, talvez para se livrar de algo ou com urgência para se encontrar. Outros vão lentamente, carregando a gostosa preguiça, como se não fosse preciso chegar.

Leva de trabalhadores uniformizados quase ocupam a largura da calçada, sorrindo felizes por mais um dia vencido, alegres pelo fato de o dia de trabalho ter terminado com o sol ainda presente. Demorou, mas estou aprendendo que a vida é feita de pequenas conquistas diárias. O dia, a hora, o momento. O que vale é o agora. O relógio do ponto foi batido e haverá um outro amanhã, outro depois de amanhã e por aí vai. Um dia de cada vez e, no final da tarde, mais um sorriso agradecido e feliz. Assim como esses rapazes e moças uniformizados de vigor e esperança.

Nesta tarde, parece que até os carros resolveram ir devagar para se integrar à harmonia do cenário. Eles querem incluir as avenidas, pô-las em sintonia. Não é bem assim. Muitos fogem apressados sem

se dar conta de que agora, aqui mesmo ou em qualquer outro lado da cidade e do mundo, a vida pulsa e faz convites. Ainda que o quadro não seja exatamente esse, a vida acontece.

Hoje, aqui, as pessoas dão a impressão de que desaceleraram. Ou será que estou vendo tudo em câmera lenta, como que querendo apreender cada instante dando a ele mais tempo do que o possível?

A poesia do final do dia, ou seria a minha, se espalha até os canteiros das avenidas, faz brilhante o verde das folhas e põe certa majestade às árvores e aos arbustos. O céu afastou as nuvens para se tornar límpido e imponentemente azul. E o dia caminha para o fim. Amanhã tem mais. Com vigor e esperança.

Fim de tarde. Ao contrário do texto anterior, o ambiente é leve, belo, convidativo, há uma integração entre as pessoas e a natureza. Meu olhar destaca a paz e a harmonia. Aqui, falo de esperança. Nada como um dia após o outro, nada como um texto após o outro.

02.11.08

PARA AS MÃES QUE CHORAM

Em qualquer lugar, uma mãe chora. A bala no peito do menino fez explodir o lamento da mãe, fez fechar um caminho. Parou a vida para um e instalou o sofrimento eterno de quem fica olhando para as paredes. Os olhos buscam uma razão qualquer para aliviar o coração. Lágrimas diárias percorrem a trilha enrugada da face.

A dor maternal percorrendo a vida vazia. A espera da vinda que nunca virá. Vida agora sem sentido, como se todos os sentidos se esvaíssem quando as luzes se apagaram para o menino. Não foi a vítima quem morreu. Vitimada mortalmente, a mãe fica vagando pelo limbo. Quando sai dali, a dor latejante a mantém.

Tiros na noite abrem fendas na alma, atravessam o dia, ceifam sonhos e alimentam novos horrores. Cardápio de sangue. E mais tiros vão avançar na próxima noite. Vão tombar novos anjos em sacrifício. Inocentes que ainda não desaprenderam a brincar, ou nunca brincaram, vão estar na linha de frente.

Meninos homens, que saem por aí sabendo logo na primeira esquina que a vida não é um brinquedo que pode ser trocado a qualquer hora. Meninos homens sem passado. O futuro é só o minuto seguinte, e o presente passa tão ligeiro que nem é possível ver a cor do céu.

Nas travessias desse mundo que coleciona terrores diários, um corpo vai cair e logo cairá no esquecimento. Será mais uma página virada no jornal de ontem, que virou embrulho. O corpo é papel amassado e substituído pela manchete do dia. Logo, outra mãe em prantos vai surgir para buscar a parte que lhe cabe na aflição, indo cerrar fileiras na procissão dos desvalidos.

A cidade chora, se espanta, se compadece. Ou a cidade se faz de desentendida, de indiferente e muda de canal quando a tela destrói o teatro e põe personagens sangrando, estirados. A cidade enterra seus mortos e quer sepultar seus dramas, mas eles voltam em outras histórias similares.

Cidade dividida, mundo repartido. A crônica diária desta cidade faz poesia e produz revolta, canta e clama, abraça a vida e se esconde nos becos. A resenha deste mundo entrelaça tantas direções e nos coloca definitivamente num mesmo insondável caminho. E muita gente não se dá conta disso. Resta perguntar por que é assim.

Motivação para escrever este texto: as notícias policiais. Toda vez que leio sobre a morte de um jovem, assassinado pelo tráfico ou por acidente, imagino a mãe no velório e no sepultamento. A imprensa não tem tempo para repercutir as notícias, nem a polícia para investigar. A cada dia, novos crimes, mais lágrimas.

09.11.08

WILLIAMS E LÁGRIMAS POR OBAMA

Barack Obama chegou ao maior cargo do planeta. Tenho um amigo que chorou. Não estou brincando. Ele me disse que chorou quando Obama, acompanhado da senhora Obama e das filhas, entrou no palco armado numa praça de Chicago. Eu acreditei porque reparei no olhar brilhante do meu amigo ao comentar sobre a consagradora vitória. Pensei: a qualquer momento ele vai começar a verter lágrimas na minha frente e eu não vou saber como proceder.

Aliás, eu nunca sei exatamente o que fazer quando alguém chora na minha frente. Dá uma louca vontade de sair de perto. Minha porção egoísta nega ombro, lenço e palavras de conforto. Fico feito um parvo olhando para a pessoa, como a dizer: "Eu não sou o cara indicado para estar com você nesta hora lacrimejante. Pare de chorar agora, disfarce, contenha-se, senão eu vou acabar chorando junto". Minha porção solidária só entra em ação depois que as lágrimas secam.

Então, imagine o que eu poderia fazer diante de um choro emocionado numa comemoração de vitória. E ainda por cima vitória de presidente americano? A Globo tem culpa — ou será mérito? — nessa supercarga emotiva. Ela fez uma cobertura de Copa do Mundo. A Fátima Bernardes acompanha a Seleção nos mundiais e o Bonner acompanha a eleição do presidente dos Estados Unidos da América.

Se não bastasse um William, o Waack também foi. Com seus supercasacos e suas finas gravatas, o titular do Jornal Nacional e o âncora do Jornal da Globo nos transmitiram informações importantes e opiniões dignas de torcedores admirados com o desempenho de seu time na final de um disputado campeonato.

Com dois Williams falando e uma equipe de primeira cobrindo do mais simples condado até os grandes colégios eleitorais, não é de se espantar que o meu amigo tenha chorado. O que teve de gente de rosto molhado na tela da tevê na terça, na quarta, na quinta... O toró de lágrimas (música de 1974), de Antonio Carlos & Jocafi, atravessou

o Canal do Panamá, chegou à costa americana, invadiu as cidades e desaguou no coração daquele povaréu paralisado diante da agora figura mítica de Obama.

E você, vai condenar o meu amigo que chorou ao ver um espetáculo como aquele? Culpa ou mérito da mídia ou o Obama tem a força e o carisma para arrastar multidões e comover gente até da América aqui de baixo. Vai saber!

Na África, na Europa e na Ásia, eles também têm seus Williams porque a emoção não respeitou fronteiras. Ou é o Obama que é forte? O certo é que o meu amigo chorou. Eu o conheço bem. Se ele chorou é porque a coisa é séria. Eu é que não estou sabendo avaliar.

Se a notícia saiu na Globo é porque é muito importante. Se deu no Jornal Nacional, a importância é ainda maior. E se o Bonner foi fazer a cobertura? Aí a notícia é de mexer com o planeta. Com o Obama foi assim. Houve quem se arrepiasse e chorasse ao ouvir "Oh, say, can you see, by the dawn's early light."

16.11.08

INFINITAS PORTAS DA INTERNET

A internet democratizou as opiniões. Todos têm espaço para analisar, autoanalisar, dar notícias, pôr fotos, comentar, criticar, dar sugestões, propor soluções, elogiar e se elogiar, divulgar e se promover.

Como é reconfortante saber que é possível abrir o coração para levar uma mensagem para muitas pessoas! Como é assustador saber que é possível abrir a caixa de ferramentas para acertar o fígado de muitas pessoas! A alma também. E como é deprimente ter a certeza do que a gente já imaginava! Muitos não tinham o que dizer, e quando lhes foi dada a palavra confirmou-se que realmente nada tinham a dizer!

Agora eu sei a opinião de muita gente. Sei também que muita gente não tem opinião. E sei mais: tem gente que tem muitas opiniões e que vai mudando de acordo com os acontecimentos. A moda do milênio é ter um site ou um blog, e sabe Deus quando vai acabar. Vai, isto sim, ser ampliada a rede.

Difusão de informações, ideias e opiniões. Jornalistas da tevê e do impresso aumentaram seu espaço. Veículos de comunicação fizeram o mesmo, assim como o pessoal da publicidade, as ongs, as empresas, os órgãos públicos, os artistas, os políticos, e tudo o mais que gravita em torno desses segmentos abriram suas páginas na internet.

E não ficou por aí. Pessoas de todas as idades, profissões e classes sociais mostraram a cara e o coração. Muitos mostraram o coração, mas esconderam a cara. A internet é uma reunião, com todo mundo sendo convidado. Cada um com direito de falar e se expor, ou se esconder, por tempo indeterminado. Todos com seus presentes. Cada um dá o que tem. Repórteres e leitores, ao mesmo tempo.

Um mundo de possibilidades. Fatos com múltiplas abordagens sobre os mais diferentes temas propiciam uma avaliação aprofundada. Em toda notícia estão embutidos sentimentos e interesses. Daí a importância de se buscar a mesma informação em mais de uma fonte,

em ângulos opostos, em perfis distintos.

E como tem gente que entende do riscado! Com que propriedade eles defendem suas teses! São destemidos no propósito de levar suas ideias. E como tem gente que diz tantas besteiras! Com que desenvoltura eles expõem seus planos para faturar e roubar consciências! Ou são apenas beócios tomando a parte que lhes cabe no novo mundo.

Nesse campo fértil e também minado, é preciso saber o que é trigo e o que é joio, ou, para ser ácido, é preciso descobrir onde está o trigo no meio desse joio. Portas abertas para tantos conhecimentos. Uma tevê com milhões de canais. Endereços do bem e do mal. Cada um vê o que quer. Cada um dá o que tem.

Um grande salto na comunicação. Grandes possibilidades de se fazer ouvir e de se adquirir conhecimento. Com a internet, passei a respeitar o trabalho de muitas pessoas que externam suas opiniões em sites e blogs. Também me decepcionei com outras tantas. Entre os milhões de endereços, cada um vai para onde quiser. Endereços do bem e do mal, como eu disse no texto. Democrática Internet! Você é o dono do "enter".

23.11.08

110

QUESTÃO DE POSTURA

A vista da janela lateral aqui de casa agora é uma alta parede branca, quase na altura das copas das árvores. Um prédio de dois andares cobriu a bela paisagem verde. Na quinta-feira acordei com o meu pescoço travado. A moça da fisioterapia disse que estou com tensão acumulada.

Agora estou bem. Pelo menos do pescoço. Consigo movimentá-lo para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo. Ela disse que tenho que melhorar minha postura. Também acho, inclusive minha postura diante da vida. Tenho que prestar mais atenção nas coisas boas antes que novas paredes invadam minhas outras janelas.

Aumentou, e muito, o trânsito nesta rua. Há uns quatro anos dava para conversar com quem estava do outro lado da calçada. Os macaquinhos estão saindo mais do bosque. Dias destes, contei uma dúzia deles na pista de caminhada esperando comida. Os neoignorantes do milênio também ensinam seus filhinhos a dar bolachas e outras guloseimas para os bichos.

Na quarta-feira, fui com o Rogério Recco falar com alunos de uma escola do Jardim Alvorada sobre livros, crônicas, vida e afins. Gratificante! Prometemos voltar e levar mais gente. Ainda na quarta, fui ao velório do fotógrafo Henri Junior, o garoto criativo que vivia em busca do olhar inédito. Descanse em paz, menino! Deus sorriu pra você e o abraçou.

Naquele dia, fiquei ouvindo o CD do Altemar Dutra e me lembrando de que nos dois últimos anos estou indo com certa frequência àquelas salas em frente ao Cemitério, naquele prédio bem organizado, que tem até lanchonete. O shopping da dor, termo que até então eu dizia secretamente.

Na quinta, o Klibson, do site www.tudomaringa.com, me trouxe fotos antigas de Maringá. Algumas ainda não tinha visto. Pense em alguém que gosta desta cidade. Pensou? Pois vou dizer sem medo de

errar: perde para o Klibson. No máximo, empata.

Na sexta, abri o Diário e vi a foto tirada pelo Ricardo Lopes em que uma moça em desespero chora, no meio da rua, sobre o corpo do irmão assassinado. A garotada está armada, com a ira instalada no coração. As contendas se resolvem, digo, se intensificam à bala.

Sozinho, tomei duas garrafas de cerveja, daquela marca que está completando um século e duas décadas. Fiquei meio grogue, aumentei o volume do Altemar e dormi. O prédio mais alto da cidade foi novamente um dos primeiros a enfeitar suas sacadas para o Natal. Como aqui da janela lateral já não se vê nada além de uma parede, estou buscando outros olhares. E como o pescoço está melhor, deu pra enxergar as luzes do espigão. Sempre haverá novos ângulos.

\

Na falta de um assunto que valesse a pena discorrer em 20 linhas, e sem ânimo para poesia ou conto, preferi fazer um resumo da semana. Hoje, ao ler este texto, acho que passo ao leitor a ideia de que foi algo escrito de forma descompromissada. Nada disso. Lembro-me de que demorei um bocado para concluir. Escrevi e apaguei várias vezes até pegar no tranco. Foi entregue em cima da hora.

30.11.08

O SANGUE DE MENTIRA

Já existe a versão, para os games, de 007 Quantum of Solace, filme lançado este mês no Brasil, tendo Daniel Craig como James Bond. Pelo que fiquei sabendo, é de arrasar. De arrasar quarteirão. Adianto que nunca brinquei com jogos eletrônicos, nem mesmo em partidas de futebol. Não me atrevo a pôr em competição minha coordenação motora com esta rapaziada de olhos de lince. Infelizmente ou felizmente, esse tipo de brinquedo não faz parte das minhas referências históricas.

Minha geração foi a de passividade diante da tecnologia. Só assistíamos, no cinema e na tevê, às saraivadas de balas derrubando os bandidos do western. Vibrávamos com o final feliz e depois pegávamos nossos brinquedos e fazíamos revezamento para ver quem seria o mocinho da vez. Hoje, existe a interatividade. Em vez de espectador, jogador. Em vez de palmas, gritos e assovios, armas em punho, digo, botões em punho. Deve ser bem mais emocionante. Cada um faz o próprio roteiro de crimes. Fictício, é claro.

Voltando ao 007, esclareço que passo batido na prateleira da locadora onde está o James Bond, seja com Craig, o anterior Pierce Brosnan, com Sean Connery, Roger Moore e outros menos votados. Na verdade, acho o James Bond um sujeito inverossímel, com alto teor de arrogância. Ele escapa de todos os perigos, sem sequer despentear os cabelos, e nos intervalos morenas e louras caem nos seus braços.

Quanto ao lançamento do game, o que me chamou a atenção foram os comentários e as informações técnicas que li num site especializado sobre o assunto. Como nunca me interessei por jogos eletrônicos, levei um susto ao ler as explicações permeadas de uma cândida e normal violência. Fiquei sabendo dos movimentos impressionantes que esse jogo tem, tornando obsoletos todos os games de ação. Reproduzo um trecho: "Em outros jogos do gênero, os inimigos atiram em você de uma posição estática, mesmo que você esteja sob cobertura." Pelo que entendi, agora o inimigo sai do lugar e procura outro ângulo

para acabar com sua vida. Sem dúvida, um avanço tecnológico que possibilita mais litros de sangue derramado. De mentirinha. É só um jogo!

Num outro trecho, é contado em detalhes como se comete um assassinato nesse game, que deverá ser um sucesso, se já não é, entre crianças, adolescentes e marmanjos: "Você pode matar silenciosamente um guarda com um silenciador, se esgueirar e atacá-lo pelas costas com as próprias mãos, ou agir feito Rambo em dia de fúria e esvaziar pentes e mais pentes no que se mover." Percebeu a carnificina? De brincadeira, é lógico. É só um jogo!

Não sou chegado a games, nunca joguei e não sei como funciona. O que me chamou a atenção em um texto que li na internet foi a desenvoltura sanguinária com que ele foi escrito. Pensei: isso vale um comentário. Ironizo no título e no final dos dois últimos parágrafos. É só um jogo, tudo mentira. A pergunta que faço nas estrelinhas é se esse tipo de brincadeira virtual não pode gerar algo perigoso no mundo real. Uma criança familiarizada com games desse teor ainda se espanta ou teme alguma coisa?

07.12.08

112

UMA ESTRELA NA HISTÓRIA

O português João da Silva não é de muita conversa quando o assunto é passado. Mas, com paciência, a gente consegue receptividade. Conhecer pelos menos um pouco da história da cidade ajuda. Seu João é um octogenário com grande estoque de lembranças da menina Maringá. Ternas lembranças, mas que ele não faz muita questão de contar.

Volta e meia aparece gente para fazer fotos e entrevistá-lo no seu comércio, localizado na avenida Riachuelo. Ele não gosta de repetir a ladainha de que a sua Casa Estrela é um dos mais representativos endereços do passado. Ele parece não dar tanta importância para isso.

A Casa Estrela era forte, tinha grande freguesia. Mercearia e bar. Ponto obrigatório no final do dia de trabalhadores da Vila Operária e adjacências. Ali, vendia-se de tudo. De comida a cachaça, de sabão a botão, de panela a enxada. Nos bons tempos, seu João chegou a ter até seis funcionários. Hoje, ele e um dos filhos dão conta.

A casa não acompanhou as mudanças. Seu João admite que não acreditou no sucesso dos supermercados, que ele chamava de pegue-pague. "Meus amigos diziam que era um bom negócio, mas eu não achava certo o freguês entrar, pegar a mercadoria e depois pagar", afirma resignado, sem demonstrar sinal de amargura por não ter trilhado o mesmo caminho dos demais portugueses que monopolizavam o comércio de secos e molhados em Maringá.

Além do prédio, as instalações são praticamente as mesmas de 1957, ano em que seu João adquiriu a Casa Estrela do patrício Francisco Lorga: comprido balcão e altas prateleiras. Um grande número de pioneiros frequenta o local. Uma forma de dar uma voltinha no passado através das conversas com seu João, em um ambiente que não quis seguir com a modernidade. Preferiu ir devagar no tempo. Ou nele ficou.

Ele se lembra com saudades de João Paulino, prefeito da cidade em duas gestões: "O asfalto daqui é o melhor de Maringá, foi ele quem

fez. Toda vez que ele passava na Riachuelo dava uma parada aqui, conversava com a gente, perguntava se estava tudo bem. Ele era meu amigo."

Manuel Marçal, outro pioneiro, também português, chega sorridente na Casa Estrela. Quando vê que o assunto é a antiga Maringá, entra na conversa, conta detalhes. Para provar que nasceu em 1922 mostra, orgulhoso, a carteira de identidade.

Enquanto isso, carros e motos vêm e vão na movimentada Riachuelo. Na Casa Estrela, entre datas e acontecimentos, entre garrafas, alumínios e móveis antigos, a gente ainda está passeando lá por 1960, na companhia do João Paulino e de tantos outros que viraram história.

Estive na Casa Estrela para fazer uma reportagem. Ali, quase tudo remete ao passado. É um dos últimos redutos da romântica Maringá. Depois de passar por lá e conversar com seu João e os fregueses ficou impossível não escrever uma crônica.

14.12.08

DE HIRAN SALÉE AO FENÔMENO

Um ano se passou desde que escrevi aqui "Da minha janela" sobre o Corinthians, que tinha descido a ladeira para a segunda divisão. Cheguei até a pôr neste espaço o consagrado refrão: "Aqui tem um bando de louco. Louco por ti, Corinthians". Juntei-me ao canto dos desesperados para evitar a queda. O canto tornou-se um grito de lamento que ecoou pelo país em meio aos fogos de artifícios das outras nações esportivas.

Pois é, amigo leitor, um ano longe da elite do futebol brasileiro, suportando as gozações diárias por telefone, e-mail e pessoalmente. Quero registrar que, como já era de praxe, a maior parte das brincadeiras veio de torcedores daquele time paulista de cor verde, que agora também é verde-limão.

Os tricolores do Morumbi, que, com justa razão, estão se achando a última Coca-Cola do deserto, a bala que matou Kennedy ou então a última cebola da pizza portuguesa, também atuaram fortemente no contumaz e agradável exercício de fazer piadas com os corintianos.

Um ano se passou. Muitas foram as vicissitudes, mas cá estou, firme e forte, endurecido pelas pancadas que, felizmente, não atingiram os pontos vitais. Por mais que quisessem que eu desistisse, por mais que o amor tivesse sido posto à prova, a cabeça e o coração vivem a pedir que eu cante cada vez mais forte: "Corinthians minha vida, Corinthians minha história, Corinthians meu amor."

Este surto extemporâneo de paixão pelo alvinegro do Parque São Jorge, uma vez que o Timão há tempos já se classificou para a Série A e, portanto, foi encerrado o prazo de comemorações, é justificável e tem nome e sobrenome: Ronaldo Fenômeno. Foi a maior jogada de marketing do futebol brasileiro. Quiçá, a melhor divulgação de uma marca no país, em todas as áreas, em 2008.

Ao dizer "quiçá" me vem à mente meu emérito professor de português do milênio passado, José Hiran Salée, que, entre as muitas sabedorias

acumuladas na vida, é corintiano. Já faz algum tempo que não vejo o professor Hiran, mas certamente ele está orgulhoso e satisfeito, rindo dos adversários. Principalmente daqueles que citei há pouco, que devem estar bicudos e acabrunhados por verem todos os holofotes direcionados ao clube que tem o hino mais belo do planeta.

Aí me perguntam se o Fenômeno vai dar certo no Corinthians. As décadas ensinam que o sabor do momento só é completo quando esquecemos o que aconteceu e ignoramos o que virá. A plenitude da vida é agora, por mais doce que tenha sido e por mais saboroso que possa vir a ser. Então, vou cantar meus refrões.

Eu também tinha lá minhas dúvidas quanto ao desempenho de Ronaldo no Corinthians, assim como a maior parte dos torcedores. E assim como a maioria dos corintianos, eu estava contente em saber que ele iria vestir a camisa do Timão. O professor José Hiran Salée faleceu um mês depois da publicação desta crônica. Portanto, ele não viu o seu Corinthians ser campeão do Paulista e da Copa do Brasil, com direito a golaços do Fenômeno.

21.12.08

O DEZEMBRO QUE TE ABRAÇA

Vem o Natal. A semana produtiva acaba na quarta-feira. O que virá depois, a gente conta na segunda. É festa emendando com festa. Ou uma grande festa em várias localidades, com intervalos providenciais para os que, como eu, sabem que Deus é Pai mas a gente tem que dar uma cota de contribuição.

Não quero olhar, muito menos folhear o canhoto do talão de cheques. Nem ver a conta do cartão. É sempre assim. O nada dissimulado dezembro chega com suas cores e luzes, cantos e acordes, encantos e movimentos, nas noites claras e calçadas cheias. Um convite que faz parecer o janeiro tão distante...

Você começa o mês preocupado, consciente da necessidade de se organizar. Faz uma análise fria da situação e conclui que é preciso economizar. Aí faz um pacto. Você com você. Jura solenemente com seus botões que não vai entrar no trem consumista porque há um desvirtuamento do espírito natalino. Você, como bom cristão, e também porque a grana está curta, promete que este dezembro será diferente. As nuvens carregadas da economia, prontas para lançar corredeira abaixo a turma que segura a parte mais fina da corda o colocam em estado de alerta. Determinado feito um maratonista queniano, você declara: "Desta vez não vão me pegar."

Sensação maravilhosa. Vitória sua sobre você mesmo. Exemplo de obstinação similar ao imigrante japonês do início do século passado. Você passa pelas vitrines sem virar o pescoço, nariz empinado, linha reta. Mas na segunda quadra você vai perdendo o garbo, caindo pelas tabelas, e se rende, sucumbindo feito time pequeno diante de um adversário muitas vezes campeão.

Logo você está pedindo passagem para entrar no mundo das fachadas iluminadas, de gente sorridente e solícita, e das tentações expostas nos ambientes amplos, claros e climatizados. Pronto. Foi reativado o seu lado comprador e foi acionado o botão da gastança. Agora, você

está na rua levando pacotes e abraçando sentimentos tão díspares: a alegria de ter os presentes e o medo da pilha de contas. É como se dezembro o abraçasse carinhosamente e, do outro lado, janeiro dissesse trovejante: "Daqui a uns dias você me paga!" Literalmente.

Mas, como os temores não são tão intensos, senão a gente não sobreviveria a cada manhã, você passa a chave nessas cobranças e quer pensar nelas só lá em 2009. Ainda é preciso cumprir dez dias para trocar o calendário, e nada pode abalar seu espírito de Noel. Aí, sereno como um tibetano e vibrante como um garoto que considera a vida como sinônimo de urgência, você entra no clima. Sem pesar e sem pensar. E feliz Natal, amigo!

Dezembro é realmente um mês diferente. Rende textos de todos os tipos. Dá para escrever sobre o espírito natalino, as compras, dá para fazer um balanço do ano que se vai e ainda comentar sobre o Ano Novo. Por mais que eu não esteja muito inserido no clima, não vou nadar contra a maré escrevendo um texto fora do contexto de dezembro. Aqui, comento sobre a vontade de entrar no ritmo de festas e compras e o medo de se complicar com as contas a pagar. No fim, acabo me envolvendo. Em janeiro dá-se um jeito.

EMPÓRIO
DA MALHA
Ótica Sta Luzia
Do KAORU
CALÇADOS
Tropical

28.12.08

BATENDO POEIRA E PEDINDO PASSAGEM

Vamos fechando as portas de 2008 e já abrindo os braços para o Ano Novo. Amigo leitor, por isso e por tudo mais quero, nesta última oportunidade do velho ano, agradecer a você que lê meus humildes escritos. Aí vem você e diz: "Lá vem ele com a ladainha de final de ano." E você tem razão.

Fim de ano. Hora de fazer balanço, contar as conquistas e agradecer uma por uma, por mais insignificantes que possam parecer aos olhos dos outros. Recolher cacos, por mais doloroso que seja, e fazer um olhar resoluto enquanto se limpa o caminho. Finalizando mais uma página e uma certa ansiedade para ir para a próxima. Guardando o que há de bom, batendo poeira e pedindo passagem, porque a gente quer saber o que há lá na frente.

Ao longo desses anos, aqui "Da Minha Janela" juntei recortes de histórias, mensagens cristãs, filosofia de boteco adquirida em décadas de conversas com gente diversa, gotas de otimismo, cachoeiras de incertezas, experiências cotidianas da semana que passou e da coleção de janeiros, e montei um mosaico em que meu coração ficou à disposição do caro amigo leitor.

Ainda que a maior parte dos comentários seja desprovida de um embasamento técnico-científico, e mesmo contendo em muitas ocasiões uma ingênua superficialidade, tentei abrir a guarda o máximo que pude, e cá comigo sei que muito ainda tenho a dizer, mas não sei se é tão importante dizer.

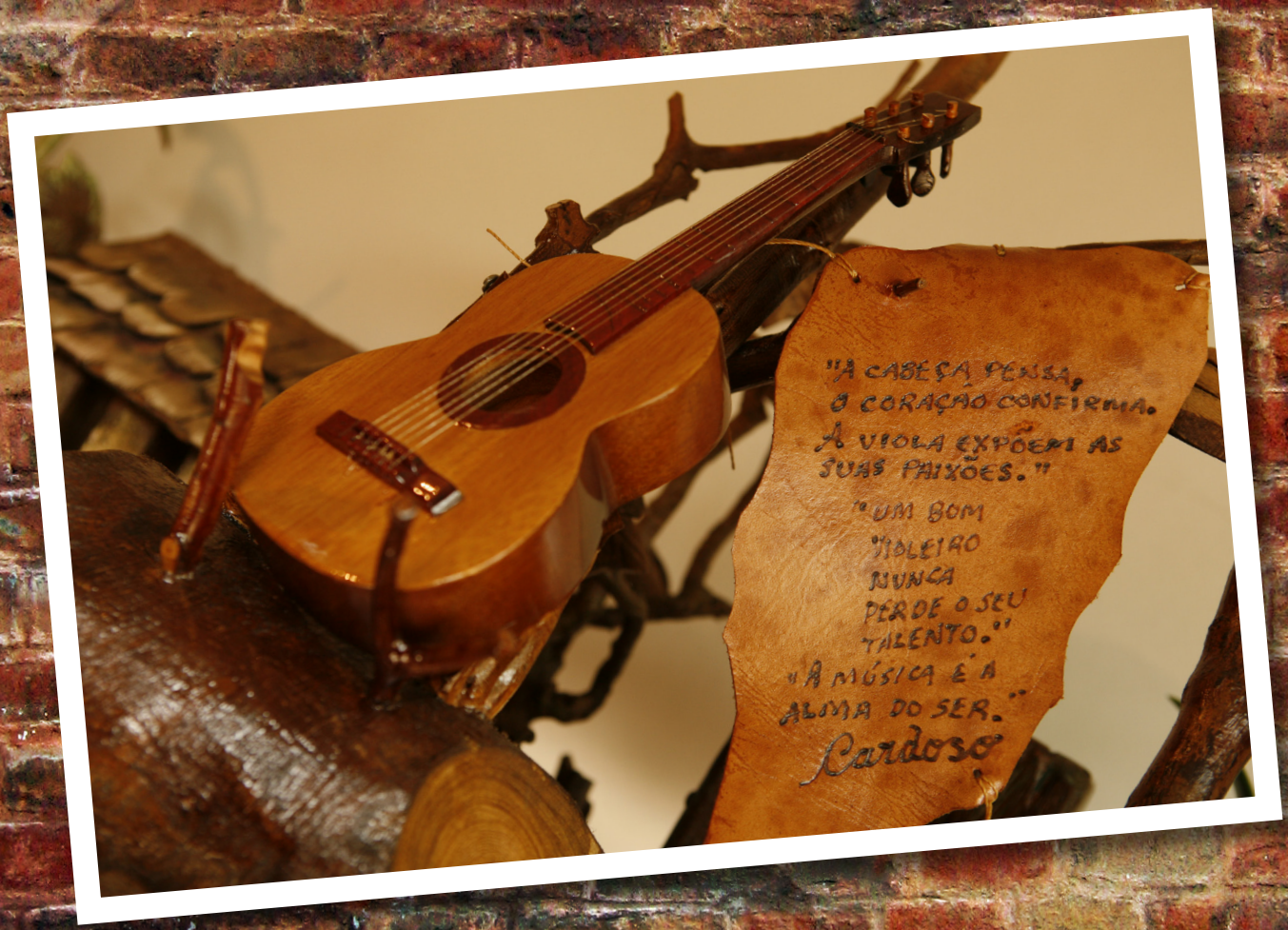
Convivi com situações antagônicas todo o tempo. A sofreguidão em escrever muitas vezes me levou a estourar o limite de espaço. A angústia na procura de ideias e palavras, para exteriorizá-las, algumas vezes quase me fez desistir deste compromisso domingueiro. Ambas estiveram comigo durante todo o ano, assim como nos anteriores, ou desde que pus meu primeiro rabisco numa folha. E assim será por toda a vida. Os anos não diminuem as dúvidas. Só que a gente não

fica mais tanto tempo rondando em volta delas. Dá só uma olhada e segue.

Escrever é tensão e terapia. É a coragem de pôr a alma para a avaliação geral e a satisfação de saber que pelo menos alguém, de algum ponto, está interessado em ler, ainda que algumas frases e por alguns minutos, o que vai nesta cabeça. Então, a sofreguidão, a angústia e outros sentimentos que surgem querendo ser partícipes do processo são a energia necessária para encher esta branca e solitária tela. Por fim, a ideia toma corpo e fica à disposição para quem possa interessar.

Por isso, caro amigo leitor, meu sócio do domingo, conto contigo para seguir neste caminho. Chova ou faça sol, nos domingos brilhantes ou não, em 2009 a gente se reencontra.

Um balanço do que aconteceu em 2008 e agradecimentos aos meus caros leitores. Tentei explicar como foi a produção de textos e o meu estado de espírito. Em resumo, é a ladainha de final de ano, como costumo dizer.


"A CABEÇA PENSA,
O CORAÇÃO CONFIRMA.
A VIOLA EXPÕEM AS
SUAS PAIXÕES."
"UM BOM
VIOLEIRO
NUNCA
PERDE O SEU
TALENTO."
"A MÚSICA É A
ALMA DO SER."
Cardoso

04.01.09

O FUTURO JÁ COMEÇOU

Depois dos beijos e abraços, do tilintar das taças e dos copos brindando no Ano-Novo, das bebidas destiladas amargas e adocicadas, das fermentadas, das sem álcool, começa tudo de novo. Depois dos cumprimentos, das lágrimas de variados sentimentos, dos votos de saúde, paz e dinheiro no bolso, das mesas com comidas diversas, dos fogos de artifício, das garrafas quebradas no asfalto, dos ossos partidos no trânsito, das dores localizadas que podem se tornar eternas, começa tudo de novo.

Depois das alegrias comportadas, incontidas, das folgas prolongadas, dos passeios sem horário de volta, das madrugadas em claro, das manhãs preguiçosas, começa tudo de novo. Vem 2009, e nossas histórias vão continuar a ser contadas. Até que vem outro dezembro e reaparece a paisagem feita de luz, fé e esperança.

Depois dos textos, reportagens, canções, cartões natalinos e de virada de ano. Depois das luzes nas fachadas, dos presentes, das viagens e dos encontros. Depois que o espírito cristão invadiu os corações, foi embora, mas tem retorno previsto, começa tudo de novo.

Impossível pôr abaixo a cronologia das sensações que nos obrigam a ser felizes em dezembro, com alto teor de esperança em janeiro. A gente segue a corrente, sendo empurrado ou de braços dados com a mídia, a religião e o comércio. Ou isto tudo nada mais é do que um grande mercado. E a gente embarca na propaganda.

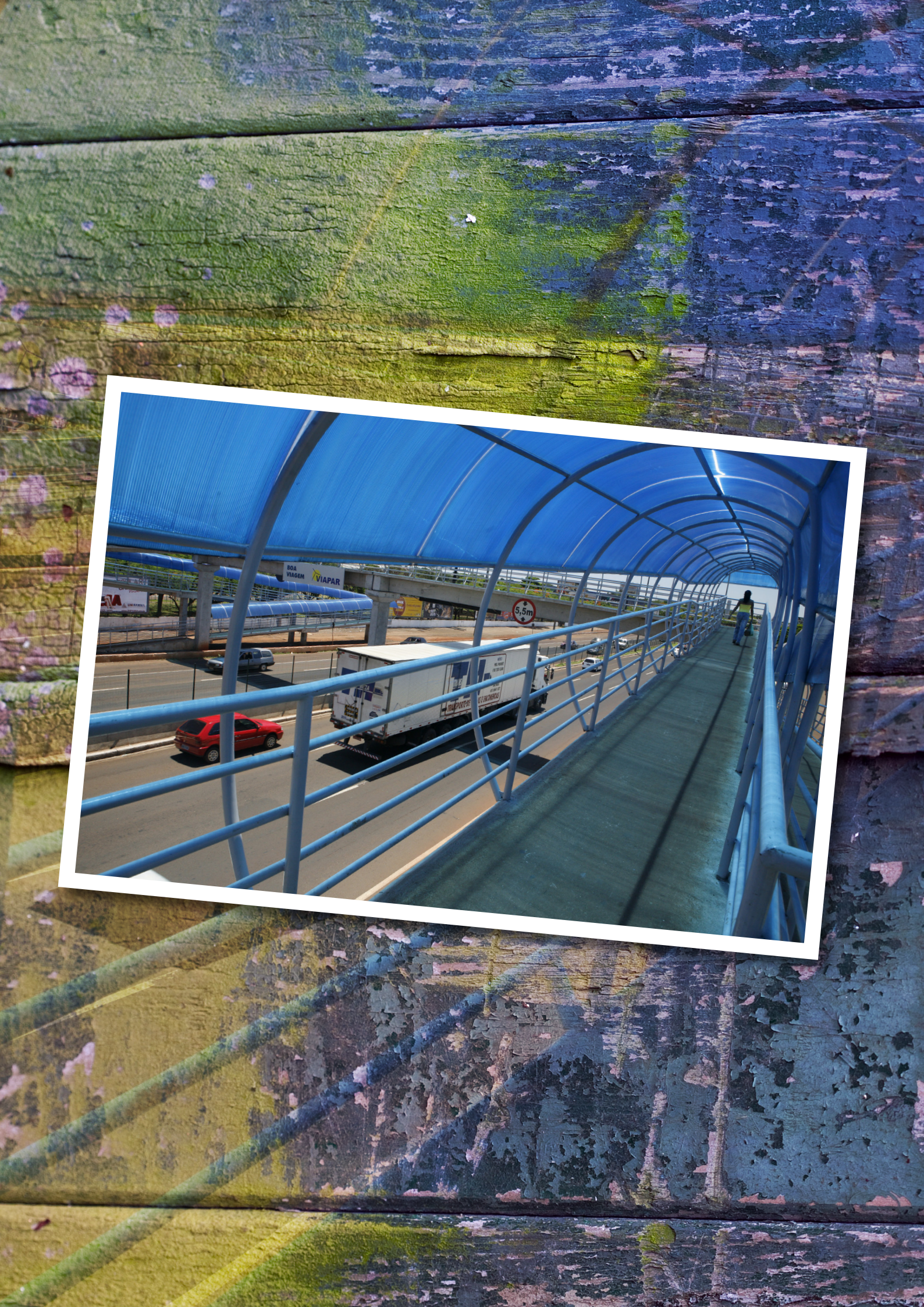
O criativo Wilame Prado, que eu ainda não tive o prazer de conhecer pessoalmente, mas apenas pelos seus escritos neste caderno de O Diário, pelo seu blog e por alguns e-mails trocados, pôs a faca entre os dentes na última terça-feira de 2008. Na sua providencial intrepidez, no compreensível e necessário incômodo diante da mesmice reinante nos séculos e séculos cada vez que um ano termina e outro começa, desancou a melosa e torturante canção: “Hoje, é um novo dia, de um novo tempo que começou. Nesses novos dias, as alegrias serão de

todos...”

Wilame reagiu diante da antiga vinheta global, que nos coloca no mesmo patamar de felicidade, como se a distribuição das alegrias fosse farta e equânime a cada mudança de folhinha. Ele fechou sua crônica e seu 2008 olhando com escárnio para as falácias que surgem nesta época, abrindo outras portas bem mais interessantes.

Depois das festas e do sossego no sofá, começa tudo de novo. Mas um trecho daquela musiquinha tem uma verdade absoluta, que rompe calendários: “O futuro já começou.” Antes de dezembro, depois de janeiro ou em qualquer data. O futuro está na hora que a gente decidir.

Comento sobre uma crônica de Wilame Prado, que escreve no O Diário. Wilame bateu forte numa antiga canção que a Globo utiliza em final de ano. Depois de ler o que ele escreveu, fui fazer o meu texto. Concordei que estas festas são, na verdade, um grande movimento para faturar, em que se unem a mídia, a religião e o comércio. Mas, utilizando um trecho da musiquinha, injetei uma dose de esperança: “O futuro já começou”.


BOA VIAGEM
VIAPAR
5,5m

11.01.09

UM ANJO CHAMADO VÓ MARIA

Hoje, acordei pensando na minha Vó Maria, que nos deixou em 2005, aos 89 anos. Jesus Cristo disse que na casa do Pai há muitas moradas. Então, estou convicto de que Deus a chamou para morar numa delas. O sinônimo de Vó Maria era caridade. Pelo bem que essa mulher fez na terra, teve bônus de sobra para entrar no reino dos céus. Ela era pobre, mas isso nunca foi empecilho para ajudar as pessoas com um prato de comida, um agasalho, um par de sapatos e até uns trocados. Quando penso nela, vem imediatamente a lembrança de um coração bondoso.

Morei com a Vó Maria em Maringá nos meus tempos de garoto. Primeiro na avenida Mauá e depois na sossegada Floriano Peixoto, Vila Sete. Alguns baluartes da mediocridade passaram a chamar o bairro de Zona Sete.

Nesse lugar, localizado entre a Igreja Divino Espírito Santo e a avenida São Paulo, reduto da comunidade japonesa, passei bons momentos na primeira metade dos anos de 1970. Na casa simples, de madeira, que ainda está de pé, vivi sem grandes preocupações. A vida naquela época só não era um paraíso porque havia uma eterna pressão: o número exagerado de notas vermelhas no boletim. Uma pressão que começou nos primeiros anos de escola, estendeu-se pela adolescência e terminou quando pararam de pedir para os pais ou responsáveis assinarem o dito cujo.

Minha avó sempre ameaçava contar minhas desobediências para o meu pai, genro dela. Ameaçava e contava. Não todas, porque, se assim o fizesse, acho que não estaria aqui para lembrar essa e outras histórias. O velho não tinha o costume de ouvir os dois lados, como geralmente se faz hoje em dia. Ele sempre ouvia um só lado, que nunca era o meu, e decidia que eu era o culpado.

Por isso, a Vó Maria me ameaçava cada vez que eu chegava tarde, que matava aula para jogar bola, quando respondia para ela e minhas

tias, e coisas do tipo. Era sua ferramenta para tentar me travar. No final, eu sabia que ela pegaria leve no relatório para o meu pai. Eu era o seu neto mais velho e abusava dessa condição. E ela fazia vista grossa, até porque meu comportamento não era assim tão condenável.

Levo comigo uma culpa que não vai me abandonar enquanto pisar este chão. Nos seus últimos anos de vida eu a visitava poucas vezes. Quando isso acontecia, eu fazia uma brincadeira qualquer e ela, debilitada, me endereçava um sorriso – misto de reprovação pelas minhas longas ausências e de alegria por me ver – como se eu ainda fosse aquele moleque levado que sabia que seria perdoado. A Vó Maria foi e é um dos meus anjos.

Saudades e culpas afloraram naqueles dias e saiu esta crônica sobre minha avó Maria. No meu blog, o www.antoniorobertodepaula.com postei a foto dela junto com este texto.

98.1 21

18.01.09

O SOL DA PERFEIÇÃO

Sabe aquela caixinha com dezenas de papelotes com mensagens bíblicas? Pois bem, tenho uma dessas aqui em cima da mesa e volta e meia tiro um. A que tirei agora foi de Mateus: "Disse Jesus: sede vós, pois, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai que está nos céus."

Meu amigo-irmão Nivaldo, conhecido em toda cidade como Nicão, mas que também atende por Nivas e Vardo, faz aniversário amanhã. Os festejos comemorativos dos 50 anos de idade desse que é um dos maiores contadores de piadas da América do Sul, para não exagerar, começaram na sexta-feira e devem prosseguir durante a semana que se inicia. Se o Nicão sabe como ninguém comemorar o aniversário dos outros, imagina o dele, ainda mais numa data redonda. Não sobrarão garrafas sobre garrafas, histórias sobre histórias e piadas sobre piadas.

Enquanto pensava no meu amigo de 30 e tantos anos, desde os bons tempos de Gastão Vidigal, colégio localizado na Libero Badaró, endereço da saudade, resolvi tirar mais um papelzinho: "Deus é luz e nele não há treva nenhuma." Constato isso *in loco*, com toda esta claridade entrando na minha janela no sol das 4 da tarde.

Você pode não acreditar, mas quando acabei de escrever o parágrafo anterior o sol ficou mais forte. Pode ser uma simples coincidência, mas já que o sol é dEle, vai clarear minha janela no momento e na intensidade que quiser, não é?

O tempo passa, a vista vai ficando cansada, turva. O paradoxal é que começo a enxergar melhor. A vista é embaçada, mas a visão é mais ampla. Há um grau a mais de compreensão do que a miopia juvenil impedia de interpretar. Meus amigos fazem fileira na marca cinquentenária, e esquadrinhando a vida de cada um percebo o arrefecimento de sonhos e ações. Se o fogo é brando é porque a qualidade em ver, sentir, agir e viver, enfim, é o que vale. Os arroubos são esporádicos, assim como os desencantos. O equilíbrio é tudo.

Então faço uma lincagem com a mensagem de Mateus. Será que

tudo isso que fazemos ou tentamos fazer nada mais é do que o desejo inconsciente e utópico de ser perfeito? Presumo que é nesta busca que em determinados dias se vê, cada vez mais e melhor, a "luz".

Para encerrar em alta o pensamento, vou incontinenti para a caixinha e trago mais uma mensagem. Mateus, novamente: "Disse Jesus: Amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem, para que sejais filho do vosso Pai que está nos céus." Começo a vasculhar pelas gavetas da memória onde estão os inimigos e os perseguidores, mas graças a Deus não os encontro. Se existem, estão bem escondidos. Só estou vendo gente que acende a luz. Gente como o Nicão.

Homenagem ao meu amigo de décadas, Nivaldo Gôngora Verri, que completou 50 anos no dia 19 de janeiro de 2009. Enquanto escrevia este texto, de frente para a janela, o sol ficou mais forte. Tenho certeza de que Deus estava me abençoando. Fui escrever sobre o Nicão e acabei fazendo uma retrospectiva da minha vida. De novo.

25.01.09

ONTEM AO LUAR

Imagine esta cena de 50 e poucos anos atrás: na noite de lua cheia, o jovem casal namora na varanda. Um namoro comportado. Mais palavras do que toques. Portas e janelas abertas, e os pais da moça ficam para lá e para cá. Do rádio vem uma canção de Catulo da Paixão Cearense para fazer trilha às juras trocadas: "Ontem ao luar, nós dois em plena solidão, tu me perguntaste o que era a dor de uma paixão. Nada respondi, calmo assim fiquei, mas, fitando o azul do azul do céu, a lua azul eu te mostrei".

Agora, corte tudo isso. Esqueça o jovem casal, a lua azul e aqueles anos em que a vida, em vez de correr, deslizava quase feliz, cumprindo todas as etapas, como naturalmente tinha que ser. Já estamos no terceiro milênio, comendo gordura trans e engolindo fumaça. Estamos na velocidade, sem saber exatamente qual é o ponto de parada. Ou a gente sabe e nada faz para frear. A lua virou acessório, constantemente substituída pelos néons. E o genial Catulo ficou esquecido na poeira do tempo, assim como suas belas composições.

A vida dividiu o casal. Foram muitas as razões para que a precoce divisão da paixão, essa pobre, louca e destemida, fosse acontecendo, até se perder na dureza dos dias. Aquele rapaz, contudo, cultivou a planta chamada amor desde a primeira vez em que viu a menina lhe endereçar um sorriso. Era um sorriso tão puro que ele o incluiu entre suas grandes recordações. Talvez a máxima.

Ela mudou de cidade e nunca mais voltou. A distância e os acontecimentos, porém, não minaram o sentimento, que nela ficou desde que o terno e galanteador rapaz prometeu amá-la para sempre. Sem que ele soubesse, ela acreditou.

E o platônico amor prosseguiu até dias desses. Ele, com seus 70 anos, viúvo e conformado, acreditando que aquele sonho de garoto nunca iria saltar dos anos de 1950 para o real 2008; que não romperia os pensamentos, com os quais convivia harmoniosamente, para este dia.

Mas o destino, esse pregador de peças cruel ou dadivoso, deu uma virada na história. Ele conseguiu o número de um telefone. Tremendo, pela situação e por outros males, nosso velho-garoto ligou.

Do outro lado da linha, do outro lado da história de meio século, ela disse sim. Vieram as lágrimas tantas vezes contidas. Daqui e de lá. A emoção percorreu a linha do tempo. Depois, no reencontro, ambos constataram que a paixão, aquela desvairada, só havia se escondido.

A canção de Catulo continua: "A dor da paixão não tem explicação. Como definir o que só sei sentir?" Vez ou outra, o garoto e a menina podem ser vistos, juntos, sob a lua azul.

Isto realmente aconteceu e me foi contado por uma tia. Teve mais ainda. Depois do telefonema, ele quis revê-la e, para tanto, viajou para uma cidade fora do Paraná. Não conto mais sobre o caso para não complicar a vida de ninguém, nem a minha. Infelizmente, a história não terminou como relatei. Ainda. Mas é o que desejo para o casal. Quem sabe um dia isto venha a ocorrer.

01.02.09

VIDA QUE PASSA ENTRE OS DEDOS

Há uma urgência em se obter a graça e o perdão. Uma precisão em antecipar os desígnios, como se não houvesse mais amanhã. Um desejo incontido de ser bafejado pelo sopro do Criador para agora ou para o além, ainda que inexista a consciência do merecimento.

Enquanto isso, o templo naquela quadra, o outro na próxima e mais um lá adiante fazem propaganda para receber os fiéis. As igrejas estão lotadas. É quando os pedidos se encontram, e as esperanças divididas entre tantos se amontoam numa só prece. No altar e nos bancos, a fé no Supremo. Soma de vozes, lugar de todos, onde os homens oram, e outros, nos púlpitos, falam como representantes de Deus.

Há um dia sedento contando as horas para substituir o peso deste. Uma necessidade de se ver no próximo dia como se este nada mais tivesse de importante. Uma vontade de virar a página do caderno sem ter chegado à última linha e completado a tarefa. Enquanto isso, o bar na esquina, o outro na próxima e mais um lá adiante abrem suas portas.

As avenidas estão cheias deles. É quando as histórias se unem, dividindo dores e amores, num prolongado brinde atravessando a noite. Nos balcões e nas mesas, a sede por cessar o cotidiano. Soma de vozes, lugar de todos e de ninguém, onde as horas avançam céleres para o próximo dia.

Há sempre uma fuga em cada movimento humano, uma premência em sair logo daqui para chegar lá, sem saber a razão. Um inconformismo com o estabelecido, como se fosse chegada a hora de romper.

Hora que nunca chega. Uma angustiante procura de algo muito além deste caos ordenado e desta estranha acomodação. Algo fora das convidativas mensagens e dos gastos ensinamentos. Mas todo dia é igual. Homens errantes se perdendo enquanto buscam se encontrar.

O mundo está cheio deles. Nas avenidas, querendo ser livres, sangrando o coração, brindando o fim de mais um dia com taças de

fel, carregados de tensão ante a vinda de mais uma manhã. Ou estão encarcerados nas religiões, à espera do conforto terrestre, querendo purgar os pecados para carimbar o passaporte divino.

Enquanto isso, a vida passa. De altar em altar, de bar em bar, entre santos e mundanos pensamentos e ações, a vida passa. Do sagrado ao sacrílego, os homens caminham sem se dar conta ou dando conta exagerada.

Enquanto isso, o dia escorre pelos dedos sem que se perceba e se sinta a beleza deste agora, a verdade deste minuto e a alegria desta hora. Há um mundo para ser vivido, mas infelizmente os homens estão muito ocupados. Deus deve estar se perguntando: "Será que essa gente pensa que está indo para algum lugar?"

É a velocidade da vida vencendo a qualidade de viver. Todos procuram e não sabem exatamente o quê. Nos altares, mais pedidos do que agradecimentos. Nos bares, a fuga. Homens errantes que não percebem a beleza do dia e o milagre de estar vivo. Enquanto isso, a vida passa.

08.02.09

O BBB NO MEIO DE NÓS

Muito se falou e muito ainda vai se falar, mas um fato é certo: o Big Brother Brasil é a comprovação inequívoca de que o ser humano é capaz de tudo e mais um pouco para conseguir migalhas de fama e dinheiro no bolso. Na jaula armada para essa gente em forma de bicho, ou esses bichos em forma de gente, a idiotice passeia absoluta.

Aí paramos, olhamos e fazemos uma fatídica e necessária pergunta: "Será que isto aí é uma amostragem dos caminhos, ou melhor, dos descaminhos humanos?" A gente se refaz do susto inicial e busca a constatação de que essa coisa inexata, deprimente e estranha nada mais é do que um espaço abrigando malucos em busca de visibilidade e grana.

E os malucos estão em todos os cantos, em todas as classes sociais, em todas as profissões, em todas as faixas etárias. Eles fazem fila, dançam, cantam e plantam bananeira para fazer parte do time. Quando conseguem, é como se o paraíso tivesse aportado em suas vidas.

Será que o meu Brasil varonil está mesmo desse jeito? O mundão de meu Deus ficou de vez de pernas para o ar? Pode ser que não. Vai ver é só uma fauna que, por dizer e fazer tanta besteira, aparece mais. De novo, fico dobrando e redobrando minhas análises, levantando questões, dando desconto. Tudo por querer acreditar que a idiotice está restrita, que é somente circunstancial. Isso não vai durar muito, penso. Mas já faz muito tempo, concluo.

O BBB é um sucesso. O público adora, torce, comenta. A audiência sobe, e as moças e os rapazes se tornam estrelas. Até quem está com a certidão amarelada faz parte do circo. Faz sentido. Afinal, é preciso democratizar as oportunidades para os ignaros e informar que a Beócia tem habitantes de idades diversas.

No teatro chinfrim em rede nacional, eles fazem caras e bocas, riem, se desmancham em lágrimas, fabricam histórias, falam de forma desconexa por estarem alterados ou por serem realmente

desconectados.

As coxas e bundas do mulherio sedento por um lugar ao sol e por uma capa de revista abundam no BBB. Mulheres oferecidas e prontas para o que der e vier. E, para equilibrar, rapazes sarados e tatuados desfilam pela casa como animais prontos para o abate. Amam, odeiam, se agarram, armam barracos e repetem tudo no dia seguinte, sem obedecer à ordem citada de sentimentos e ações.

Nesse nicho de ociosidade e louvor à estética, a ignorância é líder. A ignorância nunca sai da casa, vai para o paredão toda semana, mas sempre deixa seus representantes. Será que o BBB já saiu da casa, está no meio de nós e ainda não percebemos?

Crítica irada ao BBB, um campeão de audiência e de faturamento da televisão brasileira. De lá para cá a baixaria só tem aumentado. Prefiro acreditar que o programa seja somente uma grande brincadeira, e não um retrato da nossa sociedade.

15.02.09

PÁGINAS ESCRITAS PARA A HISTÓRIA

Venho folheando jornais antigos nas últimas semanas. Jornais de 30, 40, 50 anos atrás. Um passeio pela linha do tempo, um retorno para um mundo tão longínquo e tão presente. Cada folheada, uma história. Fico imaginando onde eu estava e o que estava fazendo no ano em que determinada edição foi publicada. E fico analisando os textos, os termos utilizados, as abordagens cerimoniosas e até ufanistas, os títulos, as propagandas, as legendas das fotos.

As fotos das pessoas é que me chamam mais a atenção. Peguei a mania de somar a idade que presumo que a pessoa tinha na época e calculo quantos anos teria hoje. Gente feliz e sorridente nas colunas sociais, gente de cara sisuda nas reportagens sobre política, administração pública, polícia, inclusive esporte.

O jornal era tratado como documento. Presumo que aquelas pessoas tinham a exata noção da importância de ter seu nome, foto e pensamento expostos numa edição que ia ficar para a história. Era um registro. Ao serem parte daquele jornal, naquele dia, elas sabiam que também passariam a ser história.

Com a sua inexorabilidade, o tempo fez com que muitos daqueles morressem de velhos. O destino, ou qualquer outra insondável razão, fez com que outros partissem tão cedo. Os que ficaram vão instalando rugas na face, branco nos cabelos, cansaço nas pernas, tremor nas mãos e hiatos na memória. Vão sendo naturalmente substituídos, abrindo passagem.

Vêm novas edições, novos personagens e novos temas. Poder e influência trocam de mãos. Um sobe-e-desce, um some-e-aparece, um vai-e-vem, até que o ciclo é encerrado, outro começa, e o jornal vai sempre mostrando. Para perceber nitidamente essas alternâncias, só fazendo com paciência o exercício de folhear o tempo, tombando páginas da direita para a esquerda.

A transitoriedade do poder é um aspecto interessante de ser analisado,

nos amarelados papéis. Qualquer que seja o poder. Do mando mais restrito até o mais abrangente. Qualquer que seja o ocupante.

Os líderes de uma época, por mais que se esforcem para perenizar seus nomes por meio de seus atos e palavras, passam. Quando muito, eles se tornam nome de rua, de praça ou de prédio. Acabam indo para os jornais e livros da história, e de lá só saem quando alguém os insere em uma publicação qualquer. Há ainda os que entram na história pelas portas dos fundos, sendo marcados com a tinta irremovível da desonra. Brilhantes ou opacos, humildes ou vaidosos, probos ou desprezíveis, eles passam.

Fico imaginando o que aquele pessoal de 2060 vai dizer da gente. Não quero nem estar aqui para ver.

Nesta época, estava indo quase que diariamente ao O Diário fazer pesquisas para o livro sobre o jornal que Rogério Recco e eu publicaríamos no dia 29 de junho daquele ano. De tanto ver reportagens e fotos antigas, surgiu este texto. O que mais me chamou a atenção foi a transitoriedade do poder. Tantas pessoas, consideradas importantes, nas décadas de 70, 80 e 90, e hoje muita gente nem sabe que elas existiram...

O REI DO PANO
TECIDOS
EM GERAL
O REI DO PANO
DEPOSITO DE DOCES

22.02.09

O GRANDE CARNAVAL

Este mundo é um grande Carnaval, já dizia o poeta. Não sei qual poeta, se era famoso ou anônimo, se foi num repente ou de caso pensado. Nem sei em qual época ele disse isso. Se foi agora há pouco no rádio ou na tevê, ou se eu nasci ouvindo estas palavras: "Este mundo é um grande Carnaval."

Também não sei se foi escrito, cantado ou declamado. A verdade é que o autor estava certo quando escreveu a frase, entre tantas outras que se perderam na poeira do tempo. Ou foi a única frase? Não sei se ele cantou enquanto desfilava seus feitos e suas dores para a plateia; quando soltou a voz embaixo do chuveiro, a água levando suas tristezas; ou quando apenas sussurrou, protegido na solidão do quarto, vertendo generosas lágrimas.

Não sei em qual cidade declamou para a multidão. Não sei se foi no púlpito, no palco, no palanque ou em cima de um caixote. Quem sabe tenha sido numa deserta praia. Que é bem coisa de poeta. Então, vamos ficar nesse lugar. Sob a chuva fina do final de tarde e com uma brisa que fazia seus ralos cabelos dançarem, ele falou para o mar: "Este mundo é um grande Carnaval".

O sol deixando ainda um pequeno arco atrás de um alto monte verdejante, os voos preguiçosos das gaivotas e os rasantes dos mergulhões compunham o resto do dia e o resto de esperança do poeta.

Presumo que depois de ter dito isso ele tenha saído a caminhar pela orla, carregando todos os sentimentos possíveis, entrelaçados, interdependentes. E outros elementos entraram na até então paradisíaca paisagem. Se do lado esquerdo o mar trazia ondas serenas, como que querendo responder e compreendendo seus pensamentos, do outro, no asfalto, os motores e suas latas e latões vociferavam.

E lá foi ele na divisória entre terra e água, tentando entender em toda plenitude esse Carnaval de carne e espírito, metais e cantos naturais,

matéria crua e emoções, rudeza e sensibilidade, punhos fechados e braços abertos, inconsequência e sensatez.

A vida é como esta avenida, pensou, em que vão passando previsíveis, improváveis, equivocadas e até felizes histórias. A barafunda sem fim é a força motriz. A corda puxada para todos os lados. Mundo retalhado pela intolerância, sangrando corações, a bandeira da paz corroída.

Não se sabe como, talvez inspirado pelo tranquilo e poderoso mar, o poeta encontrou a força necessária para escolher. Então, pôs a fantasia e entrou na ala dos que buscam a paz, formada pelos loucos da esperança, sonhadores da concórdia e tenazes do amor. Quando a lua e os néons já clareavam a avenida, ele disse confiante: "A gente ainda vai ganhar este desfile".

Diante de tantas contradições, fiquei com a frase na cabeça: "Este mundo é um grande Carnaval". Inventei um poeta liberto passeando pela praia. Certamente, a inconsciente vontade de não ter compromissos e a esperança de enfrentar e superar o imprevisível pariram este texto.

CIRCO TEATRO
SEM LONA

01.03.09

OLHAR ATRAVESSADO PARA A CIDADE

Tenho hoje um olhar atravessado para a minha cidade. Posso mudar daqui a uns dias, umas horas. Talvez eu me esqueça e volte a sorrir despreocupadamente, como se nada estivesse acontecendo. Mas hoje é um olhar atravessado. Sabe aquele olhar de quem não quer muita conversa, e por mais que alguém queira lhe dizer o contrário você não vai acreditar? Pois é, é esse olhar. Um misto de susto e tédio. É um olhar de censura. Posso mudar, mas acho que vai ficar sempre aquela incômoda sensação.

Culpa da impessoalidade crescente desta cidade, pedaço de um mundo que fez você e eu ser reconhecidos como números. O tempo fez a minha cidade muito senhora de si. Ela se vestiu de uma admirável estética, mas o tempo e os conceitos estão mudando seu estilo. As paisagens têm bruscas alterações. O concreto sobe e estica, e encaixota as pessoas. Ainda tentamos nos agarrar ao resto de camaradagem, ao traço de cordialidade. O que vemos é o início de uma minipauliceia.

As metrópoles agonizam. O corpo se reveste de um manto de modernidade, mas a pele perde o viço e o organismo pede socorro. As veias entopem, a vida é tragada. Enquanto isso os homens caminham como se o amanhã fosse uma história distante, que vai ser contada pelos outros.

Hoje, a língua que se fala é a da praticidade: tudo é urgente e profissional. Não há mais lugar para aprendizes e amadores. Tudo é veloz, em série, demarcado, formatado, igual. Paisagens e discursos repetitivos. Espaços e construções semelhantes a cartões postais que se encontram em qualquer esquina, próxima daqui ou do outro lado do mundo.

A minha cidade, inconsciente, segue os passos das grandes, se arruma de acordo com a moda alheia, copia o que reluz, que mostra grandeza, mas que não tem raízes e vai se deteriorando a cada estação.

Troca-se o véu diariamente, os monstros são cobertos, mantidos

escondidos. A qualquer momento um deles sai e vem conviver com a gente. E vamos nos acostumando, como acontece nas grandes cidades. Logo chegam outros e mais outros, e ficamos acuados, inoperantes, aceitando as perdas, recolhendo migalhas. Nossos dramas coletivos, pela frequência, não amedrontam mais. Miseravelmente normais. Os tais monstros passeiam em frente à nossa rua e, de tão domésticos, nem percebemos.

É um olhar enviesado que estou destinando a esta cidade. Um olhar carregado, sombrio, de cobrança. Vejo que ela vai se despersonalizando ou adquirindo dupla face, muitas faces. Hoje, é um olhar triste que endereço a esta cidade, pedaço de um mundo que se movimenta sem saber para onde. É o olhar de *mea culpa*.

A constatação de que a cidade mudou. Seguindo uma triste tendência, além da estética os valores vão sendo alterados. Questiono a minha cidade e sua gente. Também faço o mea culpa, pois de alguma forma devo ter contribuído para que ela chegasse a esse ponto. As mudanças na minha cidade não têm retorno. Eu posso mudar para melhor.

08.03.09

O MANDO DO MUNDO

A gente é só mais um nesta grande roda. Mas também somos únicos. Roda que nunca para. Ciclos dinâmicos. Em movimento ou parados, estamos girando. Fabricamos, ganhamos rugas, enfraquecemos mentes e ossos, buscamos, renascemos, revitalizamos e seguimos.

Produzimos para marcar presença neste tempo, ou simplesmente fazemos o necessário para sustentar o corpo e o coração. Vencemos e perdemos lutas sem fim, sem vitórias nem derrotas. São lutas, enfim, sob um céu de muitos tons. Somos tantas cabeças de tantos pensamentos, múltiplas motivações. É tanta gente e são tantos os caminhos. A cada ato, a gente faz o mundo.

Passamos anônimos pelas avenidas, ou a banda começa a tocar quando pisamos na passarela da vida. Desconhecidos ou populares, esquecidos ou chamados, não ficamos incólumes. Somos a massa que faz a história do agora. Subindo, estáticos ou rastejando, somos parte integrante, os donos deste tempo. No palco e na multidão, nos holofotes e na penumbra, nós somos.

Somos a luz, a cor e a temperatura deste tempo. Somos a voz, a imagem e os sentidos. As dores, os amores, os humores, as ações e a inércia. A terra, o verde, o concreto, a água, o metal, o ar, a fumaça. A fé, a descrença e a indiferença. Todos os sentimentos. Somos essa soma. Somos esse mundo e cada partícula. Nascemos junto com os que chegam e seguimos aos poucos com os que vão. Até que, de tanto ir, é chegada a hora da ida final. Então, o mando já não será nosso.

Enquanto isso, enquanto importa, vamos plantando sonhos e pode ser que nunca chegará o momento de colhê-los. Criamos, e nossas criações vão se evaporar na próxima manhã, ou, resolutas, elas enfrentarão os dias e podem permanecer além da gente e deste tempo. Choramos, mas tem que ser rapidamente, senão as lágrimas vão bloquear a intensidade do olhar para o que está vindo. Porque a confiança sempre manda dizer que o que virá é bem melhor. Então

sorrimos, porque além de ser a forma sublime de agradecer mais uma diária dada, o sorriso é marca absoluta da permanente vitória. Cada manhã é vitoriosa.

E vem mais uma noite conversar com a gente, perguntando se valeu a pena, se o sol foi quente demais, se o despertar será carregado de esperança ou se será preciso buscar migalhas de forças no peito cansado. E, seja lá como for a noite, no dia seguinte a gente vai novamente fabricar, sonhar, suar, envelhecer, renovar, inovar, verter lágrimas sentidas, despachar sorrisos do fundo da alma, tendo o céu como testemunha. Seja como for, a gente vai pôr os pés na rua e caminhar. O mando do mundo ainda é nosso.

Eu de novo com minhas análises. Confesso que não sei exatamente o que ocorreu comigo em fevereiro e março de 2009. Só pode ter sido influência dos arquivos do O Diário. A Cada folheada em um jornal velho imaginava o que eu estava fazendo no dia da publicação. Por isso, deixei de lado as crônicas para entrar em divagações. Em vários textos que escrevi em três anos no O Diário, ao analisar a relação do homem com Deus e com o meio em que vive, lançava mão de um roteiro que sempre era encerrado com alguma frase positiva. Este não foi diferente.

15.03.09

A PEDRO TAQUES E SEUS VAGÕES

Passa das 18 horas. Sexta-feira feliz entrando na noite como quem entra numa festa. Pouco vento, e o céu limpo vai se despedindo em paz. Som tirano dos motores. O mar de carros e motos se esparrama pelo asfalto, em ondas para o norte e para o sul.

Ciclistas no canteiro central. Portas que se fecham. Dou um tec na latinha de cerveja enquanto bato com as pontas dos dedos na mesinha de madeira. Saio do dia e vou entrando tranquilo na noite que ainda não chegou de vez.

Baixa tensão. Olhar solto na paisagem. Então, saio de mim. Meus olhos parecem enxergar algo mais além da gente que passa, dos veículos, das árvores e das fachadas desta avenida cheia. O filme vai sendo desenrolado calmamente. Tantas marcas deste lugar... O tempo apagou muito, as paredes estão quase todas modificadas, mas sempre é possível buscar o que, sabe-se lá os motivos, a mente resolveu registrar.

Vou entrar onde já estive. Muitas ruas desta cidade contam um pouco da minha história. E esta, a Pedro Taques, tem muito de mim. Não esta apressada e intensa Pedro Taques, que só sossega nas madrugadas de segunda, terça, quarta e quinta. Não essa quase impessoal e já engarrafada avenida que liga o centro ao maior bairro da cidade.

Falo da Pedro Taques da Maringá dos seus 20 e poucos anos, de sonhos e planos, de uma via que tinha asfalto só até a Colombo, da Igreja Divino Espírito Santo, Vila 7, das pacatas vizinhas Francisco Glicério, Floriano Peixoto e Marechal Deodoro, de mão dupla, onde era possível jogar bola; da banca de revistas perto da praça da Igreja, gibis, álbuns de figurinhas dos craques do futebol e dos artistas; do bar, Coca-Cola garrafa baixinha, Crush, pastel, coxinha; dos cruzamentos com a avenida das Indústrias e a Mauá com seus grandes armazéns.

Longas pernadas no trajeto Floriano Peixoto, Pedro Taques até a Mauá, na Operária. Ou então pela linha férrea. De uniforme marrom e

branco, levando a bolsa e todos os sonhos. O trem da Rede Ferroviária Federal S.A. com seus 70, 80 vagões ou a perder de vista ou de perder a conta, que atravessava a avenida. Quantas vezes ele travava! E quantas vezes a gente pulava por sobre o engate dos vagões...

Vagões vermelhos descorados. Lembranças com todas as cores vivas. Daqui a uns 30 anos, alguém vai contar sobre a Pedro Taques de hoje. Agora, quem conta sou eu. Segunda latinha. Mais um tec, enquanto abro histórias tão comuns e tão fortemente arraigadas que volta e meia consigo fazer o trem da RFFSA parar o trânsito ao cruzar a Pedro Taques.

Retorno às crônicas e, novamente, falando da Pedro Taques. O uniforme marrom e branco é do Colégio Santo Inácio, na avenida Mauá, onde estudei por três anos. Os trens da RFFSA também são forte referência daqueles tempos.

22.03.09

OS QUATRO NAMORADOS DA MENINA

Sempre deixo o título para o final. Desta vez, vim com ele na cabeça. Os nomes dos quatro namorados da menina, coincidentemente, começam com a letra "A": Ademar, Antenor, Antonio e Assis. E a menina, que se tornou uma respeitosa senhora, conhecida além-mar, é a linda Maringá. Mesmo com seus males, ainda é possível adjetivá-la de saudável e formosa.

Venho pensando em fazer um vídeo, contando mais um pouco a história de Maringá, tendo como personagens estes quatro rapazes que conhecem essa menina como ninguém: Ademar Schiavone, Antenor Sanches, Antonio Mario Manicardi, que Maringá e o mundo conhecem por Nhô Juca, e Antonio Augusto de Assis. Ainda não falei com nenhum deles, mas acho que vão concordar. Como amam incondicionalmente esta cidade, vão reiterar declarações de amor.

Ainda não pus no papel, mas tenho o roteiro idealizado, que certamente vai sofrer alterações de toda ordem durante as gravações e a edição. Você teoriza, mas quem acaba conduzindo são os personagens. A princípio, a ideia é sair com o quarteto pelas ruas da cidade numa tarde ensolarada, sexta-feira, de preferência numa jardineira lotada de crianças.

Vou pedir para eles esquecerem a câmera e se lembrarem da Maringá de 40, 50, 60 anos atrás. Vou deixar que conversem entre si, porque a lembrança de um vai ser amarrada com a do outro. Não vou interferir. Eles é que vão puxar o fio condutor das quatro histórias em fusão com a história da menina.

Passando pelas avenidas, vêm as recordações. O véu do tempo sendo retirado e, sem perceber, vamos entrar na Maringá do pó e barro, de carroças e fordinhos bigode, de casas de madeira e cercas de balaústres, de lampiões e limpa-pés, das mocinhas sonhadoras e dos moços trabalhadores e apaixonados.

Falando em paixão, já imagino o Antenor falando os nomes e

sobrenomes de pioneiros de todas as décadas. O Ademar com as suas inúmeras memórias dos bons sujeitos que habitaram esta terra. O Assis vai pegar a caneta e, mesmo no sacolejante passeio e com a algazarra da meninada, vai escrever uma trova sobre a Cidade Canção. Trova que será prontamente declamada pelo Nhô Juca, que vai pôr o coração na ponta da língua. A emoção vai pegar carona. Trilha sonora? A de sempre: "Foi numa leva que a cabocla Maringá..."

Portanto, se numa tarde de sol, numa sexta-feira qualquer, aparecer uma jardineira na Tiradentes ou em outra rua da cidade, dê uma olhada cuidadosa, porque, além da criançada, você poderá ver os quatro rapazes dentro dela. Dê um sorriso e acene para eles porque vão estar falando de amor. Do amor pela menina.

Homenagem aos meus queridos confrades da Academia de Letras de Maringá. Ademar, Antenor, Nhô Juca e Assis, memória viva da cidade. Ainda tenho planos de fazer um documentário com o quarteto. O roteiro já está pronto. Está neste texto.

29.03.09

DATAS EM VERMELHO

Não faltaram pautas para o pessoal da imprensa na semana que passou. Em todos os setores. Já foi o tempo em que era preciso esquentar neurônios para descobrir uma notícia interessante. Com uma cidade deste tamanho e dezenas gravitando em torno dela, pauta é o que não falta.

Um caso que dominou o noticiário foi o daquele animal raivoso, apelidado de Buchudo, que estuprava as filhas porque diz receber o espírito mau de um japonês. Quando o japonês se apossa, afirma o monstro, ele perde os sentidos e é dominado. O que faz em seguida não é do seu controle. Agora o controlaram. Espírito oriental nenhum vai aparecer. O Buchudo pode estrebuchar que ninguém vai acreditar.

Um outro assunto muito comentado foi o veto ao feriado do Dia da Consciência Negra em Maringá. Cada vez que lia algo a respeito, uma vontade indômita me ordenava a falar ou a escrever. O projeto de lei foi vetado pelo prefeito, e a Câmara aceitou o veto. Portanto, não teremos mais um feriado.

Antes que águias patrulheiras e encorujados de plantão se arvorem em rotular este humilde escrito como contrário à raça negra, defensor do poder público ou ainda porta-voz dos comerciantes, esclareço que sou contra qualquer feriado, desde os históricos, os santos, aniversário da cidade, Carnaval, 1º de Maio, dia do funcionário público e o que mais existir.

Quem já trocou pelo menos um dedo de prosa comigo sobre o tema sabe que é assim que eu penso a respeito. A questão, consequentemente, transcende o Dia da Consciência Negra.

Proponho que em vez dos dias parados, as homenagens, orações e comemorações sejam transferidas para os sábados, preferencialmente no período da tarde, e domingos subsequentes. Sei que será uma pregação desértica. Uma leva considerável de trabalhadores engajados ou não, religiosos, estudantes, comerciantes e políticos vai ser contrária

à ideia. Pelo menos fiz a minha parte.

Aí você vai me fazer a inevitável pergunta: "Vai dizer que você também não gosta de um feriado?" A gente se acostuma com as datas em vermelho no calendário, e gosta delas, mas com o tempo vai tendo a consciência de que não é preciso perder um dia de trabalho para orar, homenagear e comemorar.

Sobre "enforcar" o dia que fica entre o feriado e o final de semana ou vice-versa, isso é assunto para outra ocasião. Não tenho mais espaço. Só para desejar muitas felicidades a Rita Andrade de Paula, que hoje está completando 70 anos de vida. Vai firme, dona Ritinha. Como diz o seu ídolo Ivan Lins: "Afinal de contas, não tem cabimento entregar o jogo no primeiro tempo".

Foi muito bom ter escrito este texto. Antes, havia pensado em homenagear minha mãe Rita, pelos seus 70 anos, mas como já havia falado dela em outras ocasiões, optei por comentar sobre a aberração dos feriados no Brasil. Fiquei de alma lavada. Teve quem não gostou. Paciência. No final, dei parabéns à dona Ritinha. Leitora assídua da coluna, acho que ficaria desapontada se eu não escrevesse nada sobre ela em data tão importante.

05.04.09

RAÍZES DOS MOMENTOS FELIZES

— Zizi, sabe aquela música?
— Aquela que você vive cantando e assobiando? "Todo mundo tem um amor na vida e por ele tudo é capaz."
— Você tá de brincadeira. Nem tô lembrado disso.
— Como não? Desde que te conheço, do nada vem a imitação do Leno e da Lílian: "Eu tenho uma paixão que é proibida só porque sou pobre demais."
— É outra música.
— Qual?
— Regra Três, do Vinícius e do Toquinho.
— Canta um pedacinho.
— Aquela que a gente cantava com os amigos no bar, lembra?
— Já faz tanto tempo... Canta um pedacinho.
— "Tantas você fez que ela cansou, porque você, rapaz, abusou da regra três."
— Assim você me entristece.
— Pôxa, mas por quê?
— Eu me sentia a própria regra três, a reserva.
— Não acredito que você tá me falando uma coisa dessas.
— É, meu caro, 30 anos se passaram, mas quem apanha não esquece.
— Lá vem a dramática.
— Dramática, não. É a pura verdade. Pensa que eu não sei dos teus rolinhos com a Rosana e a Cíntia? Que ódio! Só de lembrar da cara da Cíntia, parece que vai me dar um treco. A Ana Maria também...
— Você tá de brincadeira. Nunca tive nada com elas. Tudo amizade.
— É, me engana que eu gosto. Mas o que deu em você pra lembrar dessa música?
— Tava pensando como é importante ter alguém do lado e respeitar. E esse alguém não pode nunca perder a esperança, tem que acreditar sempre no companheiro e saber perdoar.

— Pera aí, Eugênio. Vai devagar com o andor. Pelo que eu sei, a letra não é bem isso que você tá dizendo. É o contrário: ela manda o cara passear.
— Certo, certo. Mas ela radicalizou. Quero dizer que a música é uma lição para o cara aprender a respeitar a mulher. Agora, tem o seguinte: ela tem que saber perdoar.
— Geninho, canta mais um trecho pra mim. Espera aí! A gente não tem ela num CD?
— Tem nada. Já procurei.
— A música mexeu contigo...
— É, viajei pra aqueles tempos em que a gente se conheceu, da minha turma do Científico, da tua turma do Normal, da grapete, da cuba, do Continental, as músicas no toca-disco, a gente cheio de sonhos. Viajei pra lá, e agora, olhando pra você, te vejo tão linda como na saída do colégio, esse eterno sorriso.
— Pôxa, foi lindo isso. Me emocionei... Bateu uma saudade. Canta mais um trechinho.
— "Da primeira vez ela chorou, mas resolveu ficar, é que os momentos felizes tinham deixado raízes no seu penar. Depois perdeu a esperança, porque o perdão também cansa de perdoar."
— Geninho, nunca vou perder a esperança.
— E também nunca você vai precisar perdoar. Você é minha titular absoluta desde que começamos com esta história. E sem reserva!
— Sei lá se é verdade, mas que é bom ouvir, lá isso é.
— Vem cá, Zizi.
— Geninho...

A inspiração para este texto surgiu depois de ouvir várias vezes um CD de Miltinho, que grande sucesso fez nos anos 60. Ele dá um show de interpretação da música "Regra três", de Vinícius e Toquinho. Imaginei um diálogo entre um sujeito meio sacana e a namorada apaixonada e desconfiada.

12.04.09

O SANGUE E A PÁSCOA

Dona Maria, Toninha e Rita, peguem suas bíblias! Orem por mim e por este mundo, orem por todos nós e por vocês também. As porteiras, portas e janelas do mundo estão abertas, e nelas entra de tudo. Cada coisa que acontece que Deus já nem duvida mais... Até as crianças estão armadas. Moleques de 8 anos com revólver na cinta! Na cinta, não, nas fraldas!

Se chegamos a isto, só nos resta nos benzer, pedir ecumênicas proteções, desfilar rosários e entoar mantras, pedindo ao Deus Salvador, que habita no coração dos homens e mulheres de boa vontade, que interceda por nós e leve ternura e paz aos que estão de espírito atribulado. Só nos resta dar exemplos e fazer a nossa parte, contribuindo para a harmonização geral. E, convenhamos, a parte que nos cabe neste latifúndio de serenidade não está fácil de cumprir. É, amigo, são as dores e os temores que surgiram para nós desde que fomos apresentados a este mundo.

Se os mortos do início do século 20 ressuscitassem, não ousariam atravessar a calçada de suas casas. Ia ser um choque. Agradeceriam pela misericórdia de Deus por tê-los levado quando a humanidade começou a dar passos mais lépidos rumo à tal modernidade. A nós coube cumprir estes dias. Um milênio de alta tecnologia, avanços siderais, conquistas cerebrais, máquinas aproximando e afastando os humanos. Humanos substituíveis, sem histórias para contar e sem histórias para deixar.

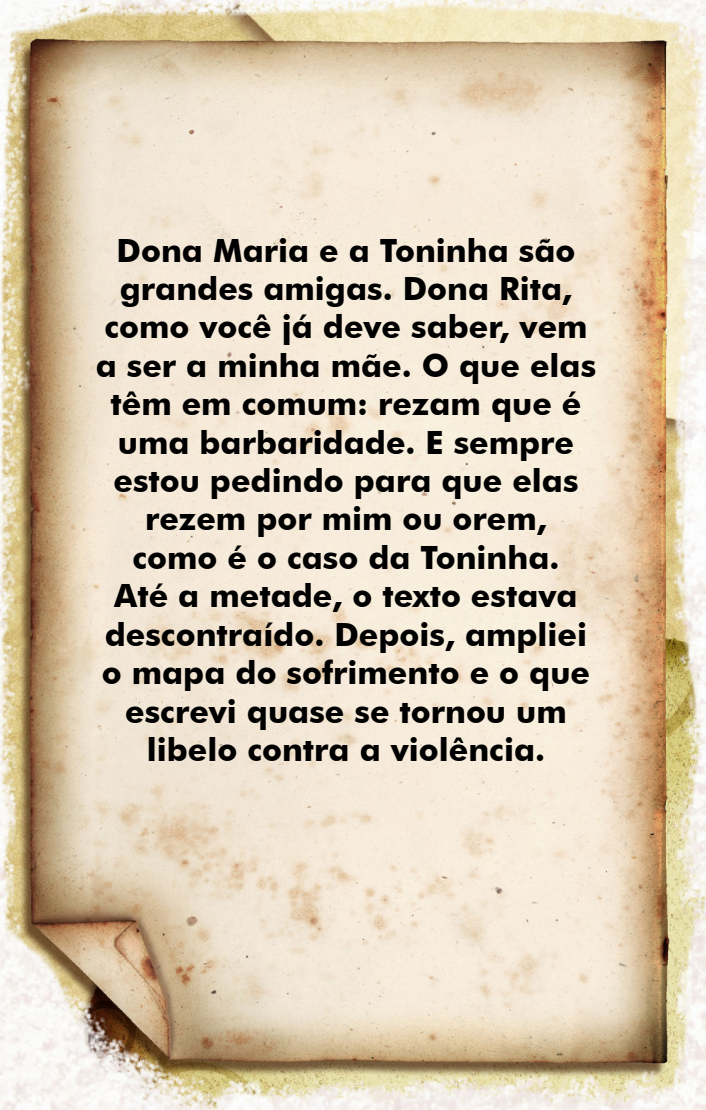
O mundo se arma. As armas são mais potentes, na equivalência com o destemor em agir. A vida tornou-se um reles artigo descartável, que já não merece manchete porque se mata em série, em profusão.

Mata-se por poder, prazer, descuido, na raiva momentânea, na ira eterna, por um pedaço de terra, por uns trocados ou por muitos, por um relógio, uma carteira e uma pedra. Mata-se com arma de fogo, arma branca e com o volante de um carro. Mata-se pelo amor desfeito, na

doença do ciúme, na vingança e na explosão da revolta. Mata-se até em nome de Deus. Santificam-se guerras.

Quando não é a morte, é a ferida. Do corpo e da alma. A carne ferida. Atos e omissões ferindo. Palavras metálicas, fortes, insufladoras. A língua que fere como a bala e a ponta da faca. As feridas que nunca fecham, que levam à morte, em vida. O arco-íris, para entrar nesse quadro negro, parece impossível, mas a gente tem que saber que ele existe.

Feliz Páscoa! Que ressuscitemos a cada dia. Vamos pedir a Cristo que encha de esperança nossos bolsos e sacolas. Nosso tempo é este, e dele a gente pode fazer o que quiser. Marias, Toninhas e Ritas: não parem de orar!



19.04.09

PARA ONDE VOCÊ ESTÁ INDO?

Os passos que você dá, os líquidos que você bebe, as comidas que você come, as vestes que você veste, as escolhas que você faz agora, no dia, na vida.

Os amores que o embalam, as dores que o carregam. O time pelo qual você torce, o gol e o gol contra. A igreja que você frequenta ou deixou de frequentar. O otimismo e o abalo.

O festejo e a desolação. Para onde você está indo? A sua rua, a sua casa, o seu carro, o seu bar, os seus sonhos e os seus pesadelos. Suas olheiras, suas rugas, seu viço ou palidez. As suas brincadeiras, as suas tensões. As suas intenções, a sua pureza.

Os programas de tevê, a coluna do jornal, o sossego no quarto fechado ou o barulho da rua. As músicas que entram na alma e as torturantes.

A harmonia dos sons e a voz do caos. Seus amigos de longa data, de agora, os ocasionais, seus inimigos declarados ou não. As alegrias que abraçam, as tristezas que corroem, os dias que passam leves e os que se arrastam. Para onde você está indo?

A idade que você tem, a real, a que lhe sobra e a que lhe falta. Você é verde ou maduro. É doce ou amargo.Você mistura sabores, desfila sentimentos conforme caminha. Ou pára. Para quê?

Você pergunta e sai procurando respostas nos sorrisos que você distribui ou retém. Para onde você está indo? A dor nas juntas, na cabeça e no coração. O amor que ajunta, que une razão e paixão. Você faz a sua trilha ou já está feita, por tanta gente que nela passou.

O seu trabalho, fruto da sua escolha ou escolhido que foi pelas circunstâncias. Labuta que anima ou desespera. Você está satisfeito, quer algo mais ou quer agarrar o sucesso qualquer hora dessas, qualquer dia desses. Para onde você está indo?

Vícios, manias, regimes, remédios, livros, roupas e sapatos. O simples ou a vaidade. A conta-corrente, a carteira, o dinheiro e a sua falta, a

semana cheia ou a calmaria.

As noites vazias ou repletas. Sua cama, a parceria ou a solidão. Manhãs luminosas ou céu acabrunhado. Preguiçoso cair de tarde ou invasão de ruídos pela janela. A vida passa lenta ou os minutos estão voando.

Para onde você está indo? Numa linha reta, fazendo ziguezague ou em círculos? Subindo ou descendo? Você está em tantos ângulos, e às vezes pára. Pára, olha, e o cansaço o chama para deitar. Pára, olha, e uma voz animada que sai das entranhas o convida para percorrer um caminho.

Fé, descrença, novidades, fórmulas prontas, criação, frases feitas, oportunidades, portas fechadas. Suas missões e suas omissões. Em cada passo você movimenta o mundo, o seu mundo. E o dos outros também. Para onde você está indo?

Eu de novo com som de rap na cabeça. Enquanto releio, dou uma parada maior nos pontos finais de cada frase e ouço uma batida imaginária. Bato os pés e quase mexo os braços. Acho que dá poesia, mas para o rap faltam as rimas. De qualquer maneira imagino este texto sempre ritmado, com balanço, ginga, dança. No final, tudo pára e vem uma voz forte e desafiadora: "Para onde você está indo?"

Rodoviária
Pedro Taques
Zona 2
jump!
INGRAPH

26.04.09

O CAMINHÃO DA ESPERANÇA

Era um caminhão Ford, de cor verde. A viagem durou um dia, mas há controvérsias. Há quem diz que foram dois, enquanto outro afirma que foram três. Não dá para tirar a limpo porque a maioria já não está neste plano terreno. O certo é que viemos no caminhão do Arquimedes, por uma estrada que fazia o revezamento entre o barro e a poeira, no dia 21 de abril de 1959 da era cristã.

Minha mãe e minha avó vieram na cabine. Minha mãe estava com uma criança de colo, que vem a ser esta pessoa que vos fala, e trazia na barriga o segundo filho. Os homens se ajeitaram na carroceria. Minha tia, que também é minha madrinha, 10 anos de idade, também foi para trás.

Gente nova, esperançosa e com vontade de trabalhar vindo para Maringá. Meu pai tinha apenas 24 anos quando subiu no caminhão, trazendo a esposa de 20. Minha mãe sofreu por deixar sua família. Um caminhão de saudades. Mas na década seguinte os Andrade também vieram. Da pequena Lupércio de terra branca para uma Maringá de chão vermelho. Da ruptura do sossego para uma nova vida. Sem saber qual.

Meu avô tinha a ideia de ser açougueiro na cidade, como de fato foi. O Arquimedes, tio do meu pai, topou trazer a família sem cobrar um tostão. Um gesto de boa vontade do dono do caminhão, que veio com seu irmão Alcides. Depois dessa viagem, ambos foram fazer a vida em Paraíso do Norte, onde Alcides vive até hoje.

Uma viagem da paulista Lupércio a Maringá leva hoje de três a quatro horas, mas falar em interior do Paraná naquela época era falar em aventura, em caminhão com correntes nos pneus e ainda assim deslizando no barro. Ou a poeira cobrindo o céu.

Segundo minha tia, que faz cara de espanto e se arrepia quando se lembra, o Arquimedes foi dar ré no caminhão, na barranca do Paranapanema, e, não fosse a gritaria da turma que estava na

carroceria, a minissaga da família ganharia contornos trágicos. Por pouco, o caminhão e vários De Paula não foram para o fundo do rio, e eu não estaria aqui para contar e nenhum de nós saberia como era a Maringá, a que mais dava o que falar. E Sebastião de Paula e Silva e Leonor Rezende da Silva não seriam nomes de ruas.

E a gente não estaria comemorando neste mês o cinquentenário da nossa chegada. Entre as muitas lembranças dos que estiveram no caminhão – minha mãe Rita, meu tio Léo e minha tia Léa –, entre as saudades e as histórias alegres, e as nem tanto, a gente se reuniu com vários outros sobrenomes para brindar a vida. E vai continuar se reunindo por muito tempo sob o céu de Maringá. Afinal, criança é que não falta nesta família.

Quis escrever seriamente sobra a vinda da nossa família para Maringá, mas no penúltimo parágrafo consegui pôr tudo a perder. Depois daquilo que escrevi, não deu sequer para colocar umas pinceladas de heroísmo. Todas as vezes que o leio caio na risada. Mas valeu pela lembrança. Valeu muito marcar os 50 anos com esta crônica publicada.

Título

03.05.09

VIDA QUE CORRE

Vamos correr para pegar o ônibus, o trem, o avião, para não ficar para trás, para não perder o horário, o feeling, a oportunidade. Vamos correr para perder peso, para melhorar a respiração, ficar saudável para enfrentar esta longa estrada da vida em que a gente vai correndo e não pode parar, como já diziam Milionário e José Rico, que, em vez de correr, preferiram cantar.

Correr atrás do ouro, do pote no final do arco-íris, do emprego com bom salário e com satisfação, dos sonhos que o tempo vai costurando e bordando até se tornarem uma peça, até se materializar. Ou então o tempo vai pregar uma peça, e os sonhos se perderão na corrida. Aí vem o caminho das pedras e uma nova subida.

O tempo! Correr contra o relógio, encurtar distâncias, baixar marcas, deixar marcas, levar marcas. Não há tempo a perder. Não se pode esquecer de que o tempo é o senhor. "Todos os dias antes de dormir, lembro e esqueço como foi o dia, sempre em frente, não temos tempo a perder." Porque somos tão jovens, como cantou Renato Russo, que teve pouco tempo.

Correr para a liberdade. A liberdade é tudo. De repente ela está do lado e a gente não percebe. Basta correr para ela. "Liberdade, abra as asas sobre nós, das lutas na tempestade dá que ouçamos tua voz", como diz a retumbante estrofe do Hino da Proclamação da República, que pouca gente sabe cantar e entender a mensagem, principalmente aqueles eleitos pelo povo. Muito ainda a percorrer.

A liberdade, no fim das contas, é uma calça velha azul e desbotada, que você pode usar do jeito que quiser, só não usa quem não quer, como já dizia a propaganda do jeans nos longínquos e tão presentes anos 70. Pé na estrada, no pedal, no acelerador. Porque além do horizonte deve ter um lugar bonito pra viver em paz, como canta o moço de Cachoeiro do Itapemirim e outros que pegam carona.

Correr sem saber para onde, sem saber se vai chegar ou ter a

certeza de que não vai chegar, mas seguir. O percurso e a paisagem é que valem a pena. “Se as coisas são inatingíveis... Ora!/ Não é motivo para não querê-las/ Que tristes os caminhos, se não fora/ a presença distante das estrelas”, como escreveu Mário Quintana, que viveu a esparramar frases brilhantes pelo caminho.

Correr pelas ruas, calçadas, parques, pistas e campos. Retas e curvas, terrenos planos e acidentados. Dor e cansaço. Leveza do corpo e da alma. Ação, suor, fôlego, vida. A felicidade de estar no caminho, em tantos caminhos possíveis. A felicidade é um tecido de sonhos que vou costurando, bordando e estendendo a cada dia. Como vivo sempre a dizer.

Para compor este texto utilizei trechos de quatro músicas, um hino e uma poesia. Discorro sobre as mais variadas situações que a vida nos impõe, nos obrigando a correr contra o tempo, mas com a liberdade para seguir na busca dos objetivos. A corrida no sentido literal ao lado do sentido figurado é uma brincadeira que faço para tornar o texto mais leve.

10.05.09

A GRIPE E OS SALVADORES

A gripe suína mudou de nome. Salvaram os porcos da culpa, mas o medo permanece. Não é só o medo da gripe. Também os medos que foram depositando na nossa alma em cada homilia desferida dos altares, em cada admoestação vinda dos púlpitos, em cada sermão espalhafatoso distribuído dos palcos.

Os medos vão se alastrando como peste, assim como se alastram os monopolistas da moral, dos bons costumes, dos bons modos, da boa educação; assim como os reguladores do certo e do errado; assim como os proprietários das verdades absolutas e das intransigências. Iluminam-se as vestes dos salvadores do mundo, reluzem suas auréolas. Nas suas bocas a voz é leve e as palavras mansas. Os representantes celestes falam do amor. Um amor com modelo por eles construído.

Quando uma pandemia é aventada, os profetas do milênio recorrem à Bíblia. Esquadrinham capítulo por capítulo, versículo por versículo, palavra por palavra, para neles encontrar comprovações da ira divina e as funestas consequências para os desgarrados.

Estamos carregados de culpas. Não temos como nos livrar. Muito pelo contrário, a cada dia o peso aumenta. Quem vai nos socorrer? Somente aqueles senhores besuntados de fé e compaixão, que vivem a guiar ovelhas perdidas, descaminhadas.

Eles têm uma missão, receberam um chamado. Eles falam a língua dos anjos, eles têm a Palavra na ponta da língua. Eles têm a flecha certeira para atingir o pecado e salvar o homem de todas as doenças, físicas, mentais e espirituais. A gripe suína e todas as pragas que não escolhem pessoas e lugar precisam ser combatidas, não só com os remédios para a cura física. Eles estão prontos para agir e nos salvar, para muito além dos espirros.

Uma providencial ocasião para os mercadores da esperança e da caridade aumentarem seus rebanhos e reforçar a crença dos que já estão encaminhados para a glória. Sob a tutela do temor, entramos no

jogo em que já estamos derrotados. No perde-e-ganha, mais perda do que ganho, no toma-lá-da-cá, mais lá do que cá, vamos tentar nos purificar, sabendo que os respingos da lama adquiridos na mundana vida são indeléveis, porque assim vaticinam os intérpretes das leis divinas.

O livro santo está aberto. Aberto a todos os entendimentos e controvérsias. Cada um lê à sua maneira, se encaixa naquilo que melhor lhe convier. Ao pé da letra, pelas metáforas, na junção de textos, na retirada de frases de dentro de um contexto, cada um faz seu conceito, cria sua verdade e a aplica. Então, invoca-se Deus para ratificar. E os fiéis de todos os matizes seguem dizendo amém.

Um assunto recorrente nos meus textos é a religião, ou melhor, o uso que dela é feito para proveito próprio. Só passei a me dar conta disso, de quanto me incomoda a ação dos mercadores da fé, depois que reuni as crônicas que publiquei no O Diário. Já no livro "Da Minha Janela", de 2003, escrevi sobre isso. O nome de Deus tem sido usado desafiadoramente e é preciso falar dos espertalhões travestidos de pregadores.

17.05.09

135

O GOLEIRO DO GALO E A COMPOSITORA DO REI

No mundo espetacular da internet tive, recentemente, duas experiências interessantes. Foram simples, mas gratificantes. Não ia sossegar se não compartilhasse com você, que me dá a honra da fidelidade domingueira, lendo estes escritos retalhados que vão para tantas direções e às vezes não saem do lugar.

Pois bem, vamos aos tais acontecimentos. Recebi e-mail de um rapaz, Paulinho Medeiros, recepcionista de um hotel em Porto Alegre, pedindo informações sobre o livro "A História do Futebol Profissional de Maringá". A obra, com 350 fotos e fichas técnicas, foi publicada em 2005, pelos meus amigos Reginaldo Lima e Ortílio Carlos Vieira, o Tilinho.

O Paulinho queria adquirir o livro porque seu tio, Evir Borba, era o goleiro do time do Grêmio Esportivo Maringá, em 1963. O livro tem três fotos daquela histórica equipe do Galo do Norte, a primeira da cidade a conquistar o título do Paranaense. Passei o endereço do Reginaldo e perguntei por onde andava o antigo campeão. Seu sobrinho me disse que Evir está no Japão, e prometeu que vai conseguir que eu o entreviste.

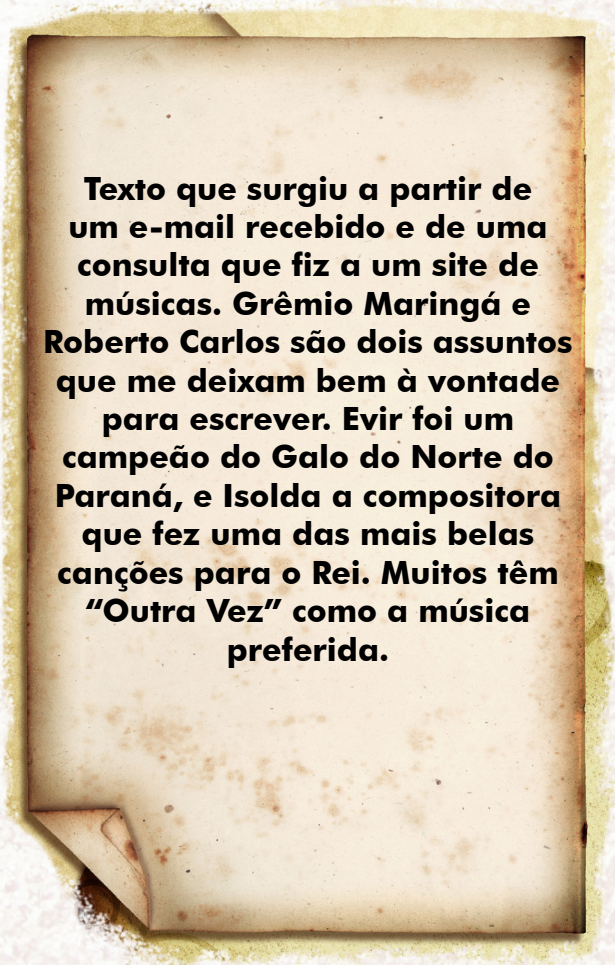
O outro caso foi por acaso. Estava pesquisando músicas antigas num site especializado sobre o assunto quando vi o endereço na internet da Isolda, a compositora autora de centenas de músicas, entre elas a clássica "Outra Vez", eternizada por Roberto Carlos. Não importa a sua idade, não tem como você não se lembrar: "Você foi o melhor dos meus casos, de todos os abraços o que eu nunca esqueci..." E por aí vai, poesia pura. A Isolda pôs amor, raiva, dor e paixão na música que vive a mexer e a remexer os corações apaixonados. Lembrou?

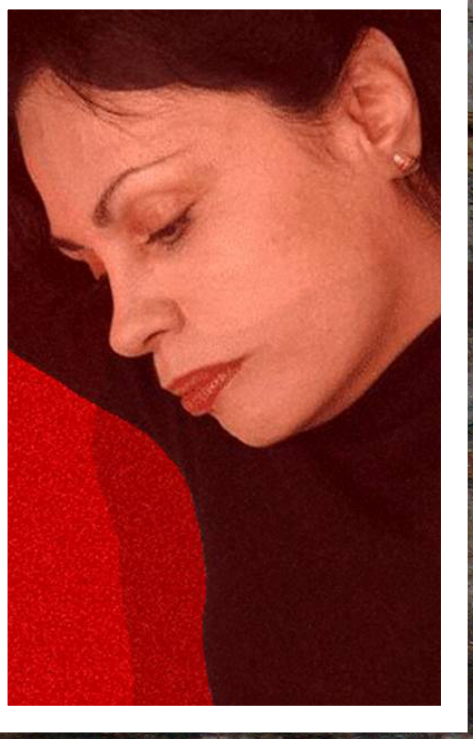
Fui ao site da Isolda. Fiquei sabendo um pouco mais da sua história, o que anda fazendo. Mora em São Paulo, é empresária. O seu irmão, Milton Carlos, fazia músicas em parceria com ela. Ele morreu num acidente de carro, em 1977. Isolda ficou arrasada, mas soube superar

e voltou a escrever belas canções.

Depois do site, fui ao blog dela. Deixei meu recado lá e fiz a tradicional tietagem, afinal ela merece. A Isolda, com a simpatia e a fineza de uma lady, respondeu com um comentário no meu blog. Deixo aqui o endereço porque prometi à minha amiga (percebeu que já estou me achando, né?) que o divulgaria. É o www.blogisolda.blogspot.com. Reforçando essa amizade, que hoje se resume a um e-mail para lá e outro para cá, garanto que vou entrevistá-la.

E daqui vai um abraço ao Evir, à Isolda e aos novos amigos que surgem via computador. Do jeito que a internet está deixando este mundo cada vez menor, eles devem receber esta mensagem.





Formação do jogo final com o Ferroviário: Evir – Oliveira – Edson Faria – Pinduca – Macário e Nilo – Haroldo – Soca – Garoto – Leonel e Nilson

24.05.09

136

A POEIRA BAIXOU E O ASFALTO COBRIU O BARRO

Nas minhas lembranças, Maringá sempre tem um lugar cativo. Sempre reservo um espaço para a menina que corria lépida para o desenvolvimento. Hoje, uma senhora que mantém o pique. Nestas lembranças, fico tentando encontrar o marco divisório entre a perda da inocência e a entrada efetiva do progresso, e busco saber em qual momento Maringá ficou diferente. Sei que não terei a exatidão desta resposta porque as mudanças foram acontecendo aqui e ali. Sem me dar conta, gente foi chegando, casas foram erguidas, ruas foram abertas, o concreto avançou no verde, veículos entraram na paisagem, sons foram incorporados ao ambiente, a poeira baixou e o barro foi coberto pelo asfalto.

Você vê as paralelas Horácio Raccanello e João Paulino, a Herval e a Duque de Caxias ampliadas. E nas quadras nascem prédios. Em movimento intenso, carros cruzam essas avenidas, tornando o Novo Centro um providencial, mas já insuficiente, corredor. Ali, era um ponto de estrangulamento. A cidade terminava atrás da Rodoviária Américo Dias Ferraz e recomeçava na Prudente de Morais. Para chegar à Colombo de carro, só pela Paraná e pela São Paulo.

O tempo e a passagem diária por esses locais fazem com que a gente não perceba as modificações. Mas é só puxar o fio da memória para abrir a caixa de lembranças. Ali, no Novo Centro, havia o pátio de manobras de trens, o campo de futebol da Ferroviária, as casas dos ferroviários. Mais à frente, na São Paulo, o Viaduto do Café, que se tornava um piscinão em dias de fortes chuvas.

Paralelepípedos, PMs nos "queijos" centrais organizando o tráfego, carroças das panificadoras, postes com lâmpadas de luz amarela, os féretros com suas longas filas de carros saindo dos bairros em direção ao Cemitério Municipal e o comércio cerrando as portas, campinhos de terra, cercas de balaústres, conversas no portão, as extensas feiras livres, os cinemas aos domingos, gente passeando nas praças, inclusive

à noite, o estádio Willie Davids lotado e um time de futebol garboso, consciente de sua força... Uma variedade de lembranças vai surgindo.

Cada coisa em seu tempo. Um tempo pode ser melhor ou pior do que outro. Depende da perspectiva, de como a gente se insere no processo de mudança. Hoje, a nostalgia vem embalar estas reminiscências. Não poderia ser diferente. O tempo deixa marcas, mas é urgente seguir em busca das novidades. Não se pode embriagar na história e perder a manhã diária com múltiplas possibilidades. O que vivo nesta cidade vai para a caixa de recordações, e vez ou outra sei que vou abri-la. Com nostalgia ou não. Vai depender do dia.

Vamos de novo voltar à Maringá do passado? Se você conheceu, relembre. Se não, fique sabendo por meio deste nostálgico texto. Um tempo pode ser melhor ou pior do que outro. Depende da gente. Como você já percebeu ao ler o que escrevi sobre Maringá, são boas as lembranças que tenho daquela época.

31.05.09

O COLETOR DE HISTÓRIAS

No seu jeito dissimulado, acho que querendo esconder, mas sem conseguir, uma grandiosa timidez, Reginaldo Benedito Dias chega trazendo o seu novo livro "Da arte de votar e ser votado". Sempre preparado para todas as discussões possíveis, mantendo o nível, o tom pausado mas com a verve proporcional à crença no que diz, fruto da confiança adquirida pelo que ouviu, viu e pesquisou, Reginaldo Benedito Dias chega para, novamente, distribuir casos e causos.

Ele chega sempre sem muito alarde. As portas vão se abrindo naturalmente. Assim como existe a figura do "espalha roda", existe gente como esse professor-doutor-escritor que agrupa, soma, junta rodas dos mais variados matizes. Reginaldo desperta nas pessoas a necessidade de falar, de debater intrincadas questões políticas e históricas ou prosaicos acontecimentos do dia a dia. Entre os alunos, os companheiros de partido, os colegas de outras siglas e os amigos de uma roda de bar, esse professor está sempre pronto para comentar o que vier a ser o tema.

Então, entram nesse desfile o desempenho do Fenômeno no Corinthians, as conquistas e derrocadas petistas, o cotidiano da cidade, músicas, filmes, livros, e as piadas, ora sutis ora sem a mínima graça. E volta e meia insere comentários sobre sua maior riqueza: a filhinha.

Um escritor acima das ideologias, que sabe a importância de destinar o devido valor na história a quem merece, independente do posicionamento político ou partidário. Foi assim que Reginaldo Benedito Dias conquistou credibilidade nas publicações.

Dias chega com seu livro sobre a política de Maringá para marcar mais um ponto na história da cidade. Ele é o escrevinhador do eterno resgate, o que vive a buscar acontecimentos, tirando-os de tantas memórias para juntá-las numa publicação. Focando os mais variados episódios que construíram e constroem a vida política da Cidade Canção, ele joga luz sobre as personalidades com a devida

participação de cada um no processo histórico.

Ao mesmo tempo em que clareia estes caminhos de mais de 60 anos, possibilitando que os jovens saibam como ocorreu a formação do Município, faz com que os maringaenses de décadas aflorem suas lembranças, exercitem suas saudades e se sintam de alguma forma, partícipes dessa construção. Ao reuni-las numa obra séria, organizada e criativa, Reginaldo pereniza as ocorrências e homenageia seus autores.

Pela paixão à cidade e pelo prazer em pesquisar, o trabalho desse coletor de histórias não tem fim. A cidade vai fazendo história e ele vive a persegui-la com seu olhar.

Reginaldo Benedito Dias é um grande historiador e um bom papo porque está sempre disposto a ouvir e está sempre trazendo uma nova informação sobre Maringá. O grande mérito de Reginaldo está no fato de ele dar o valor devido a cada um dos personagens que compõem a vida da Cidade Canção, independente de ideologias e partidos. Já nos reunimos diversas vezes para conversar com outros amigos comuns sobre Maringá e sua gente, e é sempre uma satisfação e um aprendizado. O seu livro "Da arte de votar e ser votado" traz casos curiosos da política da cidade e revela bastidores das eleições, o que possibilita uma maior compreensão de relevantes acontecimentos. Uma obra providencial, escrita por este coletor de histórias sem fim.

14 12 2007

07.06.09

138

RETALHOS NACIONAIS

Todas as cores. Sons que se misturam. Ferramentas em ação, metais contra metais, sirenes, buzinas e alarmes. Giroflex girando sem parar, entrando nas madrugadas, saindo em qualquer hora do dia. Latas de todos os tipos criando o caos no rush. Babel. Um canto geral. Um socorro geral.

Brasil. Natureza, verdes campos, terras, águas e bichos. Ferro, aço e concreto, máquinas, maquinações, cidades, cidadãos, políticos, velocistas, alpinistas, rastejantes e os que só querem caminhar. O vil metal. O sonho é Real.

Brasil do canto e da poesia, dos palcos, tribunas e palanques, dos artistas, caricatos e canastrões, da cachaça, da cerveja e dos embriagados pelo poder ou por um poder qualquer. Brasil da vasta coleção de leis e da legião de impunes.

Brasil urbano e sertão, morro, praia, asfalto, terra batida, integrando ricos e pobres pela televisão. Integrando nas novelas sertanejas, zona sul e indianas, nos jornais tão iguais, nos humorísticos tão reais, na paixão do futebol, nos comerciais geniais. Brasil da bola que rola, das boladas, rebolados, embalos, abalos.

Brasil da seca que esturrica o vigor, da chuva que leva os sonhos, das dores nas filas, das mãos nos cruzamentos, das lágrimas, do estômago vazio, do corpo no frio, da cabeça que comprime, dos músculos partidos, do coração partido, da partida, da parte boa que falta, da ferida exposta, da tensão silenciosa.

Brasil que vive a alimentar um outro brasil, aquele brasil da casta feliz, que faz de conta que se importa. Brasil que se movimenta, que procura espaço para o ganha-pão. Ainda desce do norte, de qualquer norte, a vontade para encontrar no sul a oportunidade. Ainda há fé nos passos dos que vão para tantas direções. Brasil da Copa do Mundo, de um mundo todo dentro dele.

Brasil que abre as portas de manhã, sonha na janela, põe a fantasia,

sorri sem saber exatamente do que, põe a roupa, o crachá e faz uma cara satisfeita sem saber exatamente por que, veste a esperança e sai fortalecido. Brasil do arroz, do feijão, do pastel frito na hora, das coisas feitas em cima do laço, do improviso, da adaptação ao insalubre, da resignação com uma dose de escárnio.

Brasil que canta o Hino Nacional, tremula a bandeira, que vota no candidato a salvador, que bate palmas, leva tapinhas nas costas, bate papo, bate ponto, bate bola, grita gol, grita de dor, que derrama o suor, que esparrama sentimentos, vai se deixando ficar, vai se carregando de mágoas, chora de saudade, toca um instrumento, toca pra frente, toca a vida, dobra a esquina e segue até a próxima estação. Até a próxima manhã.

O meu Brasil retalhado, diversificado, de vários mundos, de muitas vocações. Brasil natural e concreto. Brasileiros de tantas lutas, dores e paixões. Brasileiros de todos os tipos e de todas as vontades empurrando o Brasil. Um novo Brasil nasce a cada manhã.

14.06.092

O TREM DA VIDA

A minha cinquentenária existência faz com que eu produza sonhos de todos os tipos. Alguns são bem organizados, com início, meio e fim. Outros são bem Salvador Dali: instigantes e totalmente fora do padrão. Dia destes, digo, noite destas, enquanto dormia o merecido sono dos justos, estava num trem de passageiros da Rede Ferroviária que atravessava Maringá.

Até aí tudo bem. Pelos insondáveis caminhos desta minha imaginação, de dose maciça de fertilidade, estou em tantos lugares e em tantas épocas que me ver na janelinha de um dos vagões vermelhos descorados da minha infância não é nenhuma novidade.

E sonhar com Maringá é algo bastante corriqueiro porque não tenho outros arquivos para diversificar roteiros quando estou nos braços de Morfeu. É melhor explicar para quem não sabe o que vem a ser Morfeu para evitar mal-entendido. É o deus grego que comanda o mundo dos sonhos.

Pois bem, como quase não conheço um palmo além do nariz, é previsível que meus sonhos fiquem circunscritos à Cidade Canção. Nos meus sonhos podem desfilar situações diversas, no céu, no mar, nas montanhas ou em outro lugar qualquer, mas sempre faço uma compactação da geografia para pôr Maringá ao lado.

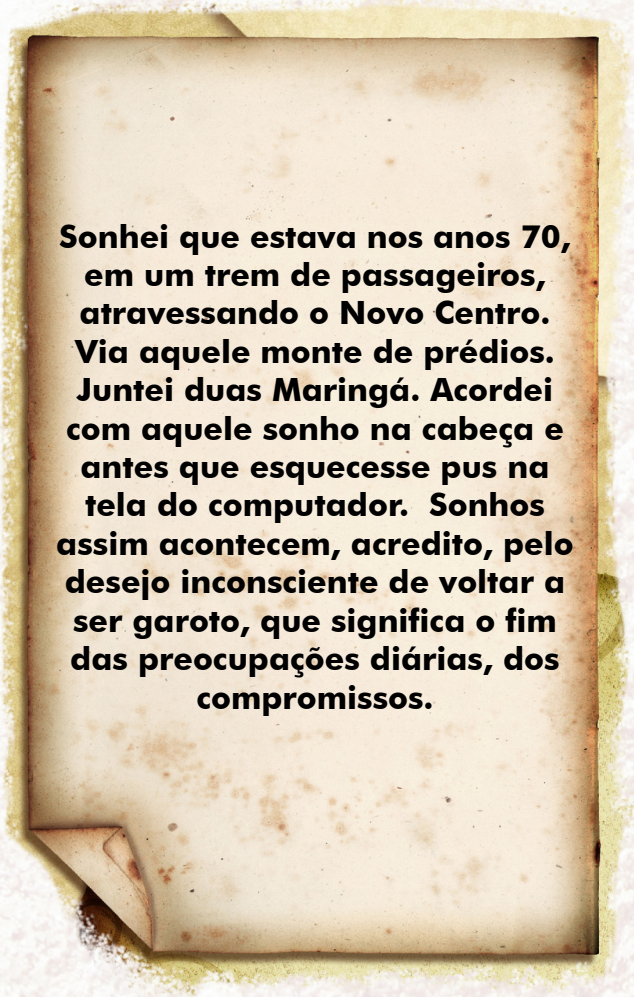
Então, como dizia, estava eu todo sorridente em um dos vagões. O estranho é que eu era menino em pleno 2009, e o trem seguia por entre os prédios do Novo Centro! Um passeio atemporal, descartando cronologias, misturando cores no preto e branco da história, invertendo a ordem natural da minha e de outras vidas. Uma fusão da antiga Maringá com aquele local em que se constata o desenvolvimento da cidade com maior clareza. Fiz com que um trem ligasse esses dois mundos.

A visita dos bons sonhos, aqueles em que a alma percorre caminhos marcantes, significa materializar doces ilusões, fazendo retornar

períodos, trechos e fragmentos, trazendo novamente pessoas e lugares, e conseguindo dissipar medos, perdas e dores.

O que seria da gente, nessa nua e crua vida, se a ilusão não nos convidasse para um passeio? Se não tivéssemos lembranças armazenadas para, de vez em quando, abri-las e fazer de conta que nesse momento, lincadas umas nas outras, elas estão acontecendo?

Num inconsciente desejo, me fiz dono do tempo e montei a minha cidade buscando um passado sem sobressaltos dentro do sacolejo ritmado desse trem, que avançava tranquilo e solene na modernidade. Na busca do cenário perfeito, harmonizei os trilhos às novas edificações e inseri pessoas de ontem e de hoje. Como se os vagões fossem incontáveis. Como se eu nunca fosse envelhecer.



21.06.09

SEM TEMPO PARA AMANHÃ

Lula voa. Na última imagem dele na mídia, apareceu vestido com um casaco típico do Cazaquistão. Daqui uns dias, o presidente aparece no Alasca trajado de esquimó com aquele sorriso "eu sou o cara", feito selo comemorativo dos 80% de popularidade. Roberto Carlos canta pelo Brasil festejando seus 50 anos de carreira embalando corações. Se chorou ou se sorriu, o importante é que emoções o Rei viveu.

O Rio quer sediar a Olimpíada de 2016. O Rio de Janeiro continua lindo e seus governantes vão à Suíça defender a candidatura da cidade. E os projetos sociais agonizam. A criminalidade transpassa o corpo da Cidade Maravilhosa, atinge os órgãos vitais e faz do coração placa de tiro ao alvo. Cheia de enganos mil, coração do Brasil.

Ronaldo Fenômeno, o obeso carismático, faz história no Timão para o deleite do bando de loucos, sob o olhar atravessado dos outros bandos que acharam que ele era mais uma piada pronta de corintiano. Os telejornais dão as notícias. As mesmas e com o mesmo estilo. É preciso dar voz ao personagem, pôr emoção no vídeo, amarrar uma história em um minuto ou dois e chamar o comercial.

O planeta inova todo dia sem sair do lugar. O mundo passa na tevê, e amanhã começa tudo de novo. Todos os continentes mostrando a cara no toque do controle remoto. Os povos em desfile no retângulo da televisão. O céu é dos aviões. Os homens seguem. Com ou sem turbulência. O Atlântico é só um detalhe, e a tragédia é um dado a mais na história.

Padre Marcelo Rossi parece que parou de declamar durante as músicas. Agora, a Igreja Católica ataca, perdão, agrega com o Padre Fábio de Melo, que mostra voz afinada e guarda-roupa de modelo. E Aline Barros expande suas belas canções além dos templos evangélicos. O mundo canta de tudo e, graças a Deus, há espaço para Deus.

A violência está nas esquinas, no asfalto e nas casas. Milênio sangrento amparado no destemor, na intolerância e na descrença. Os

líderes mundiais se reúnem em grandes e iluminados salões. A paz está na pauta, mas longe das mentes, que preferem comandar outros interesses. Os corações do bem tentam equilibrar o mundo.

Os hospitais estão lotados, filas moribundas se arrastam, os políticos continuam dando de ombros. O STF jogou no lixo o meu diploma de jornalista. Será que a Gisele Bundchen está grávida? Dilma e Serra monopolizam.

A gripe suína, as pragas gerais. As drogas de todos os tipos e teores viciando a humanidade, a Amazônia está virando pasto, a internet deixou o mundo na palma da mão. A vida passa. Tudo em tempo real. Sem amanhã. E a gente vai se equilibrando.

Crônica que retrata como andava o meu país em junho de 2009. Aqui, já havia decidido que pararia de escrever semanalmente. Preferi deixar para me despedir na próxima crônica porque o jornal completaria 35 anos no dia 29 de junho, e com Rogério Recco, eu havia escrito o livro "O Diário do Norte do Paraná – A saga de um jornal a serviço da cidadania". Queria encerrar contando sobre esse trabalho.

05.07.09

O PAPEL NA HISTÓRIA

No final do ano passado, o amigo Rogério Recco me convidou para que escrevêssemos um livro sobre este O Diário, jornal que comemorou 35 anos no último dia 29. Após meses de pesquisas e entrevistas, o trabalho ficou pronto. Depois de folhearmos milhares de páginas, anotar, fotografar e conversar com muita gente, o livro foi publicado.

Ninguém sai incólume depois de mergulhar intensamente no passado, como fizemos. Por mais que se queira manter o providencial distanciamento para não se deixar influenciar por determinados episódios, não é possível ficar alheio. Também não é possível simplesmente esquecer e entrar em outro trabalho como se nada tivesse acontecido. Você sai fortalecido. E incomodado, querendo contar indefinidamente esta e outras histórias.

Para quem acompanha a vida desta cidade, desde que os jipes rodavam sobre a terra e depois sobre os paralelepípedos do centro, como é o nosso caso, escrever a história destas três décadas e meia de O Diário foi como fazer um retorno. O jornal viveu e vive esta pauta chamada Maringá.

O que fizemos foi entrar num imenso pomar e arrancar as frutas mais belas e saborosas. Se outros entrarem, certamente vão fazer escolhas diferentes, porque gostos, emoções e experiências mudam de pessoa para pessoa. Procuramos agir com isenção na definição da retrospectiva, como de fato deve ser, mas o coração também teve sua parcela de participação. E é muito bom que seja assim.

O livro é o produto final, e é gratificante ter ajudado a concebê-lo. Contudo, tão importante quanto a publicação foi a trilha percorrida para se chegar até ele. Enquanto montávamos essa linha do tempo escrita e fotografada pelo O Diário, pudemos perceber de forma cristalina as transformações da cidade, as mudanças no comportamento, os detalhes de cada época, as vitórias e os ocasos, a dinâmica do poder em todas as áreas. O Diário buscou ser espelho deste tempo, intérprete

desta história e agente propagador da cidade.

Mais do que milhares de edições arquivadas, a história viva do jornal está nos depoimentos de Frank Silva, esse intrépido rapaz que foi quebrando as pedras que encontrava no caminho até conseguir edificar um sonho. Também está na sua família, nos demais diretores, nos atuais e ex-funcionários.

Por meio do Frank, dos que estão na ativa e dos que passaram pelo O Diário, o Rogério e eu demos um divertido e inquietante passeio pelo passado. Cada personagem, à sua maneira, contribuiu para contar essa história. Uma história que vem sendo escrita em cada edição.

Meu último texto publicado na coluna "Da Minha Janela", no Caderno D+. Comentei sobre o livro que ajudei a escrever. Com a publicação da obra e as crônicas, encerrei mais um ciclo no O Diário. Minha história com O Diário vem desde 1975, quando Jaime Vieira publicou poesias minhas em sua coluna "Sinal Verde". Nos anos 80, joguei no time do jornal; na década seguinte trabalhei como repórter, pauteiro e secretário de redação; de 2006 a 2009 foram as crônicas. Daqui a pouco, quem sabe, inicio mais um ciclo lá. Por que não?

O DIÁRIO
DO NORTE DO PARANÁ

Brasil e Argentina, arte contra garra

Candidatos ao Senado sairão das Convenções

Peron enfermo é substituído por Izabelita

"Voz do Norte" foi o começo de tudo

Universidade elaborou nova lista sêxtupla

A Vila Operária, uma cidade dentro da cidade

A batalha por meno res preços

O AUTOR ANTONIO ROBERTO DE PAULA

- Jornalista, trabalhou em jornais, emissoras de tevê e rádio e em assessorias de imprensa;

- Dirige com sua mulher, Simone Labegalini, a TV Clipping, empresa de arquivo eletrônico criada em 2002;

- Assessor de imprensa da Câmara Municipal de Maringá:

- Membro da Academia de Letras de Maringá;

- Autor dos livros:
"O Jornal do Bispo - A História da Folha do Norte do Paraná" (2001);
"Da Minha Janela" (2003);
"A História de um Cabo de José, de Maria e de Todos os Santos" (2004),
"Maringânias" (2007);
"O Diário do Norte do Paraná - 35 anos" (2009), em parceria com Rogério Recco;
Livro-blog "Dispersos Versos Errantes" (2010).

- Diretor dos documentários:
"Crônica Democrática de uma Cidade Brasileira" (2005), o primeiro videodocumentário político de Maringá-PR;
"As Lentes de Kenji" (2008), sobre o fotógrafo Kenji Ueta;
"Histórias que a Bola Pesada Contou" (2011), sobre a história do futsal de Maringá.

CRÉDITO DAS FOTOS

Walter Fernandes
Kenji Ueta - fotos antigas
Museu da Bacia do Paraná
Antonio Roberto de Paula
Arquivo pessoal e da família De Paula
Arquivo Jornal do Povo - foto Antonio Paulo Pucca – texto 47
Arquivo O Diário do Norte do Paraná
Miguel Fernando - blog www.maringahistorica.blogspot.com - fotos antigas
Angelo Rigon – www.angelorigon.com.br (foto Hiran Salée – texto 113)
Prefeitura Municipal de Maringá – Foto de arquivo - texto 30
Coordenadoria do Patrimônio Histórico e Cultural de Maringá
Acervo de Morgana Fabíola – fotos disponibilizadas no site www.tudomaringa.com
Acervo de Carlos Antonio Pereira – foto da Igreja Matriz, em 1967 – autor: pioneiro Manoel Pereira Sobrinho
Valdir Carniel - foto Aeroporto de Maringá – texto 103 - www.vejamaringa.com.br
Edson Lima – www.odiariomaringa.com.br/edsonlima (fotos antigas)
Klibson Wesley de Oliveira –www.tudomaringa.com
José Antonio da Silva (Bicudo) (fotos Sarau Maringânias)
José Roberto Furlan (fotos Sarau Maringânias)
Livro "A História Ilustrada do Futebol Brasileiro" – volume 2 – Edobras – Editora Documentação Brasileira – 1969 – Reprodução foto Corinthians – texto 59
Livro "A História do Futebol Profissional de Maringá" – 2005 - autores: Reginaldo Lima e Ortílio C. Vieira (Tilinho) –- Reprodução foto Grêmio Esportivo Maringá – texto 135
César Lima – Publicação "Versos de Ary de Lima – Poema a Maringá e Hinos Oficiais" – Reprodução foto Ary de Lima – texto 36
Isolda Bourdot - http://www.isolda.mus.br/ – foto Isolda – texto 135
Site oficial www.guga.com - foto Guga - crédito: Felipe Christ - Divulgação Olympikus – texto 70

creative commons

APOIO CULTURAL

O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ

MARINGÁ PARK SHOPPING CENTER

CL FERRAMENTAS E TINTAS

PNEUMAR

Continental

HOTEL METRÓPOLE MARINGÁ Bristol

ACADEMIA DE LETRAS DE MARINGÁ ALM

Raphael Guimarães

Casa e Escritório
móveis e acessórios

ESTAÇÃO
mídia digital

z'Pixels

PROJETO E REALIZAÇÃO

cultural caco

TV CLIPPING MARINGÁ

Videodocumentário

HISTÓRIAS QUE A BOLA PESADA CONTOU

50 anos do futsal de Maringá

Direção
Antonio Roberto de Paula

cultural caco